CLÁUDIO MOREIRA BENTO (Org.)
LUIZ ERNANI CAMINHA GIORGIS

HISTÓRIA DA 3ª REGIÃO MILITAR

1889 -1953

VOLUME II
2ª edição

2014

PROJETO HISTÓRIA DO EXÉRCITO NO RIO GRANDE DO SUL

Coordenação da 1ª Ed. em Porto Alegre: Ten Carlos Bertelli;
Datilografia e preparo dos originais Profª Verónica Maria de Abreu (Itatiaia-RJ);
Revisão final: da 1ª Ed. Profª Anna Maria Garcia Pinheiro; da 2ª Ed: Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis (Porto Alegre - RS)
Capa:

Orientação do autor com desenho e arte final de MARINA DESIGN (Resende-RJ). A capa representa o Estandarte da 3ª RM com o Brasão deslocado; sobre ela o mapa do Rio Grande do Sul e sobre este soldados de Linha ou do Exército ao lado de um militar da Guarda Nacional em trajes típicos do Rio Grande do Sul simbolizando a colaboração civil na Defesa do Sul do Brasil, uma constante na formação do Rio Grande do Sul, sobre o qual a 3ª RM exerceu suas responsabilidades militares, políticas e administrativas de 1809 à 1952.
Editoração Eletrônica da 1ª Ed. QUALIDADE - Comunicação Gráfica: da 2ª Ed:_____

355.0098165 BENTO, Cláudio Moreira et GIORGIS, Luiz Ernani Caminha.
B478H História da 3ª Região Militar 1889 -1953/Cláudio Moreira Bento – Luiz Ernani Caminha Giorgis - Porto Alegre: 1995. v. 2, 2ª Ed., 21 cm, pp. 394.

1. História Militar - Rio Grande do Sul – 3ª Região Militar. I. Título.

Este trabalho foi possível realizar graças à decisão do Cmt da 3ª RM, Gen Fernando Vasconcellos Pereira, às providências do Cel Luiz Fernando do Amaral Thomé, do Cel Júlio César Meyer Bandeira e ao trabalho de escaneamento realizado pelo Sgt Tiago da Silva Silvano.

SUMÁRIO

INTRODUÇAO À 1ª E À 2ª EDIÇÕES

No primeiro volume da ‘História da 3ª Região Militar 1809-1889 e Antecedentes, focalizamos os primórdios militares do Rio Grande do Sul, de 1635, primeira intervenção militar de Portugal na área através dos Bandeirantes, até a criação conjunta, por Carta Régia de 1807, do atual estado do Rio Grande do Sul e da 3ª RM, independentes do Rio de Janeiro.

Em seguimento, focalizamos a História da 3ª Região Militar interpretando sinteticamente, sob enfoque militar, os principais eventos, predominantemente guerras externas com espanhóis e seus descendentes em 1801, de 1811 a 12; de 1816 a 17; de 1820 a 21; de 1825 a 28; de 1851 a 52 e de 1865 a 70 e, isoladamente, a luta interna que passou à História como a Revolução Farroupilha (1835-1845). E ainda o episódio da Revolta dos Muckers do Ferrabraz, então município de São Leopoldo.

Biografamos sinteticamcnte os comandantes militares do Rio Grande do Sul de 1737 a 1809 e, desta data em diante, todos os comandantes da Região de 1809 a 89, além de indicarmos numerosas fontes para o leitor e pesquisador interessados em ampliarem o conhecimento sobre o tema em foco.

O presente volume, seguindo a mesma linha do anterior, que abordou o Império, focaliza a República de 1889 a 1953. 1953 foi o ano que caracterizou a instalação no Rio Grande do Sul da Zona Militar do SUL (ZMS), depois III Exército e hoje Comando Militar do Sul (CMS), em função da Portaria Ministerial 58, de 31Jan 1953, em que a Região transferiu efetivamentc à ZMS as responsabilidades administrativas, militares e politicas que em nome do Exército exercia há 144 anos sobre o território do Rio Grande do Sul.

Esse período, extremamente movimentado, foi caracterizado por 40 anos de guerras civis e revoluções no Rio Grande do Sul. Ou seja, de Jun 1892, restauração de Júlio de Castilhos no governo do Rio Grande do Sul, até 20 Set 1932, com o combate de Cerro Alegre, em Piratini, seguido de prisão do líder revolucionário Dr. Borges de Medeiros. Isto, no 97º

aniversário do início da Revolução Farroupilha (20 Set 1835), que instalou a República Riograndense em Piratini, proclamada em 1836.

Focalizamos, com ênfase do ponto de vista do Exército, a Guerrra Civil de 1893-95, que passou à História como Revolução Federalista de 1893, ou simplesmente Revolução de 93, e os reflexos, na área, da Revolta na Armada (1893-94) e não 'da Armada', pois hoje é consensual que somente 1/5 da Armada foi à revolta, combatida e vencida pela Esquadra Legal ao comando do Alte. Jeronimo Gonçalves e constituída de expressiva parcela da Armada (atual Marinha de Guerra) que não aderiu ao movimento. A ênfase de abordagem deve-se ao fato desses eventos não terem sido abordados até hoje do ponto de vista do Exército, ou dos comandantes da Região e das fontes primárias por eles produzidas e que, sempre que oportuno, foram aqui reproduzidas. Mereceu destaque a abordagem, à luz de fontes primárias, muitas inéditas ou inexploradas, à Revolução de 1892, restauradora de Júlio de Castilhos no governo do Rio Grande do Sul. Nela procuramos demonstrar a isenção militar do então comandante da 3ª RM, Gen Bernardo Vasques, na disputa pelo poder no Estado entre Júlio de Castilhos e o governo que este denominou 'Governicho' e foi consagrado como tal. O Gen Vasques mereceria a confiança do presidente Prudente de Moraes como seu Ministro de Guerra, já que foi íntimamente ligado à 'Paz de Pelotas', que pôs fim à luta.

Focalizamos a influência relevante da 3ª Região Militar e de ilustres soldados nascidos em sua jurisdição nas diversas fases da Reforma Militar de 1898-1945, particularmente através da Escola de Guerra de Porto Alegre (1906-11), que produziu uma geração de aspirantes a oficiais das Armas voltados para a tropa e, por via de consequência, para o profissionalismo militar, em contraposição ao bacharelismo militar que imperou no ensino do Exército de 1874 a 1905, com negativissimos reflexos na Segurança do Brasil, evidenciados no despreparo do Exército para combater a Guerra Civil de 1894-95, na Região Sul, a Revolta na Armada e a Guerra de Canudos na Bahia. Redentora do Exército e liderada por oficiais egressos, em sua maioria, da Escola de Guerra de Porto Alegre, esta Reforma Militar arrancou o Exército dos ultrapassados e lamentáveis padrões operacionais inferiores aos da Guerra do Paraguai. Padrões revelados no combate aos movimentos revolucionários citados. Em contraposição, a Reforma Militar conduziu o EB aos padrões

atualizados revelados pela Força Expedicionária na Itália, onde fez muito boa figura ao lutar contra ou em aliança com frações dos melhores exércitos do mundo presentes na Europa na 2ª Guerra Mundial.

Abordamos pela primeira vez a expressiva participação de quadros e tropa da 3ª Região Militar, que se destacaram no combate à Guerra Civil de 1893-95 em Santa Catarina, e mais tarde atuaram neste estado para cornbater a Revolta do Contestado, pacificada por um ilustre filho da área da 3ª Regiao, o Gen Fernando Setembrino de Carvalho. Ele é considerado o pacificador do século XX, por haver pacificado a Revolta do Padre Cícero em 1910 no Ceará, o Contestado em 1915, e a Revolução de 1923 no Rio Grande do Sul.

As revoluções de 1922, 1924-26, 1930 e 1932 e seus reflexos na 3ª RM mereceram especial atenção pelos preciosos ensinamentos que sugerem e, sempre que possível, acompanhados de documentos ou fontes primárias do arquivo da 3ª RM, tudo como ensinamentos de casos vividos.

Em seguida, este volume aborda a Intentona Comunista de 1935, que não envolveu diretarnente a 3ª RM, mas provocou reações contra novas tentativas, provocando a decretação do Estado de Guerra. Dentro deste quadro, agravado pelo confronto internacional comunismo x nazi-fascismo com projeções intestinas no confronto comunistas x integralistas, ocorreu a citada decretação do Estado de Guerra e foi deposto o governador do Rio Grande do Sul, o Gen honorario do Exército Flores da Cunha, ato seguido da decretação do Estado Novo em 1937, assuntos que mobilizaram intensamente os esforços da 3ª RM para que tivessem desfecho incruento. Sobre estes assuntos reproduzimos importantes documentos ou fontes primárias, à guisa de ensinamentos, para a presente e futuras gerações de profissionais militares do Exército na área do RS. Para isto, recorrendo expressivamente ao bem cuidado arquivo do Ministro da Guerra Gen Eurico Gaspar Dutra, publicando a sua biografia 'O dever da verdade' e as repercussões na RM, com apoio em seu citado arquivo.

Fizemos um retrospecto das tradicionais manobras regionais da 3ª RM em Saicã, com ênfase na de 1940, "a mãe de todas as manobras regionais", que documentamos com ampla iconocrafia. Elas foram realizadas em plena 2ª Guerra Mundial, na qual o Brasil passaria a tomar parte a contar de 22 Ago 1942, ao lado dos Aliados, em defesa da Democracia e da Liberdade Mundial, não esquecendo as preocupações

policiais no Rio Grande do Sul com a propaganda nazista e a espionagem exercida pela 5ª Coluna de Hitler antes da 2ª Guerra Mundial e durante a mesma, pela grande significação estratégica da Região Sul para os objetivos geopolíticos do nazismo, ao ponto de os EUA, antes da definição do Brasil pela causa aliada, disporem de plano alternativo de invasão do Rio Grande do Sul caso o Brasil se inclinasse para o Eixo.

Focalizamos a participação da 3ª RM no esforço de guerra, seja na Defesa Territorial, seja na Força Expedicionária Brasileira, esta sob o comando superior do filho de São Gabriel, o então Gen Div João Baptista Mascarenhas de Moraes, que havia liderado a defesa do Saliente Nordestino enquanto perdurou a possibilidade de ações do Eixo sobre o Nordeste, que visavam atingir a América do Norte ou dificultar suas ações sobre o Norte da África e Europa. Dedicamos especial atenção em reverenciar os 21 filhos do RS enviados pela 3ª RM mortos em ação na Itália, e ressaltar a participação da mesma através de expressivas lideranças nascidas em sua área e o percentual de gaúchos da FEB.

Enfim, como no 1º volume, para cada evento abordado são indicadas as fontes que permitam ao leitor e pesquisador interessados ampliarem os conhecimentos sobre o tema. Ao final dos capitulos são biografados sinteticamente os comandantes, inclusive interinos, do período, dentro do que foi possível obter num grande esforço de pesquisa, ao serem consultadas todas as fontes e locais possíveis. Ao contrário do Império, não houve continuidade na República das obras ‘Generais do Exército Brasileiro’, que vão até 1889 e excepcionalmente, uma relação incompleta que vai até 1937, ficando 57 anos a descoberto. Ao longo deste volume e do anterior, acompanhamos a evolução histórica das unidades de combate da 3ª RM, tornando possível o apoio nos dados por nós fornecidos para resgatar a memória das mesmas que, por mudanças de denominações e transformações, se tornaram de difícil percepção, em especial a partir da Reforma de 1908, que criou as Brigadas Estratégicas e de Cavalaria, cujas evoluções é possível acompanhar nesta História da 3ª RM.

Ao concluirmos este segundo volume, predominantemente de Segurança Interna, ao contrário do primeiro, predominantemente de Segurança Externa, consideramos de relevância para a formação de um oficial do Exército do Brasil o aprofundamento no estudo crítico das revoluções aqui abordadas, que movimentaram 40 anos da Vida do RS,

com grandes implicações para o Exército na área. Confirmar nossa impressão é obra de simples raciocínio e verificação. E, verificado, espero que concordem com a minha conclusão.

Assim, com a sensação do dever cumprido, entregamos mais este volume da História da 3ª Região Militar, atendendo à convocação do atual comandante, Gen Div Carlos Rotta, para realizá-lo como um dos seus objetivos de comando.

Está em curso de pesquisa um terceiro volume da 'História da 3ª RM 1953-Atualidade', no qual serão: - biografados sinteticamente os comandantes do período; - preservadas as histórias das unidades diretamente subordinadas; - abordados os eventos mais expressivos dos quais participou ou apoiou logisticamente; e - publicados, do período, documentos importantes e de grande interesse doutrinário.

Não podemos conter a satisfação dc haver dado conta desta missão, que focaliza a História Militar do Rio Grande do Sul, como historiador do Exército nascido no Rio Grande do Sul, cuja História de muito longa data pesquisamos e divulgamos.

Cel Cláudio Moreira Bento (Org.)

ADVERTÊNCIAS IMPORTANTES

- Para o maior rendimento da leitura do presente trabalho, reiteramos a necessidade de acompanhá-la dispondo de um mapa do Rio Grande do Sul.
- No 1º volume foram relacionados os comandantes militares do RS até 1953, instalação em Porto Alegre da ZMS, atual CMS, incluindo nos dois volumes sínteses biográficas de todos os comandantes efetivos e interinos da 3ª RM de 1809-1953.
- Igualmente foram relacionadas no 1º volume todas as denominações anteriores do Rio Grande do Sul e da 3ª Região Militar, que no texto são tratadas simplesmente como Rio Grande do Sul, RS, Rio Grande e 3ª Região Militar ou 3ª RM.
- As convenções usadas neste trabalho constam no 1º volume.
- Nesta História da 3ª RM o autor se propôs, na medida das fontes disponíveis, fazer um relato crítico de eventos militares, como guerras e revoluções, de modo acessível ao leitor leigo em assuntos militares; indicar fontes que tornem possível a ampliação dos conhecimentos dos assuntos; e biografar, sinteticamente, os comandantes militares do RS de 1737-1809, os da 3ª RM de 1809 até 1953 e, no caso do presente volume, de 1889-1953, e citar os comandantes até hoje.

- Uma ampliação do aqui abordado será possível ao leitor e pesquisador interessado à luz das inúmeras fontes indicadas pelo autor.
- O índice das gravuras está no final.

CAPÍTULO 6
A 3ª RM E A REPÚBLICA ATÉ A REVOLUÇÃO DE 1893

Antecedentes da Revolução Federalista de 1893 - Recordando

Em 20 Set 1835 estourou a Revolução Farroupilha, a qual contou com o concurso expressivo de lideranças militares do Exército do Sul: Bento Gonçalves da Silva, Bento Manoel Ribeiro, José Mariano de Mattos, João Manoel Lima e Silva, Domingos Crescêncio de Carvalho, Joaquim Pedro Soares, etc., conforme demonstramos em 'O Exército farrapo e os seus chefes' (Rio: BIBLIEx, 1993, 2v.).

Em 11 Set 1836, após a vitória do Seival sobre os imperiais ao comando do Cel João Nunes da Silva Tavares, Antonio Netto, com o apoio de sua Brigada Liberal, recrutada nos atuais municípios de Bagé, Pinheiro Machado, Piratini, Canguçu e Pedro Osorio, proclamou a Reública Rio-Grandense. Esta durou nove anos e só teve fim em 1º Mar 1845 em Ponche Verde, com a paz celebrada entre os republicanos e o Império, este representado pelo então comandante da atual 3ª RM, o então Marquês e hoje Duque de Caxias - Patrono do Exército Brasileiro.

Posteriormente, no Prata, republicanos farrapos irmanados com os imperiais, mas sem abdicar os ideais republicanos, lutaram contra o inimigo externo em 1851-52 (Oribe e Rosas) e 1864-70 (Paraguai).

Após o término da Guerra do Paraguai reacendeu em muitos brasileiros o ideal republicano. Em São Paulo, no Clube 20 de Setembro, estudantes gúchos foram, por volta de 1882, buscar inspiração nos ideais republicanos farrapos, cuja saga foi resgatada então por Alcides Mendonça Lima (Bagé) e Assis Brasil (São Gabriel) fatos bastante divulgados.

Parte expressiva dcsse grupo retornou ao RS onde, com grande objetividade, articulação e combatividade, passaram a propagar o ideal republicano através de 'A Federação', num contexto dominado política e administrativamente pelo Partido Liberal há mais de 20 anos.

A Questão Militar em Porto Alegre

Quando Deodoro da Fonseca, como comandante da 3ª RM e Presidente do RS, agitou e liderou em Porto Alegre a Questão Militar, encontrou nos combativos jovens republicanos amigos, compadres, cunhados e também nos líderes Júlio de Castilhos e Assis Brasil, uma solidariedade que jamais foi esquecida por Deodoro e pelos militares.

Do RS, Deodoro foi para o Rio, onde, sucessivamente, fundou o Clube Militar em 1887, teve participação decisiva na Abolição e, a seguir, a Proclamação da República do Brasil, na noite de 15/16 Nov 1889, com o apoio da Câmara do Rio de janeiro, após haver, pela manhã, deposto o Gabinete Liberal liderado pelo Visconde de Ouro Preto.

Ao proclamar a República, o Mar Deodoro concretizou os sonhos dos inconfidentes mineiros e de Tiradentes, dos libertários pernambucanos, dos rio-grandenses republicanos farroupilhas e catarinenses e dos civilistas paulistas. Enfim, ele sintetizou as aspirações dispersas que tinham ficado ao longo do caminho em quase dois séculos de luta republicana desde 1710 (Guerra dos Mascates), em Pernambuco. República Presidencialista que foi consagrada no Plebiscito realizado em 1993.

O Rio Grande do Sul e a República

A proclamação da República encontrou o RS há 20 anos sob o controle político e administrativo do Partido Liberal, sob a liderança inconteste de Gaspar Silveira Martins, seu presidente licenciado. Este, inimigo político e pessoal de Deodoro, foi preso em viagem em Santa Catarina e exilado, só não sofrendo maiores consequências pela interferência do líder liberal, o Marechal Câmara - Visconde dc Pelotas, que apoiara Deodoro na Questão Militar e na fundação do Clube Militar.

Era lógico que o combativo e organizado partido republicano gaúcho tivesse vez e voz na ordem republicana estabelecida no Brasil, e que os líderes da República usassem medidas excepcionais para consolidá-la. E para isso lutaram com toda a agressividade e disposição.

O governo do Rio Grande do Sul, com a República, foi confiado ao prestigioso Visconde de Pelotas, líder liberal, tendo a secretariá-lo os seguintes republicanos:

- Júlio de Castilhos - Secretário do Interior e Exterior;
- Antão de Farias - Secretário de Obras Públicas;
- Ramiros Barcelos - Secretário da Fazenda; e
- Barros Cassal - Chefe de Polícia.

Os três últimos, em pouco tempo formaram uma dissidência motivada pelo lançamento de Deodoro à Presidência da República por Júlio de Castilhos.

Apesar da solução do Mal Câmara, benéfica à República com a sua aceitação de presidir o RS e merecer de Rui Barbosa a histórica expressão "Então, a República está salva", os republicanos achavam-se com direito a governar o RS republicano e declaravam isso em 'alto e bom som'.

Segundo Sérgio da Costa Franco, em 'Revolução de 1893', na Revista do Clube Militar, 1993, na disputa do poder entre os liberais e republicanos no Rio Grande e os que a eles aderiram, estavam em foco:

> O controle da distribuição dos cargos públicos, a boa vontade e simpatia dos governantes para a legitimação de posse e aquisições dc propriedades rurais. Favorecimentos, transigências e tolerâncias policiais e fiscais com o comércio de contrabando nas fronteiras que só a convivência com o poder era capaz de garantir.

Numa economia pré-industrial, com escasso nível de investimento privado, como era o caso do RS, segundo o autor citado,

> isto era instrumento essencial para a formação e conservação de clientelas eleitorais que legitima o poder dos chefes e dos partidos.

E este domínio os liberais vinham exercendo, sem concorrência, há mais de 20 anos. Não seria de se esperar que os republicanos e seus aliados conservadores se conformassem em que tudo isto permanecesse em mãos dos liberais depois da mudança do regime para República.

À medida que os republicanos e seus partidários adesistas à nova ordem foram ernpolgando o poder, foram privilegiando seus partidários. E com isso a política no RS foi se radicalizando, e as paixões se exacerbando em torno de uma luta feroz pelo controle do poder político e administrativo do Estado.

À ordem republicana revolucionária não restava outra alternativa para impor-se à situação anterior, a não ser com medidas revolucionárias fortes. Quais seriam as outras alternativas democráticas? Se a República

não se impusesse no RS, fracassaria no Brasil!

Assumiram a presidência do Estado o Mal Câmara, depois o Mar Júlio Frota e depois o líder conservador Francisco Silva Tavares - Barão de Santa Tecla, irmão do Gen Honorário Joca Tavares, que assumirá posição de relevo na Revolução Federalista. O descontentamento dos republicanos com a entrega do governo ao Dr. Francisco Silva Tavares motivou a sua deposição pela guarnição do Exército em Porto Alegre, liderada pela Escola Militar e com o apoio do comandante da 3ª RM Gen Carlos Machado Bittencourt, que assumiu o governo até ser substituído pelo Gen Cândido Costa, também comandante da 3ª RM, nomeado por Deodoro. A deposição ocorreu em 13 Mai 1890, depois de um incidente sangrento em que facções políticas da oposição nao cumpriram determinações das autoridades, o que provocou perturbação grave da ordem, tendo a tropa que usar a força, ferindo inclusive o líder João Barros Cassal. Atuaram no episódio forças do Arsenal de Guerra, Escola Militar, 13º e 30º BI.

Este episódio é abordado pelo Cel João Cézar Sampaio em ‘O Coronel Sampaio e os apontamentos do Dr. Wenceslau Escobar’ (Porto Alegre: Liv. Globo, 1920) e por Laudelino Medeiros em ‘Escola Militar de Porto Alegre’ (P. Alegre: UFRGS, 1992).

A Escola era comandada pelo Ten Cel Vespasiano Gonçalves de Albuquerque e Silva e os BI pelos coronéis Thomaz Thompson Flores (13º) e Arthur Oscar Andrade Guimarães (30º).

A oposição na União Nacional

Decorridos seis meses da Proclamação, face à reação republicana Iiderada por Castilhos, foi criada a União Nacional em 3 Jun 1890 no Solar dos Câmara, integrando seus amigos liberais e os de Silveira Martins, conservadores da familia Silva Tavares em Bagé, e alguns dissidentes republicanos. Enfim, era basicamente o grupo liberal que dominava o poder no Rio Grande dc longa data, não conseguindo impor-se aos determinados lÍderes republicanos. Estes não abriram mão do poder que a República lhes conferia e que eles ajudaram a conquistar com sua luta.

Em 20 Jun 1890 foi promulgada a Lei Alvim, que regulou o ordenamento jurídico eleitoral da República. Por ela, o voto passou a ser direito dos cidadãos maiores de 21 anos e alfabetizados e não mais direito

ligado ao volume de renda do eleitor potencial. Isso permitiu uma grande ampliação do Colégio Eleitoral do Partido Republicano.

Deodoro, face à expressão de partidários de Silveira Martins na União Nacional, nomeou Castilhos 1º vice-presidente do Estado. Este apoiou publicamente a candidatura do proclamador da República à Presidência, o que provocou a dissidência republicana de Barros Cassal, Demétrio Ribeiro e Antão de Faria. O primeiro radicalizou, e os demais foram mais discretos. Eles haviam formado o secretariado do Mar Câmara.

Em 30 Jul 1890, o Mal Câmara, decorridos sete meses da Proclamação da República, admitiu a solução da Guerra Civil, preferível a se entregar o Estado ao grupo do jornal A Federação, liderado por Castilhos.

Nas eleições federais de 15 Set 1890 para a Constituinte, oficiais do Exército em São Gabriel, convidaram os militares "a batalhar para a vitória dos governistas e em qualquer terreno".

A oposição aproveitou para aconselhar a abstenção através do manifesto do Mar Câmara. Os republicanos elegeram com 37.444 votos o mais votado para a Câmara e com 37.942 o mais votado para o Senado. O líder republicano dissidente Barros Cassal obteve 7. 219 votos.

Os republicanos trataram de desmontar a méquina do Partido Liberal ainda influente na Adrninistração do Estado, através da administração pública estadual, câmaras municipais e Guarda Nacional, todos eles instrumentos eleitorais. As câmaras, em sua maioria, foram substituídas pelo governo por intendentes e juntas municipais nomeadas.

Os generais Júlio Frota e Cândido Costa, na presidência do Estado, substituiram funcionários e comandos de oficiais da Guarda Nacional, como era comum no Império nas alternâncias entre os Partidos Conservador e Liberal. Foi substituído em seu emprego o Dr. Ângelo Dourado, futuro autor de 'Voluntários do martírio' e médico da coluna de Gumersindo Saraiva.

A violência verbal política sem limites

A esse tempo a violência verbal sem limites, pela imprensa do governo e oposição, refletia o radicalismo político irreversível e irreconciliável pela disputa do poder.

Em Mar 1891 foram convocadas as eleições para a Assembleia Constituinte do RS. Em que pesem as restrições E que pesem as restrições ao Regulamento Alvim (eleições diretas), o Partido Republicano Federal (Federalista) criado em Bagé em 24 Abr 1891, decidiu concorrer às eleições. Este partido era a fusão dos monárquicos conservadores com os liberais, estes reforçados por dissidentes republicanos.

Este grupo concorreu contra o Partido Republicano apoiado pelo Centro Católico e foi derrotado por 18.000 contra 29.000 votos, fazendo portanto 37% dos sufrágios.

A oposição, ao que se sabe, venceu em Bagé, Lavras, Dom Pedrito, Pinheiro Machado, Canguçu, São Lourenço, Viamão e Taquara. Em Canguçu, por muito pequena margem.

A constituinte gúcha foi formada só de republicanos e três deputados do Centro Católico, pois fora apresentada em chapa.

E venceu a chapa republicana-Centro Católico, contra a do Partido Republicano Federal.

A Constituição do RS e o seu 1º presidente eleito

A Constituição gaúcha foi projeto de Júlio de Castilhos, Assis Brasil e Ramiro Barcelos e com marcada influência positivista, não recusada por Demétrio Ribeiro e só denunciada por Assis Brasil sete meses mais tarde, ao romper definitivamente com seu cunhado, compadre e amigo, tachando-a "de extravagante mistura de positivismo e demagogia", quando já havia sido discutida, aprovada e promulgada a Constituição em 14 Ju1 1891, decorridos um ano e oito meses da Proclamação da República, período assinalado por grande instabilidade e agitação política do RS, como ficou evidenciado. A Constituição adotou como símbolos do RS, os símbolos da República Rio-Grandense (1836-45). Os descendentes de líderes e veteranos farrapos republicanos formaram no partido Republicano, exceto o General Honorário Felipe Portinho.

Em 14 Ju1 1891, Júlio de Castilhos foi eleito e assumiu, dentro das regras da República, a função de primeiro Presidente eleito do Rio Grande do Sul. Em 18 Jul 1891 o Governo Federal dispensou os generais honorários de comandos de fronteira. Isso atingia o Gen Joca Tavares, em Bagé.

A Guerra Civil em marcha

Desde a eleição da Assembléia Constituinte do Estado, o Partido Federalista se convenceu de que a derrubada do Partido Republicano só poderia ser feita pela força. E tiveram início as medidas para concretizar este objetivo, lideradas pelo Mal Câmara. Em 31 Mai ele escreveu a um amigo: "É possível irmos até a guerra civil". Recorreu em 9 Jun a Gumersindo Saraiva no mesmo tom. E a um líder de Uruguaiana: "Não devemos trepidar entre a Revolução e a desonra". Em outra carta anunciou uma possível revolta para início de Jul 1891. Não queria que Castilhos assumisse. Escreveu a Joca Tavares c ao Barão de Aceguá através de Barros Cassal, engajado a fundo na conspiração. Ambos concordaram com o levante, mas não com a data.

O clima de julho a novembro de 1891, coincidente com a posse e deposição de Júlio de Castilhos, seguida da renúncia de Deodoro em 23 Nov 1891, foi de guerra civil iminente.

Era previsto revoltarem-se no momento combinado os seguintes federalistas: Joca Tavares em Bagé; David José Martins em Quaraí; Gumersindo Saraiva em Santa Vitória; Antero Cunha em Piratini e Canguçu; Ubaldino Machado em Palmeira das Missões; Prestes Guimarães em Passo Fundo; Vicente Gomes em Santo Antonio da Patrulha, etc.

As coisas andavam nesse pé de mobilização federalista para um movimento armado, conforme o comprovam documentos relacionados pelo então Cel Rinaldo Pereira da Câmara, na monumental biografia do Mal Camara (v. 3).

A dissolução do Congresso, a deposição de Castilhos e a renúncia de Deodoro - os reflexos na 3ª RM

No Rio, em 3 Nov 1891 o Mar Deodoro, muito doente e assessorado pelo Barão de Lucena, dissolveu o Congresso com apoio da maioria expressiva dos governadores, alegando a derrubada inconstitucional de seus vetos pelo Congresso e em nome da governabilidade.

No RS, isto foi a motivação para a deposição de Júlio de Castilhos,

o único até então eleito desde a República.

A guarnição da 3ª RM espalhada pelo Rio Grande do Sul, sob a liderança do Mal Câmara e sob a influência liberal que dominara o RS, manifestou-se contra o fechamento do Congresso e pela legalidade e, por via de consequência, pela deposição de Júlio de Castilhos, apontado como conivente.

Somente a guarnição de Porto Alegre (13º, 29º e 30º BI), este último mandado vir de Pelotas, e mais o 2º BE (Batalhão de Engenharia) mostraram-se dispostos a manter o presidente do Estado eleito, disposição também do comandante da 3ª RM, Gen Salustiano.

As guarnições do interior tiveram o seguinte comportamento:

- foram contra o fechamento do Congresso as guarnições do RS (3º BAPos e 12º BI), Bagé (5º RC e 4º RArt), Uruguaiana (6º BI e 11º RC), São Gabriel (4º BI e 1º RArt), Alegrete (18º BI) e Livramento (4º RC); e
- apoiavam a guarnição de Porto Alegre o 28º BI (Rio Pardo), o 6º RC (Santa Vitória), o 2º RC (Jaguarão) e o 3º RC (São Borja).

Castilhos, face a essa realidade, decidiu renunciar. Perguntando a quem passaria o govemo respondeu: “A quem? A ninguém. À anarquia”.

E passou o governo com um artigo fortíssimo no sentido da mobilização de seus partidários.

Essa renúncia é abordada pelo Mal João Cézar Sampaio, no já citado ‘O Cel Sampaio e os apontamentos do Dr. Wenceslau Escobar’.

Com a renúncia de Júlio de Castilhos, foi obrigado a deixar o cargo de comandante da 3ª RM o Mal Salustiano Jerônimo dos Reis. Assumiu em seu lugar, por oito dias, interinamente, o Gen Antonio Joaquim Bacellar.

Júlio de Castilhos foi substituído por uma Junta Governativa Provisória que passou à história como “Governicho”. Foi chefiada inicialmente pelo Gen Reformado Domingos Alves Barreto Leite. Este, em 20 Nov 1891, nomeou para comandar a 3ª RM o Gen e Deputado Federal Manoel Luiz da Rocha Osório, cumulativamente com o “Comando-em-chefe das forças que devem operar contra a tirania de Deodoro e restabelecimento da Constituição Federal”.

Em Ordem do Dia nº 1, de 20 Nov 1891, o Gen Rocha Osório assim se expressou:

> A parte do Exército nacional aqui estacionada

> manifestou-se em inteira solidariedade com os patriotas que repelem a tirania que se quer impor ao país. O Rio Grande do Sul está em peso de armas na mão para repelir a afronta que se quer fazer e obrigar o governo central a entrar no regime de Legalidade.

Dois dias antes da renúncia de Deodoro, forçada pelo Almirante Custódio de Mello com um tiro do couraçado Aquidabã no zimbório da Igreja da Candelária, o Gen Rocha Osório adotou, em Ordem do Dia nº 2, de 21 Nov 1891, o seguinte dispositivo para combater a "tirania de Deodoro":

- Comando das Operações do Sul do Estado: Gen Hon João Nunes da Silva Tavares (Joca Tavares); e
- Comando das Operações ao Norte do Estado: Gen Antonio Joaquim Bacellar.

Por ironia do destino, o Almirante Saldanha da Gama era o chefe do Estado-Maior da Marinha e apoiou o Mal Deodoro, dispondo-se a combater, com possibilidade de êxito, a revolta do Alte. Custódio de Mello. Mas ele foi proibido por Deodoro de assim proceder.

Decorridos mais de três anos, Custódio veio a morrer heroicamente, em Campo Osório, no Comando da derradeira tentativa federalista.

Considerações em torno das renúncias de Castilhos e do Mal Deodoro

Em Porto Alegre a tropa da guarnição do Exército era composta pelos mencionados 30º e 13º BI e pelo 2º Btl Engenharia, comandados respectivamente pelos coronéis Arthur Oscar Andrade Guimarães, Thomaz Thompson Flores e Maj Joaquim Pantaleão Telles de Queiróz (sobrinho do Gen João Telles e Carlos Telles), que manifestaram ao presidente do Estado a disposição em evitar sua deposição pura e simples.

Acusado de convivência com o Mal Deodoro, Júlio de Castilhos deixou o governo sob irresistível pressão.

O Governicho mudou o comando da 3ª RM e organizou uma expedição a Torres, com vistas à defesa do local contra uma invasão por forças enviadas por Deodoro.

Quando a Expedição se aprestava para partir, com alívio soube-se da renúncia de Deodoro. A expedição previa duas brigadas:

- 1ª Bda: Cel Arthur Oscar (30º BI c 19º Btl de Polícia); e
- 2ª Bda: Cel Thomaz Thompson Flores (13º BI e 29º BI, de Pelotas, ao comando do Ten Cel João Cézar Sampaio e mais uma Bateria de Artilharia guarnecida por alunos da Escola Militar).

Era uma manobra para afastá-los de Porto Alegre! Houve um desfile em regozijo pelo feliz desfecho.

Convocada uma reunião no QG da 3ª RM para uma manifestação de aplauso ao novo governo, o Cel Arthur Oscar usou da palavra nestes termos:

> Julgava inconveniente à disciplina qualquer manifestação coletiva da 3ª RM ao novo governo, pois ela faria alusão ao Mar Deodoro, um marechal do Exército. E a ele aludindo iriam ferir a Hierarquia e a Disciplina. E que não sentia vergonha de declarar bem alto, apesar do ato de dissolução do Congresso, que mesmo assim amava Deodoro por haver feito a República. Lamentava o seu gesto, mas não tripudiria sobre ele em sua queda.

Após declarar que não concordava com qualquer manifestação, o Gen Arthur retirou-se da reunião, seguido pelo Cel Thomaz Thompson Flores, comandante do 13º BI, pelo irmão Carlos Eugênio, ligado à Escola Militar, pelo Ten Cel João Cézar Sampaio, comandante do 29º BI (vindo de Pelotas) e pelo Maj Joaquim Pantaleão Telles de Queiróz, comandante do 2º BE, também convocado à capital.

A atitude destes oficiais resultou em suas remoções do RS para o Rio por proposta do Governicho ao Ministro da Guerra Mal José Simeão de Oliveira, da corrente liberal. Eles só retornaram ao Rio Grande quatro meses depois, a mando de Floriano, incorporando-se aos seus batalhões durante as manobras em Saicã em Abr 1892.

Esses fatos são testemunhados pelos então personagens do episódio Carlos Eugênio Guimarães, mais tarde comandante da 3ª RM e Ministro da Guerra, e Mal João Cézar Sampaio, em suas respectivas obras ‘Arthur Oscar - um soldado do Império e da República’ (Rio: BIBLIEx, 1964) e ‘O Cel Sampaio e os apontamentos do Dr. Wenceslau Escobar’ (P. Alegre: Liv. Globo, 1920).

A partir daí despontou a liderança de Arthur Oscar, que mais tarde irá comandar a 4ª Expedição a Canudos. Era carioca, herói do Paraguai. Entre 1876-89 esteve no RS, onde vivenciou as guarnições de Rio Grande,

São Gabriel e em especial Jaguarão, no 3º BI. Neste tempo adaptou-se e foi absorvido pela cultura gaúcha, tendo feito profissão de fé republicana.

A República foi encontrá-lo em Porto Alegre no comando do recém criado 30º BI, na Azenha, à frente do qual conquistará muitas glórias.

Em 26 Nov 1891, em Ordem do Dia nº 3, o Gen Rocha Osório, "comandante-em-chefe das forças em operações contra a tirania", lideradas pelos generais Joca Tavares e Bacellar, assim se expressou:

> Que fora nomeado em 25 Nov comandante da 3ª RM pelo Governo Federal e que as forças federais do Estado somente a ele renderiam obediência e dispensava os oficiais que nomeara para cargos nas Forças em Operações contra a Tirania.

E assim ele viu a contribuição da 3ª RM à renúncia de Deodoro:

> O 23 Nov 1891, feito no Rio da Janeiro pela atitude patriótica da marinhagem brasileira, preludiado pelo heróico levantamanto do extremo sul brasileiro (3ª RM), veio pôr termo em nosso trabalho bélico. Banida a tirania, assegurado o respeito à lei, cumpre-nos de novo transportar nossas tendas de guerra...O militarismo atestado em épocas passadas já não pode ter lugar nesta fase em qua as vidas das nações assenta na indústria.

Os oficiais da 3ª RM que haviam sido afastados de seus cargos do "comando-em-chefe das forças contra a Tirania" foram reintegrados em suas funções. E por cerca de sete meses o Governicho conviveria com o governo de Floriano Peixoto, que queria ver triunfar o republicanismo, e com Júlio de Castilhos, que fora deposto, seguido de fechamento da Assembléia gaúcha.

O Governicho: 12 Nov 1891 a 4 Jul 1892

Deposto Jú1io de Castilhos, ele foi substituído por um governo de exceção que ele batizou e ficou consagrado como 'Governicho' e que dirigiu discricionariamente o RS por mais de sete meses e meio. É muito bem estudado na obra: RODRIGUES, Francisco Pereira. O governicho e a Revolução Federalista. P. Alegre: Martins Livreiro, 1990.

Foram dirigentes do Governicho, chamada de junta Governativa

Provisória:
De 12 Nov a 17 Nov 1891 (5 dias):
- Gen Reformado Domingos Alves Barreto Leite;
- Gen e Deputado Federal Manoel Luiz da Rocha Osório;
- Joaquim Antônio de Assis Brasil; e
- João de Barros Cassal.
De 17 Nov 1891 a 8 Mar 1892 (3 meses e 2 dias):
- Gen Reformado Domingos Alves Barreto Leite;
- João de Barros Cassal.
De 8 Mar a 19 Abr 1892 (1 mês e 12 dias):
- João de Barros Cassal.
De 19 Abr a 8 Jun 1892 (9 dias):
- Marechal Câmara - Visconde de Pelotas.
De 8 Jun a 17 Jun 1982 (1 mês e 20 dias):
- Gen Reformado Domingos Alves Barreto Leite.
De 17 Jun a 4 Jul 1892, em Bagé (27 dias):
- General Honorário João Nunes da Silva Tavares.

Segundo Sérgio da Costa Franco, na obra já citada A Guerra Civil de 1893 (P. Alegre: UFRGS, 1993)

> O Governicho se revelou débil e inseguro, convocando eleições para depois adiá-las e promulgando provisoriamente uma constituição que se assemelhava? em tudo à castilhista. Mas por se sentir raco, resvalou para a violência, sobretudo no interior do Estado, tão logo a oposição castilhista se tornou mais intensa. Ocorreu toda a sorte de abusos e perseguições aos opositores, o que ficou documentado num livro editado já em 1892, *O vandalismo no RGS*, de autoria do castilhista Euclydes B. de Moura.

Sobre as consequências da renúncia de Júlio de Castilhos seguida da renúncia de Deodoro, foi isto que ocorreu no RS, segundo Tarcísio Taborda, na revista A Defesa Nacional nº 1, 1970:

> A insatisfação política reinante após a renúncia do Mar Deodoro em 23 Nov 1891, levou os chefes municipais das duas facções em luta que se formaram, a reunir homens em armas. Formados estes exércitos particulares, começaram as tropelias, as abusos que se espraiaram por todo o território estadual.

A tudo isso teve de assistir impassível a 3ª RM, por não poder

intervir militarmente e tão somente protestar através de seus oficiais contra a organização de forças populares improvisadas por federalistas e republicanos. O Exército não podia intervir. A Brigada Militar só foi criada um ano depois da deposição de Deodoro e seguindo regulamentos militares. Nesse ínterim a violência, conforme Tarcísio Taborda, ficou por conta dos chefes republicanos e federalistas civis locais, que desconheciam a Doutrina Militar. A esse respeito escrevemos artigo no jornal Tradição, do MTG, sob o título: "Possível explicação da violência em 1893".

Uma amostragem do que se passou no RS de modo generalizado nos fornece o historiador Miguel Jacques Trindade em 'Alegrete séc. XVII-séc. XX' (Alegrete: Prefeitura Municipal, 1990) (a síntese está na p. 22, abaixo transcrita):

> Alegrete era predominantemente federalista. Dissolvido o Congresso, houve grande mobilização civil. Partidários do presidente da República foram depostos de seus cargos. As lideranças revolucionárias reuniram o povo em diversos Corpos Provisórios. Guarnecia a cidade o 18º BI, comandado pelo Ten Cel João de Souza Castelo. Foi formada uma Coluna Provisória Revolucionária de 3.000 homens ao comando do Cel Castelo. As tropas e piquetes civis vestiam-se com diversas indumentárias, trazendo apenas os voluntários algumas armas de caça e outras armas antiquadas. Para entrar em ação contra a ditadura, fordm organizados afanosamente os Corpos Provisórios: Patriotas do Comércio, Batalhão de Infantaria, Corpos de Cavalaria dos 1º, 2º e 3º distritos. O 18º BI participou do movimento e lançou vibrante proclamação revolucionária. Havia um grande entusiasmo, até que alguns soldados do 18º BI, na noite de 26/27 Nov 1891, promoveram desordens na cidade. Isso foi o bastante para os revolucionários se voltarem contra o 18º BI, exigindo a sua saída da cidade, o que conseguiram! Teve seu comandante que sofrer essa humilhação de ser obrigado a acampar a duas léguas de Alegrete, deixando preso por ordens das autoridades o alferes Bernardino Alves Dutra, acusado injustamente, como foi comprovado após, de mandante como oficial de dia. O quartel do 18º BI foi ocupado com o Corpo de Cavalaria Provisório do 1º Distrito.

Em síntese, o 18º BI, em que pese haver aderido e liderado o

movimento revolucionário, foi humilhado com sua expulsão da cidade dentro de um prazo de 16 horas. Teve de acampar no Capão do Angico para depois seguir para Porto Alegre.

E corpos provisórios como estes foram organizados em todo o RS pelos partidários do governo do Estado e oposição, aí residindo a origem da violência mencionada por Tarcísio Taborda dcntro do espírito de lei de Talião, que transformaria a Revolução de 1893-95 em 'Revolução de Bárbaros', 'Revolução Maldita' e 'Revolução da Degola'.

Dentro deste contexto de desconsideração das forças populares contra o Exército foi que, em 18 Mar 1892, o Mal Floriano Peixoto enviou o seguinte telegrama a João de Barros Cassal, membro do Governicho:

> Por telegrama do Gen Vasques (comandante da 3ª RM) tive conhecimento conflito entre praças do Exército e patriotas. Este fato e os que ainda podem ter lugar, demonstram inconveniência manter-se civis em armas, em constante provocação ao Exército, quando nada justifica semelhante estado de coisas. (Fonte: Arquivo Prudente de Moraes. Rio: IHGB, 1990).

E vários foram os protestos contra as forças civis que foram mobilizadas como Corpos Provisórios para garantir o Governicho. E os castilhistas nao ficaram atrás! Protestos isolados de oficiais do Exército nada conseguiram para minorar este quadro de mobilização de civis em armas em ambas as facções em luta, sem a mínima noção de Doutrina Militar.

Houve protestos no Congresso e propostas de dissoluçãao de todas as forças civis que foram organizadas sem a sua autorização.

Existem hoje estudos de História Militar em novas dimensões. Além de estudá-la para auxiliar a boa condução dc revoluções e guerras, deve-se fazê-lo em novas dimensões, ou seja, naquelas em que se procuram isolar os fatores que as determinaram, para colocá-los à disposição das lideranças, evitando assim que elas eclodam com todas as suas funestas e trágicas consequências. E o que acabou de ser abordado se enquadra no caso.

Para se reter uma ideia das violências recíprocas entre as forças populares civis, republicanas e federalistas, estimuladas pela violência verbal propagada pelos jornais a Federação (castilhista) e A Reforma (federalista), existem os seguintes artigos recentes, os quais não

consideraram, seguramente por estar esgotada, a obra O Cel Sampaio e os apontamentos do Dr. Wenceslau Escobar. (P. Alegre: Liv. Globo, 1920), do Mal João Cézar Sampaio.

- FLORES, Elio Chaves. Violência no conflito de 1893. In: A revolução dos Maragatos. (P. Alegre: Edipucrs, 1993, pp. 43-50 (Coleção História 1 - organizada por Moacyr Flores). E na mesma obra citada artigo de:

- SILVA, Mozart Linhares da. Violência e Ideologia na Revolução Federalista, p. 51-57.

Aliás, é de Elio Chaves o interessante artigo Adão Latorre: Mito e Historia - o Massacre do Rio Negro. Fontes para a História da Revolução de 1893. (Bagé: URCAMP, 1992), que pela primeira vez aborda com coragem moral o Massacre do Rio Negro, mas que seguramente não dispõe, por esgotado, o livro do Mal João Sampaio, o qual consideramos irmão xifópago do livro do Dr. Wenceslau Escobar, que foi redator do jornal A Reforma.

Na época em que escreveu seu livro, ele era dirigente do Partido Federalista e humildemente confessou:

> Não tenho a intenção de escrever com absoluta isenção de ânimo. Sou humano, tomei parte pelo coração e pelas ideias desta lamentavelmente luta fratricida.

Face a essa confirmação, cabe ao historiador isento submeter suas afirmações à Heurística, quanto à Autenticidade, Fidedignidade e Integridade, bem como as do Mal Sampaio.

Aliás, o Mal Sampaio historia seus desencontros com o seu colega Cel Carlos Telles, que também manteve célebre ‘querela’ com o Cel Thomaz Thompson Flores quando este comandou interinamente a 3ª RM. Esta querela é abordada pelo Gen João Pereira de Oliveira em ‘Vultos e fatos de nossa Historia’ (P. Alegre: Martins Liv., 1985, 3ª ed.), livro que aborda Canudos e a bravura destes três valorosos líderes de Infantaria, seres humanos com suas virtudes e falhas humanas, mas que responderam ao apelo da Pátria naqueles graves momentos.

Em Piratini e Canguçu, reduto liberal no Império, sofreram perseguições de Antero Cunha, líder federalista, os irmãos José, Manoel (Maneco), Antero e Favorino Pedroso de Oliveira, Bernardino da Silva Mota e Leão Silveira Terres, em razão dos expressivos resultados eleitorais que conseguiram nas eleições para a Assembléia Constituinte do Estado,

pois por pouco não obtiveram a vitória. Eles tiveram que ter suas vilas por menagem, sem poderem se deslocar para suas fazendas, além de serem vítimas de outras arbitrariedades.

As violências praticadas pelo Governicho obrigaram expressivas lideranças republicanas a emigrarem para a Argentina e Uruguai ou migrarem para cidades mais seguras.

E foi na cidade argentina de Caseros, Província de Corrientes que, em 13 Mar 1892, líderes republicanos ali emigrados firmaram a 'Ata de Caseros', encabeçada pelo Gen Hon Hipólito Ribeiro. Decidiram por uma revolução para restaurar Júlio de Castilhos no governo. Então combinaram os lances principais do movimento (vide An. 2 a este capítulo).

Esta e outras conclusões se podem tirar da interessante plaqueta: O'DONELL, Fernando O. M. Alguns textos políticos da transição institucional do RGS 1887-93. P. Alegre: Metrópole, 1991.

No curso do Governicho, o Mal Câmara tentou moderar o ímpeto liberticida do mesmo e voltar à situação anterior, segundo concluímos do citado Francisco Pereira Rodrigues. Assis Brasil rompeu com o Governicho por suas medidas de exceção. Mas o citado Governicho terminou seus dias sob a liderança dos federalistas, apesar de, a partir de 31 Mar 1892, após a organização definitiva do Partido Federal, em Bagé, por Silveira Martins, ter este rompido com os aliados dissidentes republicanos, entre eles Barros Cassal, a figura central do Governicho e "legislador de exceção deste periodo ditatorial".

Foram os republicanos emigrados que passaram a conspirar no exílio para restabelecer a Constituição de 1891, a Assembléia Constituinte, que a aprovara, e o presidente Júlio de Castilhos, que ela elegera presidente dentro do ordenamento jurídico da República.

A 3ª RM no comando do Gen Bernardo Vasques

A derrubada do Governicho

O partido republicano mobilizou-se e se organizou para retomar o governo e nele restabelecer o seu presidente eleito, a Constituição de 91 e a Assembleia do Estado.

O governo foi inteirado deste confronto. Em telegrama de 16 Jun 1892, de Bagé, o Gen Joca Tavares comunicou ao Mal Câmara: "Floriano

Peixoto me diz ter recomendado (ao Cmt da 3ª RM - Bernardo Vasques) nao intervenção forças federais, política do Estado”.

Antes, em 12 Jun 1892, Floriano Peixoto telegrafou ao Mal Câmara, que o tranquilizou e referiu: "Quanto a parada dos corpos desta guarnição (3ª RM) já aprovei a indicação Gen Bernardo Vasques, em cujo critério muito confio”. Câmara havia manifestado a Floriano o receio de que militares do Exército se envolvessem no confronto, no que foi tranquilizado.

Em 18 Jun 1892, o Gen Bernardo Vasques, ordenou a toda a tropa subordinada “neutralidade completa nas lutas políticas e que nada fosse feito sem a sua ordem”.

Ao assumir o Governicho em Bagé, o Gen Joca Tavares estava ciente da não-intervenção de forças federais no confronto dos governos de Castilhos e o do seu, em Bagé, na disputa pelo poder no Estado.

Assim, o Cel Arthur Oscar, que recebeu as armas de Joca Tavares, em 4 Ju1 1892, não poderia ter ido além disso, assegurando que tropas civis republicanas subordinadas ao governo de Estado, em Porto Alegre, não poderiam entrar em Bagé. Isso foi uma interferência na política do Estado e desaprovada pelo Gen Vasques. Este ponto é importante para o entendimento a seguir, por ser questão controvertida e base para acusação da 3ª RM haver interferindo politicamente.

O Gen Bernardo Vasques manteve-se isento ao processo. Homem de confiança de Floriano retornou ao Rio, onde foi o Ministro da Guerra de Prudente de Moraes. Ali, no mais alto nível, comandou as operações finais contra a revolução federalista e revolta na Armada, que resultaram na Paz em Pelotas em 1895.

A queda do Governicho em Bagé

Em 17 Jun 1892, republicanos em Porto Alegre conseguem a renúncia do Governicho, que fazia nove dias vinha sendo exercido pelo Mal Câmara. O instrumento principal foi a Guarda Cívica. Ela repôs Júlio de Castilhos na Presidência do Estado para a qual fora eleito. Restabeleceu a Constituição do Estado, de 14 Jul. No mesmo dia assumiu a presidência o Dr. Vitorino Monteiro, por motivo de renúncia de Júlio de Castilhos.

O Dr. Assis Brasil, que havia aderido à Junta Governativa

Provisória (que provocou a renúncia de Júlio de Castilhos), enviou este telegrama ao presidente Vitorino:

> Saudo-vos, desejando ardentemente que os republicanos reconquistem a direção que não deveriam ter perdido. Se me julgais útil em qualquer parte, dizei. Assis Brasil (Citado por F. P. Rodrigues em O governicho e a Revolução Federalista, p. 45).

Câmara transferiu o Governicho a Joca Tavares em Bagé. Para depô-lo, o governo do Estado constitucional fez convergir sobre ele as seguintes forças civis ou populares:

- 4ª Brigada (civi1) de Pelotas, ao comando do Gen Hon Luiz Alves Pereira, tendo como chefe de Estado-Maior Alfredo Varela (historiador) e integrada por forças populares recrutadas em Pelotas, Piratini, Canguçu, Pinheiro Machado, São Lourenço, Camaquã e Tapes; e
- 5ª Brigada (civil) de Jaguarão, ao comando do Cel Elias Amaro e liderança política de Carlos Barbosa. A convergência sobre Bagé foi coordenada pelo Mar Isidoro Fernandes, em Sant'ana do Livramento.

Este esquema era comandado no mais alto nível por Júlio de Castilhos, Gen Júlio Falcão da Frota (político) e Dr. Fernando Abbot.

O apoio político a esta operação foi prestado em Pelotas pelo Cel Pedro Osório e Piratininho de Almeida; em Canguçu pelo intendente Cel Bernardino da Silva Motta e João Paulo Prestes; em Piratini pelo intendente José de Oliveira Pedroso e seus irmãos Manoel "Maneco" e Antero; em Camaquã pelo Cel intendente Patrício Vieira e Ten Cel Zeca Netto, que comandava a força popular local; em São Lourenço pelo Cel Crespo; e em Pinheiro Machado pelo intendente João Pereira Madruga. Do mesmo apoio faziam parte o Mal Izidoro Fernandes, em Sant'ana, e pelo Gen Hon Hipólito Ribeiro, vindo da fronteira Argentina.

Em 25 Jun 1892, o Gen Luiz Alves Pereira recebeu ordem superior de Porto Alegre:

> Executar com todo rigor o plano de movimento geral em ligação com o Mar Izidoro Fernandes que o coordenará com a 5ª Bda, Elias Amaro, na marcha sabre Bagé.

Em 30 Jun 1892 o presidente Vitorino Monteiro ordenou que a 4ª Bda do Gen Luiz Alves:

> Arrancasse os trilhos da ferrovia entre Pedro Osório atual (estação Piratini) até Bagé, de modo que a linha fosse

restabelecida com presteza (Era uma ferrovia inglesa).

Em 1 Jul 1892, o Gen Bernardo Vasques ordenou ao Cel Arthur Oscar, comandante do 30º BI de Porto Alegre que, com esta unidade, assumisse o controle da estação ferroviária de Bagé, ocupada por Joca Tavares.

Em 1 Jul 1892, o Gen Luiz Alves (4ª Brigada) recebeu o seguinte telegrama dos coronéis Manoel Pedroso de Oliveira, de Piratini e do Cel Bernardino da Silva Motta, de Canguçu, expedido de Pedro Osório (então estação Piratini): "Possuímos 1.000 homens. Sabeis que gente sem arma não briga". Este efetivo de 1.000, parece-nos, era para ser conhecido dos federalistas. Era exagerado! Acreditamos não tenha passado de 200 homens.

Em 3 Jul 1892, o Gen Luiz Alves recebeu em Pelotas telegramas de seus comandantes coronéis Pedroso e Motta comunicando:

> Estarem em Pedras Altas com 300 homens e o Cel Elias Amaro em Cerro Chato e "Estamos prontos, mande armas amanhã, 4 Jul, para Candiota.

O Cel Luiz Alves deslocou-se com armas e bagagens acompanhado de seu chefe de Estado-Maior Alfredo Varela para Candiota, onde o último armou as tropas de Canguçu e Piratini com espingardas Spencer (já obsoletas), espadas, clavinas de espoletas e lanças.

A deposição das armas por Joca Tavares

Em 21 Jun 1892, em telegrama, Gaspar Silveira Martins aconselhou Joca Tavares a depor as armas.

Em 4 Jul 1892, o Cel Arthur Oscar, no comando da força do Exército formada pelo 3º e 30º BI de Porto Alegre e 4º RA Campanha (de Bagé), comunicou ao Gen Joca Tavares, de Pedras Altas: "Sigo para aí com forças das três armas com o fim de restabelecer o tráfego da estrada de ferro."

O Cel Arthur Oscar só possuía 10 homens de Cavalaria, conforme declarou após. Mas fez crer dispor de Cavalaria! Neste mesmo dia o Gen Joca Tavares reuniu-se em Bagé e decidiu depor as armas, entregando-as à força federal.

Em carta ao irmão Francisco Silva Tavares, de 9 Ju1 1892, assim explicou a desistência da resistência armada em função destes fatores:

- Da franca intervenção da força federal (ainda não comprovada);
- Falta de recursos pecuniários; e
- Silêncio dos amigos de outros pontos que nem se anunciavam.

Nesta carta Joca Tavares menciona, a certa altura:

> Tendo notícias que forças que ficaram em Pedras Altas se aproximaram de Bagé com intuitos que aqui não mencionarei...e conhecendo o quanto são capazes estes homens resolvi retirar-me para a República Oriental.

Estes homens eram o Gen Luiz Alves Pereira, Alfredo Varela, comandante e chefe de Estado-Maior da 4ª Bda, que não aparecem nos relatos comuns, e a tropa de Mota e Pedroso, chefes que haviam sido perseguidos pelo Governicho em Canguçu e Piratini através de Antero Cunha, sendo a primeira vez que estavam operando.

Curiosa a omissão dos "intuitos que aqui não mencionarei..." numa carta tão íntima e tão circunstanciada. Fica a pergunta no ar.

Enfim, o Gen Joca Tavares transmite ao irmão a ideia "de abandono e nem palavras de consolo dos amigos durante os 20 dias que tivemos de sacrifícios insuperáveis". Por esta razão ele havia decidido entregar as armas às forças federais, "com a condição de que a Cavalaria civil de Pedroso e Mota não entrasse em Bagé."

Em torno da validade do combinado com Arthur Oscar de depor armas com a condição de que tropas populares não entrassem em Bagé, travam-se discussões infindáveis.

Sendo vedado ao Exército intervir na política do Estado, foi considerado exorbitância o trato celebrado com Joca Tavares pelo Cel Arthur Oscar, o qual não foi aprovado pelo comandante da 3ª RM, por ser um problema entre republicanos e federalistas pela disputa do poder.

Fontes primárias focalizando este assunto foram publicadas por:

VILALBA, Epaminondas. A Revolução Federalista no RGS. Rio: Laemmert, 1897 (documentos 12 a 33). Obra a que recorreremos com frequência.

CÂMARA, Rinaldo Pereira da. Cel. O Marechal Câmara e sua Vida politica. P. Alegre: IEL, 1979. (Documentos 290 a 296). v. 3.

PEREIRA, Luiz Alves, Gen Hon. Correspondência como comandante da 4ª Bda. Em posse do autor, até então inédita e aqui revelada.

SALIS, Eurico. Historia de Bagé. P. Alegre: Globo, 1955.

Penso que Floriano, com objetivo de consolidar a República, se

interessava pela restauração de Júlio de Castilhos no governo e a quem deu apoio político, mas não militar, para a deposição do Governicho. Enfim, é uma questão em aberto! Informação é liberdade de escolha!

A entrada de forças populares em Bagé - revelações

O Gen Joca Tavares manifestou-se contra a entrada de forças populares em Bagé, após depor as armas. Estas forças foram rejeitadas, especificamente, por ele, ao comando dos coronéis Maneco Pedroso de Piratini e Bernardino Mota, de Canguçu, que faziam a vanguarda da 4ª Brigada de Pelotas, esta ao comando do Gen Hon Luiz Alves Pereira, de Piratini.

Esta rejeição específica tinha raízes em perseguições que aqueles chefes se queixavam de haver sofrido em Piratini e Canguçu, durante o Governicho, de parte da oposição, ali liderada por Antero Cunha e família Piegas. Naqueles locais, tradicionais redutos farrapos na Revolução Farroupilha, Antero e os Piegas substituíram as lideranças farrapas, que eram liderados pela família Silva Tavares. Estes chefes republicanos locais mais tarde foram estigmatizados, bem como seus descendentes, em telegrama reservado, cifrado, expedido de Bagé pelo Gen João Telles a Floriano Peixoto onde, a certa altura, ele transmitiu o pensamento apaixonado do Gen Joca Tavares contra seus adversérios em Canguçu e Piratini:

> Os coronéis Mota e Pedroso chefes republicanos em Canguçu e Piratini e mais o Ten. Cel. Cândido Garcia aqui de Bagé, são os maiores ladrões e bandidos do Rio Grande e a eles se deve este estado de coisas.

O Mal João Cézar Sampaio, no citado ‘O Cel Sampaio e os apontamentos do Dr. Wenceslau Escobar’, fulmina esta afirmação, bem como o Gen Valentim Benício, em anotações à margem dos Apontamentos do Dr. Wenceslau, em seu exemplar doado à BIBLIEx. Em que pese esta observação, pelo menos três autores, entre 1955-92, republicaram o telegrama como uma possível explicação do massacre em Rio Negro.

Num assunto grave como este, que vem estigmatizando injustamente os chefes republicanos citados, seus descendentes e suas comunidades, o telegrama polêmico não poderia ser tomado como fonte confiável, após submetido à Heurística quanto à sua Autenticidade, Fidedignidade e Integridade. Não é integro por possuir a parte em código

até hoje indecifrada. Não é fidedigno, segundo classificação da missão Telles pelo Dr. Francisco Silva Tavares, constante de artigo em El País, transcrito por VILALBA. Revolução Federalista (Doc. 41, p. 85) (op. cit.).

O conceito do Gen Joca Tavares sobre os chefes que estigmatizou era exagerado, falho e apaixonado e tinha endereço errado, conforme os fatos a seguir, baseados no Arquivo do Gen Hon Luiz Alves até agora inédito, repetimos!

Em 4 Jul 1892 o Gen Hon Luiz Alves, em Candiota, à frente de sua 4ª Brigada, recebeu o seguinte telegrama de seu filho Dr. Gervásio, lindeiro em Bagé com os Silva Tavares:

Gen Arthur Oscar Andrade Guimarães. Destacou-se no combate à Guerra Civil 1893-95 no RS e em SC no comando do 30º BI de Porto Alegre, formador do 18º (Sapucaia do Sul) e do 19º BIMtz (São Leopoldo) e da Divisão do Centro. Comandou a 4ª expedição a Canudos. Foi biografado por seu irmão em 'Arthur Oscar – um soldado do Império e da República (Fonte: História do Exército, v. 2).

'Assisti a conferência telegráfica, entre Júlio de Castilhos, Vitorino Monteiro e o Cel. Arthur Oscar. Ficou decidida a entrada de forças civis em Bagé. Foi reprovada a capitulação e o Cel Arthur Oscar está desgostoso. Deveis pedir ordens para 4ª e 5ª Brigadas (de Pelotas e Jaguarão) entrarem em Bagé...'.

O Gen Carlos Eugênio A. Guimarães, contemporâneo dos fatos e futuro comandante da 3ª RM por duas vezes, em 1896-97 e 1907-1908, na biografia do irmão 'Arthur Oscar - soldado do Império e da República' (Rio: BIBLIEx, 1965), baseado em manuscrito que deixou, não mencionou desgostos de Arthur Oscar no caso. Mas continua a questão em aberto!

Em 7 Jul 1892, o Gen Luiz Alves, em Pedras Altas, junto a seus comandantes coronéis Pedroso e Mota, solicitou ordem para entrar em Bagé e recebeu esta resposta do presidente Virtorino Monteiro, onde é

citado o Gen Vasques comandante da 3ª RM:

> Ciente vosso telegrama. Podeis prosseguir operações. Foi feita conferência com o Cel. Arthur Oscar que não pode embaraçar a operação. (O comandante da 3ª RM, Bernardo Vasques está de acordo (não impediria ou interferiria). Deveis desarmar grupos armados que encontrardes.

Ainda no dia 7, o Gen Luiz Alves telegrafou de Pedras Altas para o Mal Izidoro Fernandes, em Sant'ana, sobre o seu plano de entrar com sua 4ª Brigada civil em Bagé. E recebeu a resposta:

> Estou de pleno acordo. Transmiti ao Dr. Vitorino Monteiro, corroborando com vosso pensar, insistindo em apressar a entrada em Bagé para 'quebrar completamente a arrogância do Joca Tavares' (O grifo é do autor).

Ainda nesse dia 7, o Gen Luiz Alves recebeu este telegrama do Cap Otávio Borges da guarnição do Exército, em Bagé:

> Por aqui por Bagé não há mais rebeldes. Armamento foi recolhido, 'exceto alguns grupos que se recusaram a obedecer o desarmamento ordenado por Joca Tavares. E revoltando-se abandonaram a cidade... afianço-vos' que não haverá resistência...'O Gen. Bernardo Vasques (comandante da 3ª RM) aprovou nossa conduta de evitar derramamento de sangue'. Em resumo não encontrareis inimigos aqui (Os grifos são do autor).

Fica claro que alguns grupos não obedeceram a Joca Tavares e retiraram-se de Bagé, armados, entre esta cidade e a fronteira. Não foi cumprido na íntegra o acordo com Arthur Oscar, que recebeu ordens do Gen Bernardo Vasques de que a capitulação só valeria ratificada pelo vice-presidente do Estado e que

> ele deveria limitar-se, em sua intervenção, a bons ofícios entre os civis que disputam o governo do Estado, a libertar o 4º RArtilharia e manter livre a ferrovia e os telégrafos para que não se alegue que Tavares depôs armas diante de forças federais. Faça constar de nossa missão com aqueles intentos. Assim recomenda o mar. Floriano" (O grifo é do autor. Este assunto é abordado nos documentos 30 em VILALBA. Rev. Fed. RGS).

Em 13 Jul 1892, a 4ª Bda, ao comando do Gen Luiz Alves Pereira, tendo como chefe de Estado-Maior Alfredo Varela e tendo como tropas

forças de Piratini e Canguçuu, ao comando de Pedroso e Mota, entrava em Bagé. A 5ª Brigada - Elias Amaro, ficou em Cerro Chato. Nesse dia, o Gen Luiz Alves recebeu este telegrama da Presidência do Estado:

> Deveis recomendar ao Cel Manuel (Maneco) Pedroso o máximo de vigilância sobre Barros Cassal cuja prisão é imperiosa. Deveis reclamar do ministro do Brasil, em Montevidéu, sobre as rebeldes emigrados. Suspeita-se que Barros Cassal encontre-se em Aceguá reunindo emigrados.

Em 15 Jul 1892, o Mal Izidoro, marchando em direção à Bagé, ordenou:

- à 4ª Bda de Pelotas, ao comando do Gen Luiz Alves Pereira, acampar em rio Negro e vigiar Aceguá; e
- à 5ª Bda de Jaguarão, ao comando do Cel Elias Amaro, acampar sobre o rio Candiota.

Entende-se que foi curta a permanência da 4ª Bda em Bagé. Mas, em 14 Jul 1893, pelo menos, forças legais de Canguçu e Piratini, ou expressiva parte delas, já haviam deixado Bagé e estavam em Rio Negro, retornando às bases. É o que se conclui deste documento (transcrição):

> "Quartel do Comando Superior das forças legais de Canguçu e Piratini de volta de Bagé. Rio Negro, 14Jul 1893. Cidadão General Luiz Alves Pereira Camandante da 4ª Brigada. Devolva do armamento que recebi 50 (cincoenta) espingardas Spencer, ficando 30 (trinta) do total de 80 (oitenta) recebidas. I2 (doze) espadas, 10 (dez) clavinas de espoletas e 57 (cincoenta e sete) lanças. Ficaram ainda no Corpa de Canguçu, ao comando do Ten Cel Gaudêncio Nunes, 30 (trinta) espingardas spencer, como já disse, 33 (trinta e treis) lanças, 4 (quatro) clavinas de espoletas, 18 (dezoito) espadas e 18 (dezoito) pistolas que andam em diligência, razão porque não as remeto. Quanto ao resta do armamento nada tenho a ver com ele, visto ter sido distribuído pela Dr. ALFREDO VARELA aos outros corpos. O armamento mencionado neste ofício foi o que recebeu o Corpo de Canguçu. Ass. Coronal Bernardino Mota (Do Arquivo do Gen Luiz Alves Pereira)"

Conclui-se que os efetivos ao comando dos coronéis Bernardino Mota e Maneco Pedroso eram pequenos. Os efetivos de 1.000, e após 300, acreditamos fazerem parte de um quadro de guerra psicológica, pois os

telegramas vazavam para os federalistas.

Assim, acreditamos que o Gen Luiz Alves com sua 4ª Brigada integrada por forças dos coronéis Mota e Pedroso tenha permanecido em Bagé, de cerca de 8 a 13 Jul 1893, ou por cinco dias, dentro da finalidade proposta pelo Gen Luiz Alves, corroborada pelo Mal Izidoro e aprovada pelo presidente Vitorino Monteiro, qual seja a de “quebrar completamente a arrogância de Joca Tavares”. A operação foi coordenada pelo Dr. Alfredo Varela, que armou as tropas civis que entraram em Bagé. Decorridos 12 anos, vamos encontrar o Dr. Alfredo Varela ao lado do Cel Lauro Sodré e do Gen Travassos na liderança do triste episódio na Escola da Praia Vermelha, que passou a História como Revolta da Vacina Obrigatória de 1904, desgraçando a vida de muitos alunos daquela escola.

Correspondência em nosso poder demonstra que o Gen João Telles era muito amigo do Gen Luiz Alves, comandante dos coronéis Mota e Pedroso na operação da entrada de forças civis em Bagé, após a deposição das armas por parte dos que obedeceram à ordem do Gen. Joca Tavares.

Por isso, pensamos, tenha poupado o Gen Luiz Alves no célebre telegrama reservado e cifrado no final, enviado em 2 Nov 1892 de Bagé a Floriano, no qual transmite o protesto passional que até hoje, repetimos, estigmatiza injustamente a memória dos coronéis Mota e Pedroso e seus descendentes e parentes quando referiu:

> Segundo estou informado, os coronéis Mota e Pedroso chefes republicanos de Canguçu e Pimtini e mais o Cel. Cândido Garcia são os maiores ladrões e bandidos do Rio Grande do Sul.

Essa classificação deveria ser dirigida aos arquitetos e comandantes da operação da entrada de forças civis em Bagé “para quebrar completamente a arrogância do Joca Tavares”, ou seja, o Gen Luiz Alves Pereira e seu chefe de EM Alfredo Varela, na 4ª Bda, e não aos seus comandados Mota e Pedroso. Historia é verdade e justiça!

Em 21 Nov 92, decorridos 19 dias do telegrama a Floriano, enviado pelo Gen João Telles, este obteve expressiva votação em Canguçu e Piratini para a eleição de 4 deputados. E isso graças às lideranças ali exercidas pelos coronéis Mota e Pedroso.

Esta injustiça contra os coronéis Mota e Pedroso tem sido muito explorada para alguns escritores ligados aos federalistas para explicar o massacre do Rio Negro, em 28 Nov 1893, que será abordado em local

próprio.

Nada existe de concreto contra aqueles chefes, vítimas de vinganças políticas do Governicho em Canguçu e Piratini, exercidas por lideranças ligadas à família Silva Tavares. Essas vinganças políticas têm raízes na Revolução Farroupilha, quando Piratini - capital da República, e Canguçu o seu principal distrito, foram os mais expressivos núcleos de resistência farrapa republicana.

De concreto contra eles e dentro de um quadro de repressão constitucional estadual à rebeldia do Governicho, temos este telegrama em VILALBA. Rev. Fed. RGS:

> 23 Jul 1892 - Rio Grande Zeca Tavares, papai e Armando emigrados perseguidos pelas forças de Pedroso e Mota depois da entrega do armamento e acordo com o Cel Arthur Oscar (Limoeiro fazenda de meu irmão Zeca Tavares) arrasada, levantarão gados, cavalos e ovelhas. Casa e móveis estragados. Peça providências! As: Umbelina Tavares.

A perseguição foi autorizada pelo presidente Vitorino Monteiro ao Gen Luiz Alves, comandante da 4ª Bda. O comandante da 3ª RM não aprovou o acordo celebrado entre o Cel Arthur Oscar, por ser um problema entre líderes civis pelo poder no Estado. E mais, por se caracterizar uma intervenção militar no Estado o Exército impedir que este empregasse suas forças civis para um rescaldo das resistências a rebeldes que deixaram Bagé armados, após desobedecerem ao Gen Joca, conforme o telegrama do Cap Otávio Borges citado.

O Exército não podia intervir militarmente e só mediar (ou prestar bons ofícios) entre as partes civis na disputa pelo poder no Estado.

Não se tem acusações concretas aos coronéis Bernardino Mota e Maneco Pedroso, além dessa de dona Umbelina Tavares, que não menciona assassinatos e estupros. Os citados chefes atendiam às ordens do Presidente do Estado para consolidar sua posição ameaçada em Bagé pelo Gen. Joca Tavares que com ele disputava, pelas armas, o governo. O apoio logístico dessas forças foram feitas, na emergência, por requisições de dinheiro, gado e outros recursos ordenados pela Presidência do Estado, gerando abusos, em consequência.

Esses chefes, com suas tropas recrutadas como Patriotas, ao

estourar a Revolução, foram postos à disposição do Exército, na condição de ser a única Cavalaria do Comando-em-Chefe das Operações contra a Revolução Federalista.

Inicialmente, e por sete meses, ficaram a disposição do Gen João Telles e depois à disposição do Mal Isidoro Fernandes, até serem vítimas de cruel, e até então sem precedentes, massacre em Rio Negro, em 28 Nov 1892, após se renderem sob garantia de vida negociada pelo Cel Donaciano Pantoja, comandante do 28º BI do Exército, que ali será aprisionado e obrigado a combater com o nome de Ernesto Paiva, federalista morto em Porto Alegre em 17 Jun 1892, no movimento que restaurou o governo de Júlio de Castilhos.

Em que pese a atuação isenta do comandante da 3ª RM, Gen Bernardo Vasques, este sofreu duras críticas públicas de Barros Cassal, principal figura do Governicho deposto e o responsável por sua legislação de exceção. A pressão foi na forma de 'Intimação', constante de VILALBA. Rev. Fed. RGS. Doc. 21 e 42. Entre elas, a de

> tomar violentamente as estações ferroviárias de Porto Alegre e Uruguaiana e nomear para diretor da Estrada de Ferro o Maj Joaquim Pantaleão Telles de Queiroz" (comandante do 2º Batalhão de Engenharia).

Recebeu o Gen Vasques críticas ferinas, igualmente, do Cap Ten Cândido dos Santos Lara, comandante da canhoneira Marajó, em Porto Alegre em 24 Jun 1892, que levou a bordo Barros Cassal em protesto contra os castilhistas restaurados no governo do Estado. Houve violento protesto contra o comandante da 3ª RM por este telegrama que o mesmo enviara a Rio Grande ao Ten Cel Antonio Fernandes Barbosa:

> Porto Alegre 26 Jun. Ciente vosso telegrama de hoje de terem prendido Lara e seus cúmplices no crime de rebelião, aqui cometida contra o governo Federal. Louvo esforços e zelo com que desempenhastes tão honrosa comissão, cujo cumprimento trouxe tranquilidade na população de Porto Alegre. Ass: Gen. Bernardo Vasques"

Os protestos apaixonados de Lara constam de VILALBA, Rev. Fed. RGS. 22 e 23), para estudo sereno. O citado autor registrou em pé de página:

> Este oficial de Marinha vindo para o Rio não foi submetido a processo. Depois de curta detenção foi

concedida liberdade e a distinção dc importante comissão na Europa. Era Ministro da Marinha o Alte. Custódio de Mello.

Memórias inéditas do Gen Paula Cidade no Arquivo Histórico do Exército traduzem suas impressões desse episódio ao qual ele assistiu ainda jovem.

Em resumo, aqui se tem um quadro mais iluminado da atuação da 3ª RM e de seu comandante no contexto da disputa pelo poder do Estado, resultando na restauração de Júlio de Castilhos no governo do Estado, a qual logo transferiu a Vitorino Monteiro. Este, por sua vez, comandou as operações que terminaram na deposição das armas pelo Gen Joca Tavares em Bagé, em 4 Jul 1892, seguida da entrada da 4ª Bda Civil de Pelotas em Bagé, ao comando final do Gen Luiz Alves Pereira, personalidade ausente dos relatos sobre a revolução.

Uma síntese da vida e obra do Gen Bernardo Vasques apresentamos a seguir, pela primeira vez, com apoio em sua Fé-de-Ofício arquivada no Arquivo Histórico do Exército.

Mais tarde, como Ministro da Guerra do Presidente Prudente de Moraes, terá ele ação destacada na pacificação da Revolução em Pelotas.

Os comandantes da 3ª RM após a Proclamação da República até o comando do Gen Bernardo Vasques (16 Ago 1892)

Foram comandantes da 3ª RM, após a proclamação da República e até próximo da Revolução Federalista, os seguintes oficiais generais:

Marechal C. Cézar da Silva (1820-1907). Nasceu em São Paulo. Combateu como praça a Revolução Farroupilha na expedição ao comando de Labatut em 1835 e em sua fase final até a pacificação, quando passou a servir em Quaraí, depois São Gabriel e Bagé. Combateu em Monte Caseros. Cursou a Escola Militar em Porto Alegre em 1856-57. Combateu em Paisandu como capitão, com muito valor. Fez toda a Campanha do Paraguai, combateu em Tuiuti, no sítio de Humaitá, participou da marcha de flanco através do Chaco e desembarcou para guarnecer Vileta. Foi ferido na Dezembrada. Participou da campanha da Cordilheira. Retornou da guerra para a cidade de Rio Grande. Comandou a guarnição de Jaguarão como Brigadeiro de 1877-79 e a 3ª RM de 1880-85 pela 1ª vez. Foi reformado em 30 Jan 1890 como marechal. Foi o 2º vice-governador

interino do RS até 12 Fev 1891. Foi encarregado de investigações sobre eventos ali ocorridos em Fev 1891. Faleceu em Porto Alegre em 31 Out 1907 aos 87 anos.

Brigadeiro Carlos Resin Filho (1831-1890). Era natural de Santa Catarina. Nasceu em 30 Nov. Era filho do suiço Brig Carlos Resin. Estudamos ambos em 'Estrangeiros e descendentes na História do RS'. Fez carreira brilhante no Exército. Veterano das guerras de 1851-52 e 1865-70, ligou-se às guarnições de Santa Vitória, Rio Grande, Jaguarão, Porto Alegre, Bagé e São Gabriel. Faleceu em 18 Set no RS aos 55 anos.

Brigadeiro Carlos Machado Bittencourt (1840-97). Comandou a 3ª RM por dois meses de 11 Mar a 4 Mai 1890. Nasceu em Porto Alegre em 12 Abr. Praça de 1857. Cursou a Escola Militar em 1858-60. Lutou na Guerra do Paraguai em Itapiru, Tuiuti, Tuiu-Cué, Marcha de Flanco, Itororó, Avaí, Lomas Valentinas e Angustura. Foi ferido em Tuiuti. Ascendeu de major a brigadeiro entre 1876/89. Como comandante da 3ª RM, assumiu o governo do RS após a deposição do Dr. Francisco da Silva Tavares em 1891. Foi comandante superior da Guarda Nacional em 1894 e Ajudante-General do Exército em 1895. Em maio assumiu o Ministério da Guerra e realizou trabalho notável de apoio logístico ao Exército em Canudos. Em 5 Nov 1897 foi vítima do punhal assasssino de Marcelino Bispo, ao tentar desarmá-lo, quando este tentava matar o presidente da República Dr. Prudente José de Moraes Barros. Foi consagrado como patrono do Serviço de Intendência. Foi assassinado aos 57 anos.

Gen Div Cândido Costa (1828-1909). Comandou a 3ª RM de 21 Mai a 16 Mar 1891, por mais de oito meses, cumulativamente com a presidência do Estado. É omitido nas sínteses biográficas e sua Fé-de-Ofício não foi encontrada no AHEx. Nasceu no Rio em 2 Set 1828, onde faleceu em 10 Dez 1909 aos 81 anos. Pelo Almanaque do Exército conc1ui-se que contou tempo de servico desde 17 Fev 1842. Combateu três anos na Guerra do Paraguai, sendo condecorado pelo Brasil, Argentina e Uruguai. Era da Arma de Artilharia. Sua promoção a Gen Div foi por estudos e antiguidade.

Gen Div Júlio Anacleto Falcão da Frota (1836-1909). Comandou a 3ª RM de 16 Mar a 10 Abr 1891, por cerca de 24 dias. Nasceu em São Miguel do Oeste, SC, em 27 Out 1836. Não é estudado nas fontes biográficas relacionadas ao final do trabalho, nem em 'Santa Catarina no

Exército' (Rio: BIBLIEx, 1942, v. 2). Segundo o Almanaque do Exército de 1894, era o 2º oficial-general mais antigo. Praça de 1853, pertenceu ao Corpo de Estado-Maior de 1ª classe. Engenheiro civil pelo regulamento de 1858 e bacharel em Ciências Fisicas e Matemáticas. Atuou na política do período como deputado da Assembléia do Rio Grande do Sul de 11 Fev a 19 Abr 1890, em substituição ao Gen Câmara. Como político teve papel destacado na renúncia do Mar Câmara, que restaurou Júlio de Castilhos na presidência do RS em 17 Jun 1892, e na assessoria às operações que culminaram com a deposição de armas em Bagé em 4 Jun 1892 pelo Gen Joca Tavares. Faleceu no Rio em 5 Maio 1909, aos 73 anos. Dirigiu o Arsenal do RGS em 1873, 1877 e de 1881-1888 (10 anos).

Marechal-de-Campo Salustiano Jerônimo dos Reis. Barão de Camaquã (1822-1893). Comandou a 3ª RM pela 3ª vez de 10 Abr a 12 Nov 1891, por cerca de 7 meses. Foi forçado a deixar o comando pelo Governicho, que forçou a renúncia de Júlio de Castilhos. Nasceu em Montevidéu, em 25 Jan 1822, quando o Uruguai pertencia ao Brasil como Província Cisplatina, e era filho de militar. Praça de 1837 na Guarda Nacional do RS. Combateu a Revolução Farroupilha até a pacificação como praça, Alferes e Tenente no RS e em Santa Catarina. Capitão, fez a Guerra contra Oribe e Rosas, 1851-52. Major em 1855, assumiu o comando do 3º BI. Participou da Guerra contra Aguirre, 1864-65, e da do Paraguai, no comando do 4º BI. Comandou o 2º BI na passagem do Passo da Pátria e em outros combates. Promovido a Coronel por bravura em 1866, em Potrero Ovelha, onde, à arma branca, liderou a conquista de uma posição e fez 56 prisioneiros. Brigadeiro em 1868. Comandante da 1ª Divisão de Infantaria em 1865, passou a comandar a guarnição e praça de Assunção, conquistada. Comandante da Fronteira e cidade do Rio Grande entre Nov 1870 e 71; Marechal em 1877 e inspetor de Infantaria da 3ª RM. Comandante da 3ª RM em 1879. Ten Gen em 1884. Comandante da 3ª RM, pela 3ª vez, em 1891. Reformado, a pedido, aos 71 anos. Em Tuiuti perdeu o cavalo que montava e teve a dor de assistir à morte de seu filho Salustiano, que era seu Ajudante de Ordens, partido ao meio por uma granada de Anilharia.

Comandantes da 3ª RM durante o Governicho

Gen Bda Antonio Joaquim Bacellar. Comandou a 3ª RM pela 1ª vez, interinamente, de 12 Nov a 21 Nov 1891, por cerca de 9 dias. Será estudado em seu 3º comando da 3ª RM durante a Revolução de 1893.

Gen Bda Manoel Luiz da Rocha Osorio (1845-1893). Comandou a 3ª RM de 20 Nov a 19 Dez 1891 (um mês), nomeado pelo Governicho. Era deputado federal e constituinte de 1891. Nasceu em Dom Pedrito, em 1845. Praça voluntária de Cavalaria em 3 Jan 1863. Cursou Cavalaria na Escola Militar de Porto Alegre. Fez a campanha do Paraguai. Alferes em 17 Mar 1865, Ten em Jul 1867 e Cap em 20 Fev 1869, sempre por bravura. Major em 26 Abr 1879, Ten Cel em 8 Nov 1884, e em seguida Coronel, todas por merecimento. Brigadeiro em 1890. Ao passar o Governicho ao Gen Barreto Leite, retirou-se para Bagé, onde faleceu do coração em 27 Mar 1893, aos 48 anos. Comandava o 5º RC em Bagé quando da Proclamação da República. Por ordem do governador Visconde de Pelotas passou o comando ao Cel Joca Tavares e declarou a certa altura em Ordem do Dia:

> Se os que promoveram a República tiverem a antipática pretensão de governar a pátria querida pela força de seus canhões, das suas baionetas e das suas lanças o coronel do 5º RC deixará de ser soldado para ser cidadão.

Quando da deposição de Júlio de Castilhos, assumiu o “comando das forças contra a Tirania”, tendo como subordinado o agora Brig Honorário Joca Tavares no comando das forças do Sul. (SPALDING. Revista do Museu Júlio de Castilhos, nº 1, Jan 1952, p. 115).

Marechal Manoel de Almeida Gama Lobo d’Eça. Barão de Batovi (1828-1894). Comandou a 3ª RM de 19 Dez 1891 a 27 Jan 1892, por um mês e 9 dias. Nasceu em Florianópolis, em 15 Mai 1828, e morreu fuzilado em 25 Abr 1894 na fortaleza de Santa Cruz, em Florianópolis, por seu envolvimento com a Revolução Federalista em Santa Catarina. Voluntário em 20 Fev 1845, no 2º RI no Rio. Matriculado na Escola Militar em 1850. Em 1851, trancada sua matrícula, participou da Guerra contra Oribe e Rosas (1851-52), tendo praticado ato heróico na Batalha de Monte Caseros, combatendo, embora artilheiro, no 7º BI de Santa Catarina. Completou o seu curso na Escola Militar e foi servir em 1854 no Regimento Mallet atual. Serviu com distinção nas Missões, Jaguarão e em Rosário do Sul, cuja planta levantou em 1861. Com o Regimento Mallet

lutou na Guerra contra Aguirre (1864-65). Na Guerra do Paraguai passou a comandar a Artilharia do 2º CEx ao comando do Conde de Porto Alegre. Combateu em Curuzu e Curupaiti. Participou da marcha de flanco pelo Chaco e combateu com destaque na Dezembrada. Promovido a Cel por bravura em 1865. Comandou a Artilharia na campanha da Cordilheira, brilhando em Peribebui, pelo que foi elogiado por sua bravura pelo Conde D'Eu. Após cumprir missões em Mato Grosso, na paz, galgou o generalato em 9 Ago 1879 e comandou a fronteira de Santana e São Gabriel. Novamente missões em Mato Grosso, desta vez como presidente e comandante das Armas (1883-91). Foi favorável a Revolução Federalista em seu Estado natal. Seu fuzilamento ocorreu fardado de marechal em 25 Abr 1894 e, junto com ele, seu filho, numa cena que até hoje comove os que dela tomaram conhecimento. Foi lamentével a perda desse bravo nessas circunstâncias. arnplamente estudado pelo Alte. Henrique Boiteux em 'Santa Catarina no Exército' (Rio: BIBLEX, 1942. V. 2).

Marechal José Antônio Correia da Câmara. Visconde de Pelotas (1824-1893). Comandou a 3ª RM por sete dias de 27 Jan a 2 Fev 1892. Nasceu em Porto Alegre em 17 Fev 1824. Foi praça em 1835 para combater a Revolução Farroupilha. Combateu na Guerra contra Oribe e Rosas (1851-52). Cursou a Escola Militar de Porto Alegre. Combateu na Guerra contra Aguirre e na do Paraguai de Major a General. Distinguiu-se em Avaí e em Lomas Valentinas. Foi o comandante das operações que culminaram com a morte do Mal Solano Lopes em Aquidabã em 1 Mar 1870, que pôs fim à guerra, sendo seus comandados o Gen Joca Tavares e o Maj Floriano Peixoto, ali destacados. Após a guerra foi agraciado com o título de Visconde de Pelotas. Em 1880, era Ministro da Guerra quando do falecimento do Duque de Caxias, após haver sido escolhido senador liberal pelo RS. Tomou parte ativa na Questão Militar em favor da justiça à sua classe. Ao ser proclamada a República, foi nomeado governador do RS. Faleceu no Rio em 18 Ago 1893. Foi estudado em monumental biografia de três volumes citada em local próprio. É focalizado no texto deste trabalho.

Gen Bda Antonio Joaquim Bacellar. (Comandou interinamente a 3ª RM de 2 Fev a 8 Fev 1892, por seis dias. Será estudado na Revolução Federalista).

Gen Reformado Domingos Alves Barreto Leite (1828-1904). Comandou

interinamente a 3ª RM por sete dias, de 8 a 15 Fev 1892. Nasceu em Porto Alegre em 1828. Soldado voluntário em 1844. Participou da Guerra contra Oribe e Rosas, destacando-se em Monte Caseros. Cursou Infantaria na Escola Militar, em Porto Alegre (1853-57). Participou da Guerra contra Aguirre e da do Paraguai como Tenente. Ali participou de diversas ações. Comandou o 26º Corpo de Voluntários da Pátria (26º CVP) à frente do qual combateu em Itororó, onde foi gravemente ferido e promovido a major por bravura. Foi promovido a Ten Cel e Cel por merecimento. Após a guerra comandou o 5º BI. Por motivo de saúde foi em 1887 transferido para a 2ª classe do Exército. Foi reformado como Gen Bda em 22 Mar 1890. Ao ser deposto Júlio de Castilhos em Nov 1891, presidiu a junta Govervativa que o substituiu. Aquiles Porto Alegre o focalizou em Homens ilustres do RS (Porto Alegre: ERUS, s/d) conforme síntese aqui apresentada.

Gen Bda Bernardo Vasques (1837-1902). Comandou a 3ª RM de 15 Fev a 16 Ago 1892, por 6 meses, em delicado momento político de transição do Governicho para o governo eleito de Júlio de Castilhos, coincidindo depois com a derrubada do mesmo Governicho. Nasceu em Magé, RJ, em 9 Ago. Praça de 1856. Cursou Artilharia na Escola Militar, 1856-62, de onde saiu 1º Ten. Participou das guerras contra Aguirre e do Paraguai como capitão comandante de bateria. Combateu em Itapiru, Passo da Pátria, Tuiuti (comportou-se com bravura), ferido na 2ª batalha de Tuiuti, Capitulação de Humaitá, tudo no 3º Btl Art a pé. Fez a campanha da Cordilheira no Regimento Mallet, do qual comandou uma Cia em Peribebui. Sua atuação é adjetivada com

"atividade, zelo, inteligência, retidão, dedicação e lealdade". Serviu no Batalhão de Engenheiros, com o qual retornou ao Rio. Em 1875-76 e em 1880-83 levou a Ala Esquerda do mesmo, que comandou sucessivamente em Uruguaiana e São Borja, na construção de quartéis. Comandou interinamente, de modo assinalado, o Regimento Mallet em São Gabriel, em 1880, sendo por isso elogiado pelo Barão de Batovi, Cel Lobo D'Eça. Comandou o Regimento Mallet e a guarnição de São Gabriel em 1888, da qual foi afastado por doença (anemia). Foi Governador de Goiás em 1889. Comandante da 3ª RM em 1892. Ministro do STM de março a 12 Jul 1895. Como Ministro da Guerra do Presidente Prudente de Moraes, 1894-96, coube-lhe intermediar e articular a paz de Pelotas da Revolução de 1893. Faleceu em sua residência, no Rio, na rua Ibituruna nº 11, em 23 Out 1902, aos 65 anos. Mereceu a confiança dos presidentes Floriano Peixoto e Prudente Moraes por seu equilibrío, isenção e lealdade. O historiador Tarcísio Taborda, na Revista do Exército Brasileiro v. 130, nº 4, Out/Dez 1993 (p. 91), refere-se relativamente à deposição das armas pelo Gen Joca Tavares, em Bagé, em 4 Jul 1892:

> O Gen Bernardo Vasques, Cmt. do 6º distrito Militar (atual 3ª RM), influenciado por Júlio de Castilhos, não aprovou o procedimento daquele coronel (Arthur Oscar), quase desautorizando-o, de modo a obrigá-lo a uma interpelação enérgica, ao mesmo tempo que se retirava de Bagé. O afastamento do Cel. Arthur Oscar e as ordens do Gen. Vasquez para a observância da mais estrita neutralidade do Exército permitiu que forças republicanas incursionassem em Bagé...

Sustentamos ponto de vista diverso, que abordamos no texto, sobre este episódio à consideração do leitor, dentro do princípio de que informação é liberdade de escolha. O comandante da 3ª RM foi isento, segundo interpretamos. É um episódio que merece uma revisão serena e isenta! Ele encerra preciosa lição aos soldados do Exército de hoje e do amanhã. A Revolução de 23 Nov 1891, que provocou a renúncia do Marechal Deodoro, teve profundas e negativas repercussões na vida dos brasileiros da Região Sul, que até hoje por vezes emergem, dividindo-os politicamente entre republicanos e maragatos. A 3ª RM sofreu pesado impacto em consequência. Ajuda a entender as consequências da Revolução que obrigou Deodoro a renunciar a seguinte obra:

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Floriano - memórias e documentos - A Revolução de 1891 e suas consequências. Rio: ME, 1939. v. 2.

ANEXO 1 AO CAPÍTULO 6

Brigada Militar do Rio Grande do Sul[1]

A Brigada Militar do Rio Grande do Sul foi criada em 15 Out 1892 pelo presidente do Rio Grande do Sul Dr. Fernando Abott. Foi seu primeiro comandante o major de Engenheiros do Exército, Joaquim Pantaleão Telles de Queiroz, como coronel em Comissão. Estudou a História da Brigada Militar de 1892-98 o seu ilustre ex-integrante e seu historiador, o Ten Cel Reformado José Luiz Silveira, na seguintes obras que remetem o leitor e pesquisador a historiadores da Brigada Militar que o antecederam:

- Notícias históricas 1737-1898. P. Alegre: EDIGAL, 1987.

- O Rio Grande pelo Brasil; Santa Maria: Machris, 1989.

Obras prefaciadas por outro ilustre historiador desta força o Cel BMRS Hélio Moro Mariante, tendo sido ambos, respectivamente, 2° e 1° vice-presidentes do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul, que presidimos e fundamos em Pelotas em 11 Set 1986, e ambos, também os únicos membros de Polícias Militares integrantes do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

O Ten Cel Silveira, nas obras citadas alusivas aos 150 anos da Brigada Militar, historiou a sua força, que ao longo da História do Rio Grande do Sul prestou valiosa e segura colaboração às missões da 3ª RM de segurança interna e externa.

A Brigada Militar teve a seguinte evolução:

a) **Permanentes:** Criados por força do Dec. de 14 Jun 1831, da Regência. Foi criada a Companhia de Permanentes em Porto Alegre, em 1831, e a de Pelotas, em 1835.

b) Corpo Policial: Criado por Lei Provincial nº 7, de 18 Nov 1837 mas somente organizado em 18 Mar 1841. Este Corpo combateu na Guerra do Paraguai como 9º de Voluntários da Pátria e após como 39º CVP, além de ceder integrantes para o 33º CVP. Integrando a 1ª Brigada do Corpo de Exército ao comando de Osorio, lutou no Passo da Pátria, em Estero Belaco, Tuiuti, Curupaiti, Tuiu-cué, Estabe1ecimento, Sauce, Humaitá,

Piquiciri, Marcha de Flanco, Itororó, Avaí e Lomas Valentinas. Retornou a Porto Alegre, coberto de glórias, em 28 Abr 1870, a bordo do Cuiabá, e ao comando do Ten Cel Genuíno Olímpio Sampaio, que pereceu quatro anos mais tarde combatendo os Muckers em São Leopoldo/Sapiranga.

Um grupo de um Corpo Policial formado por três oficiais e 40 praças integrou o Piquete do Imperador D. Pedro II que o acompanhou até Uruguaiana para assistir a rendição do Exército invasor do Paraguai.

c) Guarda Cívica: Nome do Corpo Policial formado com o advento da República, período onde foi envolvido por agitações que resultaram na sucessão de 18 governadores em três anos. Em 28 Mar 1892, assumindo o Governicho, retomou temporariamente o nome de Corpo Policial. Retomou em Jun 1892 o nome de Guarda Cívica com a restauração de Júlio de Castilho na Presidência do Estado, até ser transformada em Brigada Militar, em 15 Out 1892 nos moldes do Exército.

As **'Notícias históricas de 1735-1898'** do Cel José Luiz Silveira descrevem as ações da Brigada Militar muitas vezes lado a lado, ombro a ombro, com forças da 3ª RM na Revolução Federalista entre o combate do Passo do Salsinho até Campo Osório, passando em 1893 por Inhanduí, Upamoroti, Restinga, Pirai, Serrilhada, Cerro Chato, Rio Grande, Mariano Pinto, Mato Castelhano e Rio Negro. Em 1894, no cerco de Bagé, no Km 34 da estrada para São Francisco de Paula, em Taquara, Rio Pelotas, Mato Português, Campo do Meio, Passo Fundo, Carovi, Capão das Laranjeiras e Traíras. E, em 1895, na Serrilhada, Caverá, Cacimbinhas (Pinheiro Machado) e em Santa Maria Chico, além de várias ações de menor porte.

Em Nov 1893, o 1º RC e o 3º BI, integrando a Divisão do Norte, atuaram em Santa Catarina na tentativa de operar junção com a 5ª RM/5ª DE (PR e SC). Em Mar 1894 essas unidades voltam a atuar na mesma área, combatendo em Tijucos e Serra do Oratório. Lado a lado com forças da 3ª RM, os 2º BI (Ativa) e 2º BI (Reserva) da Brigada Militar ajudaram Carlos Telles a escrever uma página imortal da História Militar do Brasil.
Em Rio Negro, em combate seguido de massacre que o Ten Cel Silveira descreve com todo o realismo e crueza, combateu ao lado do Exército e de Patriotas o 1º BI (Reserva), ao comando do Ten Cel Utalis Luppi, morto em ação. No combate de Laranjeiras morreu o intrépido Ten Cel Fabrício Batista de Oliveira Pillar, cedido pelo Exército, à frente do 1º Regimento de Cavalaria, hoje Regimento Pillar. Seu primeiro comandante foi o Cel

em Comissão Joaquim Pantaleão Telles de Queiroz.

O historiador citado, José Luiz da Silveira, em suas Notícias históricas, descreve a atuação operacional do Ce1 Pantaleão Telles em diversas frentes no combate à Guerra Civil de 1893-95 no RS, impropriamente chamada Revolução Federalista.

O comandante do legendário batalhão da Brigada Militar no cornbate do arroio das Traíras foi o Ten Cel do Exército Cipriano da Costa Ferreira, mais tarde comandante da 3ª RM em 1921-22 e comandante, ou melhor, Inspetor do 2º Grupo de Regiões de 1922-27, a raíz histórica do atual CMS.

De muito interesse para urna visão sintética da Brigada Militar são as seguintes obras do Cel BMRS Reformado Hélio Moro Mariante, citado anteriormente: - Crônica da Brigada Militar. P. Alegre: Imprensa Oficial, 1972; e - Sarilhos Milicianos. P. Alegre: Brigada Militar, 1990. Obras que indicam a bibliografia sobre a Brigada Militar onde figuram, entre outras, as obras dos historiadores pioneiros da Brigada, Miguel José Pereira e Cel Aldo Ladeira Ribeiro.

O atual QG da Brigada Militar, de longa data, tem tido essa função, sendo reconstruído em 1927, segundo Moro Mariante na op. cit. Existe Fé-de-Oício do Gen Pantaleão, 1º comandante da Brigada Militar, em poder do historiador Cel BMRS Luís Silveira, o que cobre lacuna sobre a vida e obra do 1º comandante desta corporação. O citado Gen Cipriano, herói do combate de Traíras, foi comandante da Brigada Militar em 1915, antes de comandar a 3ª RM.

A obra citada do Cel Silveira ‘O Rio Grande pelo Brasil’, conta a movimentada história da Brigada Militar de 1897 até 1932 e inclui o combate do Cerro Alegre, em Piratini, do qual seu autor participou e, em especial, no combate as revoluções de 1923, 1924/25, 1926, 1930 e 1932.

A Brigada Militar deve a seus ilustres e dedicados historiadores coronéis Hélio Moro Mariante e José Luiz Silveira o resgate de suas Histórias e Tradições, constituindo valiosos subsídios para que escrevessemos esta História da 3ª Região Militar, que encontrou sempre na Brigada Militar uma leal e solidária colaboradora.

O primeiro Comandante e organizador da Brigada Militar do RS de 12 Out 1892 a 30 Jul 1896

Cel Art Joaquim Pantaleão Telles de Queiroz (1857-1926)

Oficial de Artilharia do Exército. Foi o lº comandante e organizador da Brigada Militar, em cuja frente, como Major e Coronel em Comissão, esteve por cerca de três anos, 9 meses e 18 dias. Período coincidente com a Guerra Civil ou Revolução Federalista (1893-94) onde, segundo o Gen Francisco Moura, Ministro da Guerra que assumiu o comando em chefe no Rio Grande do Sul no combate à citada revolução, Pantaleão Telles "se houve sempre com muita abnegação e valor no comando da Brigada Militar".

Nasceu em Porto Alegre em 11 Ago 1857, filho do Cap Jaime Silva Telles, irmão dos futuros generais João Telles e Carlos Telles, combatentes da citada Guerra Civil. Era praça de 14 Jul 1875. Cursou Infantaria e Cavalaria na Escola Militar de Porto Alegre em 1875-79 e a Escola Militar da Praia Vermelha de 1879 a 81, onde cursou Engenharia e Ciências Físicas e Matemáticas. Serviu na Fortaleza de Santa Cruz em 1882-85 e no Regimento Mallet em São Gabriel (1886-89), onde conheceu o Dr. Gastão Abott, que criaria a Brigada Militar e lhe confiaria seu comando.

Era sobrinho dos generais e irmãos João e Carlos da Silva Telles e do Ten Cel José Carlos da Silva Telles, que se notabilizou na defesa dos portos de Santos e do litoral norte de São Paulo no combate à Revolta na Armada. Pantaleão Telles comandou o 2º Batalhão de Engenharia, depois 1º Batalhão Ferroviário de Lajes, SC, cuja evolução estudamos no artigo 'Antecedentes da Arma de Engenharia no Comando Militar do Sul', no jornal A Engenharia Militar, Cachoeira do Sul, 8 Abr 1994.

Foi Sub-comandante do 2º BE (depois lº BFv de Lages, SC), nos agitados dias vividos em 1891-92 de lutas entre republicanos e federalistas pelo poder no Estado. Pantaleão Telles comandou a Brigada Militar de 15 Out 1892 a 30 Jul 1896, por quase quatro anos. Sua primeira missão no comando da Brigada, a qual ele comandou pessoalmente e que será descrita no próximo capítulo foi efetuar a prisão trágica e rumorosa do Cel da Guarda Nacional Facundo Tavares, envolvido em conspiração revolucionária, da qual resultou sair ferido ele, o Cel Facundo, e mortos dois filhos deste. Tragédia que envolveu as famílias Silva Telles e Silva

Tavares, incluindo a perda da razão da esposa do Cel Facundo.

O historiador José Luiz da Silveira, em suas Notícias históricas, descreve o providencial socorro prestado por Pantaleão ao heróico batalhão da Brigada Militar que enfrentou o Cel Zeca Tavares (José Bonifácio da Silva Tavares) no célebre combate das Traíras.

Depois de 1896, Pantaleão Telles serviu no EME (1900-1907), e na 8ª RM, onde foi elogiado por seu comandante, o bravo Gen Julião Augusto Serra Martins, herói esquecido da resistência da Lapa no comando do 17º BI (formador do 7º BIB Santa Maria). Cel em Ago 1908, foi Gen Bda na Ativa. Faleceu em 25 Fev 1926 aos 69 anos. Ele carece de uma biografia mais precisa como o 1º comandante e organizador da Brigada Militar.

Notas do Anexo 1

1 - Com apoio no 1º Ciclo de Palestras sobre História do RS. P. Alegre, COMOCI/RS, 1986. pp. 151-159 (Presidência: Sara Beatriz de P. Venegas).

2 - Vide do autor O centenário do sítio federalista de Bagé. A Defesa Nacional. Nº 763, Jan./Mar. 94.

3 - Produzimos trabalho em 1994 na RIHGB, A Defesa Nacional e DO Leitura sobre a contribuição paulista à consolidação da República (1893-95), onde resgatamos a sua ação.

ANEXO 2 AO CAPÍTULO 6

A Revista do Instituto Historico Geográfico do RGS nº 129, ano 1993, publicou valioso documento atribuído ao Dr. Júlio de Castilhos, constante de Plano Revolucionário para recuperar o poder que perdera para o que batizou ironicamente de ‘Governicho’.

Ressalta neste Plano o que seria esperado da 3ª RM através de seu comandante Bernardo Vasques, ou seja, neutralidade, que algumas fontes têm negado e que acusam o general de envolvirnento militar pró-governo Júlio de Castilhos.

Aparece a figura do Mal Falcão da Frota atuando como deputado mas não em nome do Exército, e do mesmo modo o Mal Isidoro Fernandes, não mais comandante de Fronteira, mas comandante de forças estaduais civis mobilizadas para a derrubada do Governicho.

Além do interesse histórico, o documento é transcrito por seu valor

profissional para estudos sobre planejamentos operacionais. A 4ª Brigada Civil, ao comando do Gen Hon Luiz Alves, tinha como uma espécie de chefe de Estado-Maior o polêmico escritor Alfredo Varela, e tropas civis recrutadas em Pelotas, Pinheiro Machado, Piratini, Canguçu, São Lourenço, Camaquã e Encruzilhada, que tiveram a missão de atacar o Gen Joca Tavares em Bagé, o que não aconteceu por haver ele deposto, em parte, as armas, tendo as referidas tropas entrado em Bagé. Assunto que abordamos em detalhes, até então pouco esclarecidos e, principalmente, pelo historiador Alfredo Varela que devia ter escrito sobre o episódio e não o fez, e nem sobre a revolução, dedicando-se à Revolução Farroupilha. Eis o plano ora revelado pelo IHGRGS.

Plano de Ação Revolucionária - 1892
Consideração Preliminar

É convicção geral do partido republicano que a revolução armada torna-se necessária e inevitável não somente para restabelecer o regime constitutional do Estado, e fazer cessar uma situação anômala e aviltante como também para evitar que se restaure o domínio do Dr. Gaspar Martins, domínio fatal ao Rio Grande do Sul e funesto às próprias instituições da República.

Convencido desta verdade, o partido republicano está absolutamente disposto à luta armada. Se tal não fosse o seu sagrado empenho de honra, teria ele de dissolver-se porque ficaria reduzido a uma existência puramente nominal, sem poder agir com eficácia, e perderia sua razão de ser. Isto equivaleria a um desastroso e imperdoável suicídio, do qual só auferirão proveito os disfarçados inimigos da República, que ora pretendem recuperar no Estado o que perderam na queda da monarquia, ainda que sacrifiquem a felicidade do Rio Grande e ponham em risco as instituições vigentes.

Assim, pensando, entendeu o partido republicano que lhe cumpria aparelhar os elementos materiais de luta, para estar pronto a agir no momento declaradamente oportuno. Eis o que tem ele feito e está fazendo. Em toda parte começou em tempo e prossegue ativamente, com as indispensáveis precauções, esse aparelhamento já quanto à aquisição de armas, já quanto ao pessoal capaz de lutar em nome da honra e da

salvação da República no Rio Grande.

Para imprimir a indispensável unidade ao movimento revolucionário está constituída em Porto Alegre uma junta diretora, composta do ***General Júlio Frota*** *e dos* ***Drs. Júlio de Castilbos*** *e* ***João Alves.***

À junta compete fixar o dia do rompimento e expedir as instruções e ordens que forem necessárias.

Observações Gerais

O movimento não poderá começar, em caso algum, senão no dia fxado pela Junta, que fará o possível para que a fixação chegue ao conhecimento dos chefes revolucionários locais com uma antecedência de oito dias, pelo menos.

Outrossim, o movimento deverá efetuar-se simultâneamente em todas as regiões do Estado, exceptuados os raros pontos em que faltam elementos de força.

A simultaneidade é condição primária de êxito pronto e completo. Outra essencial condição de sucesso reside no sigilo e na precaução criteriosa; por isso, os chefes locais só devem confiar os pormenores do plano revolucionário aos companheiros mais íntimos e mais discretos, tendo em vista que muitos há que, por uma nobre exaltação cívica ou irreflexão momentânea, incidem facilmente em indiscrição comprometedora.

No dia em que for determinado, sem esperar outro qualquer aviso, o partido republicano entrará em ação armada, cumprindo-lhe executar as seguintes prescrições, tanto quanto for possível:

I - O levante deve ser operado de surpresa, a fim de estarem os inimigos desprevenidos; sendo assim, tornar-se-á dispensável nas cidades, vilas ou povoados, formar de véspera reunião numerosa, qua despertaria imediatas suspeitas.

II - Os chefes locais providenciarão para que, no dia do rompimento, sejam desde logo detidos, presos ou reduzidos à impotência, por qualquer forma, os cabecilhas inimigos, evitando-se assim a resistência e consequente conflito.

III - Dever-se-á ***incontinenti*** *tomar posse das estações telegráficas, das repartições do Estado, dos cargos de autoridade pública, do armamento da polícia, se esta não aderir prontamente ao movimento, bem como*

cumprirá abafar ou reprimir por meios violentos, sem restrições, qualquer tentativa de resistência. Quanto às estações telegráficas, convém que sejam interrompidas por isolamento as respectiwas comunicações, salvo nas localidades em que, por circunstâncias imprevistas, for necessário cortar o fio elétrico.

IV - Em cada cidade, vila ou povoado, logo que fiquem garantidos os resultados da vitória, será estabelecido o serviço da respectiva guarnição; no mesmo dia, os chefes locais farão marcharem para os destinos determinados as forças que puderem ser dispensadas, conforme o que adiante se prescreve.

Zonas Revolucionárias

A 1ª zona abrange os seguintes municípios: Santo Ângelo, São Luiz, Povinho, São Francisco de Assis, São Borja, Itaqui, Uruguaiana, Quaraí, Livramento, Alegrete, Rosário, São Gabriel, São Vicente, Santa Maria e São Martinho.

A 2ª zona é constituída pelos municípios de Pelotas, Santa Izabel São Lourenço, Piratini, Canguçu, Cacimbinhas, Camaquã, Encruzilhada, Jaguarão, Herval, Arroio Grande, Santa Vitória, Povo Novo, Rio Grande e São José do Norte.

A 3ª zona compreende o município da capital e todos os que não estão incluídos nos dois primeiros.

A composição das zonas serve de base ao plano da ação revolucionária.

Composição das Forças e Comandos

Se forem estritamente observadas as regras acima estabelecidas, é muito provável que o movimento não encontre obstáculos e seja vitorioso desde logo. Entretanto, cumpre considerar a atual situação dos inimigos do partido republicano, que evidentemente intentam usurpar, mesmo pela violência, a direção e o governo do Rio Grande, suplantando os verdadeiros amigos da República. Para não haver imprevidências, é mister que não se considere impossível a oposição armada dos inimigos. Da previsão desta hipótese decorrem as presentes instruções.

Exercerá o comando em chefe das forças revolucionárias o General Isidoro Fernandes, que terá como auxiliares imediatos os generais Hypolito Ribeiro, Rodrigues Lima e Luis Alves Pereira, cabendo ao General Hypolito o subcomando das forças que, para entrarem em

operações serão divididas em cinco brigadas assim discriminadas.

A 1ª brigada, sob o comando do General Lima, se comporá das forças que possam fornecer os municípios de São Luiz, Santo Ângelo, Povinho e São Borja, calculados em dois mil homens no mínimo.

A 2ª, sob o comando do Coronel Firmino Fernandes Lima, se comporá das forças que possam fornecer os municípios de Itaqui, São Francisco, Uruguaiana, Quaraí e Livramento, calculados em dois mil homens no mínimo.

A 3ª brigada, sob o comando do Tenente Coronel Francisco Portugal, se comporá das forças que possam fornecer os municípios de São Gabriel, São Vicente, Santa Maria, São Martinho e Rosário, calculados em mil e quinhentos homens no mínimo.

A 4ª brigada, sob o comando do general Luiz Alves, se comporá das forças que possam fornecer os municípios de Pelotas, Cacimbinhas, Piratini, Canguçu, São Lourenço, Camaquã e Encruzilhada, calculados em mil e quinhentos homens, no mínimo.

A 5ª brigada, sob o comando do cidadão que for indicado pelo chefe republicano do extremo sul, Dr. Carlos Barboza, se comporá das forças que possam fornecer os municípios de Jaguarão, Herval, Arroio Grande, Santa Izabel, Santa Vitória e Povo Novo, calculados em mil e quinhentos homens no mínimo. Aos chefes das brigadas compete organizar os respectivos corpos cujos comandantes devem ser escolhidos de acordo com as altas conveniências polítícas e com as aptidões militares de cada um. Recomenda-se aos aludidos chefes que deve ser ímpar o número dos corpos componentes de cada brigada, para poderem ser atendidas as necessidades táticas.

Operações

Nao há duvida de que Bagé é o ponto magno dos inimigos, não só porque ali tem elas o seu principal depósito de armas, como também por ser aquela cidade a sede do general Tavares, que é o seu único chefe de guerra. Por isso mesmo, supondo que o referido general pretenda resistir à revolução é imprescindível determinar previamente os meios de vencer a resistência.

No mesmo dia em que tiver começo o movimento, a 1ª, 2ª, e tarceira brigadas se moverão convergentemente da seguinte forma:

As forças de São Luiz e Santo Ângelo damandarão o ***Povinho****, a*

fim de bataram a dispersarem, de passagem, reuniões inimigas; depois tomarão a direção de ***Alegrete****, fazendo junção com as forças de São Borja, Itaqui e São Francisco, no Ibicuí, onde os que primeiro chegarem aguardarão os que forem retardados pela distância, salvo se os primeiros se julgarem habilitados a atacar Alegreta, sem o concurso dos segundos. Obtida a vitória em Alegrete, seguirão em direção ao* - ***Passo da Cruz*** - *próximo do Livramento, a fim de aguardarem aí as ordens do General Isidoro. Este itinerário poderá ser alterado em face das circunstâncias imprevistas, a juízo do chefe ou chefes das forças em marcha.*

As forças de São Borja, Itaqui e São Francisco deveraão marchar em direção ao ponto acima indicado, tendo em vista a tomada de Alegrete, donde seguirão também para o - ***Passo da Cruz****.*

As forças de Santa Maria, São Martinho, São Gabriel, São Vicente e Rosário, demandarão também - ***Passo da Cruz*** - *em marcha acelerada.*

As forças de Uruguaiana e Quaraí se dirigirão ao rumo de Livramento, sem a menor demora.

Quando se puserem em marcha todas estas forças, deverão observar as seguintes recomendações:

I - *Não é indispensável que as brigadas sigam para o seu destino com todos os corpos que as devem constituir, convindo que marchem desde logo, os primeiros núcleos que se formarem.*

II - *As marchas deverão ser efetuadas com a maior rapidez possível, porque disto dependerá em grande parte o êxito das operações.*

III – As forças marcharão com todas as cautelas, para evitarem surpresas e em número suficiente para repelirem qualquer investida repentina.

IV - *Estando em marcha as forças, o chee ou chefes deverão, sempre que for possível, dar ciência ao general Isidoro, dia por dia, do lugar em que acampam e de quaisquer ocorrências que interessem às operações.*

Estas comunicações se farão por próprios de inteira confiança, ou pelo telégrafo, quando for possível.

Cumpridas estas regras, tudo ficará facilitado para a vitória definitiva.

Depois de fazerem junção, as mencionadas forças que constituirão uma "divisão em operações", sob o comando do general Hypolito Ribeiro, *o general Isidoro, na qualidade de comandante em chefe de todas as forças revolucionárias que operam, terá autoridade bastante para*

modificar as organizações das brigadas e a composição dos corpos, conforme julgar conveniente, à vista das circunstâncias em que se houver de efetuar a marcha sobre Bagé.

Neste momento supremo, estando no campo da luta armada os intrépidos defensores do Rio Grande e da República, nenhum se furtará ao dever de honra, nenhum obedecerá a um vão amor próprio, nenhum ouvirá a voz da vaidade frívola; ao contrário, todos obedecerão conscientemente, sem a menor hesitação a palavra do supremo chefe militar ou dos chefes imediatos, todos saberão ser abnegados servidores da causa sagrada do partido republicano. Não é lícito esperar que tenham outra conduta os verdadeiros republicanos que vão expor pela Republica a própria vida.

4ª brigada, depois de reunidas as forças que a constituem, terá por fim: 1° embaraçar toda e qualquer comunicação entre o município de Bagé e os de Pelotas, Piratini, Canguçu, cumprindo-lhe interromper por todos os meios as comunicações telegráficas, impedir o trânsito por via férrea, arrancando-lhe os trilhos em vários lugares, e guardando a ponte respectiva com força respeitável, ponte que deve ser fortificada, e proceder do mesmo modo quanto a estrada geral e a ponte das tropas existentes no rio Piratini; 2º distribuir as partidas que forem suficientes para bater ou evitar reunião inimiga; 3° auxiliar a ação sobre Bagé, no cumprimento das ordens que emanarem do general Isidoro. A 5ª brigada, terá por fim: 1° tomar posse dos municípios do extremo sul; 2° restaurar a legalidade em Santa Vitória, para o que será necessário e indispensável que de Jaguarão marche uma força de trezentos homens armados e municiados que, reunidos aos republicanos daquele município, batam as forças do caudilho Gumersindo Saraiva, que, segundo informações fidedignas dispõe de duzentos homens armados de carabinas; 3° vencer inimigos do Herval, onde o partido republicano não conta elementos materiais para sucesso imediato; 4° cumprir as ordens que incidentemente lhe forem expedidas pelo general Isidoro.

A cidade do Rio Grande e a Vila de São José do Norte com todos os seus distritos, formam uma região isolada, que empregará os seus recursos de força no sentido de restabelecer as autoridades republicanas, podendo pedir auxílio a Pelotas, se ali for conveniente na ocasião da prática de atos revolucionários, a juízo dos diretores locais do partido,

que resolverão de harmonia com as circunstâncias. Como quer que seja, a vida do Rio Grande, imediatamente ou não, ficará sujeita à ação dos revolucionários.

A cidade de Porto Alegre e os municípios não compreendidos na menção acima feita agirão de acordo com as ordens diretamente emanadas da **Junta Diretora Central,** *que providenciará em tempo, ficando, porém, subentendido que, em todos eles o partido efetuará o levante no dia determinado. Entre estes municípios, compreendem eles os de Lagoa Vermelha, Passo Fundo, Soledade, Palmeira e Cruz Alta, cujos chefes locais agirão de comum acordo, em ação combinada, de modo a prestarem-se auxílios mútuos, para ser abafada de pronto qualquer iniciativa de reação.*

Tais são as principais operações, no caso de ser inevitável a luta armada.

Explicações Complementares

A revolução tem por fim imediato a restauração da ordem constitucional do Estado, regulada e legitimamente instituída em 14 de julho de 1891 pela Assembléia Constituinte Rio-Grandense.

É claro, portanto, que deverão ser indenizados pelos cofres do Estado as despesas que for em diretamente determinadas pela revolução, quer as que se fizerem no preparo e coordenação dos elementos de luta, quer as que se efetuarem durante a ação revolucionária.

O pagamento se realizará oportunamente, precedido pelo maior escrúpulo, e só abrangerá as contas das despesas que forem feitas provadamente legitimadas para bem do grandioso movimento revolucionário.

O cálculo das forças revolucionárias, tal como se verifica acima, baseia-se nas informações e dados fornecidos pelos chefes republicanos locais. Convém, todavia, assinalar que os algarismos mencionados representam o mínimo das forças, em cujo balanço definitivo fizeram-se propositalmente descontos consideráveis, porque em um plano desta natureza cumpre prever as hipóteses mais adversas. ***Nada de otimismo****.*

Cumpre não perder de vista a atitude da força federal, para conhecimento dos chefes declare-se com mui bem fundadas razões que a maior e melhor parte desta força nutre francas simpatias pelo partido republicano. Sabe-se também que o general Bernardo Vasques,

comandante do distrito, é absolutamente infenso à política e à prepotência do Dr. G. Martins, bem como reconhece que o partido republicano é politicamente o único sustentáculo da república, no Estado, não tendo valor a seus olhos a ditadura atual. Em resumo, a neutralidade é o que de menos se pode esperar do Exército, e isso deve bastar, sendo certo também que será reduzido à inércia pela maioria da força federal qualquer núcleo que, quebrando a neutralidade, tente auxiliar os inimigos ou embaraçar o movimento.

Tudo faz crer que o movimento surgirá no decurso do mês de maio, ou quando mais tarde, até meados de junho. Devem portanto, estar preparados os chefes, para, uma vez recebido o aviso relativo ao dia, entrarem em ação com a maior vantagem.

Vencer com glória ou morrer com honra! Tal é a divisa sagrada.

Aditamento: as forças revolucionárias usarão o seguinte distintivo = mostrarão as cores ***verde e amarelo*** *no chapéu, a tiracolo ou no braço esquerdo.*

Obs: Povinho e Cacimbinhas no texto referem-se aos nomes anteriores de Santiago do Boqueirão e Pinheiro Machado. O Distrito Militar é a atual 3ª RM. O presente documento foi transcrito para análise do que o autor colocou em negrito, referente à posição esperada pelo Partido Republicano do Exército no tocante à 3ª RM e ao seu comandante Gen Bernardo Vasques, que entendemos se manteve neutro no campo militar, em que pesassem suas simpatias pelo Partido Republicano, o que tentamos demonstrar no presente capítulo e dentro do princípio de que "informação é liberdade de escolha!"

Os generais Hipolito Ribeiro, Rodrigues Lima e Luiz Alves Pereira eram oficiais honorários e próceres civis republicanos. Sobre a ação desconhecida do Gen Luiz Alves à frente de sua 4ª Brigada Civil a estudamos neste capítulo com vistas a assinalar a posição do comandante da 3ª RM, Gen Bernardo Vasques, de não intervenção militar nesta revolução de disputa pelo poder. General que terá reconhecida a sua isenção como ministro da Guerra de Afonso Pena e intermediador da Paz de Pelotas. Curioso o desaparecimento da História da deposição do Governicho em Bagé e do comandante da 4ª Bda Gen Hon Luiz Alves e de seu Chefe de EM Alfredo Varela, aparecendo só os comandantes das tropas a ele subordinados, coronéis Maneco Pedroso e Bernardino Mota.

Qual seria a razão? A qual contraria a máxima castrense: "que o chefe é o responsável pelo que acontecer ou não!"

O plano transcrito se constitui-se em um exemplo real para estudos por alunos de nossa escola militar.

ANEXO 3 AO CAPÍTULO 6

Aspectos da 3ª RM no ano de 1893

Quando visitamos a 5ªSec/CMS, o Cel Miracis Rogério Flores nos cedeu este precioso documento histórico intitulado: LOBO VIANNA, José Feliciano. Guia Militar. Rio: Imprensa Nacional, 1893.

Obra publicada com a autorização do Ministro da Guerra, Gen Bda Francisco Antonio de Moura e coincidente com o 1º ano da Guerra Civil, 1893-95, que passou à História como Revolução Federalista de 1893-95, ou Revolução de 93, no RS.

O documento dá um fiel retrato do Exército em 1893 bem como da área da 3ª RM (então 6º Distrito Militar).

O livro destaca a biografia do General Andrade Neves, o Barão do Triunfo. E o exemplar que consultamos foi ofertado pelo autor ao Gen Div Grad José Joaquim de Andrade Neves.

É obra preciosa pelas informações que contém e que dedica 18 páginas à análise da situação da 3ª RM, OM constitutivas com respectivos comandantes, inclusive a Escola Militar da Redenção como características do quartel, histórico, regulamento, cursos, corpo docente e administrativo; o Arsenal de Guerra, oficiais, etc.; a Casa da Pólvora, defronte a Guaíba e desde 1831 servindo àquele fim; o Hospital Militar criado em 1859 funcionando no flanco direito da Santa Casa em quatro enfermarias, “sendo um dos melhores ou o melhor do Rio Grande do Sul”; Comissão de Engenharia Militar dividida em seis distritos com sede junto ao QG provisório da 3ª RM, situado na rua Duque de Caxias, esquina Gen João Manuel; a Comissão de Construção de Linhas Telegráficas, sediada em Porto Alegre, tendo construído as linhas: Rio Pardo - Santa Cruz, com 36 km; Cruz Alta - Passo Fundo, com 133 km; Rio Grande - Santa Vitória, com 212 km; Dom Pedrito - Santana, com 83 km.

Trabalhava nas linhas Caçapava - São Sepé (42 km) e projetava a Passo Fundo - Nonoai, com 116 km. Trabalhos executados na gestão do

Maj Bento Manoel Ribeiro Carneiro Monteiro, filho do Barão de São Borja e neto do Ten Gen Bento Manoel Ribeiro, futuro chefe assinalado do EME em 1919-21 e criador da Missão Indígena da Escola Militar no Rio.

Esta comissão tinha à sua disposição 50 homens do 2º BE e o Laboratório Pirotécnico do Menino Deus, na estrada da Cavalhada, a 5 km do centro de Porto Alegre, no sopé do Morro Cristal. Criado em 1865 e extinto em 1878, era uma oficina do Arsenal e contava com o Conselho de Fornecimento de Víveres e Forragens funcionando na rua Duque de Caxias em frente à Secretaria de Polícia.

Além destes existiam em Porto Alegre os seguintes edifícios ocupados pelo Exército:

- Edifício mandado construir em 1828-29 para hospital. Ali aquartelou o 8º BC (Revolução Farroupilha), os 12º, 13º e 4º BI. Na Revolução de 1930 foi quartel do 7º BC e depois da 5ª Cia PE. Foi reformado no início do século pelo comandante da 3ª RM, Gen Godolphim. Foi demolido depois.
- Edifício atrás e no flanco direito da Escola Militar no arraial do Leão e onde aquartelou o 2º BE (depois 1º BFv.).
- Quartel dos Guaranis, em ruínas na rua Riachuelo, esquina Vasco Alves. Em 1773 foi Depósito de Polvora, após quartel da Milicia Guarani e em seguida da Artilharia da Legião de São Paulo, da Artilharia Montada do Rio, da Companhia de Inválidos e finalmente Depósito de Disciplina (Cadeia).
- Casa antiga, quartel dos 12º e do 18º BI, frente para a rua dos Andradas e fundos da praça Padre Thomé. Depois foi depósito.

Com a ressalva de não ter desenvolvido a 3ª RM com mais detalhes, em razão da Revolução em curso, o autor Lobo Vianna forneceu entre outros os seguintes dados:

População do Rio Grande do Sul: um milhão e 200 mil hab. Relacionou as seguintes ferrovias: Porto Alegre-São Leopoldo-Novo Hamburgo; Rio Grande-Cacequi; Quaraí-Itaqui, todas em tráfego. E, em construção, Bagé-Uruguaiana; Cacequi-Uruguaiana; Santa Maria-Itararé, SP e em projeto: Pelotas-São Lourenço e Torres-Porto Alegre.

Este sistema era complementado por linhas de diligências ligando regularmente as cidades e vilas entre si e por navegação fluvial adiantada, com vapores de pequeno calado, em viagens regulares ligando localidades banhadas por cursos d’água navegáveis.

O principal produto era o charque e “a indústria de iniciativa das colônias alemã e italiana desenvolvia-se vertiginosamente”.

O QG provisório da 3ª RM funcionava em prédio próximo ao do Governo do Estado na rua Duque de Caxias, esquina Gen João Manoel e que no ano anterior fora atingido por um disparo da canhoneira Marajó, revoltada, em 20 Jun 1892.

O comandante da 3ª RM era o Gen Bda Antonio José Maria Pêgo Jr. O auditor era o Dr. José Carneiro de Revoredo Barros.

A 3ª RM era dividida da seguinte forma em Guarnições e Fronteiras de: Rio Grande (até o Chuí); Bagé; Jaguarão; Sant'Anna do Livramento; Uruguaiana; Missões (São Borja, São Luiz, Itaqui, etc).

Além destas, havia as guarnições de Porto Alegre, Pelotas, Dom Pedrito, Alegrete, São Gabriel, Cachoeira e Rio Pardo.

A 3ª RM possuía 21 unidades de combate:

- 2º BE - Cmt: Cel Emydio C. de Mello - Rio Pardo;
- 1º RA Campanha - Cmt: Cel Luiz Gomes C. de Andrade - São Gabriel;
- 3º RA Posição - Cmt Ten Cel Antonio Vicente do E. Santo - Rio Grande;
- 2º RC - Cmt: Cel Francisco Maria P. Bittencourt - Jaguarão;
- 3º RC - Cmt: Ten Cel Carlos Luiz Andrade Neves - São Borja;
- 4º RC - Cmt: Ten Cel Lydio P. dos Santos Costa - Uruguaiana;
- 5º RC - Cmt: Cel Christino P. Bittencourt - Bagé;
- 6º RC - Cmt: Cel Alfredo Barbosa - Jaguarão;
- 11º RC - Cmt: Cel José Joaquim A. Correia - Quaraí;
- 12º RC - Cmt: Cel João Baptista Almeida - Sant’ana;
- Corpo de Transporte - Cmt: Maj Francisco de Paula Alencastro-Cacequi;
- 3º BI - Cmt: Cel Antonio B. Figueiredo - Jaguarão;
- 4º BI - Cmt: Cel José Salustiano F. dos Reis - São Gabriel;
- 6º BI - Cmt: Cel Luis Alves O. Salgado - Uruguaiana (Revo1ucionário em 1893);
- 12º BI - Cmt: Cel Bento Luiz Gama - Rio Grande;
- 13º BI - Cmt: Cel Thomaz Thompson Flores - Porto Alegre;
- 18º BI - Cmt: Ten Cel Pedro Antonio Nery - Alegrete/Santana;
- 28º BI - Cmt: Ten Cel Donaciano de A. Pantoja - Rio Pardo;
- 29º BI - Cmt: Ten Cel João Cézar Sampaio - Pelotas (mais destacado em Rio Grande com a Revolução); e
- 30º BI - Cmt: Arthur Oscar A. Guimarães - Porto Alegre.

Durante a Revolução coube ao Exército guarnecer e proteger as ferrovias e instalações do telégrafo, como se verá em local próprio.

As unidades mudavam com frequência de sede em função das necessidades.

RIO PARDO

Descreve a Escola prática, regulamentos, edifício-sede, menciona o Comandante Ten Cel Ricardo Fernandes da Silva e o corpo docente. Localiza o Campo de Tiro do Cabral a 6 km de Rio Pardo, sobre a ferrovia Porto Alegre-Uruguaiana, com 3 km de extensão e 8 mil metros quadrados de área. A linha de tiro de Artilharia e armas portáteis na direção N-S com 2 km de comprimento e 8 m de largura. Menciona a linha de Tiro da Boa-Vista, distante 800 m da Escola, direção SE-NO, para tiro de armas portáteis. E ainda:

- a Enfermaria Militar na Praça da Matriz, antiga residência do comandante da Fronteira do Rio Pardo em 1781 e onde teve início a Escola Militar em Rio Pardo; e
- Em dois prédios alugados aquartelava o 2º BFv e alojava a Farmácia Militar.

SANTA MARIA

- Depósito de Artigos Bélicos (em trânsito). Funcionando no extremo da rua do Comércio, longe da Estação Ferroviária, sob guarda de um grupo do 28º BI. Depósito destinado a funcionar em Cacequi,

> ponto estratégico da mais alta importância, a chave, a intersecção de todas as ferrovias estratégicas do Estado. Pela mesma razão, em Cacequi deverá estacionar o Corpo de Transportes.

SÃO GABRIEL

- Quartel do 1º RA Camp, situado num dos pontos mais altos e afastado do centro.
- Quartel do 4º BI, a cavaleiro do Passo da Lagoa no Vacacaí, ou Forte de Caxias, "ponto estratégico de 1ª ordem para a cidade".
- Pagadoria, Enfermaria e Farmácia no sobrado magnífico, à rua Barão de São Félix.
- A invernada nacional, próximo a estância da Caieira, meia légua do quartel, comprada em 1874, com 2,5 léguas.
- Casa de propriedade do Dr. Jonathas Abbot, alugada e depósito da munição do 1º RA Camp.

- Depósito de Artigos Bélicos, funcionando no quartel do Forte Caxias.

SAICÃ

- Invernada Nacional, em Rosário, 63 km²,

> destinada à criação de cavalos para o Exército em emergências, quando o mercado do Prata foi vedado ao Brasil. A casa do encarregado, Cel Hon Israel Ramiro da Silva Souto, é de pau a pique e coberta dc palha.

ALEGRETE

Existe prédio do Exército que serviu de quartel do 18º BI. Situa-se numa coxilha a poucos metros do rio Ibirapuitã (o 18º BI fora expulso da cidade em 1891, como foi abordado).

COLÔNIA MILITAR DO ALTO URUGUAI

Fundada em 5 Dez 1879, para a produção pecuária

> para apoiar operações militares próximas. É ponto avançado estratégico de 1ª contra a Argentina, encravada em Palmeira com 800 a 1.000 hab., cento e tantas casas, sendo 3 de comércio.

URUGUAIANA

- Quartel que serviu ao 6º BI na rua Bento Martins, "com o inconveniente dc inclinação considerável que o expõe a tiros da margem direita ao Uruguai."
- Quartel do 4º RC à rua Aquidabã, no extremo L da cidade, a 150 m do rio Uruguai.
- Invernada do 4º RC no campo de Inocêncio Gomes.

SÃO BORJA

Comandada pelo Brig Hon Francisco Rodrigues de Lima como Comando da Guarnição e Fronteira das Missões.

- Antigo quartel do 3º RC, no passo São Borja do rio Uruguai.
- Enfermaria e Farmácia Militar em edifício do Exército no Passo de São Borja.
- Campo Rincão Nacional de São Borja com 14.265 hectares. Invernada do 3º RC. Pertenceu aos jesuítas.

SANT'ANA DO LIVRAMENTO

- Quartel do Cerro do Depósito, do 12º RC. "E impróprio à Cavalaria pelo dificil acesso a suas escarpas. Apresenta-se como bom alvo a projéteis inimigos".
- A invernada do 12º RC é arrendada, bem como o edifício de Enfermaria

e Farmácia Militar. É sede do comando e guarnição da Fronteira de Santana.

BAGÉ

- Quartel do 2º RC:

velho e imprestável com frente na rua Aurora, face direita na Silveira Martins e face esquerda na rua Gen Netto. Foi construído em 1846 por soldados do 2º RC e só foi terminado no comando do Ten Cel Manuel Luis Osorio. Osorio construiu-lhe a fachada. As obras foram custeadas com as economias do Regimento. É lastimável o estado deste prédio nacional sob qualquer ponto de vista. Ali aquartela o 5º RC. A invernada é alugada por Pedro Nunes da Silva Tavares por 250 mil réis/mês.

- Quartel do 4º RA Camp. "Pequeno e acanhado ao Sul de Bagé é de difícil acesso no inverno pelas enchentes". Está sendo construído edifício ao leste. "É uma obra que honra a arquitetura moderna e o engenheiro que a delineou. É a única obra em andamento do Estado".
- Ali aquartela destacamento do 2º BE, empregado em sua construção.

Estas unidades seriam cercadas no fim do ano por federalistas.

JAGUARÃO

- Quartel da Enfermaria e Farmácia Militar no Cerro da Pólvora, na entrada da cidade. Quase no cimo do cerro. "O edifício está sempre úmido e é prejudicial à saúde dos que o procuram em busca de cura".
- Quartel do 3º BI na praça Comendador Azevedo, final da rua Gen Osorio. "Construído pelo Barão de Caçapava em 1857 e somente em 1859 recebeu cobertura de telhas."
- Quartel do 2º RC na rua 27 de janeiro com invernada alugada próximo à cidade.
- Depósito de Pólvora na ilha do Gonçalo, dispondo de extenso e bem construído trapiche com casa-quartel do destacamento ao lado. O paiol escapa das cheias devido ao seu alto embasamento.
- Dois terrenos adquiridos em 28 Ju1 1849 para construção de fortificação com fundos para o rio Jaguarão.
- Edifício no Alto dos Dois Cerritos usado como paiol de pólvora.

RIO GRANDE

Sede do Comando e Guarnição de Fronteira do Ten Cel João Cézar Sampaio em sobrado à rua Gen Osorio nºs 13 e 15, entre a Praça

Municipal e a rua Pinto Lima.
- Quartel na praça Marquês do Herval construído para aquartelar um BI e onde aquartelavam o 29º BI e o 3º RA Posição.
- Enfermaria Militar na rua Aquidabã 67, estando em construção um hospital.
- Enfermaria de beribéricos à rua Reinghantz frente à Estrada de Ferro Southern.

Em Porto Alegre, o livro não faz referência ao prédio onde foi construído, pelo Gen Godolphim em 1906-08, o QG da 3ª RM, defronte ao atual. Quartel que a 3ª RM considera seu QG de longa data, o que foi regularizada pela Lei 5.972/73, em 15 Ago, por Usucapião Especial em cima de terreno com 1.284,92 m².

A 3ª RM possuía 1/3 a mais de todas as unidades operacionais do Exército. E ela receberia mais unidades durante a Guerra Civil de 1893-95.

Vigoravam os seguintes soldos, gratificações e etapas que, somadas, dariam a um general de divisão comandante da 3ª RM 1.315 mil réis (750 de soldo, 450 de gratificação de comando de RM e 265 de etapas). A um coronel comandante de unidade 667 mil réis (300 de soldo, 250 de gratificação de comando de unidade e 117 de etapas).

O comandante de uma brigada era gratificado com 370 mil réis e o comandante de Fronteira com 200.

Um 2º Tenente poderia ganhar no máximo 152 mil réis (90 de soldo e 62 de etapas).

A tabela de um mês de soldo era assim (em réis): Marechal: 750; Gen Div: 600; Gen Bda: 450; Cel: 300; Ten Cel: 240; Maj: 210; Cap: 150; 1º Ten: 105; e 2º Ten: 90.

O autor do Guia Militar em análise foi o 1º Ten de Artilharia José Feliciano Lobo Vianna, mais tarde memorialista da Escola Militar da Praia Vermelha e homenageado no nome do anexo da Biblioteca do Exército no Edifício da Praia Vermelha, destinado a alunos e famílias da ECEME e do IME.

Ele produziu em ‘O Jornal’ do Rio de Janeiro, de 1925 a 29 uma série de artigos em um total de 32, sob o título "Reminiscências da Escola Militar da Praia Vermelha” relacionados por: PEREGRINO, Umberto, Gen. História e projeção das instituições culturais do Exército. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1967, p. 134.

Lobo Vianna foi assistente de cátedra do Gen Pêgo Júnior na Escola Militar (vide pp. 24-28 e 35 da op. cit.), onde o Gen Pêgo também é focalizado como professor dc Descritiva e comandante da 3ª RM no início da revolução de 93 e, após isso, da 5ª RM do Paraná (Curitiba).

CAPÍTULO 7
A 3ª RM na Revolução de 93-95 e na Guerra de Canudos (1896-97)

A 3ª RM e a Revolução no comando do Gen Pêgo Júnior
A Revolução Federalista segundo a UFRGS

Em 5 Fev estourou a Revolução Federalista de 93, assim apreciada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que patrocinou o trabalho de Sérgio da Costa Franco **A Guerra Civil de 1893** (P. Alegre: Ed. UFRGS, 1993), tendo na 4ª capa:

> Entre 1893-95, o sul do Brasil foi palco de uma sangrenta guerra civil que colocou frente a frente republicanos jacobinos e positivistas, contra antigos liberais do regime monárquico. A violência das facções, o terror indiscriminado e sobretudo o apelo a chavões ideológicos como justificadores da ação bélica e repressiva, antecipam as carnificinas do século XX, cometidas em nome de ideias progressistas ou reacionárias.

É preciso que o leitor distinga neste contexto a atuação do Exército (3ª RM), da Brigada Militar e das forças populares. As últimas, recrutadas e comandadas por chefes políticos municipais de ambas as facções, e por conta das quais, pensamos, decorreu o terror, como temos tentado demonstrar. Isto foi o que identificou esta revolução como revolução de Bárbaros, Maldita e da Degola, caracterizada por violência requintada nos massacres do Rio Negro e do Boi Preto, como se verá.

O Exército foi impedido de intervir na disputa civil pelo poder por imposição da Constituição, em nome da Federação.

A Brigada Militar só foi organizada e obedecendo a regulamentos militares cerca de um ano após a renúncia de Deodoro, quando, segundo Tarcísio Taborda insistimos, "chefes políticos de ambas as facções organizaram seus exércitos particulares", sem respeito nenhum à Doutrina Militar, e passaram a se combater entre si, dando origem a uma série de

crimes políticos que merecem um estudo muito imparcial quando estudadas as denúncias republicanas e federalistas constantes das obras:
MOURA, Euclides B. de. O vandalismo no RGS.
ESCOBAR, W. Apontamentos para a História da Rev. 93.

Por exemplo, em Canguçu, consultando os óbitos constantes do Registro Civil e da Igreja, não há confirmação das acusações recíprocas, salvo tenham sido manipuladas por ambas as facções nos cartórios e registros da igreja.

Aqui, exporemos os pensamentos dos comandantes da 3ª RM, um pouco antes, durante e após a Revolução, todos voltados para a não-intervenção militar e pelo não-envolvimento de militares do Exército na disputa política.

Os comandantes da 3ª RM eram de fora do estado, no período mais conturbado, de 15 Fev 1892 a 16 Dez 1895 (o Gen Bernardo Vasques era de Magé-RJ, o Gen Pêgo Júnior era de Santos-SP, o Gen Bacellar e o Gen Moura eram cariocas e o Gen Queiroz Galvão era baiano).

Para evitar o envolvimento de militares do Exército da fronteira, recorre-se a unidades de Porto Alegre, Rio Pardo e Pelotas, ou vindas de outros estados como será demonstrado.

A guarnição da 3ª RM durante a revolução sofreu intensa movimentação. Muitas unidades vieram de fora, como se verá. Assim, ao consultarmos as Ordens do Dia da 3ª RM entre 1893-94, constatamos as seguintes unidades por guarnições, ou a ela pertencentes ou com permanência temporária:
Porto Alegre: 3º BI, 4º BI, **13º BI**, 14º BI, **30º BI**, 33º BI, 34º BI, 17º RC 11º RC, 13º RC e 2º BE.
Bagé: 30º BI, 31º BI, **5º RC**, 32º BI, Corpo de Transporte, 11º BI e 13º BI.
Rio Grande: 2º RC, 6º BI, 25º BI, 29º BI e 35º BI.
São Gabriel: 12º BI, 25º BI, 12º RC, **lº RA** e Corpo de Transporte.
Santana: 18º BI e 12º RC.
Jaguarão: **2º RC** e 13º BI.
São Borja: **3º RC.**
Alegrete: 6º BI.
Uruguaiana: 4º RC.
Dom Pedrito: 6º RC, vindo de Santa Vitória.
Cacequi: 6º RC (Out 93).

Torres: 17º BI.

Possuíam parada tradicional nas diversas guarnições antes da Revolução as unidades em negrito. Era incrível a facilidade com que se movimentavam as unidades no Brasil.

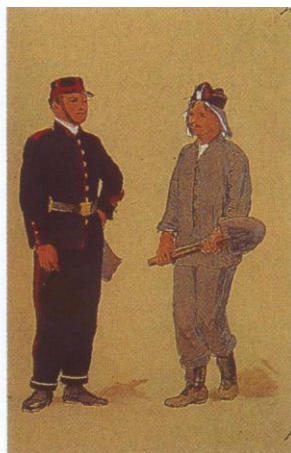
A seguir, mas depois das figuras dos uniformes da época, ofereceremos um panorama da atuação da 3ª RM na Revolução de 93, deixando a participação da Brigada Militar e das Forças Populares civis, para que sejam estudadas na vasta bibliografia a respeito. Elas serão apreciadas quando atuaram em conjunto com a 3ª RM e ao comando desta.

Uniformes usados pela tropa da 3ª Região Militar durante a Guerra Civil ou Revolução Federalista de 1893-95

Uniformes usados pelos oficiais de Infantaria dos 3º e 30º BI, sediados em Porto Alegre,

29º BI (Pelotas e Rio Grande), 28º BI (Rio Pardo), 31º (Bagé), etc.

Uniformes de Campanha das praças de Infantaria
das unidades já nominadas, da 3ª Região Militar

Uniformes dos soldados e graduados das unidades de Cavalaria da 3ª Região Militar estacionadas em Jaguarão, Dom Pedrito, Bagé, Sant'ana, Quaraí, São Gabriel, São Borja, Itaqui, São Luís Gonzaga, etc.

Artilharia Engenharia

Uniformes de campanha da Artilharia e da Engenharia usados pelo Regimento Mallet (São Gabriel), pelo 4º RA (Bagé) e pelo 2º BE (depois 1º BFv, Lages, SC) com paradas em Cachoeira e Porto Alegre.

Fonte: BARROSO, Gustavo Dodt et RODRIGUES, José Washt. *Uniformes do Exército Brasileiro*. Rio de Janeiro, 1922. [v. 1] 223 estampas, [v. 2] 110 p.

A descoberta da conspiração federalista

O clima de violência verbal e física entre as duas facções civis em luta no Rio Grande atingia níveis sem precedentes. Teve enorme repercussão e exploração política o massacre do chefe republicano Cel (civil) Evaristo Teixeira do Amaral, chefe político em Palmeira, e mais quatro companheiros seus por federalistas, ao comando de José Cirino da Costa.

Segundo o Almanaque Rio-grandense:

> Nas proximidades de Cruz Alta foram barbaramente assassinados o Cel Evaristo Teixeira do Amaral e mais quatro companheiros, por numeroso grupo capitaneado por José Cirino da Costa. Evaristo resistiu, desesperadamente, mas com muitos ferimentos graves, foi feito prisioneiro e mutilado de maneira horrorosa. Cortaram-lhe as mãos e os pés, castraram-no, quebraram-lhe em vida os ossos das pernas, braços e ante-braços, rasgaram-lhe o ventre, tiraram-

> lhe os intestinos, degolaram-no amarrado ao tronco de um cavalo, arrastaram-no até a beira de um banhado, onde o atiraram. Aí foram achados seus restos, no dia 14 de Novembro, um feixe de ossos quebrados e a cabeça.

Este episódio passou à história como o massacre do Cadeado. O Cel Evaristo foi vingado por seu filho homônimo que, à frente de uma escolta, massacrou numerosos moradores do Cadeado julgados discricionariamente envolvidos.

Esses eventos tiveram ampla exploração pela imprensa e aumentaram a temperatura dos ânimos até o limiar de uma guerra civil.

O comando da 3ª RM passou a ser exercido pelo Gen Pêgo Júnior desde Ago 1892. Pouco mais de um mês depois o governo do Estado passou a ser exercido pelo Dr. João Abbot, médico de São Gabriel, que é estudado por Osório Santana Figueiredo em História de São Gabriel (São Gabriel: 1993.

Decorridos dois meses do comando do Gen Pêgo Júnior, o Dr. Abbot criou em 15 Out 1892 a Brigada Militar, força constituída dos 1º e 2º Batalhões de Infantaria, 1º Regimento de Cavalaria e mais três corpos em Reserva nas mesmas condições e atuando de acordo com os regulamentos militares. Teve como seu primeiro comandante, de 1892 a 1906, o Ten Cel do Exército Joaquim Pantaleão Telles de Queiroz, sobrinho do Gen João Telles, do Cel Carlos Telles e do tabelião José Vicente da Silva Telles, em Porto Alegre.

O 1º Regimento de Cavalaria então criado e atualmente Regimento Cel Pillar, homenagem ao Cel do Exército que foi seu primeiro comandante, acaba de ser objeto dos seguintes livros comemorativos de seu centenário:

SILVEIRA, José Luiz, Cel PM ref. 100 anos - Regimento Cel Pillar - Esboço Histórico 1892-1912. Santa Maria: Edições UFSM, 1992.

SOBRINHO, Hermito Lopes, Cel. PM ref. 100 anos - Regimento Cel Pillar - Esboço Histórico 1912-1927. Santa Maria: Edições UFSM, 1992.

O Cel Silveira aborda a unidade nesta revolução. Era historiador correspondente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB).

No dia seguinte à criação da Brigada Militar (16 Out 1892), foi interceptada a seguinte carta do Cel (civil) Facundo Silva Tavares, irmão do Dr. Francisco e do Gen Hon Joca Tavares, reveladora da conspiração da

revolução federalista em curso, publicada em VILALBA. Rev. Fed. RGS Doc. 37 p. 70.

Ilmo. Sr. Felipe Neri Portinho - Correligionário e amzgo. Já está no domínio público, e por isto, não lhe será desconhecido que projetamos reagir contra esse governo que tantos males tem acarretado ao nosso Estado. Não é possível que nos mostremos tão desbriados, a ponto do deixarmos correr tudo a revelia e nao lhe opormos a menor resistência.

Assim é que, de acordo com meu irmão, General Silva Tavares, estamos nos preparando para a luta. Está ele no Estado Oriental, donde recebemos recursos, escassos sem dúvida, para a força que tem; mas com os elementos que tiver, invadirá a fronteira e virá de marcha batida para o Rio Grande, enquanto eu, o Visconde de Pelotas e o General Barreto Leite e outros amigos, já de acordo com os Coronéis Vicente Gomes, Antônio Inácio e mais o Coronel Batista, moveremos o Norte. A todos daremos aviso por telegrama em cifras.

Meu irmão dará, de lá, instruções aos amigos que já estão de tudo prevenidos desde Encruzilhada até São Borja, visto que nós daqui não temos certeza de poder fazer as comunicações. Ele, meu irmão, de lá pode fazer tudo por próprios. Esperamos aviso 15 dias antes da invasão e apenas chegue lhe transmitiremos. Espero que V. S. transmita o convite aos nossos correligionários Timóteo de Souza, Feijó e o Capitão Garcez, para que nos auxiliem e vão dispondo seus elementos.

Armas, cada um se servirá das que tiver. Quando há boa vontade até a cacete se briga. Consta-me que o Pinheiro Machado tem dois depósitos de armas em Cruz Alta. Descoberto o depósito, um assalto e elas serão nossas.

Convém não deixar respirar o inimigo. As primeiras forças reunidas já devem estorvar a reunião do inimigo e perseguir os chefes, obrigando-os a fugir, se não puderam pegá-los. São os elementos de guerra. V. S. sabe muito bem e estou certo de que logo oporá em prática. O portador é o Capitão Barcelos. Ele promete entregar esta carta em mão de V. S. Se tiver ocasião de escrever-me com segurança, espero merecer-lhe este favor, avisando-me dos recursos com que conta, para o nosso governo.

> Ponho à disposição meu limitado préstimo e sinto prazer assinando-me de V. S. correligionário e amigo(a) Corrêa.
>
> Convirá começar a reunir 4 ou 5 dias antes e cortar logo o fio telegráfico em diversos pontos.

O governo do Estado, visando a formar a opinião pública, assim transmitiu intensamente os objetivos da conspiração revolucionária através de A Federação:

> Os federais que não quiseram acudirão ao apelo patriótico, formulado pelo governo, todo de paz e bravura, de justiça e proteção aos direitos e interesses do povo, os federais, sempre perversos, prepararam aos poucos um pavoroso movimento revolucionário, para convulsionar profundamente o Estado, arrancar o sossego da família rio-grandense e de todas as classes, matar, enfim, pelo assassinato infame, aos principais diretores de nosso glorioso partido!
>
> Deram os nossos inimigos, princípio à execução de sua maldita revolução, que constava de três partes principais:
>
> 1º - Manter 0 alarme da população com boatos, perturbações parciais da ordem, motim e guerrilhas, neste ou naquele ponto.
>
> 2º - Invadir o Rio Grande pela fronteira do Uruguai e cair sobre nossos inimigos na campanha e em todas as localidades, a um sinal dado.
>
> 3º - Assassinar, antes e durante a conflagração, os chefes republicanos, de mais prestígio e valor.

Esta notícia causou terror entre os chefes republicanos e provocou represálias severas contra federalistas no interior, como estes já haviam feito contra republicanos durante o Governicho, conforme queixas destes, e que o jornal do Comércio do Rio, de 17 Nov 1892, noticiou, sendo ratificado na edição do dia seguinte pela maioria dos representantes do Rio Grande do Sul no Congresso, conforme VILALBA, Rev. Fed. RGS. Doc. 39 e 41, que convém sejam lidos juntos pelo historiador.

O ítem 3 teria gerado uma perseguição feroz, como medida de segurança preventiva. Esta carta transcrita envolveu politicamente na conspiração o Marechal Câmara e mais o Gen reformado Domingos Alves

Barreto Leite, que havia participado com destaque do Governicho.

Em função disto, o comandante da 3ª RM, Gen Pêgo Júnior, recebeu do Ministro da Guerra, Gen Bda Antonio Francisco de Moura, o seguinte telegrama:

> Lestes os documentos relativos plano revolução. Consequência sabeis estar envolvido plano o (Marechal Câmara) Visconde de Pelotas. Deveis entender-vos com este General, informá-lo de que o Govemo sabe a seu respeito, dissuadindo-o a tomar parte neste plano revolucionário.

Em 1º Nov 1892, força policial ao comando do Maj Joaquim Pantaleão Telles, comandante da recém criada Brigada Militar, ao efetuar a prisao do Ten Cel GN e diretor da Companhia Hidráulica Facundo Tavares, resultou numa grande tragédia, envolvendo as famílias Silva Tavares e Silva Telles. No tiroteio, foi ferido e preso o Cel Facundo, foram mortos a bala seus dois filhos e ferido na perna o Maj Pantaleão. Face à imensa tragédia, a esposa do Cel Facundo perdeu a razão.

Neste dia o Gen João Telles encontrava-se em Bagé, onde propôs a conciliação ao Gen Joca Tavares em nome de Floriano, mesmo antes do Gen Joca saber da tragédia que se abatera sobre a família de seu irmão Facundo. A carta citada foi apreendida em Santa Maria em poder do Cap Hon do Exército Felisberto Barcellos, vulgo "Gato Pingado", e diretor interino da Colônia Militar do Alto Uruguai.

A prisão do Ten Cel GN Facundo contada por ele consta de VILALBA. Rev. Fed. RGS. Doc. 42. Em 1874, perseguido por liberais, ele teve de fugir de Porto Alegre usando o cavalo do Cel Genuíno, que sofreu perseguições e, mais tarde, morreu combatendo os Muckers, segundo o seu genro Marechal João Cézar Sampaio.

Em 2 Nov 1892, em Bagé, o Gen João Telles, então ciente da tragédia que envolvia sua família e Silva Tavares no dia anterior, enviou o polêmico telegrama reservado, urgentíssimo e cifrado ao final. Até hoje, repetimos, se desconhece a versão sobre a conversa e a chave da cifra secreta. Este telegrama contêm a seguinte inverdade que, segundo o Gen Valentim Benício, o Gen Joca Tavares, num momento de grande irritação, passou ao Gen Telles:

> Os coronéis Pedroso e Mota chefes republicanos de Piratini e Canguçu e mais o Ten. Cel. Cândido Garcia daqui

> de Bagé, são os maiores ladrões e assassinos do Rio Grande e é a quem mais se deve este estado de coisas.

Era a informação incoerente e injusta para com os dois chefes que haviam prestado e ainda iriam prestar ao Estado e ao Brasil importantes serviços à consolidação da República, como abordamos na operação de entrada em Bagé, em julho de 1892.

A incoerência estava na própria informação contida no telegrama:

> V. Excia. não faz ideia dos horrores que aqui se tem praticado. Os assassinatos são em número muito elevado, pois **por toda a parte,** se degola homens, mulheres e crianças como se fossem cordeiros. (O grifo é do autor).

Esse informe é exagerado! Mas se tinha-se notícia que isso era **por toda a parte,** por que razão estigmatizar os chefes Mota e Pedroso em detrimento dos outros e mesmo não citar-se o Gen Luiz Alves Pereira e seu chefe de Estado-Maior Alfredo Varela que sugeriram e comandaram a entrada da 4ª Bda Civil em Bagé "para quebrar completamente o orgulho de Joca Tavares"?

Desde 1920 esse telegrama vem sendo usado por alguns escritores para explicar ou até justificar a chacina, por degola, após rendição sob garantia de vida em Rio Negro, em 20 Nov 1893, da Cavalaria civil ao comando do Cel Maneco Pedroso, que estava servindo à causa da consolidação da República, à disposição do Exército e integrando o Comando-em-chefe das forças em operações contra a Revolução Federalista, então exercido pelo Marechal Isidoro, após haver sido exercido por sete meses pelo próprio Gen João Telles.

Essa fonte não satisfaz os requisitos para ser usada como fonte histórica confiável. Ela peca pela fidedignidade e sobretudo pela integridade, por até hoje se desconhecer o significado da parte cifrada, insistimos!

Quanto à sua fidedignidade, o próprio Dr. Francisco da Silva Tavares assim classificou a missão política do Gen João Telles envolta em circunstâncias trágicas para as famílias Silva Telles e Silva Tavares, em torno da prisão do Cel Facundo. Escreveu ele em ‘El Dia’ (VILALBA. **Rev. Fed.** RGS. Doc. 41).

> Em vista do que fica exposto é evidente que o Mar. Floriano, com a missão que confiou ao Gen. João Telles, não teve outro fim senão o de mascarar o propósito de aniquilar,

> no Rio Grande, o Partido Republicano Liberal (federalista) e de perseguir, ainda mesmo em território estrangeiro os seus principais homens, com a internação (envio de volta ao Brasil) que insistentemente pediu.

Como poderá um historiador que se preze confiar numa fonte histórica dessas, estigmatizando os Coronéis Mota e Cândido Garcia e descendentes, que atenderam ao apelo do Estado e do Brasil para a consolidação da República às ordens da 3ª RM? História é verdade e justiça!

Até hoje esta cifra do citado telegrama guarda o segredo do Gen Telles a Floriano: Z AKJSCU - DDY – LDYZODQ - CD - BDIJLUT - NROS - VDB – DDR. Tentamos demonstrar as falhas dessa fonte histórica quanto à Fidedignidade e Integridade em artigos: "O massacre do Rio Negro" e "Canguçu em 93", em **A Revolução Federalista** (P. Alegre: Martins Livreiro, 1893).

O Marechal Câmara e a Revolução de 93

O envolvimento do nome do Marechal Câmara no movimento revolucionário provocou enorme reação republicana e temor entre seus amigos, de agravamento de sua doença e de um atentado a sua vida.

Assim, ele embarcou para o Rio no início de Nov 1892. O comandante da 3ª RM, Gen Pêgo Júnior, acompanhado de oficiais armados, foi buscá-lo em sua casa e acompanhou o velho marechal, como escolta de segurança e de honra. Foram-lhe prestadas honras militares. A escolta o acompanhou a bordo, até duas léguas de Porto Alegre.

Em 28 Nov o Dr. Abbot ordenou ao Ten Cel Gervásio, filho do Gen Luiz Alves Pereira, que dissolvesse as forças civis sob suas ordens em Cerro Chato. E, em 8 Dez, o Ten Cel Gervásio recebeu este telegrama de Zeca Pedroso, intendente de Piratini e irmão de Maneco Pedroso: *"Ative a reunião. Fronteira continua ameaçada. Muita vigilância!"*

Ao estourar a Revolução, 8 dias após, em 13 Fev, o Mar Câmara oficiou ao Gen Pêgo Júnior, comandante da 3ª RM, solicitando esclarecimentos sobre acusações de seu envolvimento com a Revolução. O promotor Timóteo Pereira Rosa respondeu oficialmente:

> Que o projeto da Revolução, segundo a carta do Cel. Facundo estava em Porto Alegre e afeta a este, ao Mar.

> Câmara e ao Gen. ref. Barreto Leite (que haviam participado do Governicho).
>
> Que a carta fazia ao menos prova semi-pkna contra o Mar. Câmara.
>
> Que os documentos davam indícios veementes de criminalidade contra um oficial superior." (CÂMARA. **O Mar. Câmara e sua vida...** v. 3, Doc. 301).

Muito doente, o Marechal Câmara se retraiu. Acompanhou a Revolução com interesse sem dela participar. E trocou cartas com o Cel Facundo na prisão.

Após um mês do início da Revolução, ele viajou no princípio de Mar 1893 para o Rio, com toda a família e muito doente. Lá faleceu em 18 Ago 1893. Foi cercado do maior respeito pelo Exército e Povo como o herói de Aquidabã e pela grande solidariedade à sua classe na Questão Militar, bem como pela sua presença na fundação do Clube Militar. Os jornais evocaram sua grande vida e obras em extensas matérias. Por iniciativa do Mar Floriano, que foi seu comandado em Aquidabã e que se fez presente em seu sepultamento, ele foi embalsamado. Dispensou as honras militares e foi sepultado de casaca de acordo com seus desejos. Até o jornal **A Federação** do partido republicano reverenciou discretamente o herói, assim finalizando:

> A Federação esquece quaisquer ressentimentos, para unicamente inclinar-se diante do sepulcro recém aberto do velho soldado brasileiro.

Aqui uma reverência do autor a um dos maiores soldados nascidos na área da 3ª RM e que, por ter se envolvido em política, teve desgostos ao final, como Caxias, Osório, Deodoro e Hermes da Fonseca. Só escapou desta sina o Mal Eurico Dutra.

Sua vida e obra são apreciadas na mais monumental biografia dedicada a um soldado do Brasil e que também reflete a gloriosa saga da 3ª RM: CÂMARA, Rinaldo Pereira da. Cel. **O Marechal Câmara e sua vida política.** P. Alegre: IEL, 1979. 3v (Obra coordenada pelo Gen Riograndino da Costa e Silva, historiador da 3ª RM).

O pensamento do comandante da 3ª RM - Gen Pêgo Júnior

Ao estourar a Revolução federalista, em 5 Fev 1893, comandava a 3ª RM o Gen Bda Antônio Joaquim Pêgo Júnior desde 16 Ago 1892. Ele acompanhou por cerca de 10 meses os seguintes acontecimentos: a fase preparatória da Revolução, a sua eclosão e o seu desenvolvimento até dois dias antes da batalha decisiva de Inhanduí, a qual contou com o concurso do 30º BI de Porto Alegre ao comando do Cel Arthur Oscar.

Ele encontrou o Rio Grande envolto em grande tensão. Ao assumir o comando da 3ª RM, baixou Ordem do Dia e telegramas circulares em 17 Set e 25 Nov 1892 às guarnições de Rio Grande, Pelotas, Jaguarão, Bagé, Quaraí, Livramento, Uruguaiana, Itaqui, São Borja, Alegrete, Cacequí, Rio Pardo, Saicã e Santa Vitória. Documentos publicados por VILABA, A Rev. Fed. no RGS (Doc. 34 3 35).

Em sua Ordem do Dia citada, ressalta entre outras coisas:

> Venho encontrar com grande pesar meu, a briosa família riograndense dividida. E seria uma dificuldade, um embaraço para o exercício do meu cargo, tão deplorável divisão, se minha missão não fosse exclusivamente a de manter severa disciplina na força armada, não tolerando que ela se desvie da Constituição Federal, ou que se envolva na questão de organização deste Estado que a outros compete, mas não ao Exército. Este só destinado à defesa da Pátria no exterior e a manutenção da ordem no interior.
>
> Inteiramente alheio aos fatos que deram causa a tal divisão, que lamento, quando nunca foi tão divisão, que lamento quando nunca foi tão necessária a união de todos os rio-grandenses e o seu patriótico concurso, para se efetuar a urgente organização deste Estado. Assim procurarei manter rigorosa neutralidade da pane da força sujeita ao meu comando, no tocante à organização deste Estado, par a o que nenhum partido político deverá contar que o soldado brasileiro possa se constituir em fator.
>
> Aos srs. comandantes de corpos, recomendo, em particular, que procurem reunir o maior número de praças nos respectivos quartéis e acampamentos, solicitando o recolhimento das que estiverem destacadas. E mais, se esforcem para conservar sempre preocupados com exercícios e instrução os srs. oficiais e praças, de modo à se afastarem, tanto quanto possível, das lides políticas que tem dividido a altiva população deste Estado.

No telegrama circular de 17 Set 1892, faz relevantes considerações sobre o dever militar e sobre a posição da 3ª RM, face à invasão federalista iminente. E menciona:

> Que o governo da União ordenou-lhe que se acautele para repelir qualquer ataque de invasores emigrados, que serão considerados inimigos da República.
>
> Que os srs. chefes, oficiais e praças, quando se der a invasão, devem evita-la, a todo custo, com a máxima energia e valor, até o sacrifício da vida, pois o dever para com a pátria assim o exige. Caso a invasão se concretizar, devem os invasores serem acompanhados, picando-lhes a retaguarda, fazendo-lhes todo o mal possível.
>
> O objetivo da invasão é chegar a Rio Grande e a Porto Alegre. O nosso, (da 3ª RM) é evitar que isto aconteça.
>
> Nenhuma força que for vencida devera ficar estacionaria. Devera sempre marchar, conforme a conveniência, para Pelotas, Rio Grande ou Porto Alegre.
>
> Eu não fiz a República e até opus-me a ela! Mas penso que os camaradas que a fizeram tem a obrigação de mante-la para a honra e dignidade da classe e da felicidade da pátria, que não pode e não deve, continuar com a série de perturbações em que há 3 anos se encontra. Considerando-se o perigo em que se encontra a ordem pública neste Estado, posso afiançar que está em perigo a nossa Pátria, se a invasão triunfar. Seguir-se-ão revoluções em outros Estados e o Brasil se esfacelará e com ele, ai das instituições republicanas.
>
> Diante deste quadro nenhum militar federal tem o direito de ser Castilhista, Federalista ou Cassalista. Isto ou nada, são circunstâncias mínimas diante da imagem do Brasil. E preciso dar paz e sossego ao Brasil para que se possa desenvolver a agricultura, o comércio, a industria e a mineração, únicas forças vivas que são fatores principais de grandeza da Pátria.
>
> Lembrem-se que o Exército está caindo na odiosidade pública e muito merecidamente neste Estado, que possui mais de 1/3 do Exército e a maior guarnição dele. É o único Estado em que as deposições se sucedem com uma rapidez assombrosa, ao ponto de, em menos de 3 anos, já contar com 15 governadores.

Em 20 Nov 1892, em telegrama circular às guarnições do Rio Grande, Jaguarão, Bagé, São Gabriel, Livramento, Alegrete, Uruguaiana, Quaraí, São Borja, Cachoeira, Rio Pardo, Saicã e Santa Vitória, o General Pêgo Júnior comunicou entre outras coisas:

> - Aproxima-se o momento calamitoso da invasão que repercutirá em todo o Brasil
>
> - Alerta para que se habituem a agir independente, face possibilidade de cortes comunicações telegráficas pelo invasor e mesmo face a emergências.
>
> - Não fui e não sou político. E, em Deus, espero morrer sem ser político! Respeito vossas opiniões políticas, porém a força federal só poderá operar dentro dos limites da lei. Ela não pode mover-se por simpatia e crenças políticas. Só assim desempenharemos a missão da União federal.
>
> - Instituição militar quer dizer instituição essencial e imprescindivelmente conservadora. Precisamos, pelo nosso proceder, convencer os inimigos do governo. Ou seja, que este se deita abaixo da boca das urnas e não na boca das armas.

A primeira invasão federalista e a 3ª RM

Em 25 Jan 1893 Júlio de Castilhos tomou posse no governo do estado. Em 5 Fev 1893 Joca Tavares, em Carpintaria, conclamou o povo gaúcho a pegar as armas contra o governo do Estado.

Em 10 Fev 1893, pela Ordem do Dia da 3ª RM, o Gen Bacellar assumiu a função de inspetor de Infantaria da 3ª RM.

Em 23 Fev 1893 a 3ª RM foi envolvida. O 6º RC em Dom Pedrito, ao comando do Ten Cel Alfredo Barbosa capitulou, se rendendo a forças superiores ao comando de Joca Tavares e Gumersindo Saraiva. Vide VILALBA. Rev. Fed. 93 (Doc. 45 e 46).

A fronteira de Bagé era comandada pelo experimentado veterano do Paraguai e Cel do Exército Antônio Adolfo da Fontoura Mena Barreto, com tropa da Brigada Militar e Provisórios a serviço do Estado. Em 11 Fev 93, no combate do Salsinho, Menna Barreto, que foi ministro da guerra em 1512, combateu com Gumersindo Saraiva e o repeliu, no que foi o primeiro combate da Revolução.

Em 2 Mar 93, em resposta à carta do Gen Luiz Alves Pereira, que havia comandado a entrada de forças civis em Bagé, após a deposição das armas por Joca Tavares, ele enviou este telegrama:

> Agradeço a sua carta com efusão de alma que de modo tão delicado e leal me fez nomeado, em momento aflitivo nossa terra, para comandar uma legião de homens que devem salvar a República ameaçada por inimigos rancorosos e traiçoeiros, é meu dever, ao conduzir esses homens em combate é que observem normas decentes e nobres por mim até boje seguidas.
>
> Quero comandar homens dignos da causa que defendemos e não uma borda de salteadores, que não se nivelem aos dos adversários que combatemos. Coibindo abusos, evitando pilhagem, não conssentirei atos infames. Colocar-me-ei à altura da missão que me confiou o governo e minha terra. Missão que saberei cumprir imaculadamente, custe o que custar. Meu procedimento justo, rispidez com que proíbo abusos me prestigiam e cercam os governistas de consideração pública. Se assim procedendo não for compreendido e desagradar, está nas mão do governo confiar a missão a outro mais capacitado. Ass. Cel. Mena Barreto." (Arquivo do Gen Luiz Alves Pereira)

Era subordinada à vanguarda de Menna Barreto o Cel Maneco Pedroso, o primeiro a entrar em contato e anunciar a invasão em curso.

Mena Barreto secundou o Gen João Telles em todas as operações ao comando deste. Era um grande soldado. Chegou ao posto de Marechal (não confundir com o Visconde de São Gabriel). Seu perfil consta da obra a seguir que merece ser lida: MENA BARRETO, João de Deus N. Ten. Cel. Os Mena Barreto-seis gerações. Rio: Laemmert, 1950. pp. 285/330.

Aliás, obra que reflete a Saga da 3ª RM de 1737 a 1949.

O Cel Menna Barreto comandava os seguintes corpos civis: 4º Corpo Provisório do Ten Cel Manoel (Maneco) Pedroso, Corpo Provisório de Cavalaria; lº, 2º e 3º Batalhões de Infantaria provisórios, ao comando do Cel Elias Amaro; e 5º Regimento Provisório de Dom Pedrito.

Em Ordem do Dia (VILALBA, Rev. Fed. RGS. Doc. 94) ele ordena entre outras coisas:

> É vedado a todo oficial de qualquer patente, ordenar recrutamento e cavalos, potreação e retenção de animais de

> qualquer espécie, por competir a este comando dar tais ordens quando necessárias.

Foi esse o homem que enquadrou as forças populares estaduais comandadas por Maneco Pedroso e Elias Amaro quando da invasão federalista do Estado.

Em lº Mar 1893, o 2º cadete e 2º Sgt Plácido de Castro, da Escola Militar, pela Ordem do Dia nº 20 da 3ª RM, foi classificado no Regimento Mallet, como incurso no Art. 53 do Regulamento da Escola. Era instrutor da Escola o então Ten Clodoaldo da Fonseca, o mesmo que mais tarde adquiriu na Europa os canhões Krupp, metralhadoras Hotchkiss e fuzis Mauser para a Reforma de 1908.

Face à grave situação, chegou do Rio, nomeado comandante-em-chefe das forças federais, estaduais e municipais contra a Revolução no Estado, o Gen João Batista da Silva Telles. Comandava a Polícia Militar do Rio. Em 15 Mar 1893 ele assumiu o seu comando em Bagé. Antes de sua chegada, o Gen Pêgo Júnior, por cerca de 40 dias, comandou as operações. Socorreu São Borja invadida, tendo se destacado até Urutahy.

Forças invasoras, ao comando de Jacques de Simone, foram batidas em Itaroquem em 28 Fev 1893. Apoiaram o comandante da 3ª RM os 11º BI (de Fortaleza) e o 25º BI (vindo de São Paulo), destacado em Porto Alegre, o qual acompanhou o Cmt da RM.

A paixão política que dominava as duas facções, ao que parece, invadira as unidades e as imobilizara. Poucas unidades do Sul são usadas: 28º BI (Rio Pardo), 29º BI (Pelotas), 30º BI (Porto Alegre), etc.

Vieram de fora, para combater a Revolução das áreas das atuais: lª, 2ª, 4ª, 6ª, 9ª e 10ª RM, os 11º BI (Fortaleza), 20º BI (Goiás), 25º BI (São Paulo-SP), 31º BI (São João d'el Rey), para Bagé; 32º BI (Vitória-ES), para São Gabriel; e o 35º BI (Teresina-PI), para Rio Grande.

O Gen João Telles convocou as tropas civis de Canguçu, Piratini e Pinheiro Machado. Dentre as tropas ao seu comando figuraram:

Do Exército:

- 28º BI (de Rio Pardo), ao comando do Cel Donaciano Pantoja;
- 31º BI (de São João d'el Rey), ao comando do Cel Carlos Telles. Pela Ordem do Dia nº 22 da 3ª RM, de 21 Mai 1893, o Ten Cel Carlos Telles assumiu o comando da guarnição e fronteira de Bagé, à frente da qual se imortalizará;

- 4º R Art (de Bagé);
- Companhia de Engenheiros (2º BE, depois lº B Fv, Lages-SC); e
- Corpo de Transportes (Saicã), ao comando do Cap Bento Gonçalves da Silva Filho (neto do líder farrapo).

Da Brigada Militar

- lº Batalhão da Brigada Militar (Reserva); e
- 2º Batalhão da Brigada Militar (Reserva).

Da Cavalaria Patriota Civil (Provisórios)

- Corpo de Piratini, ao comando do Cel GN Maneco Pedroso;
- Corpo de Canguçu, ao comando do Cel GN Bernardino Mota;
- Corpo de Bagé, ao comando do Ten Cel GN Cândido Garcia; e
- Corpo de Pinheiro Machado, ao comando do Cel GN João Pereira Madruga.

A missão do Gen João Telles foi-lhe confiada pelo Ministro da Guerra pela OD nº 21 da 3ª RM, de 9 Mar 1983, o qual assim constituiu o seu Estado-Maior:

- Do 6º RC - Cap Floriano Florambel;
- Do 10º RC - Cap Bonifácio da Sila Telles;
- Do 11º RC - Cap Alfredo Saldanha; e
- Do CT (Corpo de Transporte) - Alferes João Frederico Mesquita.

Do Corpo Extraordinário

- Cap Inf Antônio Carlos Chachá Pereira;
- Cap Olímpio M. Silva e Castro

O Cap Chachá Pereira nasceu em 1861. Praça em Dez 1878, e Cap em 24 Set 1892. Cursou Infantaria na Escola Militar de Porto Alegre.

O Gen João Telles irá comandar os chefes republicanos que Joca Tavares injustamente estigmatizou em seu telegrama de 2 Nov 1893. Era a Cavalaria de que dispunha e com ela operará sete meses sem fazer-lhe restrições éticas. Foram enquadradas pelo Cel Mena Barreto.

Em 13 Mar 1893, com esta força, sem luta, o Gen Telles retirou-se de Sant’ana do Livramento e dirigiu-se em direção a Bagé. Em 17 Mar 93, o Gen Telles retorna a Livramento, defendida pelo Mal Isidoro Fernandes. Logo em seguida, a 20, teve de marchar novamente para proteger Bagé, localidade que Joca Tavares sitiou de 20-26 Mar 1893 e que dela se afastou em face da aproximação de Telles.

Em nenhum momento Telles e Joca se defrontaram. O Gen escreveu orgulhoso a Floriano dizendo que até então não havia perdido um só soldado, a não ser um em desastre.

As OD de nºs 42 e 48 da 3ª RM, respectivamente, do Gen Pêgo Júnior e a de 12 Jul, no forte do inverno autorizaram que se fornecesse diáriamente uma dose de aguardente para a tropa em campanha e que as instalações de saúde regionais tratassem forças civis aliadas e adversárias.

A 3ª RM e a Revolução - o comando do Gen Bacelar

A Batalha de Inhanduí e a Revolta na Esquadra

O Gen Antônio Joaquim Bacelar assumiu pela 3ª vez o comando da 3ª RM, tendo-o exercido de lº Mai 93 a 23 Set 94, por l ano e 7 meses. O Ministro Gen Moura deslocou o QG da 3ª RM de Rio Grande para Porto Alegre.

Dois dias depois, em 3 Mai 93, foi travada a maior batalha da revolução - a de Inhanduí, próximo a Alegrete. Foram 6.000 federalistas x 4.000 republicanos. O Exército participou com o 30º BI do Cel Arthur Oscar e com o Cap Setembrino de Carvalho, que se consagrou como o pacificador deste século, por sua atuação na Revolta do padre Cícero, no Ceará, em 1910, na Revolta do Condestado 1915-17 e na Revolução de 23 no Rio Grande do Sul.

Os federalistas retiraram-se na hipótese de que seriam atacados por forças do Gen João Telles. Este tentou, sem êxito, em Upamoroti, em 12 Maio 93, cortar a retirada do Gen Joca Tavares e impedi-lo de internar-se no Uruguai.

Inhanduí foi o ponto de inflexão da esperança para a desesperança de vitória federalista.

Pouco depois, em 17 Mai 93, o Gen João Telles sofreu rude golpe, quando federalistas, próximo a Bagé, num golpe de mão, tomaram-lhe 1.500 cavalos, essenciais à mobilidade de suas forças.

Em 6 Set 1893 estourou a Revolta na Armada, no Rio de Janeiro, sob a liderança do Almirante Custódio de Melo, com vistas a depor Floriano Peixoto. Ele conseguiu levantar 1/5 da Armada. Não aderiu ao movimento o Alte. Saldanha da Gama que, como comandante dos guardas

marinhas e marinheiros, manteve-se neutro até onde lhe foi possível, visando preservar o futuro da Marinha.

A Escola Militar de Porto Alegre só encerrou suas atividades em Set 1893. Seus cadetes foram incorporados às guarnições de Bagé e Rio Grande para o combate à Revolução. Alguns de seus alunos integraram a Esquadra Legal organizada para combater a Revolta na Armada.

De maio a setembro registraram-se eventos guerrilheiros. O mais expressivo foi o combate de Cerro do Ouro em São Gabriel, arrasadora vitória federalista que Osório Santana Figueiredo estuda em **História de São Gabriel.** São Gabriel: 1993. Foi choque entre as facções em luta!

As preocupações da 3ª RM voltaram-se para combater a 2ª invasão do RS, a revolta na Armada e a reforçar a 5ª RM, esta ao comando do Gen Francisco de Paula Argolo.

Neste sentido, a 3ª RM enviou a Santa Catarina força expedicionária, a Divisão do centro, nucleada pelo 30º BI, raiz histórica das OM de Infantaria de Sapucaia e São Leopoldo. Esta força, em 6 Nov 93 combateu, nas costas de Araranguá, o navio Itapemirim, da revolta na Esquadra, liderado pelo Ten Felipe Perry. O navio escapou!

A Divisão do Centro do, agora, Gen Arthur Oscar, em 18 Nov 93 ocupou Tubarão, SC, que fora evacuada por federalistas gaúchos.

A 2ª invasão federalista

Nesta invasão foi que a 3ª RM teve seu maior envolvimento, como se verá. Até então a luta estava sendo travada entre forças civis e políticas, desde a deposição de Castilhos em 12 Nov 91.

O Gen João Telles havia passado o comando-em-chefe das forças federais, estaduais e municipais ao Mal Isidoro Fernandes.

Joca Tavares, à frente de um exército de cerca de 5.000 homens predominantemente de Cavalaria, invadiu mais uma vez o RS.

O Mal Isidoro distribuiu suas forças em Bagé ao comando do Cel Carlos Telles com o 31º BI, o 4º RArt e uma companhia do 2º BE e mais reforços da Brigada Militar e civis. Com o grosso tomou posição em Rio Negro, na estação de Hulha Negra.

E teriam lugar os sangrentos, tristes e lutuosos episódios envolvendo as tropas da 3ª RM, os quais interpretamos a seguir.

Os sítios do Rio Negro e de Bagé

De 26 Nov 1893 a 8 Jan 1894, expressivas tropas da 3ª RM estiveram envolvidas nos sangrentos sítios de Rio Negro e de Bagé, onde tropas do Comando-em-chefe das operações no Estado foram atacadas. Sítios que assim sintetizamos:

No dia 28 Nov 1893 ocorreu o massacre do Rio Negro, evento trágico, até então sem precedentes na História do Brasil e que teve por cenário o atual município dc Hulha Negra, RS. Nele, segundo consenso da História, Tradição e Folclore do Rio Grande, foram degolados inermes cerca de 300 civis que se renderam sob garantia de vida e que constituíam a Cavalaria do Mal Isidoro Fernandes, o comandante-em-chefe de todas as forças federais, estaduais e municipais em operações no RS contra a Revolução Federalista de 1893-95, no curso da 2ª invasão, por Aceguá.

Segundo Pedro Calmon em sua História do Brasil

> ...(forças) que o Mal Isidoro [...] expedira para o Rio Negro em cobertura da fronteira [...] após uma série de sangrentas sortidas, capitulou a tropa governista com o Mal Isidoro a sua oficialidade. Foi isto a 28 de novembro de 1893. Manchou a vitória o sacrifício dos prisioneiros, terrível **carniçaria** de funestas consequências para a Revolução Federalista (CALMON, 1959, vol. 6, p. 1967).

Comandava a tropa federalista o Gen Hon João Nunes da Silva Tavares.

Segundo Wenceslau Escobar em ‘Apontamentos históricos para a Revolução de 93’ (P. Alegre: Globo, 1920), o massacre foi executado pelo uruguaio Adão Latorre, auxiliado por uma companhia de argentinos correntinos mercenários. Dos prisioneiros governistas, pertenciam ao Exército o Mal Isidoro, seu Estado-Maior, o 28º BI (Rio Pardo) e 100 homens do Corpo de Transportes. Da Brigada Militar, um batalhão e mais a Cavalaria civil citada, forças ao comando do Cel Maneco Pedroso, de Piratini, que foi também vítima do massacre juntamente com suas tropas que haviam sido mobilizadas como ‘Patriotas’ em Piratini, Canguçú, Pinheiro Machado e Bagé, para a defesa da República em consolidação.

Por haver protestado por tamanha fereza e deslealdade, foi fuzilado sumariamente o alferes do Exército de nome Napoleão e mais um oficial do 28º BI. Suicidou-se um oficial civil de Pinheiro Machado para evitar a

degola inerme.

Após esse massacre o Gen João Nunes da Silva Tavares sitiou Bagé por cerca de 46 dias. No interior, estava o Cel Carlos Telles, no comando de tropas do Exército, da Brigada Militar e Patriotas civis. A resistência dos defensores foi épica em torno da igreja matriz. Ali Carlos Telles escreveu uma das mais belas páginas da História Militar da República. O sítio só foi levantado à aproximação da Divisão do Sul, organizada na emergência pelo Ministro da Guerra Gen Francisco de Moura, que deslocara seu QG Avançado para Porto Alegre. Divisão ao comando do Cel João Cézar Sampaio, comandante das guarnições de Pelotas e Rio Grande, nucleada pelo 29º BI de Pelotas e pelo 32º BI (vindo de Vitória, ES, para São Gabriel), mais o 2º RC (Bagé), 5º RC (Jaguarão), uma Cia do 2º BE e alguma Artilharia, cuja concentração ocorreu em Pedro Osório atual. Esta força era integrada, além do Exército, por forças civis recrutadas em Tapes, Camaquã, Encruzilhada, São Lourenço, Pelotas, Canguçu, Piratini e Pinheiro Machado, com o concurso do Gen Hon Luiz Alves Pereira, comandante da 4ª Bda civil, em Pelotas. Era uma tropa civil bisonha, sem nenhuma vivência militar, e para cuja mobilização muito ajudou o prestígio do Gen Pedro Osório, sobrinho do Gen Osorio, que viria a tornar-se nome, 64 anos mais tarde, do município surgido da estação ferroviária Piratini, onde a Divisão do Sul se concentrou. O Gen Sampaio, sobre a Divisão do Sul, deixou o importante livro **O Cel. Sampaio e os apontamentos do Dr. Wenceslau Escobar** (P. Alegre: Globo, 1920), de grande relevância para o historiador buscar a verdade histórica entre os dois depoentes. Livros de grande valor histórico, se lidos em conjunto.

Esse lamentável massacre do Rio Negro foi respondido em 10 Abr 1894 pelos republicanos em Boi Negro, Palmeira das Missões, ao comando do Cel Firmino de Paula, deixando assim, literalmente, duas manchas negras ou pretas, difíceis de apagar na memória do Rio Grande do Sul.

Sobre estes eventos, Sítios de Rio Negro e Bagé, temos pesquisado e divulgado em **Revolução Federalista** (P. Alegre: Revista CIPEL, Martins Livreiro, 1993), na **Zero Hora** (edição de 27 Nov 1993), em outros jornais e na Rev. do IHGB nº 378, Jan/Mar, 1993. p. 55-58.

Estamos distribuindo alentada pesquisa a centros de estudos de História nacionais para um aprofundamento que se impõe em razão da

insuficiência de dados para restaurar-se o que ali se passou, estabelecerem-se as responsabilidades morais e apontarem-se os exemplos heróicos dos dois oficiais do Exército da 3ª RM que foram supliciados por haverem protestado contra a degola de civis à disposição do comando do Exército e que se renderam sob garantia de vida.

Considerações sobre o significado do massacre do Rio Negro

Tarcísio Taborda, na abertura do X Encontro de Microhistória em D. Pedrito, em 1993, ao abordar Rio Negro, permitiu-nos concluir que, por ocasião da degola

> a maior autoridade presente era o Cel Zeca Tavares. Que os demais Marcelino Pina, Davi Martins e o próprio Joca Tavares não mais se encontravam em Rio Negro. Registrou execução sumária de dois oficiais do Exército que protestaram contra a degola da Cavalaria Civil, que havia se rendido sob garantia de vida negociada com os federalistas pelo Cel Donaciano Pantonja, comandante do 28º BI.

Esta unidade foi feita prisioneira e foi obrigada a lutar pela causa revolucionária com o nome de Ernesto Paiva, personagem que tombou morta nos tumultos de rua de Porto Alegre quando da derrubada do Governicho. O historiador citado, em artigo na Revista Militar Brasileira, (nº1, 1970, p. 77) assim classificou o massacre:

> Rio Negro, terrível episódio que dizimou governistas e se tornou símbolo dc traição e deslealdade para com o inimigo rendido.

O escritor federalista Wenceslau Escobar em 'Apontamentos para a Revolução Federalista' assim condenou o massacre: "Perante a civilização e as leis humanas nunca os assassinatos praticados no Rio Negro poderão justificar-se".

Conclui-se, deste mesmo autor, que brasileiros do Exército, da Brigada Militar e da Cavalaria Civil que se renderam sob garantia de vida foram executados em seu país, por rnercenários uruguaios e argentinos.

Para Sérgio da Costa Franco na citada A Guerra Civil de 93':

> Os inimigos que haviam capitulado com garantia de vida foram chacinados, senão com o consentimento, pelo menos com a complacente omissão do Gen Joca Tavares.

Sobre quem, portanto, recai a responsabilidade moral desta hecatombe, pois de acordo com a máxima castrense, "o chefe é responsável pelo que acontecer ou deixar de acontecer em sua guarnição dc comando!” E, em que pese ser civil, possuía grande vivência militar. Mas ele não apontou um responsável.

Aliás esta é a visão do Cel Sampaio, comandante da Divisão do Sul em ‘O Cel Sampaio e os apontamentos do Dr. Wenceslau Escobar”.

Em Rio Negro, segundo o Gen Carlos Eugênio Andrade Guimarães, na obra ‘Arthur Oscar - um soldado do Império e da República’ (Rio: BIBLIEx, 1965, p. 112)

> Os federalistas em Rio Negro, fizeram medonha carnificina, matando 300 prisioneiros encurralados numa mangueira como se fossem reses de carneação.

Eugênio encontrava-se no RS à época e mais tarde comandaria a 3ª RM duas vezes.

Questões que as fontes históricas ainda não responderam sobre o massacre do Rio Negro

Até hoje, pelo que sabemos, as fontes históricas disponíveis que vieram a lume não conseguiram dissipar o nevoeiro que encobre ou que dificulta sobremodo a percepção precisa das seguintes questões fundamentais para a reconstituição histórica do massacre, com a precisão necessária, para que sirva às novas dimensões da História Militar, que estuda as guerras e revoluções com vistas a isolar os fatores que as determinaram. Com o alevantado propósito, insistimos, de colocá-los a serviço dos líderes, para que procurem evitar que elas ocorram, o que, no caso, não conseguiram os líderes Dr. Jú1io Prates de Castilhos e o Dr. Gaspar Silveira Martins, conforme assinalou Décio Freitas em “O memoricídio da revolução de 93”, em Zero Hora (P. Alegre) de 24 Abr 1993 (p. 21), no Caderno ZH Cultura, com o que concordamos e, de certa forma, assinalamos em “A Revolução de 93 e a Arte Militar”, em ‘Fontes para a História da Revolução de 93’ (Bagé: URCAMP, 1992. p. 36)”.

Sobre estas questões formulo as seguintes indagações:

- Qual a razão da inexistência de fontes primárias, nas quais o Gen Joca Tavares e seus comandantes imediatos em Rio Negro, coronéis Zeca

Tavares, Marcelino Pina de Albuquerque, David Martins e, segundo Arthur Ferreira Filho, Rafael Cabeda, e mais o Maj Francisco Cabeda, deixaram de expor suas versões sobre o massacre, face à pressao que as fontes disponíveis fazem relativamente ao evento?
- Teriam alguns deles ultrapassado o Gen Joca ou mesmo sido ultrapassados por seus subordinados incontroláveis e dado no que deu, segundo Arthur Ferreira Filho em História Geral do Rio Grande do Sul (P. Alegre: Globo, 1978. 5ª ed. pp. 168-169)? Ou seja - “o trágico sucesso de Rio Negro que deslustrou a Revolução e que foi o único resultado que logrou a 2ª invasão”.
- Qual a razão da inexistência de fontes históricas relatando o destino, privações e circunstâncias, até recobrarem a liberdade, dos prisioneiros do Exército, da Brigada Militar feitos em Rio Negro?
- Qual a razão da inexistência, disponível, de um possível relatório do Mal Isidoro Fernandes sobre o massacre e do seu desaparecimento do cenário da revolução debaixo de acusações de incapacidade em Arte e Ciência Militar, omissão grave e inércia, e haver sido surpreendido por haver desprezado, por julgar impossível, a surpresa do Rio Negro?
- Qual a razão de até hoje não se dispor da relação dos degolados em Rio Negro, que a História, a Tradição e o Folclore avaliam em torno de 300, bem como a dos uruguaios e argentinos (correntinos) que os executaram sob a direção do uruguaio Adão Latorre, conforme é admitido pelo historiador federalista Wenceslau Escobar em seus Apontamentos...?
- Qual a razão da ausência de listas, mesmo parciais, dos federalistas envolvidos no massacre, indicando a nacionalidade e a procedência dos mesmos, para confirmar-se, ou não, a presença maciça de uruguaios entre os federalistas, conforme mencionam as fontes?
- Qual a razão do massacre haver se estendido a poucos integrantes do Exército e a um pouco mais da Brigada Militar, seja em Rio Negro seja após o levantamento do sítio de Bagé, conforme o Cel Sampaio na op. cit.?
- Qual a razão das autoridades estaduais e municipais haverem silenciado sobre o assunto e não terem relacionado as vítimas que recrutaram sob o titulo de ‘Patriotas’, protegido suas famílias e levantado até um monumento, o que seria normal numa situação destas?
- Qual a razão do Folclore (a lenda), a Tradição, com mais força que a verdade histórica, terem concentrado na alma popular toda a

responsabilidade pelo massacre do Rio Negro ao "negro e depois coronel" Adão Latorre, como pretensa vingança de violência governista contra filho seu e até hoje não comprovada?
- Qual seria em realidade a responsabilidade no massacre do Cel GN Zeca Tavares, acusado em poesia popular como o mandante, e assim haver ultrapassado seu irmão, sogro e padrinho Gen Hon João Nunes da Silva Tavares, comandante federalista no Rio Negro e septuagenário?
- Qual a razão de até hoje não terem sido apresentados fatos concretos contra os coronéis Maneco Pedroso, Cândido Garcia e Bernardino da Silva Mota, citados pelo Gen João Telles em telegrama a Floriano, e com base em juízo do Gen Joca Tavares de que eram, em 1892, "os maiores ladrões e bandidos do Rio Grande do Sul", que tentamos contestar até prova irrefutável, em artigo citado 'Canguçú na Revolução Federalista?
- Quais as circunstâncias em torno do sepultamento dos degolados em Rio Negro? e
- Qual a razão das autoridades de então não terem desenvolvido um esforço em defesa da memória do Cel Pedroso, que se comportou com bravura, valor militar e muita diligência em defesa do governo constituído no RS e da consolidação da República, conforme mencionam os relatos disponíveis, mas que o telegrama de Telles a quem muito bem serviu após, coloca sua vida e obra, ao que parece, em injusta suspeição que até hoje estigmatiza seus familiares?

Enfim, o número de degolados no Rio Negro girou em torno de 300 ou de dezenas? Eis um desafio para os historiadores isentos para que a posteridade conheça a verdade histórica e não correr o risco de repetí-la!

A respeito da responsabilidade por este massacre, em 'O Cel Sampaio e os apontamentos...' o Mal Sampaio escreveu em 1920, focalizando o Gen Joca Tavares.

> "Logo, tratando-se de um exército reunido sob as vistas do general em chefe revolucionário, não há como afastar deste a inteira responsabilidade da tristemente célebre ocorrência.
>
> Entretanto, quem - conhecendo esse velho simples e de bom coração, um verdadeiro bravo, que prestou importantes serviços na guerra contra o Paraguai - será capaz de admitir que ele ordenasse esses covardes assassinatos?
>
> Não há dúvida que o general foi fraco, não

> impedindndo que perversos auxiliares seus praticassem tão infames atrocidades e, portanto, acarretou com a responsabilidade delas. Isto, porém, não autoriza que se considere fera humana – como fez o Dr. Wenceslau, com referência aos drs. Castilhos, Victorino e Abbot, sempre que, no seu livro, teve de mencionar violências praticadas no período de governo de cada um deles. É bem certo o rifão: Quem tem telhado de vidro... ”

Documentos sobre o sítio de Bagé

A respeito de resistência e levantamento do sítio federalista de Bagé, em 8 Jan 1894, eis alguns documentos que dão a medida do que lá ocorreu na voz de seus protagonistas, e preservados em VILALBA, Rev. Fed. RGS e OD 105, de 14 Jan 1894 da 3ª RM.

Documento 1: Resposta do Cel Carlos Telles ao Gen Joca Tavares e a seu irmão Zeca Tavares, uma espécie de ultimato intermediado por agentes consulares em Bagé e anotado pelo promotor público local, Dr. Antenor Soares:

> Peço que de minha parte transmita ao Gen. Tavares o seguinte: O nome, as glórias que sua Exa. alcançou, foram no seio do Exército Brasileiro. Portanto que ele não deve ignorar que o Soldado Brasileiro não capitula, ainda que se encontre fraco em seu posto. Eu nunca capitularei, achando-me forte e defendendo o governo legalmente constituído e as instituições de minha Pátria. Ele, General Tavares, é quem deve depor as armas; por que é um revoltoso. Se assim proceder pode contar com as garantias. Mas os oficiais e soldados desertores do Exército, que estão entre os revoltosos serão castigados, uns com demissão e outros com a baixa do serviço...” (Pub. por OLIVEIRA. Vultos e fatos de nossa História. P. Alegre: Martins Livreiro, 1985, p. 85).

A notícia da degola ocorrida no Rio Negro havia se espalhado entre a guarnição de Bagé, a qual redobrou o ânimo defensivo para evitar outro desastre como o ocorrido em Rio Negro, seguido da degola de toda a Cavalaria Patriota civil, o que agravou sobremodo a situação da Cavalaria da 3ª RM, já grave, conforme o Cel Carlos Telles observará, e que o

obrigou a resistir em posição fortificada.

Estes versos de poesia composta por um defensor de Bagé, durante o sítio, dão uma ideia do temor que ali passou a dominar.

I No sítio do Rio Negro
Quantos heróis degolaram
Esse grupo de salteadores
Que lá no Prata se armaram

II Esse grupo de salteadores
Que lá no Prata se armaram
Assassinaram sem piedade
Os heróis que se renderam

III Eu não vi, mas me contaram
Os próprios que lá se achavam
Que na beira de uma sanga
Muitos heróis degolaram

IV E o bravo coronel Pedroso
Que a fronte nunca curvou
Quando viu as armas render
A nobre face corou

V E o Zeca Tavares
Foi que mandou matar
Esse bandido covarde
Com a mesma há de pagar.

Fonte: Fontes para a História Rev. 93 (Bagé: URCAMP, 1991-92).

Imagens do cerco federalista a Bagé

Aspectos da praça e da Igreja Matriz de São Sebastião em Bagé durante a resistência memorável ao sítio de 46 dias por federalistas no final de 1893 e início de 94

Aspectos da resistência de 46 dias ao sítio federalista de Bagé. Acima: trincheira legalista na rua 7 de setembro, esquina Dr. Veríssimo. Abaixo: posição da Artilharia legalista na Panela do Candal.

General Carlos Maria da Silva Telles (1848-1899)

Herói da resistência ao cerco federalista de 46 dias de Bagé e do combate à tentativa de conquista do Rio Grande do Sul pelo Almirante Custódio José de Melo em 1894. Sentou praça em 1865, indo diretamente para a Guerra do Paraguai onde foi ferido no Passo da Pátria. Combateu em Piquiciri, na Dezembrada, em Assunção e em Peribebui. Participou da luta contra a Revolta dos Muckers do Ferrabraz (1874). Herói do combate à Revolta de Canudos no sertão baiano, onde foi gravemente ferido. Serviu no Mato Grosso, sob o comando do Marechal Manuel Deodoro da Fonseca, e também no Amazonas. Nascido em Porto Alegre, destacou-se no comando do 31º Batalhão de Infantaria (Bagé), no combate anti-federalista na Guerra Civil de 1893-95 e na Revolta na Armada. O 31º BI foi OM formadora do 9º BIMtz, Pelotas (Fonte: Museu Dom Diogo de Souza, Bagé).

Documento 2: Resposta do então Cel Carlos Telles aos federalistas ao apelo para que aderisse à causa revolucionária e entregasse Bagé.

> Comando da guarniçao e fronteira de Bagé - O Cel. Carlos Telles, respondendo ao apelo que de Pirahy foi dirigido aos oficiais desta guarnição e assinado por onze indivíduos, declara, por si só e por seus oficiais, que não toma conhecimento do mesmo apelo, por que não quer, nem deve corresponder-se com desertores do Exército. Bagé, 23 Nov. 1893. Carlos Teles, Cel.

Documento 3: Ordem do Dia de 9 Jan 1894 do comando da Guarnição de Fronteira de Bagé.

> Após 46 longos dias de sítio, é com a maior satisfação que este comando rememorando o que então se passara, torna público o seguinte: As forças desta guarnição composta do 31º BI, do 4º RArt. e da 1ª Cia 2 BE, 5º Corp. Prov.; Bat. Republicano, pessoal da Guarda Militar e de Patriotas, privadas de Comunicações com as demais guarnições deste Estado convergiram para a praça fortificada, repelindo sempre o inimigo que por diversas vezes e em dias diferentes tentara tomar de assalto esse centro de resistência. Desde a madrugada de 27 de novembro, porém, esta valorosa resistência foi secundada pelo Corpo de Transporte e 2º Batalhão da Reserva da Brigada Militar, procedentes do Quebracho donde se retiraram do sítio (do Rio Negro) com que o inimigo tentou isolá-los e com os quais as forças acima mencionadas perfizeram um total de 900 homens. A concentração desta força na praça fortificada, **exigida pela falta absoluta de Cavalaria, um dos mais importantes e imprescindíveis recursos nas guerras sul-americanas** (o grifo é do autor), bem como pela sua inferioridade numérica em relação às do inimigo, composta de uns 3.000 homens, alentados ainda pela recente vitória do Rio Negro, talvez lhes fizesse crer no prenúncio de uma nova vitória. Assim, ilusoriamente reanimados, redobram a intensidade dos seus fogos de fuzilaria, os quais partindo dos fundos dos quintais, das esquinas e telhados das casas, principalmente sitvadas ao N e W da cidade, onde em maior número se alojaram, varriam a praça em todos os sentidos. É com orgulho que este comando vos assegura que nesses momentos, os mais

críticos, sempre julgou esta praça inexpugnável vendo que cada um de vós era inseparável de seu posto de honra, procurando à porfia melhor cumprir os seus deveres, tornando-se todos dignos dos maiores encômios e da gratidão Nacional, mesmo porque na noite de 8 do corrente (8 de janeiro de 1894), o inimigo abatido por tão heróica resistência e já desprovido de munições e desarmados pelos grandes claros que fizestes em suas fileiras, fugiu precipitadamente, deixando muitas armas e após uma cidade em ruínas, saqueada e incendiada. As instituições nascentes e a integridade de nossa Pátria não perigarão jamais enquanto tiverem defensores valorosos e abnegados até o sacrifício, como vós. Diante da uniformidade de um semelhante proceder, este comando julga-se dispensado de mencionar o nome dos que se distinguiram. Por isso louva a todos os oficiais desta guarnição pela firmeza e lealdade com que se portaram durante o penoso sítio a que esteve sujeita, e determina que os Senhores comandantes de corpos façam em suas ordens regimentais as distinções que julgarem de justiça. Contrabalançando as alegrias provenientes da grande vitória alcançada pelas armas gloriosas da República, este comando lamenta aqueles que tombaram no campo da luta; aos feridos, os que apenas verteram o seu sangue em prol das novas instituições, - os nossos respeitos e admiração; aqueles que sucumbiram para sempre, as nossas saudades e a gratidão da Pátria. Ass. Carlos Teles, Cel."

Documento 4: Telegrama do Cel Carlos Telles de 11 Jan 1894 ao Ministro da Guerra Gen Moura (OD 105 de 14Jan 1894 da 3ª RM com QG em Porto Alegre).

Ilustre Cidadão Ministro da Guerra - Bagé, 11 de janeiro de 1894. - Sitiada esta cidade por forças inimigas desde vinte e quatro de Novembro, sendo o sítio apertadíssimo, a partir de 22 do próximo passado, e depois de tiroteios e tentativas de assaltos a esta praça durante 18 dias e 19 noites, nas quais o inimigo gastou todas as suas munições, tivemos, no dia 8 do corrente, o desprazer de vê-los fugir em debandada e mal montados, sem terem tentado o ataque decisivo, pelo qual tanto ansiávamos. Esta guarnição teve de prejuízo 4 oficiais mortos, sendo o alferes do 5º Regimento de Cavalaria Bento Antônio de Souza, meu secretário e

alferes do 31º Batalhão de Infantaria Vicente de Azevedo, um dos meus ajudantes de ordens e 2 Capitães das forças patrióticas de D. Pedrito, e feridos o lº Tenente Alfredo Pires, levemente, um major e 2 Capitães de forças patrióticas, tivemos mais 30 praças mortas e oitenta e seis feridas. Pelo número de sepulturas, que existem nos quintaes e arrabaldes da cidade, de carretas e carroças, que daqui saíram conduzindo feridos em direção ao Estado oriental, e por informações de pessoas insuspeitas, calcula-se o prejuízo do inimigo mais de quatrocentos homens, entre mortos e feridos, além de 500 deserções havidas depois do desbragado saque, de horrorosos assassinatos, de depredações de toda a espécie, inc1usive pavorosos incêndios ateados pelas mãos criminosas dos bandidos do Exército Libertador! No dia 8 e já à úiltima hora, quando o inimigo atacava pela derradeira vez, fui levemente ferido no ombro direito. A coluna do Cel. Sampaio aqui chegou ontem à tarde. Saudações. Carlos Telles.

Documento 5: Telegrama do Cel João Cezar Sampaio, comandante da Divisão do Sul, que libertou Bagé em 8 Jan, enviado no dia 11 Jan ao Gen Bacellar, comandante da 3ª RM com seu QG Avançado em Rio Grande (OD 105 de 14 Jan 1894 da 3ª RM).

Ontem às 4 1/2 tarde a Divisão acampou no Quebranchinho, tendo notícias inimigos levantaram sítio Bagé atropeladamente ao saberem nossa aproximação, indo sem munição, mal montados. Por ter de entregar gêneros a Carlos Telles, só amanhã poderei continuar marcha sobre inimigo. Inimigo sustentou fogo contra cidade durante 18 dias consecutivos, sendo heroicamente repelidos pela briosa guarnição apenas circunscrita à praça da Matriz, pois o inimigo procurando muros e casas, intrincheirou-se nestas a quadras de distância. Tivemos fora de combate 36 mortos, inclusive 4 oficiais e 90 feridos. O prejuízo do inimigo é superior a 400 homens, tendo havido muitas deserções depois que tiveram certeza da nossa marcha. Cidade muito danificada, tendo o inimigo saqueado e atrozmente incendiado muitas casas, degolado homens indefesos e até queimado vivos dois soldados. Peço transmitir este ao Ministro Guerra - Viva a República! (assinado) cel Sampaio

(Comandante da Divisão do Sul).

Documento 6: Ordem do Dia do comandante da 1ª Bda da Divisão do Sul em operações no Sul do RS, emitida em 13 Jan 1894 sob o nº 15, no Acampamento de Boa Vista, sobre os sítios do Rio Negro e de Bagé e cornportamentos dos federalistas nos mesmos. Era o comandante titular do 32º BI, que viera de Vitória, ES, para São Gabriel.

Camaradas da 1ª Brigada: O quadro desolador visto por nos em Bagé, traduz e é um claro atestado das cenas de vandalismo praticadas por estrangeiros que o pouco escrúpulo de desorientados brasileiros trouxeram à nossa Pátria para, reunidos em número muito superior aos nossos companheiros, tentarem tomar a praça, batendo sua heróica guarnição. Narramos os fatos em suas particularidades seria descrever as cenas descritas por Põe, ou o inferno de Dante em que por longos dias estiveram, não só nossos camaradas, como as famílias residentes nessa cidade, Não foram poupados os velhos octogenários, quando choravam a perda de seus filhos e parentes por eles degolados no Rio Negro. Não se condoeram das pobres esposas que viram seus maridos levados à sanga para depois do massacre terem a garganta atravessada pela faca. Foram surdos aos gritos das pobres crianças que com estertor, no auge da maior angústia, pediam que poupassem a vida de seus inocentes pais. Cenas dolorosas para esses a quem fizeram órfãos e viúvas. Canibais! Como se tudo isto não bastasse para saciar esses descendentes de Nero, obrigaram as criancinhas a morrerem de inanição, proibindo a venda de leite. Deitaram fogo a diversas casas, saquearam a todas, exigindo de muitos moradores quantias avultadas. Os insultos, os doestos, as palavras obcenas, as injúrias assacadas aos nossos camaradas, as faziam sem respeito a moral com grande gáudio para seus diretores. Pois bem, enquanto tudo isto sucedia a briosa guarnição militar de Bagé, dando vivas a República, defendia a praça com valor estóico, suportando com toda a resignação os vexames da fome e quiçá, muitas vezes, da sede. Emagrecidos, macilentos os nossos camaradas não fraquejaram um só momento. Que nos sirva de exemplo essa abnegação, esse heroísmo, e todos da 1ª Bda. de quem espavorido foge o inimigo, marchemos ao seu

> encalço para dar-lhes a devida punição. Viva a guarnição de Bagé! Viva a lª Bda. da Divisão do Sul! Viva a República! Ass: Francisco Felix de Araújo - Ten. Cel.

O Ten Cel Francisco Félix de Araújo nasceu em 1845. Praça de 1865. Havia sido promovido a este posto por bravura e merecimento. Curso de Infantaria. Possuía a Medalha da Campanha do Paraguai pelo Brasil, Uruguai e Argentina por cinco anos de Campanha e Medalha do Mérito.

Documento 7: Telegrama do Ministro da Guerra de 14 Jan ao Cel Carlos Telles, cumprimentando-o pela vitória sobre o sítio federalista:

> Cel. Carlos Telles, Viva a República. Vós e heróica, guarnição de Bagé fizeram jús a nossa admiração e reconhecimento. Com tão valentes e abnegados soldados e patriotas a República não pode ser vencida. Ao Mar. Floriano transmiti telegrama que me enviastes. Abraço-vos e a todos os valentes camaradas da guarnição de Bagé.

Documento 8: Telegrama do Ministro da Guerra, Gen Moura ao comandante da 3ª RM Gen Bacellar, ordenando publicar em Ordem do Dia a documentação sobre a libertação de Bagé (OD 105 da 3ª RM de 14 Jan 1894).

> Ministério dos Negócios da Guerra - Porto Alegre, 14 de janeiro de 1894. - Sr. Comandante do 6º Distrito Militar. Viva a República! A cidade de Bagé, sitiada, desde vinte quatro de Novembro, por numerosas forças inimigas, do mando de Tavares, resistiu com o maior heroísmo até retirar-se precipitadamente o inimigo. Pelos telegramas inclusos, que arei publicar em Ordem do Dia, vê-se quão brilhante foi a defesa. O impertérrito Cel Carlos Maria da Silva Telles, já muito conhecido pela sua bravura e patriotismo e a brava guarnição de Bagé, composta do 4º Regimento de Artilharia, Corpo de Transporte, 31º Batalhão de Infantaria e alguma força civil durante esses quarenta e cinco dias de sítio apertado, sofrendo toda sorte de privações, resistindo com o maior denodo e abnegação aos ataques sucessivos de forças muito superiores em número, fizeram jús à nossa admiração e ao reconhecimento da Pátria. - Saúde e Fraternidade (Assinado) Francisco Antonio de Moura.

Documento 9: Comentário do Ce1 Thomas Thompson Flores, comandante da guarnição de Porto Alegre e respondendo pelo expediente da 3ª RM, em seu QG Recuado, em Porto Alegre, e signatário da OD 105.

> De par com congratulatório abraço que daqui envio ao heróico chefe da defesa de Bagé, que tando mereceu da Pátria e da República, levanto um urra de sincero entusiasmo em homenagem ao punhado de bravos que sob seu ilustre comando mostraram ao mundo que o soldado brasileiro, sempre, em qualquer situação, não tem quem o exceda, em honra, abnegação, constância e valor. Viva a República. Thomas Thompson Flores - Cel.

Documento 10: Telegrama do comandante da 3ª RM de seu QG Avançado na cidade de Rio Grande.

> Rio Grande 15 jan 1894. Cel Carlos Telles - Bagé - Com a sinceridade e admiração de soldado felicito-vos pela heróica e prodigiosa defesa que durante longos e penosos dias opusestes tenazmente aos bárbaros inimigos da República. Abraço-vos e aos destemidos, leais e bravos companheiros que faziam parte da guarnição do vosso digno comando. Gen Antonio Joaquim Bacellar.

Vitória republicana de Sarandi -1º de março de 1894

A OD da 3ª RM, de lº Mar 1894 publicava, por ordem do Ministro da Guerra, os seguintes telegramas recebidos do presidente do Estado Dr. Vitorino Monteiro, dando conta das vitórias obtidas pela Divisão do Oeste ao comando do Gen Hipolito Pinto Ribeiro, em Ibirapuitã e Sarandi, em Sant'ana, sobre os federalistas que levaram, inclusive, prisioneiros do Exército do 28º BI, obrigando-os a lutarem em suas fileiras com o nome de Batalhão Ernesto Paiva.

> Sr. Comandante do 6° Distrito Militar. - Remeto-vos para serem publicados em Ordem do Dia os inclusos telegramas, que recebi do ministro Plenipotenciário do Brasil no estado Oriental do Uruguai e dos quais consta a vitória alcançada pelas forças ao mando do intrépido Gen. Bda. Hipolito Antonio Ribeiro sobre os inimigos da República, às margens do Ibirapuitã e em Sarandi. Saúde e fraternidade (Assinado) Francisco Antonio de Moura.

Telegramas

Dia lº de Março - Hipolito pede transmitir-vos o recado seguinte:

> As oito horas a nossa vanguarda, composta de Cavalaria, atacou a retaguarda inimiga, no Ibirapuitã,

tomando onze carretas com munições, armamentos, fazendas. Muitos mortos, verificando-se até este momento mais de cincoenta. Tivemos poucos feridos, tendo apenas notícias de dois mortos. Continuo em perseguição de bandos fugitivos. Mais tarde darei pormenores. Estou a frente e não descansarei enquanto não conseguir vitória final.Viva a República! Viva o Marechal Floriano! Viva o Rio Grande do Sul! (Assinado) Gen. Hipolito."

Regozijo-me com V. Exª. por esta vitória. Estou certo de que Hipolito exterminará coluna David Martins. Sinceras Saudações. Vitorino Monteiro.

Chegou um próprio de Hipolito, que manda a seguinte comunicação:

Transmita a Vitorino e Ministro da Guerra este recado: Confirmo o telegrama anterior. Continuando com a Cavalaria em perseguição da coluna de Cabeda, Ulysses e David desde Ibirapuitã até a casa de Carlos Judice, em Sarandi, seis léguas, desbaratamos completamente o inimigo, ficando 400 mortos, entre estes oficiais, muitos prisioneiros, todo o transporte de guerra e particular, arquivo, estandartes, instrumentos de musica, todo o armamento e munição, três mil animais cavalares. Tivemos satisfação de resgatar nossos companheiros cel Alencastro, maj Almeida, ten Vicente Alves, alf José Vasconcellos e Custódio, capitães José Soares e Genuíno Severo. Consta que o Gen Isidoro escapou-se para o Estado Oriental: (Foi posto em liberdade por Davi Martins). É de admirar que diante de tamanha derrota só tivéssemos 20 homens fora de combate, sendo mortos apenas quatro. Foram completamente extintos os batalhões Ernesto Paiva e Antonio Vargas. Cabeda, Ulysses e David fugiram cercados de pequenos grupo em completa desfilada, tomando uns a direção da linha Oriental, outros Quaraí e continuam perseguidos. Se não fosse o cansaço da nossa cavalhada, pela longa marcha durante toda a noite, e superioridade de cavalos dos chefes, seriam estes prisioneiros ou mortos, evitando-se assim que fugissem os grandes criminosos principais responsáveis. Asseguro-vos, porém, que a coluna inimiga ficou completamente desfeita. Saúdo-vos. Viva a República! Viva o Rio Grande do Sul! Viva o Marechal Floriano! Viva o

> General Moura! Viva Júlio de Castilhos! (Assinado) gen Hipolito.
>
> Cumprimento V. Exª. pelo esplêndido triunfo do benemérito Hipolito, que será inicio da sufocação da criminosa revolução.Vitorino Monteiro.

Vitorino Monteiro, vice-presidente do Rio Grande no exercício da presidência, era ligado por laços familiares a dois ex-comandantes da 3ª RM. Era filho do Mal Vitorino Carneiro Monteiro, Barão de São Borja, e neto do Gen Bento Manoel Ribeiro.

Neste combate de Sarandi foram libertados muitos integrantes do 28º BI, que fora capturado em Rio Negro e obrigado a lutar pela causa federalista como batalhão Ernesto Paiva.

O ataque do Almirante Custódio de Mello ao Rio Grande do Sul

De 6 a 11 Abr 1894 o comandante da 3ª RM, Gen Antonio Joaquim Bacellar, com seu QG avançado em Rio Grande e dispondo de fraca tropa, foi ali atacado pelo Alte. Custódio de Mello, dispondo de 900 civis federalistas transportados pelos navios República, Uranus, Meteoro, Íris e Esperança.

Em longo documento, após as primeiras reações da 3ª RM em 7 Abr 1894, Custódio de Mello, intitulando-se "Comandante-em-chefe das forças libertadoras", intimou o comandante da 3ª RM (VILALBA. **Rev. Fed. RGS.** Doc. 66) nos seguintes termos:

> A abandonares a cidade em 24 horas, içando a bandeira branca no ponto mais elevado da cidade, em sinal de adesão à revolução... Se por desgraça desejarem derramar sangue de nossos irmãos no ataque simultâneo a que submeterei Rio Grande, praticai um ato de humanidade retirando daí, no tempo concedido, as famílias e pessoas inermes e doentes.

O comandante da 3ª RM assim respondeu-lhe, laconicamente e com determinação: *É ocioso declarar que não cederei à pretensiosa intimação. Rio Grande 8 Abr. 94. Antonio Joaquim Bacellar, Gen. Div."*

E assim interpretamos o combate pela posse do Rio Grande entre a 3ª RM e os revoltosos na Esquadra e federalistas com apoio principalmente

na Parte Oficial do comandante da 3ª RM, Gen Bacellar, ao Ministro da Guerra, de 26 Abr 94 (Ibidem, doc. 66):

> Que foi surpreendido pelo ataque. Que no fim da manhã de 6 abr 94 o 6º BArt Posição, na barra, duelou bravamente com 5 navios atacantes dispondo de 4 canhões Krupp e 2 Withwort 32, tendo feito estragos no Meteoro. Enquanto isto se passava, tratou de convocar reforços urgentes. Pois, 100 homens de sua guarnição estavam em Camaquã e 180 perseguindo o bandido Carlos Chagas em Santa Izabel e Taim. Chamou o 20º BI (vindo de Goiás) e o 32º BI (vindo de Vitória-ES) que há algum tempo se encontravam em reforço a 3ª RM. Eles estavam guarnecendo a ferrovia Rio Grande-Bagé, sendo que o 32º BI em Cerro Chato. Estava guarnecendo Rio Grande parte do 35º BI (vindo de Teresina há algum tempo). Este estava desfalcado. Coube-lhe destacado papel após os revoltosos vencerem as baterias e a linha de torpedos que não detonaram por deteriorados... A tentativa de desembarque no temporariamente trapicha de Companhia Francesa foi impedido pela "inexcedível bravura, calma e tino" do 2°Sgt. Avelino Alves Setúbal a frente de 8 homens do 35º BI.

O comandante da 3ª RM organizou a defesa da cidade colocando no comando do litoral o Ten Cel Francisco Felix de Araújo, comandante do 32º BI, e da resistência no Parque o Maj José Carlos Pinto Jr., que foi reforçado ao norte pelo 32º BI. As forças revolucionárias só atacaram no dia seguinte. Foi obstruído, ao norte, o canal de acesso ao Rio Grande com o afundamento de um pontão. Pela manhã os revolucionários atacaram e cortaram a linha telegráfica e a ferrovia, isolando Rio Grande e dificultando a chegada de reforços.

Dentro da barra, as canhoneiras Cananéia e Camocim, ao comando do Cap Ten Fiúza Júnior, e a bateria da Macega enfrentaram corajosamente Custódio de Mello, que não conseguiu atingir Rio Grande, por obstrução do canal. Então rumou para São José do Norte com seus navios e a conquistou.

Face ao duelo desigual e, ferido, o Cap Ten Fiúza retirou-se para o fundo do porto com a Camocim e a Cananéia. Esta foi afundada para não cair em poder da revolta e, mais tarde, recuperada.

A praça de Rio Grande junto ao porto Velho foi fortificada, e o comandante da 3ª RM, Gen Bacellar, distribuiu este boletim à população riograndina:

> Na condição de chefe militar desta praça, cabe-me o supremo dever de prevenir à hospitaleira população desta cidade, que não obstante o selvagem, bárbaro e criminoso procedimento de piratas que se acham embarcados no República e frigoríficos e que hoje, malvadamente, começaram a bombardear Rio Grande ainda estão em posição hostil. Ameaçam atacar Rio Grande, por terra. Pode a população ficar tranquila e confiante, pois todas as medidas estão sendo tomadas para a defesa da cidade e manutenção da ordem pública. Pode o povo do Rio Grande fIcar tranquilo porque a guarnição que aqui se acha saberá cumprir o seu dever. Rio Grande 7Abr. 1894 - Ass. Gen Bacellar.

O Gen Bacellar declarou que recebeu todo o apoio das autoridades civis, guarda municipal e riograndinos. Ele já havia ordenado ao Ten Cel Carlos Telles, em Bagé, que cerrasse sobre Rio Grande, bem como o mesmo à guarnição de Pelotas, no que foi prontamente atendido.

Assim, às 0930 h da manhã de 7 Abr, as trincheiras do Parque foram reforçadas por Pelotas: 29º BI (Pelotas), Contingente do 28º BI (Rio Pardo), 2º BE e 3º Batalhão GN de Pelotas.

No início da tarde, os revoltosos atacaram o Parque. Foram repelidos, destacando-se por seu valor o comandante da posição Maj José Carlos Pinto Jr., futuro e destacado comandante da Brigada Militar do RS.

Foi no final de 7 Abr que o comandante da 3ª RM recebeu a intimação, que classificou pretensiosa, de Custódio de Mello. Tornou-a pública por interessar às famílias, enfermos e doentes. Intimação vinda pelo navio alemão São Pedro.

O dia 8 foi de tiroteios entre a Artilharia e os navios revoltosos estacionados em São José do Norte.

No dia 9, findo o prazo concedido pelos revolucionários na intimação ao Gen Bacellar, Custódio de Mello, da ponta da Macega, bombardeou o Parque por quatro horas e alguns projéteis sobre o QG da 3ª RM na praça. Ao mesmo tempo que a posição do Parque era bombardeada pelos navios, era atacada a tiros por terra. Custódio recolheu-se a São José do Norte, de onde seus navios atiraram à noite contra Rio Grande.

No dia 10 Abr a guarnição de Bagé, ao comando do Cel Carlos Telles, nucleada pelo 31º BI (São José del-Rey), 4º RArt (Bagé), combateu e desfez os ataques de terra na Quinta, no capão do Landi. Eles retraíram-se para a barra na maior confusão, deixando para trás "um canhão Krupp 8 e muitos extraviados pelos matos, banhados e praias fronteiras à ilha do Marinheiro", segundo Carlos Telles, que afirmou ser o Gen Salgado contrário ao desembarque ordenado por Custódio de Mello.

No dia 11 Abr Custódio de Mello deixou a barra rumo a SO, tendo dispensado o rebocador Lima Duarte, que apresou e depois abandonou no mar alto "cruelmente" a lancha 13 de maio. No mesmo dia 11 Abr a guarnição de Bagé, tendo à frente o Gen Carlos Telles fez sua entrada triunfal em Rio Grande.

No dia 12 Abr foi reestabelecido o telégrafo. Foi a derradeira cartada da Revolta na Armada. Custódio entregou seus navios à Argentina.

Criei-me ouvindo meu pai, que tinha 5 anos e meio na época desses eventos, contando suas impressões sobre os fatos a que assistiu e ouviu como morador da barra, acompanhando seu pai que exercia comissão na construção das obras da barra do Rio Grande.

O curioso foi que no bombardeio do QG da 3ª RM o primeiro tiro atingiu uma esfera armilar no alto da entrada do majestoso QG da 3ª RM, ao lado da Prefeitura atual, então ainda não inaugurado.

De 8 a 13 Jul 1893, pouco menos de um ano antes, o Alte Eduardo Wandenkolk entrara na Barra do Rio grande como revolucionário a bordo do Júpiter. O Gen José Cezar Sampaio comandava a guarnição do Rio Grande, composta inicialmente de 240 homens dos quais 140 do 29º BI e 100 da 3ª BAPos. Só foi reforçado na manhã de 9 por um BI da Brigada Militar com 280 homens e, mais tarde, pelo 35º BI e pelo lº Batalhão Reserva do Estado atingindo, em 11 Jul, um efetivo de 1.000.

Após algumas escaramuças, e não encontrando o Alte. Wandenkolk os apoios terrestres, rumou para o norte a 13 Jul. Incursão malograda que o Gen João Cezar Sampaio, defensor da praça, registrou em sua obra **O cel Sampaio e os apontamentos do Dr. Wenceslau Escobar.** (P. Alegre, Liv. Globo, 1920, pp. 101-113).

Acima, o Gen Div Antonio Joaquim Bacellar, em óleo na Galeria dos Comandantes da 3ª RM. Abaixo, foto dele em Rio Grande, com o seu Estado-Maior, por ocasião do ataque àquela cidade pela esquadra do Almirante Custódio de Mello. O Gen Bacellar está ao centro, de poncho. À direita do grupo está o então Maj Carlos Pinto, comandante da defesa da Barra do Rio Grande. Era filho do Alegrete. Comandou de modo assinalado a Brigada Militar e atingiu o posto de Marechal (Fonte: Álbum Ilustrado. Porto Alegre: 1934, p. LXII).

Quartel-General da 3ª RM em Rio Grande, inaugurado em 1894

Imagem do QG, cuja esfera armilar foi atingida por um tiro da Esquadra do Almirante Custódio de Mello, tendo sido substituída pelo escudo da República (Fonte: Biblioteca Riograndense).

O massacre do Boi Preto

Enquanto isso se passava em Rio Grande, com atos heróicos e cavalheirescos de ambos os contendores, no Capão do Boi Preto próximo à Palmeira das Missões o republicano Cel GN Firmino de Paula, em 10 Abr 1893, surpreendeu o federalista Ubaldino Machado.

Segundo Sérgio da Costa Franco, Firmino chacinou por fuzilamento 370 maragatos (Franco, 2012, p. 100). Os fuzilados foram, segundo Mozart Pereira de Souza "sendo sacrificados em grupos [...] e ficaram pelos campos à beira da estrada da Palmeirinha".

Este massacre, pelo que se sabe, não contou com o testemunho de força do Exército, como ocorreu em Rio Negro. Tanto no Rio Negro como

em Boi Preto, não se tem conhecimento de que os líderes que dele tomaram conhecimento, Silveira Martins e Júlio de Castilhos, tenham protestado. Por isso ambos mereceram de Décio Freitas o artigo “Delinquentes ilustres” (jornal **Zero Hora,** Porto Alegre, 22 Ago, 1993).

Em 23 Abr 1894, o Gen Francisco Moura, Ministro da Guerra e diretor das operações contra a Revolução Federalista presidiu a um desfile militar no atual Parque da Redenção, defronte à Escola Militar, fechada desde Set 93.

Desfilou a Divisão da Capital formada pelo lº RA, 6º RC e 2º RC, 13º BI e os lº e 7º BI da Guarda Nacional, tendo à frente o seu comandante, o Cel Inf Thomaz Thompson Flores. Participaram do desfile os piquetes do Presidente do Estado, do comandante da 3ª RM, a Companhia de Operários Militares do Arsenal de Guerra e a Guarda Municipal de Porto Alegre (OD 13, de 3 Abr 1894 da 3ª RM).

Pela OD 137 de 4 Mar 1894 da 3ª RM, o Cel Arthur Oscar, que até então comandara a Divisão do Centro a qual operara, inclusive, no litoral de Santa Catarina até Tubarão, passou a comandar a Divisão da Capital. Ele foi promovido a General em 28 Jul 1893.

O Cel Thomas T. Flores passou a comandar a Divisão de Proteção da Estrada de Ferro Porto Alegre - Uruguaiana, bem como o telégrafo ao longo da mesma.

A guarnição de Pelotas ficou a cargo do Cel Henrique Guatimozim e a de Rio Grande-Chuí, ao comando do Gen Jorge Diniz Santiago.

O Cel João Cézar Sampaio continuou no comando da Divisão do Sul e o Cel Carlos Telles no comando da guarnição e fronteira de Bagé.

A Divisão do Centro, reduzida à brigada do Gen Hon Antonio Adolfo da Fontoura Mena Barreto, passou a ser comandada por este, menos o 25º BI, que retornou a Porto Alegre.

Foi no comando do Gen Bacellar que o Exército foi expressivamente envolvido pela Revolução de 93 e pela Revolta na Armada. Ele deixou o comando em 23 Set 1894, falecendo cinco anos mais tarde em Porto Alegre, deixando seu nome indelévelmente ligado à cidade de Rio Grande.

O QG Avançado da 3ª RM em Rio Grande, sob o Gen Bacellar, uniu-se ao QG Recuado. Assim, a sede da 3ª RM passou a ser a cidade do Rio Grande a partir de 23 Set 1894.

General de Divisão João Baptista da Silva Telles (1844-1893)

Comandante da 3ª RM de 20 Jul a 25 Nov 1893. Comandou como Gen Bda e constituinte gaúcho as Forças em Operações no RGS contra os federalistas, de 7 Mar a 25 Nov 1893, sendo que a partir de 20 Jul como comandante efetivo da 3ª RM, conforme consta de sua Fé-de-Ofício no AHEx, o que amplia a galeria de comandantes daquele comando com a presente revelação. No combate aos federalistas em sua 1ª invasão, libertou as sitiadas Santana, em 19 Mar, e Bagé em 27 Mar. Derrotou em Upamoroti, em 12 Mai, contingentes federalistas que se internavam no Uruguai depois da indecisa batalha de Inhanduí. Passou o comando das operações ao Mal Isidoro Fernandes e o da 3ª RM ao Gen Bacellar. Seguiu para o Rio onde, em 13 Dez 1893, comandou ataque à Ilha do Governador, tendo sido repelido pelos revoltosos na Armada. Ferido grave, faleceu em consequência disso em 24 Dez, tendo quatro dias antes sido promovido por bravura a Gen Div. Faleceu aos 49 anos. Era irmão mais velho do Gen Carlos Telles. Nasceu em Porto Alegre em 9 Fev 1844. Praça de 9 Fev 1864, aos 20 anos. Fez toda a campanha do Paraguai. Como Alferes intregrou o piquete do Gen Osório, participando de diversas ações, sendo ferido numa delas. Capitão por bravura em 17 Nov 1869, ao final da Guerra, por ação notável na Campanha da Cordilheira. Integrou no Paraguai a 1ª Brigada Brasileira após a guerra (1871-75), onde casou com a filha do então Brig Frederico Augusto Mesquita, Barão de Cacequi, que comandaria a 3ª RM em 1880-83, sendo então seu Ajudante de Ordens. Cursou Infantaria e Cavalaria na Escola Militar de Porto Alegre (1879-81). Como Major e Ten Cel serviu quatro anos no 5º RCL de Bagé, sob o comando da Guarnição e fronteira do Gen Hon Joca Tavares com que travou amizade, continuada da Guerra do Paraguai, tendo comandado o 5º RC. Em 1889, foi mandado para Ouro Preto para organizar o 9º RC que foi logo transferido para o Rio por incidentes com a Polícia Militar. O 9º RC (atual Andrade Neves) aquartelou no 1º RC (atual Dragões da Independência, de Brasília) e juntos tiveram papel decisivo ao respaldarem a deposição do Gabinete de Ministros por Deodoro, em 15 Nov 1889, dia da Proclamação da República, em que o Cel João Telles comandou o lº RC, sem antes ter participado da conspiração no Clube Militar e da assinatura de Pactos de

Sangue e, pelo contrário, ter resistido inicialmente a participar da marcha até o Campo de Santana, conforme Ernesto Sene o registra em sua obra **Deodoro.** Sua posição foi entendida e ele comandou o 1º RC efetivamente como coronel em 1890-92. Foi-lhe confiado o comando da Brigada Policial do Rio (atual PMRJ) que exerceu de 1892 a Mar 1893, condição em que foi enviado ao Rio Grande. Inicialmente em 1º Nov 1892 para conferenciar com seu amigo Gen Joca Tavares na tentativa de demovê-lo da revolução, tendo passado de Bagé polêmico telegrama a Floriano, cuja parte cifrada ao final desafia especialistas e cujas circunstâncias abordamos no texto deste trabalho. A segunda vez foi em Mar 1893, quatro meses mais tarde, para comandar as operações contra os federalistas, levando-se em conta seus conhecimentos militares da Guarnição e Fronteira de Bagé. Comandou a 3ª RM, como já foi referido. A presente síntese se apoia em sua Fé-de-Ofício no AHEx. Sua foto é a que figura na Galeria de Comandantes do lº RCG - Dragões da Independência, de Brasília, e obtida através do historiador militar Cel Manoel Soriano Neto, então Diretor do extinto Centro de Documentação do Exército (C Doc Ex).

A 3ª RM e a Revolução - comando do General Santiago

A 3ª RM foi comandada de 23 Set 1894 a 8 Jan 1895, por três meses e meio, pelo Gen Bda Jorge Diniz de Santiago, até então comandante da guarnição do Rio Grande.

Foi um período de pouco envolvimento do Exército. De interesse militar foi o combate das Traíras, onde o Cel Zeca Tavares (apontado como responsável pelo massacre do Rio Negro) atacou um Batalhão da Brigada Militar que, utilizando a formação em quadrado, resistiu heroicamente, até ser socorrido pelo comandante da Brigada Militar, o Ten Cel Joaquim Pantaleão Telles de Queiroz, sobrinho do Cel Carlos Telles e ligado à prisão do Cel Facundo da qual resultou a tragédia que já descrevemos.

A morte de Gumersindo Saraiva em Carovi

Em 10 Ago 1894 em Carovi, Santiago, Gumersindo Saraiva foi mortalmente ferido por força da Brigada Militar. Foi sepultado em Santo Antonio. Poucos dias depois foi desenterrado por ordem do chefe civil Cel Firmino de Paula e colocado à margem da estrada para escárnio e execração por seus comandados. Após, sua cabeça foi cortada para ser

mostrada a Júlio de Castilhos, que repudiou o gesto. O corte da cabeça não foi feito por Firrnino de Paula, segundo Arthur Ferreira Filho.

Em que pesem divergências políticas, Gumersindo Saraiva hoje goza de admiração profissional do Exército, em cuja História é assim consagrado após pesquisa realizada na ECEME sobre Chefia e Liderança e que sintetizamos na revista ADN (nº 760, abr./jun. 93, p. 189) no artigo “Rev. Fed. de 93 - Lições de Arte e Ética Militar”:

> Revelou coragem fisica e moral, energia, espirito de remincia e de sacrificio, audácia e afetividade aos seus homens que considerava “o seu cardume”. Audaz e intrépido guerrilheiro que na sua grandeza d'alma tinha o mais elevado conceito de cavalheirismo. Era este o seu segredo e onde residia a sua força que eletrizava multidões, e fascinando o seu bravo adversário.

A atitude do Cel Firmino de Paula de fazer desfilar sua tropa diante de um cadáver, insultando-o, foi bem diversa da do Gen Antonio Netto, em Triunfo, na Revolução Farroupilha. Ele fez desfilar sua tropa em reverência e tributo à valentia do Cel imperial Gabriel Ribeiro, que numa batalha desigual preferiu “morrer lutando de espada em punho, do que entregá-la a rebeldes”. No Seival, ele (Gabriel) havia prendido o valoroso jovem Joca Tavares sem fazer-lhe nenhum mal. E foi este mesmo Joca Tavares, general em Rio Negro, responsável moral pela execução do Alferes Napoleão e mais outro do 28º BI, por haverem protestado contra a degola da cavalaria civil, que se rendeu sob garantia de vida. A Revolução de 93 sepultara as tradições de Firmeza e Doçura dos farrapos.

Ao contrário da rendição sob garantia de vida, desrespeitada em Rio Negro, na Lapa, segundo o Cel João Batista Magalhães, Gumersindo assegurou generosa capitulação, só maculada por Cesário Saraiva, federalista sanguinário conforme os próprios registros federalistas, o qual degolou o Maj Menandro Barreto. Em Tijucas, foi generosa a capitulação dos republicanos.

O Mal Floriano Peixoto passara a Presidência a Prudente de Morais em 15 Nov 1894. Faleceu pouco mais de meio ano após, na localidade de Floriano atual, na Divisa Resende - Barra Mansa.

Em 12 Nov 1894 foi inaugurada a estátua equestre do General Osorio e depositada sob ela seus restos mortais, exumados dali em 1993 e depositados em novo mausoléu construído no Parque Histórico Manuel

Luiz Osorio, em Tramandaí, cuja inauguração focalizamos na obra: BENTO, Claudio Moreira, Maj. A grande festa dos lanceiros. Recife: UFPE, 1971. Para marcar aquela cerimônia, o presidente Floriano Peixoto concedeu honras do posto imediato a todos os veteranos da Guerra do Paraguai ate o posto de coronel, inclusive.

Na área da 3ª RM, segundo sua OD 16, de 14 Nov 1894, foram contemplados com as honras de Gen Bda, entre outros, Manoel do Nascimento Vargas (pai de Getúlio Vargas), Salvador Pinheiro Machado e Francisco Rodrigues Portugal.

Tendo deixado o Ministério da Guerra (02 Mar 1892 a 13 Abr 1893) no Rio, pelo qual passou a respondeu o Gen Enéas Galvão, e vindo para o Sul, o Gen Francisco Antônio de Moura, por término do mandato do presidente Floriano Peixoto (15 Nov 1894) na OD 17, de 15 Nov 1894, fez seus agradecimentos e despedidas:

> Ao Exército, a heróica Brigada Militar, as valorosas e abnegadas legiões de milícias civis, Guardas Nacionais e Corpos Provisórios que confraternizados, unidos pelos laços sagrados do patriotismo, animados de ardente entusiasmo pela causa santa que defendemos, sofrendo não só resignados, mas contentes os rigores das estações, os incômodos de longas e penosas marchas muitas vezes, a pé por ásperos caminhos neste Estado e no de Santa Catarina e Paraná e lutando com todas as privações, superando todas as dificuldades, combatendo e vencendo o inimigo das instituições com heróica bravura, elevaram tão alto a gloriosa bandeira da República.

O Ministro da Guerra e Diretor das Operações Militares contra a Revolução Federalista citou nominalmente, e nesta ordem, os seguintes oficiais do Exército e de forças civis:

1 - Mal Izidoro de Oliveira Fernandes (Exército). Foi comandante da guarnição de Santana e, após, comandante em chefe de operações contra a Revolução.

2 - Gen Div Joaquim Antonio Bacellar (Exército). Comandou a 3ª RM na fase mais crítica da Revolução.

3 - Gen Div João Baptista da Silva Telles (Exército). Foi comandante-em-chefe das forças em operações no Estado contra a Revolução até Set 1893.

4 - Gen Honorário Francisco Rodrigues Lima. Comandante da Divisão do

Norte (civil), organizada em São Borja.
5 - Gen Hon José Gomes Pinheiro Machado (civil). Comandante de Brigada da Divisão do Norte, mobilizada nas Missões.
6 - Gen Bda Arthur Oscar Andrade Guimarães (Exército). Comandante do 30º BI, da Divisão do Centro e da Divisão da Capital.
7 - Gen Bda Hon Hipolito Pinto Ribeiro (civil). Comandante da Divisão do Oeste, organizada em Uruguaiana. Comandou a guarnição de Uruguaiana.
8 - Gen Bda Hon Antonio Adolfo Fontoura Mena Barreto (Exército). Comandou uma Brigada da Divisão do Centro e esta Divisão. Foi Ministro da Guerra em 1912 no governo do Marechal Hermes da Fonseca.
9 - Gen Hon Salvador Pinheiro Machado (civil). Comandou uma Brigada da Divisão do Norte.
10 - Gen Hon Manoel do Nascimento Vargas (civil). Comandou força da Divisão do Norte e, interinamente, a guarnição de São Borja (Pai de Getúlio Vargas).
11 - Gen Hon Firmino de Paula (civil). Comandou forças estaduais na região de Cruz Alta, Júlio de Castilhos, Palmeira, etc.
12 - Gen Hon Elias Amaro (civil). Comandou forças provisórias da Divisão do Sul em Jaguarão e em Dom Pedrito.
13 - Gen Hon Francisco Rodrigues Portugal (civil). Comandou uma brigada da Divisão do Centro. Foi derrotado em Cerro do Ouro em 20 Ago 1893.
14 - Cel Thomaz Tompson Flores (Exército). Comandou o 13º BI, em Porto Alegre, a Bda e depois a Divisão da Capital e também a Divisão da Ferrovia Porto Alegre - Uruguaiana.
15 - Cel João Cézar Sampaio (Exército). Comandou o 29º BI, as guarnições de Rio Grande e Pelotas e a Divisão do Sul, que libertou Bagé.
16 - Cel Carlos Telles (Exército). Comandante do 31º BI, da guarnição e da Fronteira de Bagé.
17 - Aguiar Correia (Não foi possível conseguir dados).
18 - Ten Cel Joaquim Pantaleão Telles de Queiroz (Exército). Comandou o 2º Batalhão de Engenharia e a Brigada Militar do Estado. Atingiu o generalato. Engenheiro militar.
19 - Ten Cel Antônio Tupi Ferreira Caldas. Comandante do 30º BI. Participou da Batalha de Inhanduí e Divisão do Centro. Morreu em ação em Canudos.

20 - Maj José Carlos Pinto (Exército). Herói da resistência em Rio Grande contra o Almirante Custódio de Mello.
21 - Cap Inf Antônio Carlos Chachá Pereira (Exército). Comandava a Guarda Cívica quando da renúncia de Júlio de Castilhos. Foi Aj O dos Generais João Telles e Francisco Moura. Conquistou a vitória de Lageado com contingente do 28º BI, conforme a OD de 25 Out 1894 da 3ª RM, p. 1.180.

Os chefes de números 4, 5, 7, 9 e 11 são estudados pela seguinte obra: FERREIRA FILHO, Arthur. **Revoluções e caudilhos.** Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1986.

Foram auxiliares do Gen Moura o Cap Alfredo Pretextato Maciel e Ten Jonathas do Rego Monteiro, mais tarde consagrados historiadores.

A 3ª RM e a Revolução no comando do General Moura

Comandou a 3ª RM de 8 Jan a 6 Mai 1895 o Gen Div Francisco Antônio Moura, sob a presidência de Prudente José de Moraes e Barros. Exerceu o cargo de Ministro da Guerra entre 1892-94, tendo inclusive deslocado seu QG para Porto Alegre na fase coincidente com a 2ª invasão de Joca Tavares, combinada com a Revolta na Esquadra. Era Min Guerra por ocasião da hecatombe do Rio Negro e do sítio de Bagé, o que provocou a decisão de transferir o seu gabinete para Porto Alegre e assumir o comando das operações. Passou o Ministério ao Gen Div Bernardo Vasques, que comandara a 3ª RM de 15 Jan a 16 Ago 1892. O envolvimento da 3ª RM em seu comando foi mínimo. Em seu comando chegou da Paraíba à frente do 17º BI o Cel Cláudio do Amaral Savaget. Pela OD nº 20 de 21 Nov 1894, este foi nomeado comandante da Brigada de Proteção da Estrada de Ferro do Sul (Rio Grande-Bagé), com QG na Estação Santa Rosa, contando com os 17º, 29º e 35º BI, contingentes da Guarda Nacional de Pelotas e o Corpo de Cavalaria Civil do Cel GN João Pereira Madruga, de Pinheiro Machado, que escapara do massacre do Rio Negro.

No início de Fev 95, durante o comando do Gen Moura na 3ª RM, o Cel Cláudio do Amaral Savaget partiu da Estação de Piratini (atual Pedro Osorio) à frente de 200 homens do 17º BI. Em Canguçú operou junção com forças civis de Cavalaria dos coronéis Bernardino Mota e Zeca Neto,

postas à disposição pelo Cel Pedro Osório. Em 17 Fev 93 o batalhão de Savaget bateu a retaguarda de Guerreiro Vitória, no Posto Branco, na Picada do Iguatemi. Guerreiro Vitória rumou em direção a fronteira. Savaget não o perseguiu por ele ter saído de sua zona de ação.

Também no comando do Gen Moura, em 11 Mar 95 o Cel Carlos Telles, no Passo do Valente, em Bagé, bateu coluna federalista e em 16 Mar, no combate de São Luiz, na Serrilhada, junto à fronteira, bateu outra coluna federalista à qual impôs pesadas baixas. Em 21 de março, Carlos Telles, na Estiva, entre Dom Pedrito e Ponche Verde, dispersou uma coluna federalista que perseguia uma coluna republicana civil do Gen Elias Amaro, comandante militar de Dom Pedrito.

A 3ª RM e a Revolução no comando do General Galvão de Queiroz

A morte do Almirante Saldanha da Gama

O Gen Div Inocêncio Galvão de Queiroz comandou a 3ª RM de 8 Jun a 16 Dez 1895 em Pelotas, tendo recebido do presidente Prudente de Moraes a missão de promover a paz. Ainda do Rio, em 28 Mar 95, o Gen escreveu ao Gen Hon Joca Tavares propondolhe uma conferência de paz.

Em 18 Jun 95, em Campo Osorio, teve lugar o combate em que a vanguarda do Gen Hipolito Ribeiro, comandada pelo Cel João Francisco, derrotou a força comandada pelo Alte. Saldanha da Gama, episódio que não contou com forças do Exército e que é descrito por Ivo Caggiani em Santana do Livramento - 150 anos de História. Sant'ana do Livramento: Associação Santanense, 1984, 3 vol.

Foi uma grande perda! Saldanha da Gama apoiara Deodoro em 25 Nov 93 e foi proibido por este de resistir quando podia haver dominado Custódio de Mello. Ao estourar a Revolta na Esquadra, manteve-se neutro no comando da Escola Naval e dos Marinheiros, sob o argumento de preservar o futuro da Marinha. Pressões de governo, da Revolta e de seus liderados não lhe deixaram outra escolha. Aderiu ao movimento revolucionário. Osvaldo Aranha foi quem até hoje melhor interpretou a grandeza de Saldanha da Gama, em discurso na inauguração de seu monumento em 1940, no jardim de Alah, transcrito em 'Revoluções que eu vi', do Alte. Frederico Pillar (Rio: BIBLIEx, 1951).

Em 1º Jul 95 Joca Tavares mandou suspender as hostilidades.

A paz de Pelotas

Em 10 Jul 95, na Estação Piratini (Pedro Osório atual e ex-Vila Olimpo), então município de Arroio Grande, o comandante da 3ª RM, Gen Galvão Queiroz, conferenciou com Joca Tavares, e foi lavrada a Ata Preliminar de Paz, a ser submetida ao Presidente da República.

Em 23 Ago 95, em Pelotas, o comandante da 3ª RM Gen Galvão Queiroz e o Gen Joca Tavares assinaram a Paz de Pelotas, que pôs fim à Revolução de 1893 no Brasil, não só no Rio Grande do Sul. Em 19 Set 95 foi decretada a anistia geral para os revolucionários do Rio Grande e da Armada.

A pacificação é tratada em VILALBA, Rev. Fed. RGS (Doc. 139-146). Intermediou no Rio a pacificação o Ministro da Guerra Bernardo Vasques, antigo comandante da 3ª RM.

O QG da 3ª RM, na rua 15 de Novembro, em Pelotas, foi o local onde foi assinada a paz. Hoje é a Escola Castelinho.

A Paz de Pelotas, além da conhecida obra de VILALBA (op. cit.) onde está bem contemplada também está, abundantemente, na Coleção Prudente de Moraes do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

As indicações da alentada documentação produzida está indicada na seguinte obra, coordenada pelo historiador Herculano Mathias:
IHGB. Arquivos Presidenciais - Prudente de Moraes. Rio: IHGB, 1990.

Possuem particular interesse os seguintes documentos:

Lata 592

- Correspondência ativa (os números a seguir referem-se às pastas que contém os documentos).

09 - Telegramas a Júlio de Castilhos sobre a paz - 1895.

10 - Carta confidencial a Júlio de Castilhos sobre a proposta de paz do Gen Joca.

15 - Carta ao Gen Inocêncio (Cmt 3ª RM) sobre a Ata da Paz de Pelotas.

16 - Carta do Gen Inocêncio a respeito de suas conferências com Joca Tavares.

17 - Carta ao Gen Inocêncio sobre a deliberação do governo sobre a proposta do Gen Joca Tavares.

19 - Telegramas reservados e urgentes ao Gen Inocêncio sobre a pacificação.

22 - Cartas ao Gen Cantuária (Cmt 3ª RM) negando seu pedido dc demissão.
38 - Carta (cópia) ao Gen Joca Tavares sobre punições de assassinos e outros crimes ocorridos nos estados (1897).
57 - Telegrama a Júlio de Castilhos, a respeito de protesto do Gen Carlos Telles, e cópia do telegrama do Gen Medeiros Mallet a Carlos Telles - 1898.

Lata 593

- Correspondência passiva.
35 - Arthur Oscar, telegramas sobre Canudos, 1897.

Lata 595

- Correspondência passiva.
13 - Cartas de Homero Batista sobre a paz de Pelotas, 1896.
14 - Cartas de Homero Batista sobre a paz de Pelotas, 1896.

Lata 596

19 - Telegrama do Gen Cantuária sobre a pressão feita a Vespúcio, 1896.
20 - Carta do Gen Cantuária (Cmt 3ª RM), inclusive sobre processo de João Francisco Pereira (a "hiena do Cati”), que foi biografado por Ivo Caggiani.
38 - Telegramas de Júlio de Castilhos sobre desarmamentos revolucionários no RS, 1895.
39 - Idem sobre a pacificação de Pelotas.
43 - Carta sobre atuação do Gen Inocêncio na paz e telegrama do Gen Joca Tavares ao vice-presidente da República.
44 - Telegramas dirigidos ao Congresso pelos Generais Inocêncio e Joca Tavares.
45 - Telegrama do Clube Caixeiral (Bagé) participando ameaças a membros da diretoria pelo Cel Carlos Telles - 1896.

Lata 597

23 - Telegramas do Cel Thompson Flores (Cmt interino da 3ª RM), 1896.
74 - Carta explicando a expulsão de 67 alunos da Escola Preparatória e Tática do Rio Grande do Sul, 1898.

Lata 598

10 - Telegramas de Borges de Medeiros, por haver assumido o governo do RS, e sobre o Cel Bernardino Mota, de Canguçu (1898).
20 - Carta sobre a situação no RS em 1897.

75 - Telegramas do vice-presidente Manoel Vitorino sobre a compra de armamento.

Lata 599

2 - Gen Inocêncio, telegrama a respeito do Gen Vasques, Ministro da Guerra - 1895.
3 - Idem sobre a pacificação do Rio Grande.
4 - Idem, com resposta de Prudente de Moraes.
5 - Idem, denunciando a violação do armistício pelos federalistas - 1895.
6 - Idem sobre conferência do Gen Joca, comunicando a assinatura da Paz de Pelotas e remessa, etc.
7 - Idem, telegramas sobre rendição de chefes federalistas - 1895.
31 - Telegramas entre o presidente, Gen Inocêncio e Júlio de Castilhos sobre a entrega do cadáver do Alte. Saldanha da Gama a seu irmão Sebastião.
58 - Telegramas do Gen Savaget (comandante de Santana) sobre a situação após a Paz de Pelotas - 1895.
62 - Carta do Mal Augusto Cézar da Silva (Cmt 3ª RM) sobre a situação no RS em 1898.

Lata 600

1 - Carta do Gen Joca tavares sobre a situação no RS, 1895-96.
2 - Idem sobre a criação do Partido Conservador Constitucional.
20 - Cartas do Gen Bernardo Vasques, Ministro da Guerra sobre a pacificação do Rio Grande do Sul.
21 - Cartas do Gen Bernardo Vasques, Ministro da Guerra, sobre a pacificação do Rio Grande do Sul.
22 - Cartas do Gen Bernardo Vasques sobre a pacificação do RS.

Lata 601

59 - Telegrama do Gen Bernardo Vasques ao Mal Cantuária, 1896.

Lata 620

5 - Telegrama do Gen João N. Medeiros Mallet, Ministro da Guerra, ao Cel Carlos Telles sobre suas declarações no Tribunal do Povo, 1898.
45 - Ata da conferência dos generais Inocêncio e Joca Tavares - 1895.
52 - Informações do Cel Thomaz Tompson Flores (comandante interino da 3ª RM) sobre a situação do RS. Enviada pelo Dr. Francisco S. Tavares.

Lata 604

25 - Lista de assinaturas pela Paz de Pelotas (em Pelotas), s/d.

Lata 605
1 a 15 - Pastas contendo recortes sobre a Paz de Pelotas, 1895-96.
Lata 606
6 - Indice onomástico das pessoas citadas na Coleção Prudente de Moraes.

O QG da 3ª RM foi na rua 15 de Novembro, em Pelotas, entre a rua do Canalete e a avenida Bento Gonçalves, atual escola Castelinho.

A aceitação da paz nao foi unânime. Em telegrama ao presidente Prudente de Moraes, Júlio de Castilhos escreveu a certa altura em telegrama de 3 Ago 1895:

> Júlio de Castilhos manifesta o desgosto entre os republicanos com os atos do Gen Inocêncio (Cmt da 3ª RM) e acusa-o de desleal para com Prudente de Moraes. Declara que o armistício tem sido nominal para os revolucionários, que a sombra da inatividade das forças governistas vão praticando toda a sorte de correrias em muitos municípios!

Dizendo que não fala de Presidente de Estado para Presidente da Reúpblica e nem de republicano para republicano, concluiu: “Para concluir, dizer-vos-ei que tenho o Gen Inocêncio Galvão por inimigo declarado do governo do Estado” (IHGB, Lata 597 - Pasta 43).

O centenário Jornal Diário Popular de Pelotas também manifestou seu descontentarnento, mandando ao presidente da República este curioso telegrama, após haver atacado a atuação do Gen Inocêncio na Paz de Pelotas.

> Levamos conhecimento seguinte ato: Hoje as 13 horas veio ao escritório do Diário Popular, o alferes Sales, ajudante de ordens do Gen. Inocêncio Galvão. Em nome deste avisou que mandaria chibatear os redatores desta folha se ela o atacasse em sua família. A vista desta ameaça pedimos providencias por julgarmos ameaçadas nossa vida. Redação Diário Popular (IHGB, Lata 594 - Pasta 6).

Seria talvez um caso de solução local que foi para a esfera presidencial.

O Gen Inocêncio Galvão, que estudamos ao final do capítulo, deixou o RS e dirigiu-se à Bahia para assumir sua cadeira de deputado estadual. Passou o comando ao Gen Savaget e este ao Cel Thomaz Thompson Flores, que o exerceram interinamente por mais de 40 dias até a chegada do Gen Cantuária.

A consolidação da Paz de Pelotas

Missão do Gen Cantuária, comandante da 3ª RM

Em 28 Jan 1896 assumiu o comando da 3ª RM, em Pelotas, o Gen João Tomás de Cantuária, que veio como representante do Governo Federal para cumprir o Convênio da Paz de Pelotas.

Em Ordern do Dia aos subordinados, recomendou que, para cumprir sua missão:

> Esperava os bons esforços da guarnição Federal (da 3ª RM), principalmente dos comandos das fronteiras e guarnições, **muito e muito recomenda** (o grifo é do autor) que nas zonas de jurisdição impeçam que se pratique qualquer violência, contra ex-revolucionários anistiados ou contra emigrados que regressem à Patria, tomando providências, ou as reclamando das autoridades locais, dando de tudo imediato conhecimento a este comando. Dirijo-me aos mes camaradas do Exército, no Rio Grande do Sul, do qual tenho a honra de ser filho. Não nos é licito aliarmo-nos a um partido contra o outro, pois a nossa missão é servir de garantia a todos sem a menor distinção de partidos.

E assim teve fim essa revolução. Os crimes nela praticados foram anistiados juridicamente, mas não as responsabilidades morais por eles (os crimes) em julgamento pelo Tribunal da História.

Aqui, pela primeira vez, acreditamos, foi feita urna reconstituição da atuação da 3ª RM nesta luta fratricida que ainda exigirá muitos anos para ser interpretada, alheia às paixões que enlouqueceram as palavras vinculadas através da imprensa republicana e federalista e que contribuíram para incendiar os ânimos e despertar os maus instintos de muitos, levando-os a praticar, contra irmãos, violências inauditas extremadas nos massacres do Cadeado e nos de Rio Negro e Boi Preto.

Pois foi nesse quadro de extrema complexidade política que os chefes e integrantes da 3ª RM tiveram que atuar com o máximo de isenção possível. E esta foi a tônica das diretrizes dos comandantes da 3ª RM enviados de fora.

Deixamos ao leitor e pesquisador inteligentes as conclusões e lições a tirar deste triste e sangrento episódio, que imolou cerca de 10.000 vidas de riograndenses e que dividiu e ainda divide opiniões. Os ideais

mais puros que alimentaram os republicanos e federalistas tiveram, têm e ainda terão muita importância no futuro do Brasil.

Assim, os republicanos conhecidos como pica-paus, que usam o lenço branco, e o federalistas conhecidos como maragatos, que usam lenços vermelhos, devem orgulhosamente continuar os usando em seus pescoços. Mas relativamcnte a excessos federalistas e republicanos praticados em Cadeado, Rio Negro e Boi Preto não devem usar lenços como vendas, para não enxergarem a verdade, instrumento da justiça na voz da História.

Devem estar alertas, dentro das novas dimensões da História, para que aqueles eventos sejam estudados com profundidade para se detectar os fatores que os determinaram e, isolados, colocá-los a serviço das lideranças para que os evitem.

Havia uma tendência historiográfica de esquecer a Revolução de 93 pelo seu barbarismo. Ou seja, condená-la a um memoricídio, o que não é correto e construtivo para a posteridade.

Enfim, aqui procuramos separar a 3ª RM dentro do contexto revolucionário civil, que ela procurou segurar. Isso se impõe ao leitor desavisado que relaciona revolução e guerra no Rio Grande do Sul com as forças do Exército e, por via de consequência, responsabilizando-o pelos excessos que não praticou e correram por conta de facções políticas civis, onde a Força Terrestre não pode intervir, impedido pela Constituição.

Para se entender a situação do Exército na época e, por via de consequência, a 3ª RM, a nossa obra (abaixo) proporciona uma ajuda: BENTO, Claúdio Moreira, Cel. O Exército na Proclamação da República. Rio de Janeiro: SENAI, 1989.

A situação dele em 1893-97 foi gravada pelo Regulamento de Ensino de 1890, baixado pelo Ministro da Guerra Ten Cel Benjamim Constant, que agravou o bacharelismo em detrimento do profissionalismo militar. Bacharelismo divorciado das necessidades da defesa interna e externa do Brasil.

Situação coincidente com a época da Diplomacia das Canhoneiras, nas quais tivemos ameaças de perdas territoriais no Mato Grosso, no Acre, na Ilha da Trindade e no Amapá por pressões imperialistas. Confirmar é obra de simples verificação!

Graças ao Barão do Rio Branco, o diplomata com alma de soldado,

grandes dificuldades foram contornadas, tendo sido aceito o seu argumento de que o “Brasil necessitava de Forças Armadas condignas, para discutir internacionalmente seus interesses, com prestígio e segurança”.

Felizmente, em 1905, foi baixado o Regulamento de Ensino de cunho profissional militar, implementado em Porto Alegre na Escola de Guerra então criada, e que funcionou até 1811. Escola de Guerra para não deixar dúvida sobre cumprir a missão de formar oficiais e não doutores e bacharéis em ciências físicas e matemáticas, conforme estudamos em:
BENTO, Cláudio Moreira, Cel. Escola de Guerra de Porto Alegre. In: Escolas de Formação de Oficiais das FFAA. Rio: FHE, POUPEx, 1891.

Por este trabalho se pode constatar a grande projeção da 3ª RM através desta Escola de Guerra.

A Revolução Federalista durou 31 meses e, segundo estimativas, imolou 10.000 vidas.

O uso do cavalo na Revolução de 1893-95

Como demonstramos, a vitória de Caxias sobre os farrapos foi conseguida com a maior mobilidade do Exército sobre os republicanos farrapos, obtida com apoio na superioridade em cavalos. Começou com o Exército a pé e os farroupilhas montados e com grande facilidade de remonta. Terminou com o Exército bem montado e os farrapos quase a pé e impossibilitados de remonta.

A Revolução de 93 para o Exército vai se caracterizar pelo amplo ernprego da Infantaria e insignificante de sua Cavalaria, por falta de cavalos, como se verá tendo, para compensar, de recorrer à Cavalaria Patriota civil, a qual foi em maioria chacinada em Rio Negro.

Ao estourar a Revolução, os revolucionários estavam e estiveram durante toda a guerra civil com grande mobilidade e dificuldade de serem alcançados. Deslocavam-se a cavalo.

Ao assumir o comando das operações no estado contra a Revolução em março de 1893, o Gen João Telles, sem Cavalaria, tratou de convocar a Cavalaria civil em Piratini, Canguçu, Pinheiro Machado e Bagé, ao comando dos coronéis Pedroso, Mota, Madruga e Cândido Garcia através dos bons ofícios de seu amigo, o Gen Honorário Luiz Alves Pereira. Essa Cavalaria fora usada em grande parte pelo governo do Estado

para as operações contra o Gen Joca Tavares em Bagé, em Jul 1892.

Com ela, Telles operou cerca de sete meses, sofrendo ao final rude golpe com a captura federalista, nas cercanias de Bagé, de cerca de 1.500 cavalos de sua tropa.

Em Rio Negro, de 26 a 28 Nov 1893, ficou patenteada a superioridade da Cavalaria federalista ao cercar o Mal Isidoro, que reagiu heroicamente à proporção desigual com a Cavalaria civil ao comando do Cel Maneco Pedroso, a qual foi rendida sob garantia de vida, tendo seus cavaleiros sido chacinados e seus cavalos usados pelos federalistas que, a seguir, sitiaram Bagé por 45 dias.

Em sua parte de combate, o Cel Carlos Telles explicou que a sua concentração na fortificada Bagé foi imposta “pela falta absoluta de Cavalaria, um dos mais imprescindíveis recursos nas guerras sul americanas”. O seu próprio cavalo ele teve de sacrificar para minorar a fome dos sitiados, em Bagé.

A Divisão do Sul, enviada para libertar Bagé, incorporou 600 cavalos comprados no Uruguai. Numa noite houve uma disparada deles, e a maioria foi parar no Uruguai. Um desastre, em razão da cavalhada ter ficado sob a guarda de homens inexperientes e não com campeiros da força civil de Zeca Netto. E esta situação foi de mal a pior. Em 24 Dez 1894 o Cel Floriano Florembel, em carta de Bagé ao seu amigo Gen Luiz Alves Pereira, comandante geral das tropas civis, que estava em Pelotas, escreveu: “Não dispomos aqui de um só cavalo! Tudo a pé, sem se montar nem ao menos um piquete (um grupo de combate). ”

Foram fundamentais para a mobilidade das tropas do Exército as ferrovias Rio Grande - Bagé e Porto Alegre - Uruguaiana.

Isso facilitou o emprego da Infantaria, que teve a missão de guardá-la, bem como o telégrafo, essencial às comunicações.

As tropas estaduais e as municipais que combateram a revolução foram melhor servidas de cavalos. Até os revolucionários, ao levantarem o sítio de Bagé, se deslocaram “mal montados”, segundo Carlos Telles.

A 3ª RM e a Guerra de Canudos - Bahia, 1896-97

Fazia pouco tempo que fora celebrada a Paz de Pelotas e estourou a Guerra de Canudos na Bahia, que durou de 21 Nov 1896 - ataque de

Uauá, até 6 Out 1897, arrasamento do arraial de Canudos. Quase um ano.

Foram necessárias quatro expedições para finalmente dominar a Revolta de Antônio Conselheiro, explorada como restauradora da Monarquia e uma ameaça à República. Problema que foge da finalidade deste trabalho.

- 1ª Expedição: Duração de 6 a 24 Nov 1897. Tropa: uma Companhia do 9º BI (Salvador), ao comando do Ten Manuel da Silva Pires Ferreira. Foi atacada em Uauá por jagunços em 6 Nov 1896 e obrigada a se retirar à noite para Juazeiro, BA, com 10 mortos (um Of, sete soldados e dois guias civis).

- 2ª Expedição: Duração de 25 Nov 1896 a 22 Jan 1897. Tropa: 600 homens do 9º BI (Salvador), 33º BI (Maceió), 26º BI (Sergipe), 5º RArt e mais a PM da Bahia. Armamento: dois canhões Krupp 7,5 e três Mtr Nordenfelt. Comandante: Maj Febrônio de Brito. Combateu em 18 e 19 Jan 1897. Nestes combates, a coluna foi envolvida por jagunços e retirou-se em ordem para Santo Amaro, onde chegou salva, lamentando 10 mortes.

- 3ª Expedição: Duração de 6 Fev a 4 Mar 1897. Tropa: uma brigada com cerca de 1.300 homens, 7º BI (Rio), 9º BI (Salvador), 16º BI (Salvador), uma Bateria do 2º RAC, Rio), um Esquadrão do 9º RC, Rio e 157 soldados da PMBA. Armamento: Fuzis Mannlincher e Comblain e 6 canhões Krupp. Comandante: Cel Antônio Moreira Cézar. A expedição fracassou em 4 Mai 97, após a morte do comandante. Houve debandada geral para Queimados. Mortos: 13 Of e 53 Sd do EB e 50 soldados da PMBA, num total de 126 mortos.

- 4ª Expedição: Duração de 6 Mar a 6 Out 1897. Força de 10.000 homens. Comandantes originados do Rio Grande do Sul, ou seja, os já Generais Arthur Oscar, Claudio do Amaral Savaget, Carlos Telles, os Coronéis Thomaz Tompson Flores, João Cézar Sampaio, Donaciano de Araújo Pantoja e o Ten Cel Antonio Tupi Ferreira Caldas. O comando da expedição coube ao Gen Arthur Oscar de Andrade Guimarães. Expedição dividida em duas colunas, sendo que a 2ª coluna foi comandada pelo Gen Savaget e integrada por três brigadas, 4ª, 5ª e 6ª.

A 4ª, ao comando do Cel Carlos Telles, com os 31º BI, 12º BI, um Esqd, 9º RC e mais Artilharia.

Comandou a 5ª Bda o Ten Cel Tupi Caldas.

A 6ª Brigada foi comandada pelo Cel Donaciano Pantoja (ex-comandante do 28º BI no Rio Negro) tendo o 26º BI, 32º BI e 33º BI mais Art. O Cel João Cézar Sampaio assumiu o comando da 6ª Bda em 27 Set, sendo que os generais Savaget e Carlos Telles foram substituídos por terem sido feridos..

Participaram da expedição as seguintes unidades da 3ª RM ou que a reforçaram durante a Revolução Federalista: 4º BI (São Gabriel); 12º BI (Rio Grande); 28º BI (Rio Pardo); 29º BI (Pelotas); 30º BI (Porto Alegre); 11º BI (Fortaleza); 25º B1 (São Paulo - que estava em Porto Alegre); 31º BI (São João d'el Rey - que estava em Bagé); 32º BI (Vitória, ES - que estava em São Gabriel); 35º BI (Teresina, que estava em Rio Grande); 2º BE (posteriormente 1º BFv, Lages, SC).

O Ministro da Guerra apoiou a Expedição resolvendo o problema logístico. Era filho do Rio Grande do Sul (Porto Alegre) e ex-comandante da 3ª RM, o Marechal Carlos Machado Bittencourt.

O grosso da tropa da 3ª RM combateu na 2ª coluna, que saiu de Aracaju. Comandou a 3ª brigada da 1ª coluna o Cel Thomaz Tompson Flores a partir de maio de 1897.

As OM da 3ª RM tiveram as seguintes baixas:

- 4º BI (São Gabriel) - 16 mortos; 12º BI (Rio Grande) - 55 mortos; 28º BI (Rio Pardo) - 2 mortos; 29º BI (Pelotas) - 10 mortos; e 30º BI (Porto Alegre) - 50 mortos. Total: 133 mortos.

Unidades que estavam no Sul e para lá retornaram:

- 21º BI (de São Paulo-SP e que estava em Porto Alegre) - 71 mortos; - 31º BI (de São João d'el Rey e que estava em Bagé) - 70 mortos; 32º BI (de Vitória, ES e que estava em São Gabriel) - 38 mortos; e 35º BI (de Terezina e que estava em Rio Grande) - 29 mortos. Total: 208 mortos.

O total de baixas das tropas da 3ª RM representou cerca de 37% no total de 910 mortos, dos quais 83 oficiais e 827 praças.

Foram as seguintes as baixas de oficiais, por morte:

- 4º BI (São Gabriel) - 2 mortes; - 12º (Rio Grande) - 4 mortes; - 28º BI (Rio Pardo) - 1 morte; - 29º BI (Pelotas) - 4 mortes; e - 30º BI (Porto Alegre) - 3 mortes. Total: 14 mortes.

Baixas de oficiais por morte nas unidades que estavam no Sul:

- 25º BI (São Paulo) - 6 mortos; - 31º BI (São João del-Rei) - 7 mortos; - 32º BI (Vitoria-ES) - 5 mortos; e - 35º BI (Terezina) - 1 morto. Total: 19

mortos.

Total de oficiais expedicionários da 3ª RM mortos: 33, ou cerca de 40% do total de 83 mortos na Expedição.

O que foi a luta em Canudos e a participação da 3ª RM pode ser acompanhado na extensa bibliografia da Guerra de Canudos que consta da obra: SAMPAIO NETO, Augusto Vaz, Ten. Cel. et alli. Canudos - subsídios para sua reavaliação histórica. Rio: Casa de Rui Barbosa, 1986.

Interessam particularmente à 3ª RM além da anterior a obra Os Sertões, de Euclides da Cunha:

Livros

GUIMARÃES, Carlos Eugênio de A. Arthur Oscar - um soldado do Império e da República. Rio: BIBLIEX, 1965 (O autor comandou a 3ª RM em 1897, além de haver combatido em Canudos).

MELO, Dante. A verdade sobre os Sertões. Rio: BIBLIEx, 1958 (Os gaúchos em Canudos).

SOARES, Henrique Duque Estrada dc Macedo. A Guerra de Canudos. Rio: BIBLIEx, 1959.

Monografias e Artigos

BARRETO, Emídio Dantas, Cel. Última expedição a Canudos. P. Alegre: A. Franco, 1898 (Foi comandante do 25º BI. Rico documentário com fotos dos chefes).

GUEDES, Pelino. O Marechal Carlos Machado Bittencourt. Rio: Tip. Leuzinger, 1898.

A Guerra de Canudos em fotografia. Bahia Ilustrada. Rio: 1919.

MORAIS, Manuel H. A. de. Influência da Logística em Canudos. In: Revista do Clube Militar. Rio: Set./Out. 1955.

NERI, Constantino. A 4ª Expedição a Canudos - Diário de Campanha. Belém: Tip. Pinto Barbosa, 1898.

OLIVEIRA, João Pereira, Gen. Vultos e fatos de nossa História. P. Alegre: Martins Liv., 1985. (Estuda Carlos Telles em Canudos e a atuação dos gaúchos).

Segundo Euclides da Cunha,

> Carlos Telles compreendeu como poucos, por sua intuição guerreira gaúcha, a Guerra de Canudos. Adestrou a sua 4ª Brigada (12º BI de Rio Grande, 31º BI de Bagé e Art.) e a adaptou à adversidade do terreno.

E sobre o que foi a contribuição gaúcha da 3ª RM, assim ele a imortalizou em Os Sertões:

> Sempre na vanguarda, os batalhões gaúchos distinguiram-se extraodinariamente na luta. Foram os primeiros que não se deixaram surpreender e os primeiros a surpreender os jagunços.

A 4ª Brigada brilhou em Cocorobó e no ataque final a Canudos.

Atribuiu-se a Carlos Telles a iniciativa de escolher no seu 31º BI 60 homens habituados às lides carnpeiras no Sul e com eles improvisar um esquadrão de lanceiros que em Canudos desempenharam importante função tática e logística, da seguinte forma:

Tática: Execução de reconhecimentos que, pela 1ª vez, preveniram ataques dc surpresa.

Logística: Arrebanhamento de gado espalhado pelo sertão para alimentar a expedição, ilhada na caatinga, até que o Mal Bittencourt, Ministro da Guerra, desse solução logística ao problema.

A Brigada de Carlos Telles foi chamada pelos jagunços de "batalhão talentoso".

Foram enviados para Canudos os seguintes coronéis de Infantaria que mais se haviam distinguido no combate à Revolução Federalista: Arthur Oscar, Thomaz Flores, João Cézar Sampaio, o Ten Cel Tupi Caldas, e mais o Cel Savaget, chegado em final de 1897.

Pereceram à frente de suas tropas o Cel Thomaz Tompson Flores e o Ten Cel Tupi Caldas. Foram feridos em ação o Gen Savaget e o Cel Carlos Telles. Todos os citados praticaram atos de bravura e se destacaram na ação.

Pouco se menciona do Cel Pantoja, que comandava o 28º BI no Rio Negro em 28 Nov 1893. O 28º BI sofreu muito, moralmente, com a derrota seguida de prisão no Rio Negro. Na tentativa de levantar o seu moral, foi-lhe dada em Canudos a missão de guarnecer a Estrada de Suprimento na Serra de Calumbi e o Serviço de Comboio.

Antológica é a descrição por Euclides da Cunha da morte do Ten Cel Tupi Caldas, heróica, em l Out 1897, no ataque a Canudos, como comandante do 30º BI de Porto Alegre, que deu origem às unidades de Infantaria de Porto Alegre e São Leopoldo e que tantas glórias colhera ao comando de Arthur Oscar. Transcrição com a qual encerramos este volume e que faz justiça ao espírito militar dos bravos da 3ª RM (1909-1897).

O Ten Cel Inf Antônio Tupi Ferreira Caldas:

Era um oficial de carreira, um militar de raça, um esplêndido general do futuro. Estatura pequena, magro, seco, nervoso, fisicamente frágil... um temperamento apaixonado e forte; a um tempo simples e ávido de renome; modesto, mas tendo, perene, n'alma, o sonho indefinido, a idealização suprema e absorvente da glória.

Ultimamente atravessava o acampamento arrimado em um comprido bordão, com o andar titubeante e incerto dos beribéricos.

Rodeava-o a simpatia de todos. Os seus comandados diretos, os soldados do 30º respeitavam-no como a um pai.

No dia 30 Set. 1897, à tarde, quando se dirigia para o acampamento do batalhão paulista, encontrei-o e falei:

- Sabe que o general Arthur Oscar não concorda que entre amanhã no combate?

- Sei, sei, o Arthur é muito meu camarada e teme pela minha moléstia... Mas não acha que é um contrasenso ficar na minha barraca, agora, no fim de tudo, eu, que suporto há tanto tempo este inferno?... Ficar na cama no fim da festa, justamente quando vão servir os doces... Não! Falta só um dia, vou até o fim!

E faltava-lhe só um dia e foi até o fim, o bravo e dedicado lidador, uma magnífica existência heróica atravessada ao ritmo febril das cargas guerreiras, uma vida que foi um poema de bravura, tendo como ponto final uma bala de Mannlincher.

Originara sua morte raro lance de bravura. Os soldados do 30º BI idolatravam-no. Era uma rara vocação militar. Irrequieto, nervoso e impulsivo, o seu temperamento casava-se bem à vertigem das cargas e à rudeza das casernas. Nesta campanha mesmo, jogara várias vezes a vida. Fora o comandante da vanguarda a 18 de Julho de 1897 e depois daquele dia saíra indene dos mais mortíferos tiroteios. As balas tinham-no até então poupado, arranhando-o, rendilhando-lhe o chapéu, amolgando-lhe a chapa do talim. A última fulminou-o!

Correu um frêmito, misto de pavor, de espanto e de cólera pelas fileiras do 30º BI. Houve um momento de vacilação e depois, como um só homem, mudo, assombrado,

terrível, o batalhão rolou sobre a trincheira, transpô-la de um salto, caiu no solo violentamente batido pela fuzilaria e enfrentando a morte precipitou-se sobre o inimigo, a marche, marche, sem disparar um tiro, impetuosamente varrendo-o a baioneta e a coice de armas!

É - fato que teve muitas testemunhas - o soldado ao voltar desta carga tremenda, ferido, mutilado ou chamuscado pelo incêndio, coberto pela poeira dos escombros, exausto e ofegante da luta, veste despedaçadas nos pugilatos corpo a corpo, indiferente à dor, indiferente à vida, que se lhe escapava pelas artérias rotas, vinha chorando, murmurando com uma veneração estranha o nome do denodado comandante.

Comandantes da 3ª RM na Revolução Federalista de 1893-95

Gen Bda Antônio José Maria Pêgo Júnior (1842-1907). Comandou a 3ª RM de 16 Ago 1892 a 1º Mai 1893, no início da Revolução de 93, por mais de 8 meses. Nasceu em Santos-SP, em 2 Jul 1842. Praça voluntária em 1859. Cursou Artilharia, Escola Militar em 1859-64 (Praia Vermelha e Largo São Francisco). Partiu para a guerra contra Aguirre, 1864-65, como sargento. Foi elogiado por sua conduta e atividade nas barrancas de Cuevas. Foi Alferes-aluno. Tomou parte em toda a Guerra do Paraguai. Como Ten e Cap lutou em Itapiru, Estero Belaco, Estabelecimento (onde foi ferido), Humaitá, Piquirici, Lomas Valentinas e Angustura. Retornou da guerra "como herói, por seu valor e calma". Foi professor de Geometria Descritiva na Praia Vermelha, a partir de 1872 e por longos anos. Cel em 1887, por merecimento. Comandou o Batalhão de Engenheiros. Em 15 Nov 1889 comandava a fortaleza de Santa Cruz e se manifestou contra a República, inicialmente. Gen Bda em 1892, comandou a 3ª RM. Comandou o Arsenal de Guerra do Rio durante a Revolta na Esquadra. Comandou a 5ª RM em hora dificílima, acusado de deixar Gomes Carneiro na Lapa no desamparo. Foi destituído do comando, julgado e condenado à morte em Conselho de Guerra. Foi absolvido pelo STM. Retornou à cátedra de Descritiva na Escola Militar até ser reformado como Marechal em 1906. Faleceu no Rio em 7 Fev 1907, aos 55 anos, mortificado pelas dores morais. Escreveu sua defesa, lida por Rocha Pombo que, após, assim

se expressou no Correio da Manhã, Rio, a 12 Dez 1929:

> Hoje só depois de sua morte foi conhecida a defesa do Mal Pêgo Jr. por ele próprio escrita. Quem lê-la nao poderá condená-lo.

Sobre o assunto, o Cel Cordolino de Azevedo, professor de História Militar de várias gerações da Escola Militar, escreveu o livro 'O Marechal Pêgo Júnior e a invasão do Paraná' (Rio: Irmandade Santa Cruz dos Militares, 1944), onde a certa altura dizia que o Mal Pêgo "esperava um dia ser defendido pelas injustiças que sofrera". (Fonte: subsídio fornecido pelo Cel Arivaldo Fontes, do IGHMB).

Gen Div Antonio Joaquim Bacellar (1832-1899). Comandou a 3ª RM por três vezes, 12 a 20 Nov 1891 (8 dias), 2 a 8 Jan 1892 (6 dias) e efetivo de 1º Mai 1893 a 23 Set 1894 (1 ano e 7 meses). O último período, coincidindo com a parte mais crítica da Revolução. Nasceu no Rio em 16 Mai 1832. Praça de 8 Nov 1846. Cursou Infantaria na Escola Militar. Pouco se sabe de sua vida militar até 1891. Não foi encontrada a sua Fé-de-Ofício no Arquivo Histórico do Exército, nem sua síntese biográfica no Rio, Porto Alegre e em Rio Grande.

Pelo Almanaque do Exército sabe-se que combateu na guerra contra Oribe e Rosas (1852-52), na guerra contra Aguirre (1864-65) e na do Paraguai. Aparece como Gen no comando da 3ª RM após a renúncia de Júlio de Castilhos. Comandou as forças do Norte da 3ª RM ate a renúncia de Deodoro. Em 10 Fev 1893 aparece como inspetor de Infantaria da 3ª RM. Promovido a Gen Div conforme OD da 3ª RM de 11 Set 1893. Pela OD 83 de 15 Nov 93, no 4º aniversário da República, agradeceu a cooperação da 3ª RM. Em 13 Dez 1893 deslocou seu QG para Rio Grande, deixando o comandante da guarnição de Porto Alegre respondendo pelo expediente. Em Rio Grande, comandou pessoalmente a vitória sobre o Alte. Custódio de Mello, que ali tentou desembarcar. Em 23 Set 1894, doente, passou o comando da 3ª RM que nesta data em Rio Grande passou a funcionar. Faleceu em Porto Alegre em 14 Set 1899, aos 67 anos.

Nada conseguimos obter sobre sua biografia na Biblioteca Rio-Grandense, para estranheza de seus próprios diretores, que o consideram um herói do Rio Grande, imortalizado em nome de uma de suas ruas.

Gen Jorge Diniz Santiago. Era comandante da guarnição de Rio Grande e Fronteira do Chuí. Comandou interinamente a 3ª RM por duas vezes, de 23

Set 1894 a 8 Jan 1895, por quase um mês, e de 6 Maio a 8 Jun 1895, por mais de um mês, num total de dois meses durante a Revolução Federalista. Nasceu em 1841. Praça de 17 Jan 1857. Cursou Artilharia, a cuja arma pertenceu. As sínteses biográficas de generais o omitem, e não foi encontrada sua Fé-de-Ofício no Arquivo Histórico do Exército. Pelo Almanaque do Exército concluiu-se que participou por quase todos os cinco anos da Campanha do Paraguai, sendo por isto condecorado pelo Brasil, Argentina e Uruguai. Sua promoção a Gen Bda o foi por estudos e antiguidade.

Gen Div Francisco Antonio de Moura (1839-1911). Comandou a 3ª RM de 8 Jan a 6 Mar 1895, em Rio Grande, por quatro meses. Nasceu no Rio em 29 Out 1839. Praça de 1857. Cursou Artilharia na Praia Vermelha. Em toda a sua vida de oficial ligou-se à Artilharia, da qual foi um grande especialista e autoridade. Como Cap lutou nas guerras contra Aguirre (1865), e do Paraguai, basicamente no 19º Btl Art Pos, ao comando do bravo Gen Gurjão. Foi ferido na defesa da ilha da Redenção. Participou como Comandante de bateria de diversos combates como Tuiuti, Lomas valentinas, Peribebui e Campo Grande. De sua folha de serviços são constantes estas referências: “calma, sangue frio, energia, dedicação a instituição, zelo, inteligência, dedicação, lealdade, circunspecção, notável honestidade e moralidade e haver sustentado vivíssimo fogo ao alcance da metralha inimiga”. Comandou o Arsenal de Guerra do Pará (1882), o Batalhão de Engenheiros (1882), a Escola de Tiro de Campo Grande (1885), a Escola de Aprendizes Artilheiros (1885) e o comando da Escola Militar de Porto Alegre (1889). Gen Bda em 30 Jul 1891, comandou a guarnição e Fronteira de Uruguaiana. Ministro da Guerra em 1892-94. O massacre do Rio Negro em 28 Nov 1893, seguido do sítio de Bagé, obrigaram-no a deslocar o seu QG para Porto Alegre, onde assumiu a direção das Operações contra a Revolução Federa1ista. Ao deixar o Ministério, em 15 Nov 1894, continuou no Sul no comando da 3ª

RM. Faleceu como Marechal Ref em 5 Jan 1911, aos 72 anos (síntese de sua Fé-de-Ofício no AHEx). Em 1898 foi preso por haver, como presidente do Clube Militar, convocado reunião do mesmo quando este se encontrava fechado por ato do Presidente Prudente de Morais. Era muito amigo do Mal Floriano Peixoto.

Gen Jorge Diniz Santiago. Foi estudado no seu primeiro comando interino. Inaugurou o QG em Rio Grande em 15 Nov 1894.

Gen Div Inocêncio Galvão de Queiroz (1841-1903). Comandou a 3ª RM de 8 Jun a 16 Dez 1895, por seis meses, com a missão de pacificar a Revolução Federalista. Nasceu em Va1ença, BA, em 6 Ago 1841. Praça de 17 Abr 1857, cursou a Escola Militar e a Escola Central até 1866. Formou-se em Engenharia, atividade a que se ligou na guerra e na paz. Tomou parte, como Ten e Cap, na Guerra do Paraguai, integrando o Batalhão de Engenheiros. Comandou uma bateria na defesa de Itapiru. Respondeu Conselho de Guerra, acusado de dar parte falsa de doente, sendo absolvido. Sua ação é adjetivada "zelo, perícia, inteligência e leal colaboração". Executou várias missões de combate de Engenharia e de construções como o Hospital Militar de Assunção. Voltou da guerra com o seu batalhão. Maj em 1874. De 1876 a 88 foi diretor de obras militares em Alagoas, onde tirou diversas licenças de serviço e por doença, para tratar da saúde e interesses na Bahia. Comandou a Escola Militar do Ceará (1883). Diretor de Obras Militares na Bahia (1883). Comandante das Armas no Amazonas, de 4 Jul 88 a Jun 89. Comandante da 6ª RM em Salvador, Bahia (1890). Deputado estadual pela Bahia, 1891. Gen Bda em 7 Abr 1892. Comandante da 6ª RM (1893). Gen Div em 1894; comandante do Corpo de Engenheiros, 1894; e comandante da 3ª RM em 1895, de onde foi para a Bahia para tratamento de saúde, sendo exonerado a pedido da 3ª RM, em 2 Jan 1896 e louvado pelo presidente Prudente de Moraes, pela pacificação. A seguir, assumiu sua cadeira de deputado em Salvador. Faleceu em Salvador em 12 Mar 1903, aos 62 anos,

Gen Bda Claudio do Amaral Savaget (1845-1901). Comandou a 3ª RM duas vezes, de 16 Dez 1895 a 13 Jan 1896 (interino), por menos de um mês e de 2 Mar 1899 a 14 Nov 1900, por um ano e ste meses, apés retornar de Canudos como Gen Div. Nasceu no Rio em 1845. Cursou Infantaria e Cavalaria na Escola Central em 1863-64. Seguiu para a Guerra do Paraguai como Alferes do 26º CVP. Combateu na ilha da Redenção ao

Comando de Villagran Cabrita, sendo por isto elogiado. Combateu no Passo da Pátria e Tuiuti. Alferes de Infantaria do Exército em 18 Jan 1868. Combateu em Curupaiti. Participou da marcha de flanco pelo Chaco Combateu em Itororó, Avaí e Lornas Valentinas no comando de subunidade dos 22º e 29º BI. Recebeu a medalha do Mérito Militar por bravura. Entrou em Assunção e participou da Campanha da Cordilheira. Em 1871, com o 6º BI, esteve no Rio Grande, São Gabriel e Uruguaiana. Tem em 23 Set 1871, e mais uma vez em Bagé e Alegrete. Após cursar a Escola de Tiro em Campo Grande, Rio, 1873, foi instrutor, por nove anos, de 1874 a 83, do Curso de Infantaria da Escola Militar do RS, de cujos alunos recebeu uma espada de honra a qual foi autorizado a usar. Em 1886-89 foi instrutor da Escola Militar do Rio e seu bibliotecário. Maj em 1883, por merecimento e estudos. Em 1890 estava no Comando do 28º BI em Rio Pardo. Como Ten Cel foi comandante do 58º BI. Comandou o 15º BI, no Pará, onde se destaca no combate a revoltosos da polícia. Cel por merecimento em 1891. Foi comandante do 17º BI. Foi comandante interino da guarnição de Pelotas. Foi comandante da ferrovia do Sul na Estação de Santa Rosa. Em Fev 1895 expedicionou em Canguçu com o 17º BI e combateu a retaguarda de Guerreiro Vitória no Iguatemi. Em Mar 1895 foi comandante da Divisão do Sul em Sant'Ana do Livramento. Gen Bda em 25 Jul 1895. Foi Deputado do Ajudante-General na 3ª RM. Comandou interinamente a 3ª RM. Comandou a 2ª coluna da 4ª exepdição a canudos em Cocorobó. Comandou ainda a 3ª RM na virada do século XIX/XX. Faleceu no Rio em 25 Jul 1901 aos 56 anos. Seu desempenho profissional foi assim adjetivado: "Valor, patriotismo, prontidão, dedicação, inteireza, caráter e inteligência" (Fonte: Fé-de-Ofício arquivada no AHEx).

Cel Thomaz Thompson Flores (1852-1897). Comandou a 3ª RM interinamente por duas vezes, de 13Jan a 28 Jan 1896 e de 17Jun a 27 Jul 1896, num total de 25 dias. Antes respondera pela 3ª RM por um longo período em 1894, quando o comando da RM fora para Rio Grande com Gen Bacellar. Nasceu em Porto Alegre em 19 Jan 1842. Seguiu para a Guerra do Paraguai com 14 anos. Participou com intrepidez e bravura de diversas ações, sendo promovido a Alferes em 1868. De retorno, cursou Infantaria e Cavalaria na Escola Militar de Porto Alegre. Cap em 1885. Em 1889 foi Ajudante de Ordens do Mal Câmara na Presidência do RS e

Comandante da Força Policial. Em 1890, como Ten Cel, iniciou o seu comando do 13º BI em Porto Alegre. Eleito Constituinte Federal. Em 1891 foi promovido a Cel. Como parlamentar, junto com outro parlamentar, o Mal Falcão da Frota, tiveram ação destacada no movimento que restaurou Júlio de Castilhos no Governo do Rio Grande, em Jun 1892. Durante a Revolução de 1893 comandou por longo período a guarnição de Porto Alegre, denominada Divisão da Capital e integrada pelos 1º RA, 6º e 11º RC, o 13º BI e os 1º e 7º BI da Guarda Nacional. Em Mai 94 passou a comandar a Divisão de Proteção da Estrada de Ferro Porto Alegre-Uruguaiana. Ao comandar a 3ª RM pela segunda vez, ocorreu o célebre incidente com o Cel Carlos Telles em Bagé, imortalizado pelo Gen João P. de Oliveira em "Querela Célebre", em 'Vultos e fatos de nossa História' (P. Alegre: Martins Liv. Ed., 1985, pp. 66-71). O Cel Thompson Flores seguiu para Canudos no Comando do 30º BI de Porto Alegre, onde faleceu em ação, heroicamente, no comando da 3ª Bda da 1ª Coluna, constituída de batalhões que haviam sido vencidos pelos jagunços na expedição anterior. Conduziu-os agora à vitória, ao custo de sua vida. Mas aquelas unidades recobraram a auto-estima.

Marechal João Tomás de Cantuária (1835-1908). Comandou a 3ª RM de 28 Jan a 17 Jun 1896, com a a missão de garantir a Paz de Pelotas. Nasceu em Porto Alegre em 24 Set 1835, quatro dias após estourar a Revolução Farroupilha. Praça de 1854 do Regimento Mallet. Fez a guerra contra Aguirre, 1864. Participou da épica Retirada da Laguna, imortalizada por Taunay. Dirigiu a Fábrica de Pólvora da Estrela. Gen Bda em 1892. Comandou a Polícia da Corte, a Escola Militar da Praia Vermelha e o Arsenal de Guerra. Ao chegar a 3ª RM, segundo Aquiles Porto Alegre, era o Gen Cantuária *"uma bela estampa de veterano, alto, espigado, de longas e alvíssimas barbas, à feição dos patriarcas bíblicos, e o porte ereto, varonil, imponente"*.

Ele havia sido na sua mocidade um rapaz desenvolto, de físico insinuante - uma bonita figura, enfim. Não admirava que no ancião se notassem, apesar das campanhas em que pelejara, os requisitos naturais de

sua formosa e longínqua mocidade. O Mal Cantuária comandou a 6ª RM, da qual é patrono. Foi o primeiro Chefe do Estado-Maior do Exército. Foi Ministro da Guerra em 1897-98. Faleceu no Rio, como Ministro do STM, em 22 Mar 1908, aos 73 anos de idade.

A articulação da 3ª RM em 25 de dezembro de 1897

Ao final do período assinalado no término do presente capítulo, coincidente com a Consolidação da República, após participar do combate à Revolução Federalista e da Guerra de Canudos, a 3ª RM passou a ter a articulação a seguir, por Aviso de 25 Dez 1897, do Ajudante-General publicado na OD 911.

Sua sede passou a ser novamente a cidade do Rio Grande, e suas forças articuladas em sete guarnições e fronteiras assim definidas.

- 1ª - **Guarnição e Fronteira do Rio Grande**

Sede: cidade de Rio Grande. Missão: vigiar a fronteira da foz do arroio Chui até o extremo sul da Lagoa Mirim e fazer guarda no Chuí. Tropa: 3º RA a Pé e 12º BI em Rio Grande; 6º RC em Santa Vitória; e 29º BI em Pelotas.

- 2ª - **Guarnição e Fronteira de Jaguarão**

Missão: vigiar a fronteira da foz do rio Jaguarão até a foz do rio Jaguarão-Chico. Tropa: 2º RC, aquartelado em Jaguarão

- 3ª - **Guarnição e Fronteira de Bagé**

Missão: vigiar a fronteira da foz do rio Jaguarão-Chico ao arroio Upamaroti. Tropa: 5º RC, 4º Rart, 31º BI (de São João d’el Rey) e 20º BI (Goiás) em Dom Pedrito.

- 4ª - **Guarnição e Fronteira de Livramento**

Missão: vigiar a fronteira do arroio Upamaroti ao passo do Ricardinho. Tropa: um RC e o 32º BI (Vitória, ES).

- 5ª - **Guarnição e Fronteira de Quaraí**

Missão: vigiar a fronteira do passo do Ricardinho até a foz do Camoaty. Tropa: 12º RC, em Quaraí e 18º BI, em Alegrete. Sede do comando da guarnição: Alegrete.

- 6ª - **Guarnição e Fronteira de Uruguaiana**

Missão: vigiar a fronteira da foz do Camoaty à foz do Ibicuí. Tropa: 11º RC e 6º BI, em Uruguaiana.

- 7ª - **Guarnição e Fronteira de São Borja**
Missão: vigiar a fronteira da foz do Ibicuí até o Peperi-Guaçu. Tropa: 3º RC e 25º BI (São Paulo).

Guarnições Centrais

Porto Alegre
Missão: guardar edifícios e serviços federais. Tropa: 39 B1 e 30º BI.
São Gabriel
Missão: Reserva. Tropa: 1º RArt, 4º BI, Corpo de Transportes e possivelmente o 28º BI (de Rio Pardo).
Rio Pardo
Missão: apoiar o serviço da Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo. Tropa: 2º BE (depois 1º BFv de Lages, SC). Haviam combatido em Canudos os 4º BI (São Gabriel), 12º BI (Rio Grande), 29º BI (Pelotas), 30º BI (Porto Alegre), 28º BI (Rio Pardo) e o 2º BE (Cruz Alta). O 28º BI, que em 1893 fora capturado pelos federalistas em Rio Negro, não chegou até Canudos. Protegeu o serviço de comboios na Serra do Calumbi.

O QG da 3ª RM, depois de sair de Porto Alegre para Rio Grande, estar em Pelotas na Pacificação, voltar para Porto Alegre pelo Aviso de 25 Dez 1897 ao Ajudante-Geral, teve sua sede novamente transferida para Rio Grande (OD 911).

Os comandantes da 3ª RM na Guerra de Canudos

Gen Bda Carlos Eugênio de Andrade Guimarães (1851-1920). Irmão e biógrafo do Gen Arthur Oscar em ‘Arthur Oscar - um soldado do Império e da República (Rio: BIBLIEx, 1956). Comandou a 3ª RM interinamente de 31 Jul 1896 a 7 Jul 1897. Seguiu para Canudos onde comandou a 2ª coluna, em substituição ao Gen Savaget, ferido em ação. Será estudado em seu comando efetivo da 3ª RM em 1907.
Gen Bda José Marinho da Silva (1848-1908). Comandou a 3ª RM de 11 Jul 1897 a 2 Mar 1889. Nasceu em Pelotas em 24 Mai 1848, filho de militar. Praça de 1865 como Voluntário da Pátria. Seguiu para a Guerra do Paraguai com o 2º Corpo de Exército, do Conde de Porto Alegre. Ferido gravemente, à bala, em ação, em Potrero Pires. Combateu em Curupaiti.

Em 1867/1869 serviu no piquete de Caxias e combateu em ltororó, Avaí e Lomas Va1entinas. Alferes por bravura. Caxias o elogiou "pela coragem e sangue frio na transmissão de suas ordens entre bombas e balas de fuzis e sempre com tino e inteligência”. Acompanhou Caxias até Assunção e depois até Montevidéu. Foi do piquete do Conde d'Eu. Destacou-se em Campo Grande “por sua bravura e intrepidez”. Cursou a Escola Militar, 1872-77. Ten em 1874. Cap em 1877, serviu em Bagé no 4º RC, de onde saiu muito elogiado. Serviu na Escola Militar em 1875-89, por 14 anos como mestre de equitação. Ten Cel em 1890, comandou o 8º RC e a 5ª RM no Paraná. Cel em 1872, por merecimento. Comandante do 1º RC (atual Dragões da Independência, Brasília). No Rio, combateu a Revolta na Armada e, no Paraná, a Federalista. Fez parte do bloqueio ao avanço de Gumersindo Saraiva em Itararé, o qual foi retardado na Lapa, PR. Ali Comandou a 3ª Bda (1º RC, 9º BI, 37º BI e Batalhões Patrióticos Glicério e Operários) da 2ª Divisão. No comando da 1ª Bda (1º RC, 13º RC, 39º BI e 6º RACamp) combateu os remanescentes federalistas no Paraná, em especial, em Guarapuava. Comandou a 5ª RM de 28 Set 1894 a 10 Jan 1895. Retornou ao Rio com o 1º RC. Gen Bda em 1895. Comandou a 3ª RM por um ano e nove meses. Faleceu no Rio em 2 Dez 1908 aos 60 anos. Sua ação em Itararé, na tranqueira ao avanço federalista, foi estudada pelo Ten Cel PMSP Pedro Dias Campos em ‘Revolta de 6 de setembro (a ação de São Paulo)’. Paris-Lisboa: Tip. Ailland Alves, 1913. Na 2ª parte desta obra existe a ‘Defesa da Fronteira’.

Anexo ao Capítulo 7

Marechal João Cézar Sampaio (1874-1924), o comandante da Divisão do Sul que libertou Bagé

Todos os coronéis que se destacaram no combate à Revolução Federalista possuem biografias, a exceção do então Cel João Cézar Sampaio, comandante da Divisão do Sul, hoje esquecido, desconhecido e injustiçado por haver escrito importante fonte histórica sobre a Revolução Federalista, remexendo o caldeirão de paixões e rancores que esta revolução ainda provocava em 1920, ao responder livro do escritor federalista Dr. Wenceslau Escobar. História é verdade e justiça! Aqui oferecemos a oportunidade para ser melhor conhecida e julgada a vida e

obra esquecidas de um destacado integrante do Exército, que, ao escrever seu livro, involuntariamente produziu precioso instrumento didático militar para os profissionais militares do Exército na linha preconizada pelo Mal Ferdinand Foch:

> Para alimentar o cérebro de um Exército na paz, para melhor prepará-lo para a eventualidade de uma guerra, não existe livro mais fecundo em meditações do que o da História Militar.

E é um livro que tem que ser lido com empatia, colocando-se o leitor no lugar do Cel Sampaio para absorver as preciosas lições de Segurança Interna que ele encerra.

Marechal João Cézar Sampaio (1847-1924). À esquerda, foto do Gen Sampaio, cedida pelo historiador riograndino Daoiz de La Roche, retirada do jornal Bisturi, cujo proprietário era retratista, com extraordinária fidelidade. Sua foto está faltando na galeria do QG da 3ª Bda C Mec em Bagé. Nasceu no Rio de Janeiro, em 10 Jun 1847, filho de pai de mesmo nome e Cap da Guarda Nacional. Praça de 1864. Matriculou-se na Escola Militar, tendo no ano seguinte seguido para a Guerra do Paraguai. Desembarcou no Passo da Pátria, em 14 Set 1867. Em 8 Mar 1868, como 2º Sgt, tomou parte no assalto ao forte do Estabelecimento. Reconhecido cadete de 2ª classe em 21 Mar 1868. Lutou em Passo Pocu, Espinilho e participou da manobra de desbordamento de Piquiciri, pelo Chaco. Elogiado por bravura praticada quando o inimigo abandonava Humaitá. Foi elogiado por Caxias pelo bom desempenho em função para a qual não possuía experiência. Combateu no Paraguai por dois anos e 6 meses. Com a paz passou a servir no Sul, onde tornou-se genro do Cel Genuíno Olímpio de Sampaio, morto em ação contra os Muckers, em São Leopoldo/Sapiranga. Alferes Graduado em 22 Jun 1871. Ten a 25 Jun 1880. Cap em 1885 e Maj em 7 Jan 1890, tendo servido na Escola Militar de Porto Alegre, onde recebeu sua única punição - uma repreensão verbal - por haver protestado pela imprensa contra o comandante, a respeito de missão para a qual este encarregara o Ten

Carlos Telles de desempenhar no Rio. Aí talvez esteja a origem do histórico desentendimento entre ele e Carlos Telles que, juntos, combateram os Muckers. Desentendimento que reproduz em seu livro.

Em 1891, como Ten Cel, servia em Pelotas no 29º BI como comandante interino, e entre elogios a ele conferidos ali registram-se as palavras: “Lealdade, honestidade, zeloso e inteligente, protótipo fiel da honra militar em todas as exigíveis situações”.

No comando do 29º BI foi chamado diversas vezes a Porto Alegre. Com o estabelecimento do Governicho, foi afastado do RS com outros coronéis por não concordarem com manifestações que pretendiam humilhar o Mal Deodoro apos sua renúncia. Acompanhou a posição dos coronéis Arthur Oscar e seu irmão Carlos Eugenio, Thomaz Thompson Flores, Joaquim Pantaleão Telles, etc. Reassumiu seu comando no 29º BI em Saicã e nas manobras gerais da atual 3ª RM.

Em Jun 1892 foi chamado a Porto Alegre com o 29º BI, tendo participado do combate à canhoneira Marajó, que se rebelou contra a restauração do governo de Júlio de Castilhos, em substituição ao Governicho.

Em 5 Out 1894 retornou para Rio Grande com o 29º BI e assumiu o comando da guarnição do Rio Grande e fronteira do Chuí.

Em 18 Mai 93, em plena Revolução Federalista, assumiu o comando unificado das guarnições do Rio Grande e Pelotas. Em 28 Jun 1893 foi promovido a Cel por merecimento e estudos.

Face ao desastre do Rio Negro, seguido do sítio federalista de Bagé, foi nomeado comandante da Divisão do Sul a ser organizada em Pedro Osorio atual, para libertar Bagé sitiada e substituir a tropa ao comando do Mal lsidoro Fernandes, que fora destruída ou aprisionada em Rio Negro em 28 Nov 1893, por federalistas, ao comando de Joca Tavares.

Foi o libertador de Bagé sitiada, em 8 Jan 1894, no comando da Divisão do Sul e do 29º BI de Pelotas e Rio Grande. Esta unidade foi uma das formadoras do 7º BIB de Santa Cruz do Sul pela organização de 1908.

Deixou os comandos de Rio Grande e Pelotas e passou a atuar sob as ordens diretas do Ministro da Guerra Gen Francisco Moura, que deslocara seu QG para Porto Alegre e assumira a direção das operações contra a Revolução, em substituição ao Mal Isidoro, aprisionado em Rio Negro.

Segundo registro em sua Fé-de-Ofício, ela certifica:

> A 10 Jan 1894 chegou a Bagé, tendo os revolucionários levantado sítio, atropeladamente, à aproximação da força do seu comando. (Divisão Sul). Reconhecimento oficial.

De 8 a 13 Jul 1893, comandou a guarnição de Rio Grande contra expedição naval comandada pelo Alte. Eduardo Wandenkolk, que ali esperava receber reforços federalistas. No início do ataque, a guarnição do Rio Grande era constituída de 240 homens atingindo, em 11 Jul, 1.000 (29º BI, 35º BI, 3ª BAPosição, um BI da Brigada Militar e um Btl Reserva do Estado). Operação que o Gen Sampaio descreve em O Cel Sampaio e os apontamentos do Dr. Wenceslau Escobar (p. 102-113) (Exemplar na BIBLIEx, raro).

Em 17 Nov 1894, conforme registra sua Fé-de-Ofício.

> Foi louvado pelo valioso auxílio que prestou ao sr. Gen Francisco Moura, Ministro da Guerra, durante a sua permanência neste estado, mantendo toda a Disciplina nas forças que compõem a Divisão cujo comando lhe fora confiado. Forças estas que, lutando com todas as privações, superando todas as dificuldades, combatendo e vencendo inimigos das instituições com heróica bravura, levando alto a gloriosa bandeira da República.

Após comandar a Divisão Sul que libertou Bagé e operou ao longo da Fronteira Bagé-Santana, foi nomeado Quartel Mestre (função logística) junto ao comando das forças contra a Revolução.

Em 28 Fev 1895 foi ferido em ação, na mão esquerda, em Vacaiquá (Tarumã), com um golpe de lança. Requereu Conselho de Guerra para justificar seu procedimento do revés de Vacaiquá.

Em 26 Abr 1896 foi impronunciado no Conselho de Guerra, que requereu sobre o revés que sofreu em Tarumã (Serra do Caverá), entre Sant'ana e Cacequí, em 28 Fev 1895. Este Conselho de Guerra reproduziu o combate de Tarumã, onde o Cel Sampaio teve apreendido todo o seu arquivo, e inclusive o do desentendimento com o Gen Carlos Telles, que os federalistas passaram a explorar.

Durante este tempo teve três meses de Licença para Tratamento de Saúde (LTS) para tratar do ferimento, de uma pleurite subaguda e de astenia pulmonar. Ao ser impronunciado, comandava a guarnição de

Pelotas desde 12 Mai 1896. Em 15 Set 1896 foi para Rio Grande.

Foi escalado junto com o 29º BI para integrar a 2ª coluna da 4ª Expedição a Canudos, para onde embarcou em 31 Jun 1897. Chegou ao Rio em 19 Ago, a 10 Ago em Salvador e em 13 Ago em Queimadas onde, a 18 Ago, assumiu o comando da 6ª Brigada, integrada pelo 19º, 33º e 37º BI, para auxiliar as forças contra Canudos.

De 1 a 6 Out 1897 comandou ataque final sobre o reduto central de Canudos, onde tomou a única aguada (fonte de água) dos defensores e a igreja nova. Isto foi na fase da rendição e destruição de Canudos.

Em elogio, assim se referiu o comandante da 2ª coluna, o Gen Carlos Eugênio Andrade Guimarães, antigo comandante da 3ª RM:

> Tenho vivo desvanecimento em citar o nome do Cel João Cézar Sampaio, comandante da 6ª Brigada, que mais uma vez confirma a reputação que tão justamente goza de bravo, intimorato e pertinaz, tendo-se revelado neste ataque, cuja direção em grande parte lhe coube, as mais elevadas qualidades que possam recomendar um chefe, pondo-se a testa de toda a força atacante, dirigzindo-a pessoalmente e oferecendo os mais brilhantes exemplos de intrépida e inteligente bravura.

O Gen Arthur Oscar, comandante da Expedição, assim referiu-se ao Ministro da Guerra sobre a atuação do Cel Sampaio em Canudos:

> O Cel Sampaio se comportou com bravura salientando-se dentre os demais comandantes de brigada. Revelou altas qualidades de excelente tático, operando na posição mais avançada em que o inimigo estava mais pertinaz.

Extinta a 6ª Brigada, o Cel Sampaio reassumiu o 29º BI. Em 8 Dez 97 embarcou com o batalhão em Salvador e em 12 Dez chegava a Pelotas, onde assumiu o comando da guarnição.

Decorridos quatro anos foi promovido a Gen Bda em 24 Out 1901. Tendo comandado o 29º BI de 1891 a 1902 ao ser promovido a general, em Pelotas, assim registrou à unidade suas despedidas:

> Pode sua Excia. ter certeza de que o 29º BI guardará para sempre como a mais preciosa das relíquias, a lembrança perene de seu inegável comando.

O 29º BI permaneceu em Pelotas até 1908, quando deu origem ao antigo 7º RI de Santa Maria (hoje 7º BIB, Santa Cruz do Sul), que carrega

suas glórias, tendo lutado no contestado, conforme se conclui do historiador da 3ª DE: MENEZES, Mario José, Cel R/1. Síntese Histórica da 3ª DE. Santa Maria: 1991, p. 7.

O Gen Sampaio comandou a atual 9ª RM, em Mato Grosso, durante a questão Brasil-Bolívia em torno do Acre, que se tornou independente sob a liderança do ex-major federalista da coluna de Marcelino Pina - Plácido de Castro.

Sampaio faleceu como marechal na Reserva, em Porto Alegre, em 6 Out 1924, aos 78 anos, após haver respondido em 1920 aos 'Apontamentos para a História da Revolução Federalista do Dr. Wenceslau Escobar', com a obra rara, hoje esgotada: SAMPAIO, João Cézar, Marechal. O Cel Sampaio e os Apontamentos do Dr. Wenceslau Escobar sobre a revolução riograndense de 1893. Porto Alegre: Globo, 1920.

Obra que não pode ser ignorada pelo historiador isento, quando se tratar da Revolução Federalista, por ser irmã xifópaga do livro do Dr. Wenceslau. É obra que merece ser reeditada ou reproduzida em xerox para estudos militares. Ela complementa a biografia do Gen Sampaio, com apoio no Marechal Moltke "burro será o soldado que não absorver a experiência do Cel Sampaio".

Outra grande figura de guerreiro do Exército na área da 3ª RM de 1892 a 97, na Revolução Federalista e na Guerra de Canudos, juntamente com o Gen Sampaio, foi o Gen Arthur Oscar Andrade Guimarães no comando da Divisão do Centro e, após, da 4ª Expedição a Canudos.

NOTA COMPLEMENTAR AO CAPÍTULO 7

1 - O autor participou do Congresso do Centenário da Revolução Federalista em Curitiba-PR em maio de 1994, promovido pelo Governo (três poderes do Paraná).

Apresentamos as seguintes comunicações ao Congresso, de interesse da História da 3ª RM:

- A resistência da Lapa e suas repercussões estratégicas.
- O combate do Cerro do Ouro em São Gabriel e suas repercussões na invasão do Paraná.

Fomos convidados para realizar a 3ª e última conferência, cujo título foi: "O cerco de Bagé e da Lapa - duas resistências épicas na

História Militar do Brasil."

Estes trabalhos foram publicados pela Assembleia do Paraná, nos Anais do Congresso.

2 - Depois do massacre do Rio Negro desconhecia-se o destino da vida do Mal Izidoro Fernandes, ali aprisionado. De sua Fé-de-Ofício este período, até sua morte, constava sem alteração. Pelo historiador santanense Ivo Caggiani, soubemos dos seguintes dados para completar a biografia do Mal Izidoro na obra 'Generais do Exército Brasileiro', de Laurênio Lago. Rio: BIBLIEx, 1942.

Caggiani cita artigo de Raul Falcão, publicado no Rio, do qual nos cedeu recorte. Falcão foi prisioneiro de Rafael Cabeda e informa em seu artigo:

> Fui seu prisioneiro (do Cabeda) de guerra durante três meses. Fiquei seu amigo como o ficaram as centenas de prisioneiros qua ele capturou. E que o General Cabeda não maltratava os inimigos presos. E nunca mandou degolar nenhum deles. Era o único chefe das forças do Rio Grande que não admitia a degola. Nós andávamos tão à vontade nos seus acampamentos que, no fim de certo tempo, conseguíamos evadir-nos! Lá encontrei com o Marechal Isidoro Fernandes, comandante em chefe das forças legalistas, aprisionado com todo o seu Estado-Maior no combate do Quebrachinho, a três léguas de Bagé. **O Marechal tinha a sua barraca independente, vigiado, apenas, pela sua palavra de honra que não tentaria evadir-se. E cumpriu-a até o dia do combate das margens do Ibirapuitã, a poucas léguas de Sant'ana do Livramento** (o grifo é do autor).

O combate do Quebrachinho passou à historia como combate do Rio Negro, e o do Ibirapuitã como combate do Sarandi, vencido pelo Gen Hipólito Ribeiro com sua Divisão do Oeste.

Em carta de 4 Mar 1894, o federalista Davi Martins, derrotado em Sarandi, assim se referiu ao Mal Izidoro:

> Ao general Izidoro puz em liberdade. Seguiu para

> Santo Eugênio (defronte a Quaraí) e creio de lá seguirá para Santana ou Rivera e os demais prisioneiros fugiram.

Segundo Ivo Caggiani, posto em liberdade, o Mal Isidoro assumiu o comando da Fronteira Livramento-Quaraí, o qual exerceu até 1900, ao reformar-se, falecendo em 25 Ago 1903.

Pelo que se sabe, não deixou nenhum dado sobre o que se passou de 26 a 28 Nov 1893, em Rio Negro, onde foi cercado, derrotado e preso e teve a sua Cavalaria civil massacrada por degola, por mercenários uruguaios, conforme descreve José Luiz Silveira em Notícias Históricas 1737-1898. Porto Alegre: EDIGAL, 1987. Ele ficou prisioneiro de Rafael Cabeda e Davi Martins de 28 Nov 1893 a 1º Mar 1894, por três meses.

3 - Produzimos pesquisa básica sobre a participação militar de São Paulo no combate à Revolta na Armada e à Guerra Civil, 1893-95, para publicação na Defesa Nacional, RIHGB e no jornal DO Leitura. É importante para se entender os reflexos na área da 3ª RM e as operações da Divisão do Norte, em Santa Catarina.

4 - O Gen Bacellar, que comandou a 3ª RM durante a Revolução Federalista, segundo se conclui da obra 'Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai' do Gen Paulo Queiroz Duarte, comandou o 21º de Voluntários da Pátria de Pernambuco, como Major, no combate de Isla Carapá em 16 Ju1 1866 tendo, como comandante da 14ª Bda Inf o então Ten Cel Salustiano Jerônimo dos Reis, mais tarde comandante da 3ª RM.

Sobre Bacellar escreveu o autor:

> Antonio joaquim Bacellar era um excelente infante. Ao eclodir a guerra era tenente desde Dez 1859. Em 22 Jan 1866 foi promovido a capitão e logo após comissionado, major, face as suas qualidades de chefia.

A obra citada publica seu retrato, feito por Miranda Jr.

5 - Da interessante obra Notícias Históricas 1735-1898, citada, do Cel BMRS José Luiz Silveira, em que ele historia participação da Brigada Militar na Revolução Federalista no RS e SC, retiramos os seguintes dados dc interesse da História da 3ª RM:

- Que comandou a 7ª Brigada de Inhanduí, integrada pelo 30º BI, o Cel Arthur Andrade Guimarães, tendo a comandar o 30º BI o Maj Tupi Caldas, ambos do Exército;
- Que em Upamaroti, em 12 Mar 93, combateram o Cel Antonio Adolpho

Fontoura Mena Barreto e o Cel em Comissão Fabrício Pilar. O primeiro comandando uma brigada, e o segundo o 1º RC da Brigada Militar, ambos os oficiais oriundos do Exército;

- Que a falta de cavalos foi crucial na Divisão do Norte, que chegou em Rosário em 9 Set 1893 a pé, tendo que incinerar os arreios e assim operou nas regiões de D. Pedrito, Livramento, Rosário e Alegrete. Participava das operações comandando uma brigada o Cel Thomaz Thompson Flores, mais tarde comandante interino da 3ª RM e que se destacou, junto com Tupi Caldas e o 3º BI na passagem do rio Ibicuí, no passo Mariano Pinto;
- Que participaram da expedição a Santa Catarina na Divisão do Norte, ao comando do Gen Francisco Rodrigues Lima (civil), e em perseguição a Gumersindo Saraiva e a Guerreiro Vitoria, os seguintes oficiais do Exército em serviço na 3ª Região Militar: Cel Antonio Adolpho Fontoura Mena Barreto - Cmt de Brigada; Ten Cel Fabrício Pilar - Cmt do 1º RC da Brigada Militar e Maj Antonio Tupi Ferreira Caldas - Cmt do 30º BI.

A Divisão Norte atingiu Lages em 16 Nov 1893. E, de Curitiba, na direção da Divisão do Norte, marchou de 1º a 12 Nov 1893, o Gen Argolo, tendo atingido São Bento. O Gen Argolo contramarchou e atingiu a Lapa em 26 Nov 1893, quando a Divisão do Norte marchava para Blumenau, a qual atingiu em 28 Dez, quando o cerco de Bagé completava o 35º dia.

Assim, o mais perto que a Divisão do Norte esteve das tropas da 5ª RM, concentradas na Lapa, foi em Blumenau. Forçada pela crítica situação no RS e na impossibilidade de junção com o Gen Argolo, que se retirou de Santa Catarina para a Lapa e com a Divisão do Norte, retornou ao RS em 28 Dez 1893.

Quando a Divisão do Norte atingiu os Campos de Lages, em 13 Jan 1894, fazia três dias que havia se iniciado a invasão federalista do Paraná por Paranaguá e Tijucas, e cinco dias do levantamento do cerco de Bagé pela Divisão do Sul, do Cel João Cézar Sampaio.

Na véspera do início do cerco da Lapa, em 17 Jan, a Divisão do Norte se encontrava em Lages. Em 25 Jan 1894, no 8º dia do cerco da Lapa, a Divisão do Norte, nas margens do rio Caverá, assistiu ao fuzilamento do Cap patriota Adão Cardoso, de Palmeira das Missões, condenado em Conselho de Guerra por numerosos e diversos crimes.

Finalmente, em 4 Fev 1894, 22º dia do cerco da Lapa e 27º dia do levantamento do cerco de Bagé, a Divisão do Norte entrou de volta no RS.

Em 17 Fev 1894 e 6º dia da capitulação da Lapa, próximo ao Passo da Cruz, a Divisão do Norte recebeu um comboio de armamento, munições e equipamentos trazidos desde Caxias do Sul pelo Cap Chachá Pereira, do Exército.

Nesta ocasião se desligou da Divisão do Norte a 2ª Brigada do Cel Mena Barreto, a qual nuclearia a Divisão do Centro.

Disso pode-se concluir que se Joca Tavares após Rio Negro tivesse fixado Carlos Telles em Bagé, teria tido de 28 Nov 1893 a 30 Fev 1894, cerca de três meses, para tentar conquistar Porto Alegre sem a interferência da Divisão do Norte, a força mais poderosa à disposição do RS. Vale recordar que quando a Divisão do Norte atingiu Itajaí em 11 Dez 1893, Bagé estava no 16º dia de cerco, e o massacre do Rio Negro havia ocorrido há 14 dias. No RS só operava a Divisão do Oeste. A Divisão do Sul estava sendo organizada em Pedro Osório. Portanto, repetimos, a situação era favorável ao prosseguimento de Joca Tavares após este fixar Carlos Telles em Bagé. E não o fez! Mais uma ocasião perdida na História Militar!

Estrategicamente, a Divisão Norte, na retaguarda federalista no Paraná, contribuiu para que a Lapa não fosse fixada e o grosso federalista não rumasse para a fronteira Paraná-São Paulo para que, em conjunto com a Revolta na Esquadra, conquistassem São Paulo e dali prosseguissem para o Rio. Isto, antes que fosse dado tempo para a Esquadra Legal atuar na capital federal em 12 Mar 1894 e fosse barrado o avanço federalista em Itararé com força compatível;

6 - Após o Alte. Custódio de Mello ser repelido do RS, com as forças reunidas em Porto Alegre para enfrentá-lo foi organizada a Divisão do Centro, para operar na região do rio Pelotas e enfrentar os federalistas em retirada do Paraná. A Divisão do Centro foi comandada pelo agora Gen Arthur Oscar Andrade Guimarães e era constituída de duas brigadas. Uma comandada pelo Cel Adolpho Fontoura Mena Barreto (futuro Ministro da Guerra) e a outra pelo Cel Thomaz Thompson Flores. Ou seja, por três oficiais do Exército, e nucleada pelos 30º e 13º BI. Para a região do Rio Pelotas seguiu também a Divisão do Norte. De retorno, a Divisão do Centro teve um recontro com o inimigo, em 10 Jun 1894, no arroio Forquilha, onde se destacou o Ten Cel Fabrício Pilar com o seu intrépido 1º RC da Brigada Militar. A Divisão do Centro passou por Alfredo Chaves, Bento Gonçalves e Montenegro, indo atingir São Sebastião do Caí

em 24 Jul 1894 e, por água, Porto Alegre, no dia seguinte.

Em Porto Alegre, os corpos da Divisão do Centro da Brigada Militar foram reunidos numa brigada ao comando do Cel Joaquim Pantaleão Telles, comandante geral da Brigada Militar. Esta força passou a se constituir em brigada operacional com o 1º RC, 1º e 2º BI (Ativa) e mais o 1º RC (Reserva) e 3º BI (Ativa) da Divisão do Norte.

O Cel Mena Barreto passou a comandar a Divisão de Segurança da ferrovia Porto Alegre-Uruguaiana.

O Cel Pantaleão, com a Brigada Militar, rumou para Tupanciretã, onde incorporou-se à tropa ao comando do Gen Manuel do Nascimento Vargas (pai de Getúlio Vargas).

Em Tupanciretã, a Brigada Militar recebeu de presente do Governo de São Paulo 800 fuzis Mauser e 8.000 cartuchos em troca dos fuzis Mannlincher.

De Tupanciretã, o Cel Pantaleão e sua Brigada Militar marcharam para Carovi, ao comando do citado Gen Manuel Vargas, onde foi ferido em ação no dia 10 Ago 1894 o líder federalista Gumersindo Saraiva, falecendo no dia seguinte. A Brigada Militar nada teve a ver com a profanação do cadáver de Gumersindo Saraiva, segundo o Cel José Luiz Silveira. Gumersindo era citado como líder e que até ali escrevera uma das mais belas páginas da História Militar do Brasil e que se portara como um soldado nato.

O Cel Pantaleão Telles, com a Brigada Militar, deixou Rosário do Sul rumo a Serra do Caverá. Enviou o 2º BI para a região do Passo das Traíras, onde em 6 Nov combateu heroicamente com federalistas de Zeca Tavares, para quem converge a responsabilidade pelo massacre do Rio Negro, ultrapassando seu irmão, sogro e padrinho Gen Joca Tavares. O 2º BI formou em quadrado e resistiu a todas as investidas, repetindo feito épico do Regimento espanhol Valência na batalha de Carabobo, na Venezuela.

No início de 1895 o Cel Pantaleão Telles passa a integrar a 5ª Divisão ao comando de seu tio, o Cel Carlos Telles, e a operar na fronteira de Bagé, reforgada pelo batalhão do Cel Emílio Massot.

7 - A Revista do lnstituto Histórico e Geográfico Brasileiro publicou alentada pesquisa nossa sob o título “O massacre federalista do Rio Negro em Bagé em 28 Nov 1893” (nº 378, Jan./Mar. 1993) e, no mesmo volume,

“A intervenção estrangeira na Revolta na Armada” (nº 379, Abr./jun. 1993). Ivo Caggiani evocou o Ten Cel Utalis Luppi (1860-1893), comandante do 1º Batalhão de Reserva da Brigada Militar no jornal A Platéia, Sant’ana do Livramento, em 19 Dez 1993, no centenário da morte de Luppi, morto no Rio Negro por um tiro de fuzil.
8 - Na História do Exército Brasileiro, 1972, o autor que abordou a Revolução Federalista, entre outros equívocos afirmou que Rio Negro (combate e massacre) foi um simples rompimento de cerco por Joca Tavares. Menciona um massacre do 30º BI, que não ocorreu, unidade que deu origem aos 18º e 19º BI, conforme assinalamos. Enfim, a grande tragédia do Rio Negro que abordamos nas fontes da nota anterior foi esquecida na citada História do Exército Brasileiro.
9 - A Divisão do Oeste, ao comando do Gen Div Hon Hipolito Ribeiro, filho de Canguçu e que estudamos em ‘Canguçu - reencontro com a História” (P. Alegre: IEL, 1983), e segundo lvo Caggiani em sua História de Sant’ana (Sant’ana do Livramento: Folha Popular, 1986. V. 3), ela operou entre Sant’ana e Quaraí com a seguinte constituição, no combate à Revolução Federalista ou Guerra Civil de 1894-95:
- Do Exército: 2º RC, 18º BI, 32º BI; e
- Da Guarda Nacional: 6º Corpo Provisório de Cavalaria, 2º Corpo de Cavalaria (ambos de Pelotas) e 9º BI Provisório. Esta Divisão foi que lutou contra a última invasão federalista, invasão ao comando do Alte. Saldanha da Gama, morto em ação em Campo Osório. O 18º BI continuou algum tempo em Santana, aquartelado em frente à atual Praça da Bandeira. O 32º BI foi para Saicã ao comando do Cel Donaciano Pantoja, que comandara o 28º BI em Rio Negro, e negociara a rendição sob garantia de vida, desrespeitada, e que resultou na degola de tropas civis do Cel Maneco Pedroso, de Piratini.
10 - A RIHGRGS nº 129, 1993, publicou os originais estudos sobre a Revolução de 93: A Revolução às margens da Lagoa dos Patos, de Luís Alberto Cibilis e “Cartas Anuas” Latinas, do Padre Arthur Rabuske, ambas excelentes fontes para a História da Revolução.
11 - O Mal João Cézar Sampaio é nome de rua em Rio Grande - rua Cel Sampaio, que poderia ser atualizada com seu nome completo, pois o confundem com o Brigadeiro Sampaio, patrono da lnfantaria. Consta que, na galeria da 3ª Bda C Mec em Bagé, no local destinado ao Mal João

Cézar Sampaio, por inexistência de foto, figura o Brigadeiro Antonio de Sampaio.

Marechal Isidoro Fernandes de Oliveira (1829-1904)

Vencido e preso por federalistas ao comando do Gen Joca Tavares, no Rio Negro em 28 Nov 1893, era o comandante-em-chefe das Operações no Estado contra a Revolução Federalista. Nasceu no Uruguai em 1829.

Fez carreira de soldado, aos 12 anos, até Marechal (1841-1900) na Cavalaria do Exército, particularmente na Guarnição e Fronteira de Santana. Combateu a Farroupilha como soldado.

Esteve presente nas guerras contra Oribe e Rosas, contra Aguirre e no Paraguai, onde se firmou por sua coragem pessoal, retornando com o corpo coberto de cicatrizes de ferimentos. Gen em 1875, Brigadeiro em 1889, comandante da Fronteira de Santana, reagiu, no início, à República. Gen Div em 1891, não conseguiu demover o 12º RC, em Santana, a aderir à revolta contra o Mal Deodoro e Castilhos. Em 17 de março de 1893, a Brigada do Gen João Telles entrou em Livramento, que estava sob a ameaça dos rebeldes e mal defendida, estando sob o comando do Gen Isidoro.

Foi ferido em conflito com o federalista Francisco Cabeda. Coube-lhe, no Plano da contra-revolução para restaurar o governo eleito de Júlio de Castilhos, o comando-em-chefe das Operações. Coube-lhe, também, autorizar a 4ª Brigada Civil de Pelotas, ao comando do Gen Hon Luiz Alves e chefe do EM Alfredo Varela, a entrar em Bagé após Joca Tavares depor as armas, com o fim de "quebrar o orgulho de Joca Tavares".

Na Revolução Federalista, se conservou por cerca de 8 meses na defesa de Santana, inclusive cercada por Joca Tavares e libertada pelo Gen João Telles, que lhe transferiu o comando-em-chefe das Operações contra a Revolução no Estado em Out 1893.

Esteve preso sob palavra, por cerca de três meses, pelo Gen revolucionário David Martins, até ser por este libertado quando derrotado em Sarandi (combate da Sociedade) pelo Gen Hon Hipólito Ribeiro, comandante da Divisão do Oeste, junto com integrantes do 28º BI do Exército, que fora obrigado a combater com o nome de Ernesto Paiva.

A bibliografia da Revolução e a Fé-de-Ofício do Marechal no AHEx silenciam sobre sua vida militar de sua prisão até sua reforma em 1900. Faleceu em Santana, em 1904, sem haver deixado relatório sobre sua derrota em Rio Negro, seguida de prisão do 28º BI e da degola da Cavalaria Civil, que se rendeu sob garantia de vida negociada e aceita pelo Gen do Exército Donaciano Pantoja, comandante do 28º BI.

É fundamental o esclarecimento sobre a atuação do Mal Isidoro para uma visão mais clara dos fatos, sobre os quais ajudamos a lançar alguma luz (vide outros elementos no texto).

Nota do co-autor e revisor

Os comandantes da 3ª RM entre 1999 e 2013 foram os seguintes:

General de Divisão Luís Felipe Médici Candiota;
Gen Div Virgílio Ribeiro Muxfeldt;
Gen Div José Felipe Biasi;
Gen Div Clóvis Purper Bandeira;
Gen Div Marco Antônio Longo;
Gen Div Carlos Bolivar Goellner;
Gen Div Odilson Sampaio Benzi;
Gen Div Roberto Fantoni Saurin; e
Gen Div Fernando Vasconcellos Pereira (atual).

CAPÍTULO 8

A 3ª RM DE 1897 AO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA - 1922

A 3ª RM e a Reforma Militar

A 3ª RM pagou pesado tributo no combate à Guerra Civil de 1839-95, à Revolta na Armada e à Guerra de Canudos para consolidar a República, hoje consagrada em Plebiscito.

A sua operacionalidade fora afetada em função dos regulamentos de ensino de 1874 e 1890 de cunho bacharelesco e não profissional militar. Após Canudos, veteranos da Guerra do Paraguai e filhos de veteranos da mesma empenharam-se para corrigir o equívoco de ensino do Exército que perdurou de 1874 a 1905.

A ida do Ten Augusto Tasso Fragoso à Europa para, entre outras coisas, corrigir defeito físico decorrente de ferimento à bala recebido no combate da Armação, na Revolta na Armada, fez com que ele tomasse contato com o Exército da Prússia e constatasse o enorme fosso doutrinário entre os exércitos do Brasil e o da Prússia. Este, com grande desenvolvimento, graças à existência de modelar Estado-Maior, o que ele propôs ao nosso Exército em artigo na **Revista do Brasil,** conforme focalizamos em: Gen. Div. Augusto Tasso Fragoso. A Defesa Nacional, nº 750, Out./Dez. 1990, p. 105-117:

Assim, o primeiro grande passo para a profissionalização militar do Exército na Reforma Militar foi a criação do Estado-Maior do Exército por Lei nº 403, de 24 Out 1896, publicada na Ordem do Dia 778, de 31 Out 1896, do Ajudante-General do Exército.

Mas transcorreram dois anos até sua instalação definitiva em janeiro de 1899, sendo Ministro da Guerra o Mal João Nepomucemo Medeiros Mallet, gaúcho nascido em São Gabriel e filho do atual Patrono da Artilharia, Mal Emílio Luiz Mallet, e sendo o primeiro chefe do Estado-Maior o Mal João Tomaz Cantuária, gaúcho também, filho de Porto Alegre, que acabara de comandar a 3ª RM com a missão de consolidar a Paz de Pelotas.

Fizemos uma pesquisa pioneira sobre o EME na Comissão de História do Exército, em 1972, que subsidiou alocução proferida em 24 Out 1972, no aniversário do órgão, e publicada em: Aniversário do Estado-Maior do Exército. **Cultura Militar** nº 221, 2° Sem. 1972, p. 3-4.

Ao instalar o EME, em ordem do Dia nº l, o Mal Cantuária assim se expressou:

> É com verdadeira satisfação que inauguro o EME, cônscio que esta útil Instituição vem sanar uma necessidade palpitante que fazia divergir de muito nosso Exército, no conjunto com as outras nações.

Decorridos 85 anos, a História do EME foi abordada na seguinte obra: BANHA, Paula da Motta, Cel. História do Estado-Maior do Exército. Rio: BIBLIEx, 1984.

Este órgão (o EME) iria revolucionar o Exército em sua missão, assim definida pelo Gen Ex Castelo Branco, seu chefe, em 1963. "O Estado-Maior é o fiador da estrutura e da Doutrina das Forças Terrestres."

Vale aqui recordar que durante a vigência do Regulamento de Ensino de 1874-59, ou por 25 anos, a elaboração da Doutrina do Exército estava a cargo da Congregação da Escola Militar da Praia Vermelha, onde predominavam lideranças com preocupação bacharelesca, conforme assinalam depoimentos de ilustres chefes que lideraram a Reforma Militar.

Na área da 3ª RM foram os oficiais tarimbeiros Arthur Oscar, Savaget, Carlos Telles, João Cézar Sampaio, Thomaz Tompson Flores, Fabrício Pillar, Tupi Caldas e Carlos Mesquita que responderam à altura o desafio operacional representado pela Guerra Civil de 1893-95, no RS, e que depois lutaram em Canudos, exceto Fabrício Baptista de Oliveira Pilar.

Joaquim Pantaleão Telles de Queiroz, que durante toda a Guerra Civil citada comandou a Brigada Militar e adaptou-se ao profissionalismo, era científico.

Em 27 Mar 1903 nasceu na área da 3ª RM, em Alegrete, Alcebíades Miranda Júnior, que se consagraria como o pintor do Exército, assunto sobre o qual deixou, de 1930-74, expressiva obra que focalizamos, em parte, em **A Defesa Nacional,** nº 752 Abr./Jun., 1991, p. 148. Foi ilustrador da História do Exército Brasileiro. Seu pai, Alcebíades Miranda,

era oficial do Exército, natural de São Borja e autor da obra **Contestado,** editado pela 'Estante Paranista' (Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná - IHGEPR), vol 30.

Filhos da área da 3ª RM na liderança da Reforma Militar de 1898-1945

Marechal Carlos Machado Bitencourt

Porto-alegrense, Cmt da 3ª RM por dois meses em 1890. Foi Ministro da Guerra, solucionou problemas logísticos na última fase da Guerra de Canudos, sendo consagrado Patrono da Intendência. Não pode ele implementar seu ideal de reformas no Exército por ter perdido a vida sob o punhal assassino de Marcelino Bispo de Melo, ao interpor-se entre este e o Presidente Prudente de Morais, alvo do atentado, em 5 de novembro de 1897 no Rio de Janeiro.

João Nepomuceno Medeiros Mallet

À esquerda na foto, o futuro Mal João Nepomuceno Medeiros Mallet, ao lado de seu pai, o futuro Mal Emílio Luiz Mallet, atual patrono da Artilharia e ex-comandante da 3ª RM em 1880, juntamente com os outros filhos. Coube a João Nepomuceno, como Ministro da Guerra entre 1898 e 1902, dar início à Reforma Militar, traduzindo aspirações de veteranos da Guerra do Paraguai no sentido da reprofissionalização do Exército, voltado para a Segurança Interna e Externa, em substituição ao equívoco do ensino do Exército de 1873 a 1905, que era voltado para o bacharelismo militar, descomprometido com o preparo para a defesa do Brasil. João Nepomuceno era filho do RS.

A Escola de Guerra de Porto Alegre

Em 1904 teve lugar na Escola Militar da Praia Vermelha a "Revolta da Vacina Obrigatória", que abordamos no artigo:
A Revolta da Vacina Obrigatória -1904. **A Defesa Nacional,** nº 752, Abr./ Jun. 1991. p. 148-199.

Em síntese, o Gen Silvestre Travassos, com auxílio do Gen Lauro Sodré e do Deputado Afredo Varela, que chefiara o Estado-Maior das tropas civis que entraram em Bagé após a deposição de armas por Joca Tavares, revoltaram parte da Escola. Houve um combate na rua da Passagem, o Gen Silvestre foi ferido e veio a morrer. Em consequência a Escola foi fechada e, a seguir extinta por Decreto de 2 Out 1905 e demolida para ali ser instalada a Exposição Nacional.

O mesmo decreto criou, para substituí-la em Porto Alegre, no Casarão da Várzea da Redenção, a Escola de Guerra, que estudamos em caráter pioneiro quanto à sua significação histórica em: Escola de Guerra de Porto Alegre 1806-1911. Escolas de Formação de Oficiais das Forças Armadas do Brasil. Rio: POUPEX, 1987.

A Escola de Guerra funcionou em Porto Alegre de 13 Fev 1906 a 1911, durante cerca de 6 anos, sendo comandada pelos coronéis Carlos Augusto de Campos (1906-9) e Oscar de Oliveira Miranda.

Seus alunos fundaram a revista **Ocidente** e, logo a seguir, **A Cruzada,** que tiveram estreito intercâmbio com estudantes de Porto Alegre.

A Revista A Cruzada, que contava entre seus colaboradores em assuntos militares com o cadete Pedro Aurélio de Góis Monteiro, mais tarde líder militar da Revolução de 30, tinha por objetivos:

> Trabalhar pelo futuro da Pátria, impedindo o descalabro moral que por aí vai, conduzindo a República, a regime absoluto de democratização.

Também colaborava o mais tarde assinalado historiador Francisco de Paula Cidade, filho de Porto Alegre, cuja vida e obra assinalamos em artigo: Paula Cidade - um escritor e soldado a serviço do Exército. In: A Defesa Nacional nº 709, Set./Out. 1983. p. 13-35.

Foi efetivamente na Escola dc Guerra de Porto Alegre que teve

inicio a revolução cultural, ao ali implantar-se o regulamento de ensino profissional de 1905, ponto de inflexão do bacharelismo para o profissionalismo militar, que até hoje perdura.

Foi na Escola de Guerra de Porto Alegre que estudou o mais tarde Mal José Pessoa, o idealizador da AMAN, sucessora dos ideais de profissionalização que ali são praticados ha 50 anos. Foi da Escola de Guerra que saiu o mais tarde Presidente Eurico Gaspar Dutra, em cuja notável administração como Ministro da Guerra foi construída a AMAN (1939-44), tendo ele se inspirado no Mal Ferdinand Foch ao baixar o Regulamento de 1844 "aconselhando equlíbrio entre a Cultura Geral e a Profissional, a toda a hora levada a um extremo perigoso, por um ou outro chefe".

Da Escola de Guerra saíram o Mal Cézar Obino, gaúcho dc Bagé, criador da ESG; Pantaleão Pessoa, gaúcho dc Bagé; Valentim Benício, gaúcho de Uruguaiana, reorganizador da BIBLIEx; J. Bentes Monteiro e Demerval Peixoto, da Missão Indígena, no Realengo, 1919-21; J. B. Magalhães, historiador e pensador militar fecundo e autor de Evolução Militar do Brasil.

O citado porto-alegrense Paula Cidade foi o idealizador da Revista dos Militares de Porto Alegre e grande intérprete da evolução do pensamento militar brasileiro em 'Síntese de três séculos da Literatura Militar Brasileira (Rio: BIBLIEx, 1959), além de introdutor na Escola Militar do Realengo dos estudos 'Geografia Militar, a Geografia do Soldado' em 'Notas de Geografia Militar Su1-americana' (Rio: BIBLIEx, 1946), para despertar a consciência da importância da geografia na condução das operações militares, e ainda autor de 'Cadetes e alunos militares através dos tempos' (Rio: BIBLIEx, 1961).

Foi de Porto Alegre que saiu o primeiro comandante da AMAN, o Gen Mário Travassos, estudioso de Geografia Militar e consagrado geopolítico brasileiro.

Naquela escola também estudou o Ten Gen Tancredo Faustino da Silva, que pesquisou a evolução histórica das unidades do Exército até 1938, no utilíssimo **Exército Brasileiro** (Rio: Imprensa Militar, 1939).

Ali estudaram também chefes destacados, entre os quais alguns ex-comandantes da 3ª RM: Newton Cavalcante, Renato Paquet, Emílio Lúcio

Esteves (gaúcho de Taquara), J. Agostinho dos Santos, Cristóvão Barcelos, Mário Barbedo e Francisco Andrade Neves, gaúcho de Rio Pardo.

Foi da Escola de Guerra que saíram 11 dos 24 integrantes da Comissão de Estudos de Operações e de Aquisição de Material na França, dos quais nove combateram no Exército Aliado, o que será abordado oportunamente.

Pelo Dec. nº 5.696, de 2 Out 1905, que criou a Escola de Guerra, foi criada a Escola de Aplicação de Infantaria e Cavalaria no Rio Pardo, e uma Escola de Aplicação de Artilharia e Engenharia no Realengo, outra em Santa Cruz (Rio), uma Escola de Artilharia e Engenharia no Realengo, e mais a ECEME no Rio.

Foram Matriculados na Escola de Guerra 600 alunos dos quais 88 eram oficiais e 512 eram praças.

João Neves da Fontoura, em **Memórias** (P. Alegre: Liv. Globo, 1958. 2 v., p. 42), assim viu a instalação da Escola de Guerra e seus reflexos:

> Depois da Revolta da Vacina, Porto Alegre sofreu a invasão dos cadetes vindos de todos os pontos do país. Era mais um poderoso fator para que a mocidade acadêmica ganhasse decisiva influência na vida de Porto Alegre, nos antros sociais e literários, na imprensa e afinal na política. Coube aos cadetes desde logo e sem contestação a ditadura da Rua da Praia e da Praça da Alfândega.

A Escola de Guerra em Porto Alegre foi a concretização de um sonho do Ministro da Guerra Medeiros Mallet em seu projeto de Reforma Militar e assim expresso no Relatório do Ministro da Guerra em 1901 (p. 29):

> (A 3ª RM) por sua situação especial e concentração de tropas ali mantidas por considerações técnicas, está indicada para a localização de uma escola... Assim, atendendo a economia e aí numeroso corpo docente, sobressai o critério de substituição dos cursos preparatórios na (3ª RM)por uma única escola em Porto Alegre ou alhures.

Esta escola e as demais que funcionaram de 1853 a 1911 foram objeto de original, inédito e valioso estudo que apoiamos como Diretor do Arquivo Histórico do Exército por: MEDEIROS, Laudelino T. Escola Militar de Porto Alegre 1853-1911. P. Alegre: Ed. UFRGS, 1992.

Nesse estudo, na 4[a] capa, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul assim se expressou:

> A Escola Militar de Porto Alegre 1853-1911 exerceu grande influência na sociedade rio-grandense. Seus professores e alunos desempenharam importantes atividades e a História (do Rio Grande do Sul) não pode ser escrita com a omissão desses fatos. Nomes destacados da nacionalidade frequentaram seus cursos realizando sua formação profissional onde, atividades políticas, literárias e sociais impregnavam a atmosfera escolar e mantinham intensa comunicação com a sociedade regional, onde os grupos espalhados por todos os pontos, com o colorido dos uniformes de vistosas calças coloridas de ganga vermelha, como os zuavos de Napoleão III, imprimiam um tom de animação quase revolucionário, na morna pacatez provinciana.

Na Escola de Guerra, em caráter pioneiro, foi inaugurada em 19 Ago 1906 uma aula de Esperanto com 200 alunos, dirigida por Christiano Kraemer, segundo o professor Laudelino Medeiros (op. cit.).

A movimentação de estudantes do Exército em Porto Alegre se ampliou com a transferência de Rio Pardo para a capital, da Escola de Aplicação de Infantaria e Cavalaria, em 12 Mar 1908. Cerimônia imortalizada por Raul Silveira de Mello, cruzaltense, que veio a consagrar-se como historiador militar incomparável da fronteira oeste do Brasil, para onde se dirigiu sua família fugindo da Guerra Civil 1893-95, e que viria a liderar a retomada do catolicismo no Exército em Itajubá-MG, o que resultou na União católica dos Militares.

A Escola de Guerra foi extinta pelo Dec. 7.228, de 17 Dez 1908, encerrando suas atividades em 1911, à medida que foram acabando seus cursos já iniciados.

Na Escola de Guerra amadureceram e ganharam força os ideais de profissionalização do Exército a partir de 1905. Ela foi o celeiro de chefes, conforme demonstramos, que lideraram e consolidaram de 1930 a 45 e, mais além, a Reforma Militar, que proporcionou o grande salto de operacionalidade do Exército da Guerra Civil no RS e de Canudos para o da Força Expedicionária Brasileira em 1944-45.

Para um estudo mais aprofundado, recomendamos a consulta das fontes relacionadas em nossa plaqueta: 1994 AMAN (Jubileu de Ouro em Resende). Volta Redonda: Gazetilha, 1994 (Editado pela Sociedade de Amigos da AMAN).

Por tudo, o Velho Casarão da Redenção se constitui num monumento à profissionalização do Exército. Foi ali que se processou a revolução cultural pró-profissionalização que até hoje perdura.

Ao lado dela não pode ser esquecida a Escola Militar do Rio Pardo, 1888-1908, que durante 20 anos abrigou as seguintes escolas: Escola de Tiro de Rio Pardo (1885); Escola Tática e de Tiro do Rio Pardo (1890), Escola Preparatória e de Tática (1898-1903) e Escola de Aplicação de Infantaria e Cavalaria (1906-1908). Em uma ou outra estudaram, entre outros, Getúlio Vargas, Mascarenhaas de Morais, Paula Cidade e Bertoldo Klinger que estudei em: Centenário de Bertoldo Klinger. A Defesa Nacional, nº 711, Jan./Fev. 1984. p. 5-16.

Paula Cidade evocou Rio Pardo no citado **Cadetes e alunos militares através dos tempos.** Foi professor militar no velho Casarão da Redenção o mais tarde grande Ministro da Guerra, Mal José Caetano de Faria, cuja administração evocamos em: Marechal José Caetano de Faria - Projeção como chefe do EME e Ministro da Guerra na reforma Militar. A Defesa Nacional, nº 724, Mar./Abr. 1986.

Sobre o equilíbrio entre a Cultura Geral e a Profissional que, segundo o Ministro Eurico Gaspar Dutra, com frequência tocava ao nosso Exército perigosamente os extremos do bacharelismo e do profissionalismo, escrevemos o artigo: Ensino Militar - Cultura Geral x Cultura Profissional. A Defesa Nacional**.** Nº 746 Nov./Dez. 1989.

A criação da Comissão da Carta Geral do Brasil em 1903

Em 31 Mar 1903 foi criada com sede em Porto Alegre, por OD nº 268, do Exército, a Comissão da Carta Geral da República, que foi instalada em 29 Jun do mesmo ano. Modificada para Comissão da Carta Geral do Brasil (CCGB), passou a ser conhecida por 'Carta' e seus membros, "carteanos".

Destinava-se ao levantamento topográfico de áreas estratégicas para operações militares, como era o caso da área da 3ª RM.

Seus trabalhos tiveram início na área da própria 3ª RM. Ela era a concretização de um sonho do Cap Tasso Fragoso, expresso no artigo ‘Servigo Geográfico do Brasil’ na Revista Militar, em 1889. Nesta comissão Tasso Fragoso foi não só ajudante, mas também alma, com a prática que adquiriria na Comissão Cruls, que demarcou o local onde hoje se ergue Brasília. E até 1914 a Carta dotou a 3ª RM de excelentes levantamentos para a época, dando origem à 1ª Divisão de Levantamento, hoje denominada historicamente de Divisão de Levantamento Tasso Fragoso.

O trabalho inaugural da Carta teve lugar em 25 Ago 1903, centenário de nascimento do Duque de Caxias, para fixar o marco zero no Morro de Santana.

Integraram esta equipe pioneira o Cap Augusto Tasso Fragoso, o Ten Alfredo Malan D'Angrone, gaúcho de Pelotas, e o Alferes-aluno Felisberto do Amaral Peixoto. E nela, juntos, trabalharam até 1906 os amigos e futuros chefes do Estado-Maior do Exército Tasso Fragoso e Malan D'Angrone. O pioneirismo da Carta na área da 3ª RM consta da obra: MALAN, Alfredo Souto. Uma escolha um destino (Vida do Gen Malan D'Angrone). Rio: BIBLEX, 1977, p. 104-123.

Em 1920, após a 1ª Guerra Mundial, o Exército contratou na Áustria 12 especialistas em cartografia para organizar o Serviço Geográfico do Exército e a Escola de Engenheiros Geógrafos, missão chefiada pelo Gen de Arthur von Hubl, que dirigia o Instituto Militar de Viena.

A 3ª RM foi a maior beneficiária dos trabalhos da Missão Austríaca, tendo como área prioritária a cartografia. Estudamo-la em nossa obra ‘Estrangeiros e descendentes...’ citada (p. 260-26 1). A Carta Geral atuou de 1903 a 1932, dando origem a 1ª Divisão de Levantamento - Divisão Gen Tasso Fragoso.

Tenente Alfredo Malan d’Angrogne

Nascido em Pelotas, membro destacado da carta Geral, adido militar do Brasil na França na 1ª Guerra Mundial, quando foi encarregado de contratar a Missão Militar Francesa para o nosso Exército. Fonte: MALAN, Alfredo, Gen. Missão Militar

Francesa de Instrução Junto ao Exército Brasileiro. Rio: BIBLIEx, 1988.

As ferrovias estratégicas da área da 3ª RM

For essa época, na área da 3ª RM verificava-se grande esforço para concluir-se a ferrovia Porto A1egre-Uruguaiana, conhecida como EFPAU, sobre o qual Caxias emitira em 1844 o seguinte parecer:

> Qualquer estrada estratégica que se tenha de construir na Província do Rio Grande do Sul, não satisfará as necessidades bélicas sem que tenha sua base na Província de Santa Catarina, porque sendo a barra do rio Grande de difícil passagem em certas épocas do ano, minguados serão os recursos de tropa, armamento, munição, etc., que por ela poderão entrar, vindos de outras províncias.

Foi imaginado, então, atingir-se Uruguaiana, no ângulo formado pelas fronteiras do Uruguai e Argentina.

Assim tem curso esta ligação: em 1871: Porto Alegre-Novo Hamburgo; em 1877-1882: Gen Câmara-Cachoeira; em 1882: Cachoeira-Santa Maria, Santa Maria-Cacequi e Inhanduí-Uruguaiana.

A ferrovia Bagé-Rio Grande foi inaugurada em 1884 e era a concretização de um sonho do Mal Osório, sendo implementado pelo Dr. Gaspar Silveira Martins. Para o norte, a partir de Santa Maria até Passo Fundo, à procura de Santa Catarina e do centro do país, estava sendo construída a estrada preconizada por Caxias.

As ferrovias Rio Grande-Bagé e Porto Alegre-Uruguaiana, durante a Guerra Civil de 1893-95, foram essenciais às operações e para a sua guarda e a do telégrafo o Exército destinou apreciáveis efetivos. Elas serão objeto de igual preocupação em 1923.

Em 1902 o Exército, através do *2*° BE, construía o trecho de 140 Km entre Cacequí e Inhanduí, ao comando do Ten Cel Bento Manuel Ribeiro Carneiro Monteiro, futuro chefe do EME e criador da Missão Indígena na Escola Militar de Realengo, neto do Ten Gen Bento Manoel Ribeiro e filho do Mal Victorino Carneiro Monteiro. Estagiou na ferrovia Bagé-Rio Grande o Ten Otávio Rocha, hoje imortalizado em artéria de Porto Alegre.

Trabalhou na Carta o então Cap Alberto Cardoso de Aguiar, futuro Ministro da Guerra, que antecedeu Calógeras, o qual executou seu plano

de reformas, conforme confessou humildemente ao perguntarem a razão do seu sucesso à frente da pasta de Guerra.

O Quartel General da 3ª RM

Em 1906-08 foi a vez de dotar-se a 3ª RM em Porto Alegre de um Quartel-General condigno e feito propriamente para este fim.

Foi levantado então o ‘velho’ Quartel-General defronte ao atual, com forte simbolismo republicano e decorado com motivos militares.

Ele foi construído no lº comando do porto-alegrense Gen Div Manoel Joaquim Godolphim que, como capitão, participara da Proclamação da República em 15 Nov 1889, liderando piquete de Cavalaria do l º RC, que procedeu o reconhecimento das forças defensoras do QG do Exército no Rio, onde estava reunido o Gabinete Ouro Preto.

Godolphim estudara na Escola Militar de Porto Alegre, que funcionara defronte ao QG da Brigada Militar, ao lado do que ele construiu. Esta foi a sede do comando político e militar do Exército no Rio Grande do Sul por cerca de meio século, durante a Guerra do Contestado, lª Guerra Mundial, Revolução de 23, Revolução de 24-26, Revolução de 1930, Revolução de 1932 e 2ª Guerra Mundial de 1939-45.

O Posto de Comando do comandante da 3ª RM naquele prédio foi restaurado no comando do Gen Div Ivens Ely Marcondes, paulista de Guaratinguetá, localidade de origem de ilustres famílias fundadoras de Porto Alegre.

A entrada principal do velho quartel general, que lembra uma fortaleza, de cima para baixo, possui as seguintes decorações:

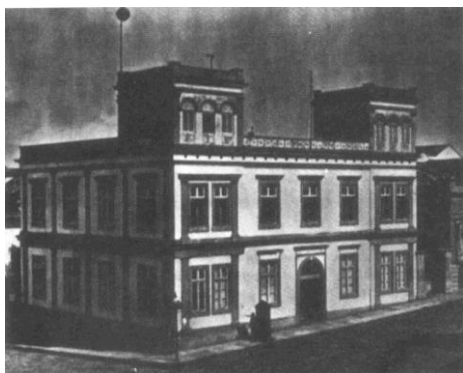
- Dois medalhões, representando o da esquerda Benjamin Constant; e o da direita o Mal Deodoro da Fonseca, ambos ligados à proclamação da República.
- Mais abaixo, três estátuas: a da esquerda, um soldado sentado com seu fuzil e seu clarim; a do centro, uma mulher representando a República; e a da direita, uma mulher sentada representando a Justiça.
- Logo abaixo, o Escudo da República, e, mais abaixo, placa de mármore contendo a indicação: mandado construir pelo Exmo. Sr. General Godolphim, de 1906-1908.

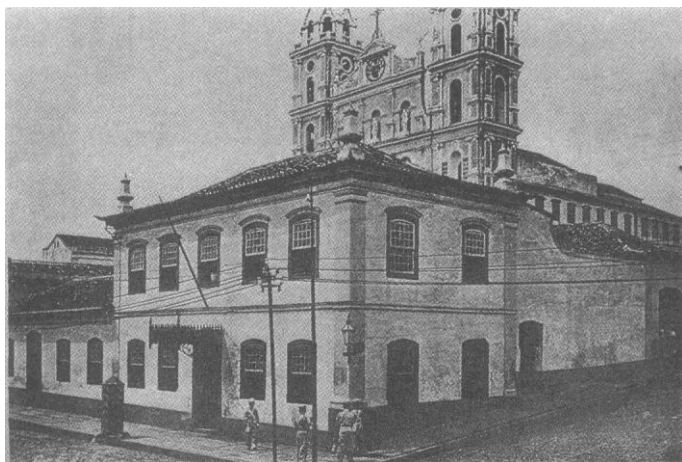
O Posto de Comando, também decorado com motivos de louvor à República, é ocupado por instalações da 3ª RM, ainda se encontrando em funcionamento o seu elevador.

Na época da construção, era um dos mais belos e singulares prédios de Porto Alegre e que até hoje causa forte impressão. Funciona como QG auxiliar da 3ª RM, sendo denominado de 'Cupim' entre os militares que servem na área, por estar atacado pelo tempo. Atualmente (2013) está em processo de restauração. Nele funcionaram: o QG da 3ª RM, até os anos 50, o QG da 6ª DE e o QG da ZMS. Os construtores foram Pellerini e Gentil Rocha (mestres).

Durante a Guerra Civil de 1893-95, o QG da 3ª RM funcionou em Porto Alegre nas ruas Duque de Caxias e Jerônimo Coelho e em Rio Grande e Pelotas.

Quartéis-Generais da 3ª RM de 1822 a 1896

Quartel-General da 3ª RM de 1822 a 1890. Funcionou como Comando das Armas, justaposto ao Palácio da Presidência da Província. Deste local, Caxias presidiu a Província e foi Comandante das Armas na Revolução Farroupilha e na Guerra contra Oribe e Rosas. Prédio contruído de 1784 a 89 e demolido em 1896 para dar lugar, em 1921, ao Palácio Piratini (Foto: Virgílio Callegari).

Quartel-General da 3ª RM no período 1890 a 1896. Foi sede do governo gaúcho até 1921, enquanto era construído o Palácio Piratini. Este prédio existiu após 1871 na esquina da rua Jerônimo Coelho com a Praça da Matriz em Porto Alegre (Foto: Virgílio

Callegari).

Quartel-General da 3ª RM em 1897-1905, vendo-se ao fundo as torres da Igreja das Dores, erguidas em 1904. Demolido, cedeu lugar ao monumental QG da 3ª RM, contruído pelo Gen Godolphim (Foto: Arquivo da 3ª RM).

QG da 3ª RM de 1906 a 1907, no Arsenal de Guerra de Porto Alegre, esquina das ruas Bento Martins e dos Andradas, que foi construído em 1867, em plena Guerra do Paraguai, pelo Presidente e Comandante das Armas da Província Francisco do Rego Barros, Conde da Boa Vista. Este prédio foi atacado e tomado pelos revolucionários em 3 de outubro de 1930, juntamente com o QG (Foto:

Arquivo da 3ª RM).

Quartel-General da 3ª RM de 1908 a 1957. Construído pelo General Manoel Godolphim em 1906-08. Foi atacado e conquistado pelos revolucionários de 1930, na tarde de 03 de outubro. Ainda é usado pelo comando da 3ª RM onde funcionam diversas secções e sub-secções regionais (Foto: Arquivo da 3ª RM).

Os tiros de guerra - pioneirismo na área da 3ª RM

Foi na cidade de Rio Grande que o patriota Antônio Carlos Lopes, farmacêutico e entusiasta dos problemas de Defesa Nacional e da ideia do ciadadão-soldado, organizou a primeira Sociedade de Tiro com fuzil de guerra. Publicou o histórico livro O Tiro Brasileiro. Entusiasmado com a sua iniciativa, o gabrielense Mal Hermes da Fonseca idealizou a Confederação de Tiro Brasileiro, que foi tornada lei em 5 Set 1906 e confiada ao ilustre rio-grandino Antônio Carlos Lopes, a fim de implementar e tornar realidade a Confederação. E outras iniciativas do gênero se espalharam por todo o Brasil amenizando a falta de reservas do Exército, antes da adoção do Sorteio Militar em 1916.

Em Pelotas, a União Gaúcha foi inaugurada em 20 Set 1899, sob influência do Maj Cezimbra Jaques, que fundara no ano anterior em Porto Alegre o atual Movimento Tradicionalista Gaúcho, com militares da Escola Militar de Porto Alegre e civis e com o nome de Centro Gaúcho.

Nos estatutos da União Gaúcha seu sócio fundador, Capitão da Guarda Nacional Simões Lopes Neto, introduziu o seguinte:

> A União Gaúcha se compromete a acompanhar a propaganda e a agir a bem da criação da Federação dos Tiros Brasileiros.

Ao tomar posse na presidência da União Gaúcha, em 20 Set 1905, Simões Lopes Neto declarou que se empenharia na fundação do Tiro Nacional.

Foi entusiasmado com estas ideias que o filho de São Gabriel, Mal Hermes da Fonseca, se empenhou na criação da Confederação do Tiro Brasileiro, tornada lei em 5 Set 1906 e confiada ao ilustre rio-grandino Antônio Carlos Lopes para implementar e presidir a mencionada Confederação. E daí por diante outras iniciativas se espalharam pelo Brasil, chegando em 1911 a Confederação contar em todo o Brasil com 10.000 atiradores.

Atingia-se assim o objetivo de criarem-se os Tiros de Guerra para prover o Exército de reservas organizadas, solução intermediária até o

início do Serviço Militar Obrigatório, em 1916, com o sorteio Militar.

João Simões Lopes Neto, o maior escritor regionalista com projeção internacional, possuía fudamentalmente alma de soldado, como se conclui de sua afirmação:

> Eu tive campos, vendi-os; frequentei uma Academia, não me formei; mas, sem terras e sem diploma continuo a ser... **Capitão da Guarda Nacional** (o grifo é do autor).

Ele foi um paladino da Defesa Nacional ao ponto de, como presidente da União Gaúcha, haver realizado a "mais espetacular e autêntica feita campestre com esta singular demonstração:

> Exercícios de guerrilha, reconhecimento de um reduto artilhado; ataque por Esquadrão de Cavalaria e defesa pela Infantaria; tomada de uma peça de Artilharia a laço; defesa da presa de guerra por um Esquadrão!

A vida e a obra deste grande escritor tradicionalista com alma de soldado é contada por: REVERBEL, Carlos. **Um capitão da Guarda Nacional.** P. Alegre: Martins Livreiro, 1981. (Vida e obra de J. Simões Lopes Netto).

Nas entidades nativistas de Bagé (1899), Santa Maria (1901) e Rio Grande (1901), precursores dos atuais CTG, era dada ênfase às tradições militares do povo do Rio Grande do Sul, que abordamos no volume l, na interpretação genial do imortal Oliveira Viana.

A 3ª RM e a Reforma de 1908 do Marechal Hermes

O Ministro da Guerra, Mal Hermes Rodrigues da fonseca, Ministro da Guerra de 1906-9, filho ilustre de São Gabriel-RS, foi um dos líderes da profissionalização do Exército, ação que continuou a estimular como Presidente da República.

Como Ministsro da Guerra sua ação se caracterizou por:

- Criação de Brigadas Estratégicas. Promulgação de leis do Serviço Militar Obrigatório, do Sorteio Militar, do Voluntariado e da criação dosTiros de Guerra.
- Envio de oficiais para estágio no Exército Alemão, em 1910-12, em número de 24.
- Aquisição na Europa de grande partida de fuzis Mauser, metralhadoras Madsen e canhões Krupp, com respectivas fábricas de munições.

- Construção de novos quartéis.
- Criação da Arma de Engenharia.

A 3ª RM passou a ter as seguintes brigadas estratégicas e de Cavalaria:

- Em Santa Maria: 3ª Brigada Estratégica, constituída dos 7º, 8º e 9º RI, do 15º RC, da 3ª RA Montada e do 3º BE.
- Em São Gabriel: 4ª Brigada Estratégica, constituída pelos 10º, 11º e 13º RI, 16º RC, 4º RA Montada e 4º BE (Atual 4º BE Cmb, Itajubá, SP).
- Em São Luiz Gonzaga: 1ª Bda de Cavalaria. Constituída pelo 4º, 5º e 6º RC e pelo 16º GA Cav.
- Em Rosário do Sul: 2ª Bda de Cavalaria. Constituição: 7º, 8º e 9º RC e 17º GA Cav.
- Em Bagé: 3ª Bda Cav. Constituída pelo 10º, 11º e 12º RC e 18º GA Cav.

Assim, a 3ª RM foi contemplada pelo Dec. 7054, de 6 Ago 1908, com duas das cinco brigadas estratégicas criadas e a totalidade de Cavalaria.

O RS tornou-se a mais importante guarnição militar, dispondo da Escola de Guerra e da de Cavalaria e Infantaria.

As unidades de Infantaria que formaram as 3ª e 4ª Brigadas Estratégicas tiveram as seguintes origens, que é impositivo sejam conhecidas:

7º RI - Santa Maria. Resultou da fusão do 17º BI de Curitiba que lutou no cerco da Lapa, ao comando do Cel Julião Augusto Serra Martins, herói esquecido, e do 29º BI de Pelotas, integrante da Divisão do Sul que libertou Bagé, ao comando do Ce1 João Cézar Sampaio, que o levou para a expedição a Canudos.

8º RI - Cruz Alta. Resultou de transformação do 11º BI do Ceará (1870-1908).

9º RI - Povinho (Santiago do Boqueirão). Resultou da transformação do 4º BI de Sao Gabriel (1888-1908), provavelmente do 4º BFzo, em Pernambuco (1839-1889), e do 31º BI de São Joao del-Rei (1889-1908), que a partir de 1893 estacionou em Bagé e se cobriu de glórias na resistência ao cerco de Bagé e em Canudos, ao comando do Cel Carlos Telles.

10º RI - São Gabriel. Resultou da fusão dos 3º e 30º BI de Porto Alegre. O último com assinalada atuação no combate à Revolução de 93 ao comando

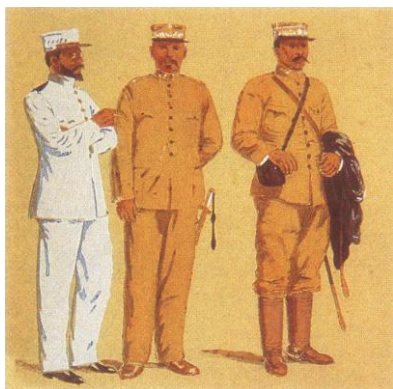
do Cel Arthur Oscar e, em Canudos, ao comando do Cel Tupi Caldas. O 30º BI fora criado em 1888, em Porto Alegre, e o 3º BI foi transferido de Florianópolis em 1888, onde atuara como 3º Batalhão de Fuzileiros, Florianópolis (1839-1888).
11º RI - São Vicente do Sul. Resultou do 18º BI de Alegrete (antigo 18º BC do MA), do 22º BC do Rio, em 1865, e do 6º BI de Uruguaiana (1888-1908) que, por sua vez, se originou do 2º Batalhão da Legião de São Paulo. Em 1915, o 11º RI foi para a Bahia, dando origem, em 1938, ao 19º BC.
12º BI - Dom Pedrito. Resultou do 13º BI de Porto Alegre (1851-1908), com ativa participação no combate à Revolução Federalista ao comando do Cel Thomaz Thompson Flores, e do 32º BI do Espírito Santo (1888-1908), que durante a Revolução Federalista guarneceu a ferrovia Rio Grande-Bagé e participou da Divisão do Sul, que libertou Bagé. Esta unidade foi transferida para o Recife como 12º BI (1917-19) e 21º BC (1919-38).

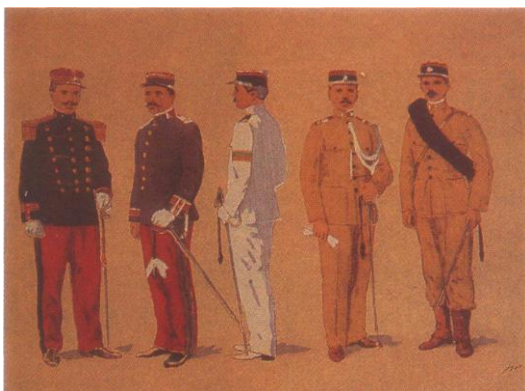
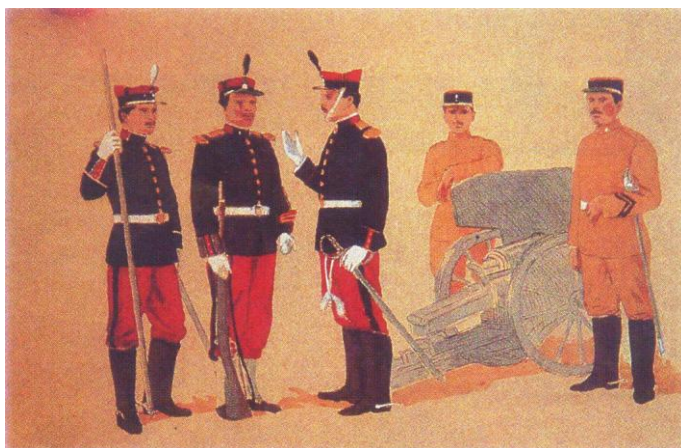
As unidades de Artilharia das 3ª e 4ª Brigadas Estratégicas foram:
3º RA Montada - Cruz Alta. Origem no 3º RA Cav, do Paraná (1879-1888); no 3º RAC, Rio Grande (1880-1889); no 3º RAC, Curitiba (1889-1894), que combateu na Lapa-PR; 3º RAC, em Sorocaba (1894-1908), que daria origem (1915-1917) ao 3º RAM, em Recife; e 8º RAM, em Cruz Alta, que por sua vez originaria o 6º RAM, ainda em Cruz Alta, em 1938.
4º RA Montada - São Gabriel. Origem no Corpo Art Cav, na mesma guarnição (1831-1870); no 1º RA Cav (1874); 1º RA Camp (1888-1889); no 1º RAC (1894-1908); no 4º RAM (1908-1817); 5º RAM (1919) e originando o 5º RAM em Santa Maria (1919-1934), atual Regimento Mallet. Em 1908, do 1º RAC de São Gabriel surgiu o 17º GA Cav de Alegrete (1908-1917), o 2º GAC em Alegrete (1919-1921), transferido para Uruguaiana (1921-1934) e retornando a Alegrete em 1934.

As unidades de Engenharia das brigadas estratégicas foram:
3º BE - Cruz Alta. Origem no 2º BE em Cacequi e em Cruz Alta (1888-1908), depois 6º BE em Cruz Alta (1917-1917) e 1º BFv a partir de 1919, em Lages-SC. Unidade que participou do combate à Revolta na Esquadra, na Guerra Civil de 1893-95, e que construiu mais de 1.000 Km de ferrovias no RS.
4º BE - Previsto para São Gabriel. Organizado em Rio Pardo com uma Bateria do Regimento Mallet. Estacionou em General Câmara. Em 1917-

19 esteve em Lorena-SP e a partir de 1921 está em Itajubá. Comandamos esta unidade em 1981-82 e imortalizamos sua trajetória na obra: BENTO, Claudio Moreira, Cel. Síntese histórica do 4º BE Cmb. Itajubá: 4º BE Cmb, 1982. E no artigo: 4º BE Cmb - Síntese histórica. In: Revista Militar Brasileira, nº 119, Out./Dez. 1982. p. 45-60.

O 4º BECmb foi organizado no histórico prédio que fora ocupado pelas escolas do Exército no Rio Pardo em 1888-1903.

Uniformes usados pela tropa da 3ª Região Militar em função da Reforma de 1908 que criou as Brigadas Estratégicas em Porto Alegre e São Gabriel

Uniformes usados pelos generais comandantes da 3ª RM e pelos das duas brigadas estratégicas e brigadas de cavalaria subordinadas. Teve início o uso do brim caqui, somente substituído pelo tecido verde-oliva nos anos 30, sob influência da Missão Militar Francesa (1920-39).
(Fonte: BARROSO et RODRIGUES. Uniformes do EB)

Uniformes de oficiais das Armas em diversas variantes do 2º ao 6º uniformes, faltando somente o 1º. Da esquerda para a direita: Cel Inf em 2º uniforme; Cel Cav em 3º uniforme; Ten Cel Art em 4º uniforme; Ten Cel Inf em 5º uniforme e Maj Eng em 6º uniforme.
(Fonte: BARROSO et RODRIGUES. Uniformes do EB).

Uniformes de Campanha dos oficiais e praças das armas base. Da esquerda para a direita: oficial de Cavalaria, oficial de Infantaria e soldado de Infantaria equipado, já portando o fuzil Mauser 1908. (Fonte: BARROSO et RODRIGUES. Uniformes do EB).

Uniformes das praças de Cavalaria, Engenharia e Artilharia. A praça que porta fuzil é da Engenharia do atual 3º BECmb, Cachoeira do Sul, criado juntamente com a Arma de Engenharia pela Reforma de 1908.

(Fonte: BARROSO et RODRIGUES. Uniformes do EB).

Na foto, o gaúcho de São Gabriel Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, em visita ao Exército Alemão na qualidade de Ministro da Guerra. À esquerda, o então Major Augusto Tasso Fragoso, um dos criadores da Carta Geral, atual 1ª Divisão de Levantamento, a qual possui Tasso Fragoso como denominação histórica. Como historiador, o General Tasso Fragoso foi o autor dos clássicos 'A Batalha do Passo do Rosário', "Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai' e 'A Revolução Farroupilha (Fonte: Arquivo do Exército).

Unidades das brigadas de Cavalaria da 3ª RM

4º RC - São Nicolau - Resultou do 4º RC de Livramento (1888-1908), com origem no Esquadrão de Cavalaria/Voluntários do RS (1822-23), 4º Regimento de Cavalaria Leve/RS (1823-31), 3º RCL/RS (1831-Extinto), 4º RCL/RS (1887-88) e 4º RCL, Livramento (1888-1908). O 4º RC foi antecedido pelo 1º Regimento de Cavalaria Independente, Santiago (1921-38).

5º RC - São Luiz Gonzaga - Teve origem no 7º BFzo/RS (1851), 5º RCL/RS (1852-88), 5º RCL, Bagé (1889-1908). De 1908 a 38 permaneceu em São Luiz Gonzaga como 5º RCL (1908-17) e depois como 3º RCI (1919-38) na mesma guarnição.

6º RC - São Borja - Teve origem no 6º RCL de Jaguarão, em 1888/89. Esteve em Santa Vitória do Palmar. Quando aquartelado em Dom Pedrito, foi atacado e rendido por Joca Tavares e Gumersindo Saraiva. Esteve em São Borja como 6º RC (1908-17) e como 2º RCI (1917-38).

7º RC - Quaraí - Teve origem no 12º RC ali formado (1889-1908). Como 7º RC (1908-17), Quaraí e em Itaqui (1917-19). Como 4º RCI, em Santo Ângelo, ficou sem efetivo entre 1921-32.

8º RC - Uruguaiana - Teve origem na Cavalaria da Legião de São Paulo, 1821-23. Antecedido pelo 3º RCL/RS (1824-88), 3º RCL, em São Borja (1888-89), 3º RC, ainda em São Borja (1889-1908), 8º RC, em Uruguaiana (1908-19) e 5º RCI, também em Uruguaiana (1919-38).

9º RC - Alegrete - Origem no 10º RCL de São Paulo e Sorocaba (1888-1908). Antecedido pelo 9º RC, Alegrete (1908-19) e 6º RCI, ainda em Alegrete (1919-38). Como 10º RCL defendeu Santos na Revolta na Esquadra e combateu os federalistas no Paraná.

10º RC - Livramento - Origem nas seguintes unidades: Cavalaria Provisória do Paraná (1853-60), Companhia de Cavalaria do Corpo de Guarnição do Paraná (1860-65), 3º Corpo de Caçadores a Cavalo do Paraná (1865-70), Esquadrão de Cavalaria da Guarnição do Paraná (1887-88), 8º RCL de Curitiba (1888) e 8º RC, Campanha-MG (1894-1908). Combateu na defesa da Lapa, em 1894. Foi também 10º RC em Livramento e em Dom Pedrito (1915-19); 3º R C Divisionário, Rosário (1919-21); 3º RCD, Jaguarão (1921-24) e 14º RCI, Dom Pedrito (1924-38).

11º RC - Bagé - Origem no 11º RC, Uruguaiana (1889-1908); em Bagé: 11º RC (1908-19) e 8º RCI (1919-21); 8º RCI, Quaraí (1921-24) e 12º RCI, novamente em Bagé (1924-38).
12º RC - Jaguarão - Origem nas seguintes unidades: Esquadrão de Cavalaria de Linha de Minas Gerais (1821-23); 2º RCL/RS (1824-88); em Jaguarão: 2º RCL (1888-89); 2º RC (1889-1908); 12º RC (1908-19); e 9º RCI; 9º RCI, São Gabriel (1919-24); 3º RCD, Jaguarão (1924-34); e 3º RCD, em Porto Alegre (1934).
16º GA Cav - Uruguaiana - Criado em 1908 e organizado como 16º GAC (1917-19). Como 1º GA Cav, Itaqui (1919-1934), e a partir de 1934 em Santiago.
17º GA Cav - Alegrete (1908) - Origem nas 1ª e 2ª baterias do 1º RA (Regimento Mallet). Em Alegrete: 17º GAC (1908-19); 2º GAC, Alegrete (1919-21) e 2º GAC, Uruguaiana (1921-38).
18º GA Cav - Bagé - Origem nas 1ª e 2ª baterias do RA Campanha, (1888-1908), 18º GAC (1915-19) e 3º GAC (1919-1938), todas em Bagé.

Ainda em 1908 foi organizado em Itaqui o 15º RC o qual, de 1915 a 19 esteve em Livramento como 15º RC e como 7º RCI em Livramento (1919-38).

Mais detalhes sobre a constituição destas unidades, cuja genealogia é diícil de se entender, e que passaram em 1908 por ampla reestruturação, consultar: MINISTÉRIO DA GUERRA. O Exército Brasileiro. Rio: Imprensa Nacional, 1938 (Válido com anexos corrigidos, editados em 1939). A partir daí, consultar os controles do Arquivo Histórico do Exército. As modificações de 1908 são de conhecimento relevante para entender-se a evolução histórica das OM da 3ª RM até 1908 e, depois, a continuação das mesmas.

Esta Reforma interrompeu a tradição de muitas unidades construídas no combate à Guerra Civil de 1893-95 e na Guerra de Canudos, laços que aqui procuramos estabelecer.

A Revista dos Militares na 3ª RM

Em Jul 1910 surgiu em Porto Alegre a edição do nº 1 da Revista dos Militares, com apoio do porto-alegrense comandante da 3ª RM, Gen Manoel Joaquim Godolphim, e coordenação de seu principal assessor, o

Major Luiz Acácio Legrand, acolhendo sugestão do Asp Of Francisco de Paula Cidade, que servia no 25º BI, sediado na Praça do Portão. A redação foi organizada pelo Maj Legrand e integrada por oficiais de maior influência na área da 3ª RM.

O primeiro número trazia em pé de página estas frases:

> Como é público, em breve teremos instrutores estrangeiros. Parece-nos ser este o momento para chamarmos a atenção dos camaradas para as cogitações técnicas de suas respectivas armas a fim de não fazermos péssima figura perante os estrangeiros.

Detalhes e circunstâncias da criação da Revista dos Militares são abordados por seu idealizador em sua 'Síntese de três séculos de Literatura Militar Brasileira' (p. 334-334), onde o autor diz à certa altura:

> Isso olhado hoje, de tão longe, tem um significado de maior importância para caracterizar a época: Havia filósofos e poetas no Exército, mas era difícil encontrar colaboradores para uma revista técnico profissional.

E prossegue:

> A Revista dos Militares durou muitos anos e prestou grandes serviços ao Exército. Ela acompanhou a evolução de nossas forças armadas durante a fase preparatória que antecedeu o contrato da Missão Militar Francesa em 1920, que havia de acelerar as transformações em nosso Exército, tanto na concepção da guerra como nos métodos de conduzí-la racionalmente.

O Ten Paula Cidade, face ao quadro desolador de oficiais nos corpos da 3ª RM no interior, enviou memorial ao presidente da Liga de Defesa Nacional, Olavo Bilac, para que obtivesse lei do Congresso que levasse espontaneamente oficiais para os corpos do interior, o que seria obtido se a arregimentação por dois anos se tornasse obrigatória como requisito para promoção. Os oficiais do 10º RI e da 11ª Cia Mtr Pesadas de Porto Alegre solidarizaram-se. O Cap Bertoldo Klinger, em São Gabriel, também.

Paula Cidade foi punido, e o seu ideal foi adotado mais tarde pelo Ministro da Guerra Eurico Gaspar Dutra, que pela primeira vez impôs arregimentação, deixando em consequência, mais ou menos completos, os efetivos das unidades do Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Goiás para desenvolverem racionalmente a instrução militar.

A Revista dos Militares encerrou suas atividades em 1921, ao cumprir sua missão de preparar o ambiente para a Missão Militar Francesa. É pouco conhecida no Exército hoje.

Outro costume arraigado na área da 3ª RM que prejudicava o desenvolvimento da instrução tática das unidades era o desvio de enormes efetivos da Infantaria, em Porto Alegre, e de Cavalaria, no interior, para dar sentinelas em repartições fazendárias.

Cidade, tendo escrito ao Ministro da Fazenda Pandiá Calógeras e aproveitando relações entre ambos como historiadores, sugeriu, e Calógeras aceitou, que aquelas missões ficassem a cargo de seu próprio ministério. E foi o que aconteceu, não sem reação!

Foi mais uma medida para alavancar a profissionalização do Exército, pressionada por jovens oficiais egressos da Escola de Guerra de Porto Alegre, imbuídos do ideal reformista militar do Exército. Passaram a ser ridicularizados com a alcunha de "jovens turcos", analogia com reformadores na Turquia. Em contrapartida, seus antagonistas passaram a ser chamados "parelhas tronco", retardadoras do movimento por fazerem a retranca na tração da Artilharia.

Assim, as turmas egressas em 1909 e 1910 da Escola de Guerra tomaram espontaneamente o rumo da tropa, com exceções pouco numerosas. E eles tomaram a seguinte resolução:

> Não admitiremos não servir na tropa. Sabemos de oficiais que percorreram vitoriosamente toda a escala hierárquica sem nunca terem tomado parte numa formatura, sem terem dado um tiro de fuzil ou mesmo sem jamais terem penetrado num quartel a serviço.

E como assinala Paula Cidade em **Síntese de três séculos...:**

> A nova diretriz da juventude egressa da Escola de Guerra de Porto Alegre, foi uma verdadeira revolução branca. Ela teve importantes e benéficas consequências para a evolução do Exército. Os aspirantes a oficial chegavam à tropa dispostos as fazer tudo ao seu alcance para criar no Exército o que já existia nos exércitos dos outros países, ou o que haviam tomado conhecimento por livros e revistas. Mentalidade consentânea às novas necessidades da **Defesa Nacional.**

A 3ª RM deve se orgulhar de que todo este relevante processo teve lugar em sua jurisdição e transferiu-se para todo o Exército através dos aspirantes egressos da Escola de Guerra, efêmera, mas relevante na profissionalização militar.

O instrutor desde então passou a ser valorizado na tropa e nas escolas. Era o fim do reinado do oficial prático, conhecedor da legislação burocrática e disciplinar que caracterizava os quartéis. A prioridade agora era do profissional militar versado em Arte e Ciência Militar. E tudo isso teve início na 3ª RM!

Oficiais egressos da Escola de Guerra irão, em maioria, tirar cursos no Exército Alemão em 1910-12, e quatro naturais da área da 3ª RM figurarão entre os 13 jovens turcos fundadores da revista **A Defesa Nacional,** em 1913, a qual até hoje se mantém em atividade. Foram eles: Bertoldo Klinger (Rio Grande), Francisco de Paula Cidade (Porto Alegre), Epaminondas Lima e Silva (RS) e Amaro de Azambuja Vila Nova.

Sobre a fundação e projeção histórica da revista **A Defesa Nacional** na modernização do Exército, escrevemos: Reunião para a fundação de A Defesa Nacional. In: A Defesa Nacional**,** nº 705, Set./Out. 1984. p. 163-168.

Ela foi fundada por oito oficiais egressos de cursos no Exército Alemão em 1919-11, possuidores do curso da Escola Militar da Praia Vermelha, e cinco do curso da Escola de Guerra de Porto Alegre.

Os primeiros trouxeram a Doutrina Alemã e eram chamados de germanófilos por esta razão. Os outros, formados em Porto Alegre na Escola de Guerra, seriam os "brasilófilos", e todos passaram a história como "jovens turcos". Estudaram na Alemanha, de 1911 a 12, 27 oficiais.

Sobre os cursos na Alemanha e também sobre a fundação da revista A Defesa Nacional, escrevemos o artigo: Centenário de Bertoldo Klinger. In: A Defesa Nacional, nº 711 Jan./Fev., 1984 (onde relacionamos sua bibliografia).

Liderou o grupo fundador de A Defesa Nacional o mais tarde, em 1940, destacado comandante da 3ª RM, Estevão Leitão de Carvalho, que deu a ideia da revista em viagem de retorno da Europa.

De 1919 a 21, na Escola Militar do Realengo, funcionou a Missão índigena, integrada por oficiais selecionados em concurso nacional,

egressos de cursos na Alemanha ou da Escola de Guerra de Porto Alegre, sendo alguns deles fundadores da revista **A Defesa Nacional.**

Foi então concretizado o ideal de profissionalização do ensino militar no Exército, só superado na Academia Militar das Agulhas Negras. Esta, ideal da Revolução de 30, chefiada por um antigo aluno da Escola do Rio Pardo e filho de um líder militar civil no combate à Guerra Civil 1893-95, o Gen Hon Manoel do Nascimento Vargas - o Dr. Getúlio Vargas, cuja obra como presidente da República na modernização do Exército estudamos em: Getúlio Vargas e a evolução da Doutrina do Exército 1930-45. In: **RIHGB, v.** 339, Abr./Jun. 1983, p. 4-7.

A par de toda esta evolução profissional, a 3ª RM foi palco de um evento expressivo na previdência social da Família Militar do Exército, traduzido pela criação, em 24 Maio 1913, 47º aniversário da batalha de Tuiuti, do Grêmio Beneficente de Oficiais do Exército (GBOEx).

O Serviço Militar Obrigatório na 3ª RM

A ideia do Serviço Militar Obrigatório era antiga, mas não implementada. Em 1874 foi promulgada lei sobre o Serviço Militar Obrigatório. Os constituintes de 1891, no Art. 86 da Constituição, incluíram "todo o brasileiro é obrigado a prestar o Serviço Militar". Mas faltou a sua regulamentação, o amparo para que não fosse cumprida.

Em 1900 o Plano de Reforma do Exército do gabrielense Mal Medeiros Mallet preconizou o ServiçoMilitar Obrigatório "para imprimir ao Exército feição com todas as características do povo brasileiro". E a ideia evoluiu!

Em 10 Out 1906, o deputado Alcindo Guanabara apresentou projeto de lei do Serviço Militar que recebeu grande apoio do senador Pinheiro Machado e do deputado Soares dos Santos, ambos gaúchos.

Para estes urgia reformular a Defesa Nacional a fim de poupar a sociedade civil de revoluções sangrentas como a Guerra Civil de 1893-95, que envolvera a Região Sul.

A Lei do Serviço Militar Obrigatório, através do Sorteio Militar, foi promulgada em 4 Jan 1908, contando com o apoio decisivo do senador gaúcho José Gomes Pinheiro Machado, que combatera a Guerra Civil 1893-95 integrando a Divisão do Norte no RS e em Santa Catarina.

Mas foram necessários mais de oito anos para implementar o Serviço Militar Obrigatório no Brasil. O primeiro Sorteio Militar foi realizado em 10 Dez 1916 no QG do Exército, no Rio, atual Palácio Duque de Caxias, em cerimônia presidida pelo presidente Wenceslau Braz. Vale lembrar que o mundo vivia a lª Guerra Mundial (1914-18), que foi resgatada, quanto à participação do Brasil, na obra: VINHOSA, Francisco Luiz Teixeira. O Brasil e a 1ª Guerra Mundial. Rio: IHGB, 1990.

E cerimônias idênticas tiveram lugar na área da 3ª RM.

Dentre os paladinos deste ideal sonhado pelos integrantes da 3ª RM destacaram-se os parlamentares gaúchos: Senadores Pinheiro Machado e Soares dos Santos e deputado Jayme Darcy. Não podem ser esquecidos os líderes militares filhos do RS marechais Medeiros Mallet e Hermes da Fonseca como ministros da Guerra.

O Serviço Militar Obrigatório mereceu de seus propagandistas, entre os quais o Barão do Rio Branco, Olavo Bilac e outros, estas considerações a justificar sua adoção:

> Ele contribuiria para propiciar soberania necessária ao governo do Brasil para estabelecer acordos e enfrentar antagonismos internacionais.
>
> Não existir nação que consiga manter um exército profissional para atender todas as suas necessidades.
>
> A neutralidade de um país não subsiste sem força armada que a sustente.
>
> Na ordem internacional a maior prova de sensatez e inteligência é sustentar as boas intenções com as melhores forças armadas possíveis.
>
> O primeiro direito de um povo é ser livre. Na ordem internacional ser livre é condição que exige alto preço e sacrifícios na manutenção de Forças Armadas a altura de assegurar a liberdade de um país considerado.

Resgatamos a implantação dos Tiros de Guerra, criação da Liga de Defesa Nacional, e a implementação do Serviço Militar Obrigatório, com respectivas projeções no fortalecimento militar do Brasil, na pesquisa básica: Serviço Militar Obrigatório no Brasil, sua implementação através do Sorteio Militar. In: **A Defesa Militar,** nº 729, Jan./Fev., 1987, p. 120-130 (com 14 ilustrações).

Cidade, em suas **Memórias,** então inéditas, recorda aspectos da introdução de recrutas do Sorteio Militar na área da 3ª RM.

Sobre a projeção do Serviço Militar Obrigatório, confirmou-se esta afirmação de Olavo Bilac, hoje muito justamente Patrono do Serviço Militar.

> O que é o Serviço Militar Obrigatório? É o triunfo da Democracia! E o nivelamento das classes sociais. É a escola da Ordem, da Disciplina, da Coesão. É o laboratório da dignidade e do patriotismo. É a instrução primária, a educação fisica e a higiene obrigatória. A caserna é um filtro admirável onde os homens se depuram e se apuram.

A partir de então, na área da 3ª RM, têm-se mobilizado centenas de milhares de jovens para constituir suas reservas. Tem sido um justo imposto social invisível para a sociedade, cujas gerações de gaúchos o têm pago durante um ano de sua vida, para desfrutar da segurança pelos anos restantes em que tiver a ventura de viver.

Enfim, o Serviço Militar Obrigatório propiciou à 3ª RM manter um efetivo de paz compatível e um efetivo em reserva expressivo como força de dissuasão, ou para alimentar um esforço de guerra prolongado na eventualidade indesejável de um conflito interno ou externo, tão presente e vivo na história dos povos.

Com o advento da Revolução Industrial, o sistema de recrutamento na área da 3ª RM de 1870-1916 deixou muito a desejar. As necessidades da 3ª RM deixaram de ser atendidas à altura, pois o número de voluntários era pequeno. Esta solução poderia transformar a tropa numa casta, sem caráter nacional, e sim regional, sem raízes na sociedade civil e divorciada das aspirações populares.

A História Universal oferece-nos vários exemplos de forças profissionais criadas para a defesa das comunidades que se tornaram instrumentos para subjugá-las.

Finalmente, era impraticável manter-se a força da 3ª RM operacional e volumosa de profissionais como efetivo de guerra. Faltava ainda a formação de oficiais de Reserva.

A solução inicial veio com a extinção da Guarda Nacional por Dec. 1790, de 12 Jan 1918, em que ela saiu da jurisdição do Ministro da Justiça para o da Guerra, e seus oficiais, mediante curso e exame específicos, seriam aproveitados como oficiais da Reserva. A solução não

vingou! Esta instituição no Império, com relevantes contribuições bélicas à 3ª RM em nossas lutas internas e externas havia se tornado inócua, nenhuma capacidade operacional.

A solução foi a criação dos CPOR e NPOR, que viriam mais tarde nos anos 20, com a criação, no caso da 3ª RM, do CPOR-PA.

Foi nessa época que a Brigada Militar passou a ser considerada Força Auxiliar do Exército e à disposição da 3ª RM.

Sobre esses assuntos produzimos a pesquisa básica focalizando a ação do Mal Caetano de Farias, 1910-18, como Chefe do Estado-Maior do Exército e Ministro da Guerra o qual, como Major, fora observador (para o Mal Floriano Peixoto) da situação política no RS em 1892 onde, na restauração de Júlio de Castilhos no governo do estado, em Jun 1892, exerceu por três dias o controle federal dos Correios e Telégrafos de Porto Alegre e das mensagens que por ali passavam. A essa pesquisa demos o titulo: Marechal José Caetano de Farias - Projeção como chefe do EME e Ministro da Guerra na Reforma Militar. In: A Defesa Nacional, nº 729, Mar./Abr., 1986. p. 93-124.

Aliás, em análise feita para o Mal Floriano em 1892, antes da Revolução de 93, sobre a complexa luta política no RS, ele assim definiu:

> Existem aqui três partidos. O mais numeroso e mais orte é o de Silveira Martins, mas composto de republicanos e, sobreludo de monarquistas. O 2º é o de Júlio de Castilhos. É menor que o 1º, mas é coaso e disciplinado e composto exclusivamente de republicanos. O 3º que está no poder (O Governicho) é mais fraco e só sobrevive das divergências dos dois.

Essa apreciação, cremos, teve profundas repercussões na vida política do Rio Grande do Sul.

A 3ª RM na Campanha do Contestado e na 1ª Guerra Mundial

Enquanto se processava em ritmo intenso e entusiasmado a Reforma Militar na área da 3ª RM, eclodiu em Santa Catarina e no Paraná a Revolta do Contestado (1912-15), que recebeu este nome por ter ocorrido em território cuja posse era contestada pelos dois estados. Revolta que envolveu o Oeste do estado de Santa Catarina. Surgiram lutas em torno da erva-mate, o "ouro Verde”, envolvendo as polícias catarinense e

paranaense. Em União da Vitória formou-se, antes de 1910, uma junta para criar o Estado das Missões, abrangendo a área do Contestado. Nesta região atrasada surgiu Joao Maria, monge encarado como um emissário divino. Ao falecer, correu a notícia de que, dentro em breve, ressuscitaria. No Contestado surgiram grandes fazendas e seus proprietários, uma espécie de senhores feudais com poder ilimitado nas regiões sob seu domínio.

A construção da ferrovia estratégica sonhada por Caxias, ligando São Paulo, Paraná, Santa Catarina e RS provocou intensa migração para a área contestada, inclusive de malfeitores e aventureiros de todo o Brasil. Terminada a ferrovia, estes migrantes permaneceram na área resolvendo tudo à base da violência, na ausência de autoridade. Quando a ferrovia decidiu explorar os 30 Km de faixa de domínio da ferrovia, foi provocada a expulsão de posseiros, agravando o problema social e a violência.

Era o ambiente ideal para ser explorado por um aventureiro. E dizendo-se um novo Monge e irmão do falecido Monge João Maria, apresentou-se àquela gente crédula e ignorante, um falso monge disposto a explorar o mito do Monge morto. Era em realidade ex-soldado do Exército e desertor da Polícia Militar do Paraná.

Foi logo muito bem sucedido! Em pouco se viu cercado por uma multidão de fanáticos, crentes e doentes. Uns na esperança de cura, outros na de bens materiais e salvação eterna que ele prometia.

Cada acampamento seu era um misto de Quartel-Igreja-Hospital, onde se misturavam armas, gemidos e orações. Em Out 1912 ele se instalou no chamado Quadro Santo de Taquaruçu. Seus adeptos eram passados em revista e submetidos à disciplina militar. Possuíam armas das mais variadas espécies e tinham no facão a sua arma preferida.

Pressionados por autoridades de Santa Catarina, o Monge e sua gente buscaram abrigo no Paraná, que os repeliu, por entender que era uma manobra desleal de Santa Catarina. E logo a seguir teve início a Revolta do Contestado.

O combate do Irani

O Capitão do Exército João Gualberto Gomes de Sá Filho, comissionado coronel da Polícia Militar do Paraná, à frente de 500 homens

desta força, chocou-se em Campos do Irani com os fanáticos, sob a liderança do Monge, que ali estavam emboscados, prontos a lutar.

Em feroz corpo-a-corpo, os fanáticos levaram vantagem.

Conforme a História do Exército Brasileiro (vol. 2, p. 771), o Cel João Gualberto, quando desemperrava a metralhadora Maxim, a única existente, foi atacado a facão pelo Monge. João Gualberto matou-o com dois tiros de pistola, mas faleceu a seguir, depois de atacado a facão e espancado e pelos demais fanáticos.

A expedição, em desordem, retirou-se para Palmas, deixando em poder dos fanáticos a metralhadora, 40 fuzis e 3000 cartuchos. Face a isso, o Paraná pediu auxílio do Exército e foi atendido! Mas a tropa federal não teve notícia dos fanáticos durante um ano.

Os combates de Taquaruçu

Em 29 Dez 1913, o Cap Adalberto de Menezes, com tropa da Polícia Militar de Santa Catarina, foi emboscado pelos fanáticos em Taquaruçu, enriquecendo-os com mais munição e armamento. A derrota deveu-se ao pouco efetivo da coluna.

Em 8 Fev 1914, forte expedição de 700 homens (Infantaria, Cavalaria, Artilharia do Exército e PMSC) atacou Taquaruçu ao comando do Ten Cel Aleluia Pires.

Após inútil resistência, os fanáticos evacuaram o Quadro Santo de Taquaruçu e partiram para Gragoatá. Na manhã seguinte a expedição encontrou Taquaruçu com muitos mortos e os ranchos incendiados.

O ataque a Gragoatá

Gragoatá cresceu muito, consumindo 30 reses/dias para alimentação. O reduto foi atacado de 8 a 10 Mar 1914, ao comando do Ten Cel Freire Carneiro.

Após dificuldades sem fim impostas pelo terreno, a expedição retraiu para Calmon em 11 Mar. Os fanáticos, face às precárias condições de higiene, abandonaram Gragoatá e se instalaram em Pedra Branca e Tamanduá.

A participação da 3ª RM na Guerra do Contestado

Exigindo o Contestado medidas mais enérgicas, foi enviado da 3ª RM o 7º RI, atual 7º BIB, Batalhão Gomes Carneiro, de Santa Maria (atualmente em Santa Cruz do Sul), reforçado por uma companhia de metralhadoras que combateu os fanáticos no reduto de Santo Antônio.

Para combater a Revolta, foi nomeado comandante das forças em operações no Contestado o Gen Setembrino de Carvalho, natural de Uruguaiana e veterano da Batalha de Inhanduí, em 1893. Assumiu o comando em 12 Set 1914 e concebeu o seguinte plano:

- cercar os fanáticos a partir dos centros mais populosos, apertar o cerco pouco a pouco privando-os de recursos indispensáveis; e
- não expor a tropa a emboscadas.

Na região conflagrada, cerca de 20.000 fanáticos ocuparam uma área de cerca de 28 mil Km² ou 20 vezes o Estado da Guanabara.

O efetivo da Grande Expedição foi elevado a 6.000 homens, e a 3ª RM daria mais uma contribuição, inclusive de Cavalaria, ao comando do Cel Leogivildo Paiva, que consta da obra: ASSIS, Dilermando. Cel. José Leogivildo Alves Paiva - o De Brack brasileiro. Rio: Biblioteca Militar, 1948. Este livro resgata a vida militar na área da 3ª RM nos primeiros anos deste século.

O território dominado pelos jagunços ficava balizado ao norte, pelo rio Negro; a leste, por uma linha balizada por Curitibanos-Papanduva; ao sul por uma linha balizada por Campos Novos-Curitibanos; e a oeste, por uma linha paralela à direita da ferrovia. Ou, a grosso modo, entre os rios Negros e Pelotas, a ferrovia e a BR 116 atuais.

A OM mais atuante da 3ª RM foi o 7º RI, resultante da fusão do 17º BI que, a comando do esquecido e heróico Cel Julião Serra Martins, se destacara na resistência da Lapa em 1893-94, e do 29º BI de Pelotas, do Cel João César Sampaio, que nucleara a Divisão do Sul, a qual libertou Bagé em 8 Jan 1894 do cerco federalista. Esta unidade, ao comando do Cap Primo Pereira de Paula, desempenhou brilhante papel destacando-se no combate de Santo Antônio. Era integrada por contigentes do 8º (Cruz Alta), 9º (Rio Pardo), 10º (São Gabriel) e 12º (Dom Pedrito) regimentos de Infantaria, conforme plaqueta do historiador da 3ª DE: MENEZES, Mário José, Cel. **Síntese Histórica da 3ª DE.** Santa Maria: 3ª DE, 1991.

Sobre o que foi a Campanha do Contestado no tocante à Cavalaria da 3ª RM, temos a obra do Cel Dilermando de Assis, acima citada.

A pacificação do Contestado foi realizada pelo ilustre filho de Uruguaiana Gen Setembrino de Carvalho.

Serviu no Contestado como Sub Ten o mais tarde festejado historiador são-borjense Gen Emílio Fernandes de Souza Docca (1884-1945), autor entre outros trabalhos de: História do Rio Grande do Sul. Rio: Org. Simões, 1954.

Produziu valioso trabalho sobre o Contestado outro são-borjense ilustre, o Cel Alcebíades Noronha de Miranda, pai do pintor do Exército Miranda Júnior com a obra 'Contestado', publicada em 1989 pelo IHGGPR do Paraná (Estante paranaense), em que o mesmo traduz a sua visão como capitão do 54º BC.

O Gen Souza Docca morreu por grande desgosto, em função de deslealdade de membros da Academia Brasileira de Letras que o induziram a inscrever-se como candidato único em pleito líquido e certo, mas que não foi eleito por falta de votos necessários, numa forma de violência pior que a violência física, ou seja, a violência intelectual de alguns escritores brasileiros. Biografou-o seu sobrinho em: FAGUNDES, Mário Calvet. Souza Docca vida e obra. Rio de Janeiro: Ex-libris, 1961.

O Gen Setembrino de Carvalho deixou as seguintes obras sobre o Contestado, o qual pacificou:

- Relatório sobre a Campanha do Contestado. Rio: Imprensa Militar, 1916.
- A Pacificação do Contestado. Rio: s/ed. 1916. (Conferência no Clube Militar realizada em 3 Jun 1916).

No precioso relatório citado, de grande valor profissional, ele assinala uma distorção cultural entre muitos oficiais. Ou seja, ao invés da cultura bacharelesca e matemática, os mesmos terem enveredado para a cultura literária e não para a cultura em Arte e Ciência Militar, o que seria corrigido pela Missão Indígena da Escola Militar (1919-21) e consolidado na AMAN, no sentido do equilíbrio da Cultura Geral x Cultura Profissional.

Uniformes usados pela tropa da 3ª RM durante a Guerra do Contestado e na época da 1ª Guerra Mundial

Uniformes de campanha usados pela Cavalaria e Infantaria com os respectivos equipamentos

Uniformes de oficial, sargento e soldado, com os respectivos equipamentos, usados na a´rea da 3ª RM durante as revoluções de 1923, 1924/25, 1926 e 1932.

A 3ª RM e a 1ª Guerra Mundial

Durante a 1ª Guerra Mundial na Europa, submarinos alemães torpedearam os mercantes brasileiros Paraná, Tijuca, Lapa, Macau, Tupi, Acari e Guaíba, o que levou o Brasil, sucessivamente, a romper as relações diplomáticas com a Alemanha em 11 Abr 1917, à declaração do estado de guerra contra ela em 26 Out 1917 e a atuar em colaboração com os Aliados.

Esta guerra, bem como o envolvimento do Brasil, é abordada com detalhes pela primeira vez por: VINHOSA, Francisco Luiz Teixeira. **O Brasil e a Primeira Guerra Mundial.** Rio de Janeiro: IHGB, 1990.

Obra merecedora de nossa apreciação, a qual complementamos, na parte do Exército, no artigo: O Exército e a 1ª Guerra Mundial. **A Defesa Nacional,** nº 752, Abr./Jun., 1991, pp. 145-146.

Nele revelamos os nomes dos 24 oficiais do Brasil que integraram a Comissão de Estudos e Operações e de Aquisição de Material na França 1918-19, cuja finalidade era absorver, combatendo nos exércitos Aliados, a maior quantidade de ensinamentos da Doutrina Militar Francesa e adquirir o material bélico necessário para implantá-la no Brasil.

Dentre os oficiais egressos da Escola de Guerra de Porto Alegre e que combateram nos Exércitos Aliados, destacamos:

- 2º Ten Octávio Monteiro Ache - Secretário da Comissão;
- 1º Ten José Nery Eubank Camará - Administração;
- lº Ten Alzir Mendes Rodrigues Lima - Aviação;
- 2º Ten Mário Barbedo - Aviação;
- 2º Ten Carlos de Andrade Neves - Artilharia;
- 2º Ten Onofre Muniz Gomes de Lima - Infantaria;
- 1º Ten Isauro Reguera - Cavalaria;
- lº Ten José Pessoa Cavalcante de Albuquerque - Cavalaria; e
- lº Ten Cristóvão de Castro Bracellos - Cavalaria.

Comandou a 3ª RM, mais tarde o então Maj Firmino Antônio Borba, da referida Comissão (Cavalaria).

O mais antigo combatente e que lutou na Artilharia Aliada foi o cruzaltense Ten Cel José Fernandes Leite de Castro (1871-1950), cuja vida e obra é estudada em: FGV-CPDoc. **Dicionário Histórico e Biográfico Brasileiro.** Rio: Forense, 1984, v. l, p. 731-732.

Ele foi Ministro da Guerra (1930-32), quando respaldou as ações do Mal José Pessoa no sentido da idealização da AMAN. Seu pai, o porto-alegrense Gen João Vicente Leite de Castro, foi historiador, membro do IHGB e autor, entre outros trabalhos, de suas memórias: **Pátria, Honra e Dever.** Rio: H. Guarnier, 1910 e **Anita Garibaldi.** Rio: H. Guarnier, 1911.

Como contribuições, esta Comissão teve influência na contratação da Missão Militar Francesa para o nosso Exército, da qual se desincubiu o pelotense Maj Alfredo Malan D'Angrone, adido militar do Brasil na França e com assinalados serviços prestados ao mapeamento da área da 3ª RM na Carta Geral e na demarcação dos limites do Brasil com Uruguai, em 1911.

Resultou também desta Comissão a introdução de blindados no Exército; a reformulação do Ensino do Exército por dois ex-combatentes desta Comissão após a Revolução de 30; a doutrina do emprego de fuzis; a atualização das doutrinas de Artilharia de Costa e Campanha, de Infantaria, Cavalaria e Saúde.

Estes elementos seriam pontas-de-lança do trabalho desenvolvido pela Missão Militar Francesa no Brasil, da qual a 3ª RM, por sua importância, mereceu especial atenção.

Estudou esta Comissão o Maj Genino Jorge Cosendey, em Monografia da ECEME (1987), tendo publicado síntese na **Revista do Clube Militar.**

A partir de 1920 começou a funcionar no Exército do Brasil a Missão Militar Francesa (1920-1939), contratada pelo Maj Alfredo Malan D'Angrone. A História desta Missão MMF foi resgatada por seu filho em:
MALAN, Alfredo Souto, Gen. **Missão Militar Francesa.** Rio: BIBLIEx, 1983.

Cooperamos neste estudo na Comissão de História do Exército em 1971-73. Recordamos a surpresa de haver deparado com o contrato para a MMF de um “Marechal des Logis”. Pensando tratar-se de um oficial-general, terminamos concluindo tratar-se de um sargento ferrador de cavalos, ou seja, de Logística. Cada terra com seu uso!

Da criação da 3ª RM ao centenário da Independência (1919-22)

A 3ª RM propriamente dita foi criada por Dec 1651, de Jun 1919, como 3ª RM/3ª DE, e implementada no mês seguinte, em 12 Jul, pelo BI

nº 159 da antiga 7ª RM, a qual substituiu. Nesse dia teve início o Resumo Histórico da 3ª RM/3ª DE, ao qual recorremos em seus registros expressivos.

Como 3ª DE, a ela subordinaram-se a 6ª Bda Inf (antiga 10ª Bda), em Porto Alegre; a 5ª Bda Inf (antiga 9ª Bda), inicialmente em Cruz Alta; a 3ª Bda Art (antiga 5ª Bda Art), também em Cruz Alta. Como corpos divisionários, o 13º RC (em Jaguarão), 15º RC (em Itaqui), o 3º Corpo de Trem (em Gen Câmara), o 10º RI em (Porto Alegre), o 3º GO Montanha (só organizado em Porto Alegre, em 1934, como lº Grupo/3º RA Dorso (com futura parada em São Leopoldo), o 3º BE (inicialmente em São Gabriel e depois em Cachoeira do Sul) e a 3ª Cia Saúde (Porto Alegre).

Integraram as Brigadas de Infantaria a 9ª Cia Mtr (Porto Alegre) e a 11ª Cia Mtr (Santa Maria).

A Infantaria da 3ª RM no RS era formada pelo 7º RI (Santa Maria), 8º RI (Cruz Alta), 9º RI (Rio Grande), 7º BC (Porto Alegre), 8º BC (São Leopoldo) e 9º BC (Pelotas).

A Cavalaria da 3ª RM era formada pelo lº RCI (Santiago), 2º RCI (São Borja), 3º RCI (São Luiz), 4º RCI (Santo Angelo), 5º RCI (Uruguaiana), 6º RCI (Quaraí), 7º RCI (Livramento), o qual era originário do Corpo de Transportes, 8º RCI (Bagé), 9º RCI (Jaguarão) e 3º RCD (Rosário), que deu origem em 1924 ao 14º RCI (Dom Pedrito).

A Artilharia possuía o 2º GAC, em Alegrete e depois em Uruguaiana, até 1932, quando retornou a Alegrete; o 3º GAC (em Bagé); o 5º RAM (em São Gabriel); o 6º RAM (em Cruz Alta) e o 3º GO (em Cachoeira).

Em 6 Fev, início do 3º ano de vigência do Serviço Militar Obrigatório através do Sorteio Militar, a 3ª RM/DE incorporou 6.227 recrutas. Em Out 1921 foi dada ordem para a construção dos quartéis tipo Calógeras em São Leopoldo (8º BC), os dos regimentos de Cavalaria de Dom Pedrito e São Luiz Gonzaga, o do Grupo de Artilharia de Bagé e o Quartel-General de Cruz Alta.

Em 1921 a Escola Militar do Realengo estava no terceiro ano da Missão indígena. A Missão Francesa contratada pelo Exército havia iniciado seu trabalho no ano anterior, exceto na Escola Militar, privativa de instrutores brasileiros relacionados em concurso nacional e que traziam grande influência de Cursos no Exército Alemão de 1910-12, cujas ideias

haviam difundido através de A Defesa Nacional, fundada em 1913. A Missão Militar francesa (MMF) deu especial atenção à 3ª RM.

De 20 Mar a 11Abr 1922, durante 21 dias, a 3ª RM realizou Manobras em Saicã, a primeira com aviação, que havia estreado militarmente em operações no Contestado, com o Cap Ricardo Kirk, o pioneiro e mártir no uso do avião na América do Sul em Operações Militares.

Em 20 Mar 1920 o lº BFv, já com um acervo apreciável na construção de ferrovias e linhas telegráficas, mudou sua sede de Cruz Alta para Santo Ângelo.

Em 7 Set 1922 a 3ª RM/DE realizou monumental desfile comemorativo do Centenário de nossa Independência, que incluiu reservista mobilizados para tal. Evento comemorado com magnífica obra mandada editar na França pelo nosso Exército: BARROSO, Gustavo et RODRIGUES, Washt. **Uniformes do Exército Brasileiro.** Paris, 1922.

Os autores dedicaram a obra, que resgata uniformes históricos, inclusive os usados na área da 3ª RM desde a fundação do RS, dos quais reproduziremos alguns, ao Ministro da Guerra Dr. Pandiá Calógeras, de origem grega.

Neste ano, o Gen Augusto Tasso Fragoso lançou o clássico **A Batalha do Passo do Rosário.** Rio: Imprensa Militar, 1922, focalizando a Batalha do Passo do Rosário, a maior batalha campal travada no Brasil e na área da 3ª RM, atendendo às indicações da MMF de que

> As táticas e as estratégicas sul-americanas deviam ser estabelecidas aqui, com apoio na análise crítica das campanhas sul-americanas, razão por que a pesquisa, elaboração e estudo crítico da História Militar deviam ser estimulados, particularmente a do Brasil.

E isto se impunha ao EME para elaborar planos operacionais e de defesa territorial com base histórica. Foi sua estreia como historiador militar crítico! A esse trabalho se seguiram muitos outros. No prefácio ele fez seu ato de contrição sobre as repercussões negativas do bacharelismo de seu tempo na Escola Militar, onde "os cadetes riam dos veteranos do Paraguai defilando, portando orgulhosamente suas medalhas". Vale a pena o soldado profissional de hoje se reportar a este prefácio. Estudamos a vida e obra de Tasso Fragoso em: Gen Div Augusto Tasso Fragoso. **A Defesa**

Nacional, nº 750 Out./Dez., 1990. Vale a pena ser recordada e conhecida sua vida e obra, pois, ao morrer, mereceu esta referência do Exército:

> Uma das personagens mais incisivas na evolução de nossa atividade militar, verdadeira relíquia, intensamente entrosado nos fatos mais interessantes decorridos no último século.

Ele foi estudado em alentado volume de: ARARIPE, Tristão de Alencar, Gen. **Tasso Fragoso.** Rio: BIBLEX, 1960.

Sobre o que foi o esforço da Reforma Militar, transcrevemos o BI do 4º BE Cmb, Itajubá, MG, que fora organizado em 25 Jan 1910, em, Rio Pardo, como destinado à 4ª Brigada Estratégica da 3ª RM, com um contigente de 100 homens do atual Regimento Mallet, então 4º RAM de São Gabriel.

> A situação do Exército no ponto de vista da operacionalidade é florescente. Aí estão: a sua organização em moldes modernos para a paz e para a guerra; a sua instrução talhada em novos moldes que vem dos ensinamentos da 1ª Guerra Mundial; o seu equipamento proveniente do que melhor produzem centros mais avançados em Ciência Militar; o seu aquartelamento em casernas higiênicas e confortáveis distribuídas pelas regiões militares; os arsenais para o reparo e fabrico de armamento; as fábricas de munições; os carros de assalto blindados; as esquadrilhas aéreas; as escolas de Estado-Maior, de Aperfeiçoamento de Oficiais, a de Sargentos instrutores, os exercícios de quadros, as manobras da **3ª Região Militar** (o grifo é nosso); a concentração rápida que teve lugar por ocasião da alteração da ordem no norte, a convocação frutífera de várias classes de reservistas para a parada do Centenário da República.

Foi a apreciação do comandante Maj Volmer Augusto Silveira, meu antecessor no comando do 4º BE Cmb 60 anos antes, que retratou bem a evolução do Exército e da 3ª RM, cuja notícia das manobras de Saicã repercutiram na serra da Mantiqueira, entre os hoje ‘Pontoneiros da Mantiqueira’.

E foi este salto operacional, da Guerra Civil e da Campanha de Canudos, fruto de um esforço conjugado, abordado, no qual se destacaram, entre outros, os seguintes oficiais generais nascidos na área da 3ª RM:

Marechais, ministros da guerra Carlos Machado Bittencourt, 1897 (revolucionou a Intendência de Canudos); João Thomaz de Cantuária, 1897-98 (primeiro chefe do EME); João Neponuceno de Medeiros Mallet, 1898-1902 (iniciou a Reforma Militar; na falta de recursos financeiros usou os cérebros do Exército para desenvolver uma doutrina, ao regulamentar e infra-estruturar as atividades do Exército); Hermes Rodrigues da Fonseca (grande modernizador do Exército, inclusive como Presidente (1910-14); José Bernardino Bormann (1909-12, também chefe do EME e historiador que realizou estudos sobre as nossas lutas externas de 1851 a 70, e sobre a Revolução Federalista); Antônio Adolfo da Fontoura Mena Barreto (1911-12, combateu a Guerra Civil no RS e SC); Fernando Setembrino de Carvalho (pacificador da Revolta do padre Cícero, no Ceará, 1910, do Contestado, 1915, e que irá pacificar a Revolução de 1923-RS, consagrando-se como o pacificador do século XX).

Da área da 3ª RM saíram oficiais com o lema "Rumo à tropa". Alguns integraram os 27 que fizeram cursos no Exército Alemão (1910-12), fundadores de **A Defesa Nacional,** 1913, e integrantes da Comissão que lutou ao lado dos Aliados na lª Guerra Mundial. Entre eles o Gen José Fernandes Leite de Castro, já citado, que combateu na Artilharia Aliada, filho de Cruz Alta, e que apoiou o Mal José Pessoa na idealização da Academia Militar das Agulhas Negras.

Outros egressos da Escola de Guerra de Porto Alegre integraram a Missão indígena da Escola Militar, 1919-21, idealizada pelo Mal Manoel Carneiro Monteiro, nascido na área da 3ª RM, em Porto Alegre.

Em 19 Nov 1993, Dia da Bandeira, representando a família do Gen Bento Ribeiro, entregamos à AMAN, em cerimônia comovente, a espada que pertenceu ao citado General, pela razão deste ilustre chefe haver idealizado e tornado realidade, como chefe do EME, a Missão índigena da Escola Militar do Realengo (1919-21). Missão que, efetivamente, começou a profissionalização do ensino no Exército, retomada de maneira firme, em 1930, na Escola do Realengo, continuada na AMAN e iniciada em 1906-11 na Escola de Guerra de Porto Alegre, esta celeiro de idealistas que transformaram o ensino de bacharelesco (até 1905) e divorciado da Segurança da Pátria, para ensino profissional militar comprometido com ela.

Uniformes usados no Grande Desfile do Centenário da Independência em Porto Alegre - 7 de setembro de 1922

Da esquerda para a direita: um sargento do 7º BC (Praça do Portão, Porto Alegre), um corneteiro do Esquadrão de Trens de São Gabriel (4ª Brigada) e um aluno do Colégio Militar de Porto Alegre (Fonte: BARROSO et RODRIGUES. Uniformes do EB)

Tropas regionais improvisadas que combaterão às ordens da 3ª RM nas revoluções de 1893-95, 1924-25 e 1926 como patriotas, provisórios e na Guarda Nacional em 1893-95 (Fonte: BARROSO et RODRIGUES. Uniformes do EB).

Os comandantes da 3ª RM de 1899 a 1923

Na República o resgate da vida e obra de generais do Exército é tarefa difícl quando não se dispões no AHEx de sua Fé-de-Ofício, o que tem sido o caso de muitos do período 1889-1930. Para sanar a falha, recorreremos às fontes mais diversas e as integramos para obter o máximo possível de informações que supram a falta da Fé-de-Ofício.

Assim, de 1899 a 1923 a 3ª RM teve 33 comandantes, sobre os quais foi possível resgatar o seguinte:

1 - Gen Div Cláudio do Amaral Savaget. Comandou pela 2ª vez de 2 Mar 1899 a 14 Nov 1900, por oito meses e 12 dias. Foi o comandante da na virada do século XX, e o estudamos em 1º comando como interino de 16 Dez 1895 a 13 Jan 1896, por 28 dias, completando 9 meses e 10 dias de comando.

2 - Cel Francisco Maria Pinheiro Bittencourt. Comandou interinamente de 14 Nov a 22 Dez 1900, por 16 dias. Não foram obtidos maiores dados.

3 - Gen Div Francisco Antônio Rodrigues Sales Filho. Comandou efetivamente a 3ª RM de 22 Dez 1900 a 7 Jan 1905, por mais de 4 anos. Nada foi obtido nas fontes possíveis sobre sua atuação. Era pai do Cel médico de mesmo nome, formado em Medicina em Porto Alegre, em 1905. Sua Fé-de-Ofício não foi encontrada no AHEx.

4 - Gen Div Manoel Joaquim Menna Barreto Godolphim (1845-1912). Nasceu em 19 Jun 1845, em Porto Alegre. Praça voluntária de 7 Dez 1859 na Cavalaria. Teve seu batismo de fogo no sítio de Montevidéu em 1865. Alferes em 1866. Fez toda a campanha do Paraguai, destacando-se em diversas ações, inclusive ao comando do Gen João Menna Barreto. Ações discriminadas em sua biografia em NORONHA, João de Deus M. B. **Os Menna Barreto - 6 gerações de soldados.** Rio: Laemmert, 1950 (p. 276-284). Regressou da guerra como Ten Graduado aos 25 anos, cursando Cavalaria na Escola Militar, que funcionava defronte ao atual QG da Brigada Militar, ao lado do QG da 3ª RM, que mandou construir em 1906-1908. Teve participação ativa como capitão do atual Regimento de Dragões da Independência, de Brasília, nos eventos que culminaram com a Proclamação da República. Teve a seu cargo comandar piquete que reconheceu o QG do Exército, onde se reunia o Gabinete Liberal na manhã de 15 Nov 1889. Major por merecimento aos 44 anos. Ten Cel em 1890 e

Cel em 1892. Combateu a Revolta na Esquadra em Magé-RJ, como comandante de expedição que a libertou. Comandou o 8º RC, em São Gabriel, que exercitava com todo o carinho na Praça da Caridade, comandando cargas que mereciam de sua parte expressões tais como: Lindo! Lindo! Gen Bda em 1902, comandou a guarnição de Bagé, a 1ª Bda de Cavalaria e comandou a 3ª RM por 3 vezes: 7 Jan 1905 a 1º Mar 1907, 15 Abr 1908 a 16 Jan 1909 e 21 Jun 1909 a lº Abr 1911, por mais de 4 anos e meio. Reconstruiu o velho quartel de 1828 do 8º BC, na Praça do Portão. Mandou construir o estande de Tiro de São Gabriel; adquiriu o anterior Hospital Militar de Porto Alegre e mandou construir o QG da 3ª RM em 1906-1908, usado até a década dos anos 50 deste século. Gen Div em 1908. Marechal na reforma. Faleceu em Porto Alegre em 5 Mar 1912, com cerca de 67 anos. Sob seu estímulo foi editada em Porto Alegre, de 1910 a 1922 **a Revista dos Militares.**

5 - Gen Div Carlos Eugênio Andrade Guimarães (1851-1920). Nasceu no Rio em 5 Ago 1851. Comandou a 3ª RM por duas vezes, de 31 Jul 1896 a 11 Jul 1897, por quase um ano, e de lº Mar 1907 a 15 Abr 1908, por um ano, um mês e meio, perfazendo cerca de 2 anos, um mês e meio, sendo que a 1ª em caráter interino. Era irmão do Gen Arthur Oscar de Andrade Guimarães, e biografou seu irmão na obra **Arthur Oscar - um soldado do Império e da República.** Rio: BIBLIEx, 1965. Combateu na Guerra do Paraguai por dois anos. Cursou Art, Eng e Estado-Maior na Praia Vermelha. Teve participação ativa nos fatos militares na 3ª RM de 1889 a 91. Depois do seu 1º comando interino, quando da Guerra de Canudos, foi enviado para lá para comandar a 2ª coluna. Antes de ser promovido a general, em 12 Jul 1895, comandou o Corpo de Engenheiros. Comandou as escolas militares de Porto Alegre e do Realengo, o distrito Militar do Amazonas, além da 3ª RM. Foi ministro do STM e Ministro da Guerra do Presidente Nilo Peçanha, quando procedeu grande reforma no Serviço de Saúde. Faleceu em 16 Nov 1920, aos 69 anos. Não foi encontrada sua Fé-de-Ofício no AHEx.

6 - Gen Div Manoel Joaquim Godolphim. Seu 1º comando interino foi de 15 Abr 1908 a 16 Jan 1909, quando foi inaugurado o antigo QG da 3ª RM. Vide o nº 4.

7 - Gen Div José Bernardino Bormann (1944-1919). Comandou a 3ª RM de 16 Jan a 21 Jun 1906, por seis meses e 5 dias. Nasceu em Porto Alegre,

em 4 Mar 1844, no último ano da Revolução Farroupilha. Foi o 1º filho de um imigrante não-lusitano a comandar a 3ª RM e o lº filho de imigrantes alemães a ser Ministro da Guerra. Era filho do Ten Wilhelm Bormann, que comandou em Passo do Rosário uma campanhia do 27º BC de Alemães. Bormann comandou uma bateria do Regimento Mallet na Guerra do Paraguai. Foi promovido por bravura em Avaí. Foi historiador militar fecundo e o lº biógrafo, em 1880, do Duque de Caxias, de quem foi Aj O. Escreveu **O Marechal Duque de Caxias.** Rio: 1880; **História da Guerra do Paraguai.** Curitiba: 1889; **Dias Fratricidas.** Curitiba: 1906 (sobre a Revolução de 93)**; A Campanha do Uruguai.** Rio: 1907; **Memórias da Revolução Federalista** (1901) e **Rosas e o Exército Aliado** (1902), entre outros trabalhos. Bormann foi chefe do EME antes de comandar a 3ª RM, de onde saiu para assumir o Ministério da Guerra de 16 Out 1909 a Nov 1910. Estudamo-lo em **Estrangeiros e descendentes...**Pedro Leite Vilas-Boas focaliza sua obra lítero-histórica à p. 39 de seu **Dicionário Bibliográfico Gaúcho.** Usava o pseudônimo Villagran Cabrita. Faleceu no Rio em 11 Jun 1919, aos 65 anos.
8 - Gen Div Manoel Joaquim Godolphim. Foi o seu 3º comando, de 21 Jun 1909 a 1º Abr 1911, por um ano, nove meses e cerca de 10 dias, quando apoiou a fundação da **Revista dos Militares,** abordada por CIDADE, **Síntese de três séculos de literatura...**(Vide nº 4)**.**
9 - Gen Bda Alfredo Rodrigues Barbosa. Comandou interinamente de 1º Abr a 20 Jun 1911, por dois meses e 20 dias. Não foi encontrada sua Fé-de-Ofício no AHEx. Nasceu em 9 Fev 1855 e faleceu em 15 Abr 1931 como Gen Div.
10 - Gen Div Vespasiano Gonçalves de Albuquerque Silva (1853-1924). Comandou a de 20 Jun a 20 Ago 1911, por três meses. Nasceu em Pernambuco em 3 Mai 1853 e faleceu no Rio em 9 Jul 1924 aos 71 anos. Foi Ministro da Guerra do Mal Hermes da Fonseca, 1912-14. Foi Diretor da atual Central do Brasil de 6 Set a 13 Mar 1894, por ocasião da Revolta na Armada. Comandou a 2ª Brigada Estratégica em 1908. Todas as promoções por merecimento. Comandou a Escola Militar de Porto Alegre.
Gen Bda em 24 Jul 1908. Não foi encontrada sua Fé-de-Ofïcio no AHEx.
11 - Gen Bda Júlio Fernandes Barbosa (1854-1933). Comandante interino de 20 Jun a 6 Nov 1911, por 56 dias, e pela 2ª vez de 11 Abr a 5 Mai 1912, por 25 dias, num total de 81 dias. Nasceu em 14 Jan 1855, no

RS. Praça de 16 Mai 1871, em São Gabriel. Curso de Infantaria pela Escola Militar de Porto Alegre em 1877. Integrando o 28º BI, combateu como major em Upamaroti e contou dobrado o tempo de 7 Mar 1893 a 6 Mar 1894, quando combateu a Revolução Federalista. Foi aprovado como Agrimensor. Esteve muitos anos ligado ao lº Regimento de Infantaria no Rio. Sua Fé-de-Ofício encontra-se no AHEx. Foi reformado em 8 Abr 1914. Faleceu em 17 Nov 1933, aos 79 anos.

12 - Gen Div Belarmino Mendonça (1850-1913). Comandou a RM de 6 Nov 1911 a 20 Mar 1912, por pouco mais de quatro meses e meio. Nasceu em Barra Mansa-RJ, em 17 Set 1850. Praça de 4 Mar 1865, no 5º CVP de Niterói-RJ. Combateu com seu Corpo, ao comando do Gen Davi Canabarro, a invasão paraguaia por São Borja de 11 Jun 1865 até a rendição de Uruguaiana. Integrou o 2º Corpo de Exército do Conde de Porto Alegre e tomou parte nos ataques de Curuzu e Curupaiti. Destacou-se na 2ª Batalha de Tuiuti "por bravura e sangue frio". Teve em Itororó seu cavalo inutilizado por bala de fuzil. Após Avaí foi promovido a Alferes por bravura e incluído no Exército. Foi gravemente ferido em Lomas Valentinas. Depois de recuperado do ferimento, atuou com valor na Campanha da Cordilheira. Foi um bravo! Aproveitado pelo Exército. Cursou a Escola Militar de 1871-78. Serviu em Mato Grosso. Foi um dos fundadores da Colônia Militar de Chopim em 1881. Chefe da Comissão da Estrada Porto União-Palmas, PR, em 1884-86, serviu na Escola de Tiro de Campo Grande (Secretaria), foi Chefe da Comissão fundadora da Colônia Militar de Foz do Iguaçú-PR e fiscal de navegação dos rios Negro e Iguaçu. Foi catequisador de índios e juiz ad hoc. Maj em 1890. Deputado Federal pelo Paraná, 1890. Em 7 Abr 1892 foi promovido a Ten Cel por merecimento. Preso político em 1894 no hospital do Andaraí e sob palavra, em Caxambu. Bacharel em Ciências Jurídicas e Matemáticas em 1893 pela Escola Militar. Foi Diretor da Fábrica Estrela, comandante da Polícia Militar do Rio em 1900-01; membro da Comissão da Ferrovia Lorena-Benfica, SP em 1902-03; membro da Comissão Exploradora do Alto Juruá em 1905. Gen Bda em 18 Abr 1906. Elogiado nas manobras de Santa Cruz em Out 1910. Diretor de manobras em 1911. Ministro do STM em 1912, tendo falecido em 28 Mai 1913, aos 63 anos. Fonte: Fé-de-Oficio no AHEx.

13 - Gen Bda Roberto Trompowski Leitão de Almeida (1853-1926). Comandou interinamente a RM de 20 Mar a 14 Abr 1912, por cerca de 22 dias. Nasceu em Florianópolis em 8 Fev 1853. É o Patrono do Magistério do Exército. Destacou-se como professor da Escola Militar, onde teve excepcional brilho, tendo comandado interinamente o CMRJ em 1894 e a Escola Militar em 1897. Comandou a 3ª Bda de Artilharia (em Cruz Alta); a lª Região Militar, a 2ª DC (em Alegrete) e interinamente a 3ª RM de 1910 a 12. Faleceu no Rio em 2 Ago 1926, aos 73 anos, como marechal. Estudamo-lo em trabalho encomendado pela FHE/POUPEX intitulado **Os patronos das FFAA do Brasil**. Foi Delegado Técnico na Conferência Internacional de Haia em 1906.
14 - Gen Div Júlio Fernandes Barbosa. Comandou interinamente a RM pela 2ª vez de 11 Abr a 5 Mar 1912, por 26 dias. Foi estudado em seu 1º comando.
15 - Gen Div Pedro Augusto Pinheiro Bittencourt (1857-1917). Comandou a RM duas vezes. A primeira, de 5 Mar 1912 a 3 Jul 1914, por mais de dois anos e um mês. A 2ª vez de 6 Mar 1916 a 30 Mar 1917, por um ano e 24 dias, num total de 3 anos, um mês e 24 dias. Será estudado em seu 2º comando.
16 - Gen Bda João José da Luz (1849-1925). Comandou a 3ª RM interinamente de 3 Jul a 5 Dez 1914. Nasceu em 25 Dez 1845 no acampamento de Piraí Grande, no RS. Praça de 5 Jan 1865 na Cia de Cavalaria de São Paulo, tendo participado como soldado da invasão do Paraguai por Mato Grosso e consequente Retirada da Laguna. Em 1870, passou a atuar na frente sul, no 3º RCL, tendo marchado até Assunção. Ao final da guerra ficou destacado no Passo Baptista, na Fronteira do Quaraí. Foi Diretor da Escola Regimental. Marchou para Alegrete com o 3º RCL, acampando em 6 Set 1872 no Arroio Caverá. Aprovado na Escola de Tiro do Rio Pardo em 1873. Foi Secretário do 3º RCL (1876-78), que em 1876 aquartelou em Santana, de onde marchou para São Borja em 18 Abr 1878. Em 1879 respondeu processo por haver morto o Alferes Francisco O. Fagundes, sendo absolvido pelo CSTM. Passou de 1879 a 1891 servindo no 5º RCL (Bagé). Ten por antiguidade em 6 Dez 1883. Em 1885 foi Aj O do Comandante da 7ª RM, ondsofreu de "reumatismo agudo, artrite e eczema na perna. Cap em 1890. Em 1892 acampou em Saicã. Em 1893 serviu no 10º e no 9º RC. Combateu no Rio a Revolta na Armada. Major

do 10º RC em 1893. Serviu no 5º RC (Bagé) em 1895. Serviu em várias outras unidades de Cavalaria. Em 1908 foi promovido a Coronel por merecimento. Comandou com destaque a OM de Cavalaria de Bagé, quando era considerado um dos últimos sobreviventes da Retirada da Laguna, imortalizada internacionalmente pelo Cap de Engenheiros Alfredo de Taunay. Foi reformado como Gen Bda. Faleceu em 16 Abr 1925 aos 76 anos. Fonte: sua Fé-de-Oficio no AHEx.
17 - Gen Bda Celestino Alves Bastos (1856-1923). Comandou interinamente a 3ª RM de 5 Dez 1914 a 18 Mar 1915, por três meses e três dias. Era o comandante da 3ª Bda Art (Cruz Alta). Nasceu no Mato Grosso em 30 Jun 1856 e faleceu em 9 Fev 1923 no Rio. Escola da Praia Vermelha em 1872/78. Serviu na Artilharia a Pé de Belém e Amazonas. Comandou as fortalezas da Lage e Santa Cruz, onde se destacou nos dias 13, 22 e 24 Set 1893 "por bravura e heroísmo", no combate à Revolta na Armada, no Rio. Combateu a Guerra Civil de 1893-95 no Paraná, no comando da Artilharia do Corpo do Exército do Gen Ewerton Quadros. Ligou-se muito ao Arsenal, Laboratório e Fábrica de Pólvora de Mato Grosso. Foi ajudante da Comissão da Escolha da Nova Capital em 1892. Comandou a PMSP em 1897 e a Escola Tática do Realengo. Ligou-se muito à Fortaleza de Santa Cruz, onde fora preso por três anos, com pena comutada para um ano pelo Poder Moderador em 1878. Gen Bda em 8 Abr 1914, comandou no RS a 3ª Brigada Estratégica (Santa Maria), interinamente a 3ª RM e a 3ª Bda Art (Cruz Alta). Gen Div em 18 Jun 1918. Cmt da 2ª RM (São Paulo), 1921. Comandante da Divisão de Manobras no RS. Reformado em 3 Jul 1922. Faleceu no Rio em 9 Fev 1923 aos 67 anos, após vida militar movimentadíssima. Fonte: Fé-de-ofício, no AHEx.
18 - Gen Bda Carlos Frederico Mesquita (1853-1933). Comandou interinamente a RM de 18 Mar a 1º Ago 1915, por quatro meses e 13 dias, de 9 Abr a 12 Mai 1917, por 33 dias, e efetivamente de 12 Mai 1917 a 14 Jan 1918, por oito meses e dias dias, tendo comandado a 3ª RM por cerca de um ano, um mês e 18 dias. Nasceu em Porto Alegre em 10 Dez 1853. Praça de 22 Jun 1869. Participou do final da Guerra do Paraguai. Cursou a Escola Militar em Porto Alegre, 1880-81. Comandou o lº Batalhão de Brigada Militar na Guerra Civil de 1893-95. Lutou em Canudos, onde consta ter sido gravemente ferido. Ten Cel por bravura, em 15 Nov 1897.

Comandou o 6º BI (Uruguaiana) e a Fronteira e Guarnição de São Borja. Em 1900 comandou o 25º BI, que lutou em Canudos. Faleceu em Porto Alegre em 10 Mar 1933 aos 80 anos. Sua Fé-de-Ofício não se encontra no AHEx. Fonte: Arquivo IHGRGS.

19 - Gen Bda Gabino Bezouro (1851-1930. Comandou a RM de l Set 1915 a 23 Fev 1916, por cinco meses e 23 dias. Nasceu em Penedo, AL, em 22 Jun 1851 e faleceu no Rio em 21 Jan 1930, aos 79 anos. Veterano da Guerra do Paraguai de lº Out 1866 a lº Mar 1870, sendo contuso no combate de Potrero Lopes. Oficial de Engenheiros. Ligou-se à História do Acre como prefeito de Rio Branco de 18 Jan 1908 a 14 Nov 1909. Gen Bda em 14 Nov 1910. Não foi encontrada sua Fé-de-Ofïcio no AHEx.

20 - Gen Bda Bello Augusto Brandão (1852- ?). Comandou interinamente a 3ª RM de 22 Fev a 6 Mar 1916, por cerca de 12 dias, e na 2ª vez de 30 Mar a 9 Abr 1917, por nove dias, num total de cerca de 21 dias. Oficial de Artilharia. Nasceu em 5 Set 1852. Praça de 8 Jan 1870. Cel por antiguidade em 21 Dez 1904. Gen Bda na Reserva. Não foi encontrada a sua Fé-de-Ofício no AHEx.

21 - Gen Div Pedro Augusto Pinheiro Bittencourt. Comandou a RM pela 2ª vez de 6 Mar 1916 a 9 Mar 1917, por mais de um ano. Foi estudado em seu lº comando. Faleceu no 2º comando.

22 - Gen Bda Bello Augusto Brandão. Comandou interinamente pela 2ª vez de 30 Mar a 9 Abr 1917, por nove dias. Foi estudado em seu lº comando. Não foi general na Ativa.

23 e 24 - Gen Bda Carlos Frederico Mesquita. Estudado em seu 1º comando interino. Comandou interinamente de 5 Abr a 12 Mar 1917, por mais de um mês e, como efetivo, até 14 Jan 1918.

25 - Gen Bda Ildefonso Pires de Morais Castro (1859-1922). Comandou interinamente a 3ª RM de 14 Jan a 14 Fev 1918, por um mês. Não foi encontrada sua Fé-de-Ofício no AHEx. Foi Gen Div. Nasceu em 17 Set 1859 e faleceu em 29 Jan 1922. Era Engenheiro Militar. Gen Bda em 6 Jan 1915. Comandou em 1890 a 10ª Bda Inf. Faleceu como Gen Div em 22 Jun 1922, com cerca de 63 anos.

26 - Gen Div Tito Pedro Escobar (1855-1919). Comandou a 3ª RM de 14 Fev 1918 a 12 Fev 1919, por um ano. Nasceu em Itaqui em 14 Jan 1855 e faleceu em Porto Alegre em 12 Fev 1919 aos 64 anos. Atingiu o posto de Gen Div em 12 Jan 1918. Praça de 24 Dez 1872. Cap em 17 Mar 1890.

Combateu na Divisão do Norte a Guerra Civil de 1893-95 no RS e SC, no comando do 3° BI da Brigada Militar que organizou. Comandou como Cap o 27° BI (João Pessoa-PB) em Canudos, integrando a lª coluna com a missão de proteção da Artilharia da 4ª Expedição. Não foi encontrada sua Fé-de-Ofício no AHEx. Faleceu em Porto Alegre em 12 Fev 1919, no comando da 3ª RM, constando seu necrológio no BI nº 36, de 12 Fev 1919.
27 - Gen Bda Ildefonso Pires de Morais Castro. Comandou pela 2ª vez interinamente a 3ª RM de 12 Fev a 25 Ago 1919, por seis meses e 11 dias, o que somando ao comando anterior daria sete meses e 11 dias. Foi estudado no seu primeiro comando.
28 - Gen Div Antônio Ilha Madeira (1855-1946). Comandou a RM de 25 Ago 1919 a 10 Mar 1921, por um ano, cinco meses e 15 dias. Nasceu em Sant'ana do Livramento em 29 Mar 1855. Curso de Artilharia na Escola Militar e Engenheiro Geógrafo na Politécnica. Comandou o contigente de Engenharia da Expedição do Mal Deodoro a Mato Grosso em 1889. Comandou a Escola de Aprendizes de Artilheiros na Fortaleza de São João, tendo se recusado a cumprir ordem do Cel Pêgo Júnior (comandante da 3ª RM em 1892-93), comandante da fortaleza e contrário à República. Acompanhou pessoalmente o Mal Deodoro em 15 Nov 1889 na deposição do Gabinete Liberal e proclamação da República, tendo mais tarde prestado valioso testemunho sobre o evento, traduzido na obra de sua autoria **Proclamação e fundação da República.** Rio: MES, 1947, (publicação póstuma). Ten Cel por serviços relevantes em 4 Abr 1893. Comandou a fortaleza da Lage no combate à Revolta na Armada no Rio, de 6 Set 1893 a 12 Mar 1894, liderada pelo Alte. Custódio de Mello. Comandou a 3ª RM e a Fortaleza de Santa Cruz. Dirigiu o Laboratório Pirotécnico de Campinho-Rio. Faleceu no Rio em 29 Ago 1946, aos 91 anos. Seus restos mortais encontram-se em Sant'ana. Foi encontrada sua Fé-de-Oficio no AHEx. Fonte: Ivo Gaggiani. **Vultos de Santana,** e sua Fé-de-Ofício.
29 - Gen Bda Clodoaldo da Fonseca (1860-1936). Comandou interinamente a 3ª RM de 10 Mar a 11 Jun 1921, por cerca de três meses. Era ligado ao tio, o Mal Deodoro da Fonseca, e ao Mal Hermes. Praça de 3 Nov 1876. Cursou Artilharia na Escola Militar. Foi Ten Cel aos 46 anos, interstício recorde na época. Sua grande missão na Reforma de 1908 foi chefiar a Comissão Militar Brasileira de Compra de Material Bélico na

Europa (1907-1910), onde adquiriu fuzis Mauser, canhões Krupp e metralhadoras Madsen com respectivas fábricas de munições, cujos trabalhos o seu filho descreveu em: FONSECA, Roberto Piragibe. **A Ressurreição do EB através da Reforma de 1908.** Rio de Janeiro: IHGB, 1974, 96 p., que vale a pena ser lido! O envolvimento do Gen Clodoaldo na Revolução de 1922 interrompeu sua carreira após haver comandado as 3ª, lª e 9ª RM. Faleceu no Rio em 1936. Na Revolução de 1922 será apreciada sua atuação. Fonte: AHEx.

30 - Gen Div Cipriano da Costa Ferreira (1861-1933). Comandou a 3ª RM durante a Revolução de 1922 de 11 Jun 1921 a 21 Dez 1922, durante mais de 18 meses. Depois assumiu a Inspetoria do 2º Grupo de Regiões em Porto Alegre, origem ou raiz histórica do CMS. Nasceu em Livramento, RS em 31 Ago 1861. Praça Voluntária de lº Out 1877 no 3º RCL (São Borja). Como 2º Sgt matriculou-se na Escola de Infantaria e Cavalaria em Porto Alegre, concluindo-a em 1883. Com a proclamação da República foi subcomandante da Guarda Cívica e após, comandante. Cursou Artilharia em 1891. Como capitão serviu no 29º BI (Rio Grande e Pelotas). Na Guerra Civil de 1893-95 organizou e comandou o 2º Batalhão da Brigada Militar que derrotou o Cel Revolucionário José Bonifácio da Silva Tavares (Zeca Tavares) no combate do arroio das Traíras, usando a formação em quadrado, taticamente um dos mais belos feitos militares desta Guerra Civil. Matriculou-se na Escola Superior de Guerra no Rio em 1895, tendo concluído os cursos de Estado-Maior e Engenharia em 1896, aos 35 anos. Era um soldado completo! De 1908 a 15 comandou a Brigada Militar, por cerca de sete anos. Chefiou o EM da 1ª RM no Rio e a 9ª RM em Mato Grosso como Coronel. Como General foi interventor em Mato Grosso, presidindo as eleições naquele Estado. Como Gen Div comandou a 3ª RM/DE. Reformou-se como Gen Ex em 1927, após comandar por cerca de cinco anos a Inspetoria do 2º Grupo de Regiões, com jurisdição militar sobre os estados de São Paulo, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e com sede no local do nº 138, da rua Sarmento Leite em Porto Alegre. Faleceu em 31 Jul 1933, com cerca de 72 anos, após brilhante carreira de soldado a general de Exército (Fonte: dados e apoio em grande parte de Ivo Caggiani). Sua Fé-de-Ofício não foi encontrada no AHEx). Em sua administração na Brigada Militar, foi inaugurada a Linha de Tiro, criado o Depósito de Recrutas, o Hospital, o 2° RC, a Banda da

Brigada Militar, o Meio Soldo, o Grupo de Metralhadoras, tudo segundo MARIANTE. **Crônicas da Brigada Militar Gaúcha.** P. Alegre: Brigada Militar, 1972.

31 - Gen Bernardino Antônio do Amaral (l867- ?). Cel Eng, comandou interinamente a 3ª RM de 23 Dez 1922 a 6 Jan 1923, por 14 dias. Nasceu em 9 Out 1867. Praça de 18 Abr 1885. Participou da 4ª Expedição a Canudos tendo sido ferido no combate de 18 Jul 1897. Capitão por bravura, com antiguidade de 15 Nov 1897. Antes, combatera a Revolta na Armada no Rio. Ten Cel por antiguidade em 8 Fev 1918. Sua Fé-de-Ofício não foi encontrada no AHEx.

32 - Cel Tito Villa Lobos (1869- ?). Comandou intertinamente a 3ª RM de 6 Jan a 18 Jan 1825, por 12 dias. Nasceu em 19 Jan 1869. Praça de 25 Jan 1888. Curso de Artilharia. Ligou-se ao 8º RI (Cruz Alta). Não foi encontrada sua Fé-de-Ofício no AHEx.

Nota: O Gen Carlos Frederico Mesquita, comandante da 3ª RM por três vezes (vide comandante nºs 18, 23 e 24), comandou uma expedição ao Contestado com efetivo de 1.500 homens, que durou de 16 a 28 Mai 1914, dela fazendo parte o 7° BI de Santa Maria com reforços de uma Cia de Mtr e uma de Engenharia. Ele arrasou o reduto de Santo Antônio. Sem recursos para enfrentar um adversário matreiro em terreno hostil e desconhecido, decidiu pela retirada de sua coluna sob o argumento, segundo o Cel PMRS José Luiz Silveira, em **O Rio Grande pelo Brasil.** Santa Maria: Machris, 1989, p. 44:

> Em 29 Maio 1914 o Gen Carlos F. Mesquita deu por finda sua missão comunicando sua demissão, por não julgar certo tropas federais andarem pelos sertões à caça de jagunços repetindo missões de capitães do mato a caçarem negros fugidos.

Foi substituído pelo Gen Setembrino, que adotou estratégia para impedir o massacre recíproco de jagunços e forças que os combateram. Depois, e em seguida, Cipriano exerceu por três vezes o comando da 3ª RM por um ano descontínuo, sendo a última como efetivo.

O construtor do monumental Quartel-General da 3ª RM

General de Divisão Manoel Joaquim Menna Barreto Godolphim. Natural de Porto Alegre, teve destacada atuação em 15 Nov 1889. Foi quem mandou construir o velho QG da 3ª RM em frente ao atual QGI na Rua dos Andradas. Restaurou a tradicional caserna da Praça do Portão, construída em 1828. Na recuperação mandou escrever, na face voltada para a Av. João Pessoa: 'Civis pacem para bellum' (se queres a paz prepara-te para a guerra), dístico romano que tantas reflexões sugeriu aos que por ali passavam. Vide biografia no texto (Foto: galeria da 3ª RM).

O primeiro comandante de Organização Militar com jurisdição no RS e Região Sul, antecessora ou raíz histórica do Comando Militar do Sul

General de Divisão Cipriano da Costa Ferreira. Comandou a 3ª RM em 1921-22, quando chefiou em Porto Alegre o monumental desfile do Centenário da Independência. Foi herói do combate do Arroio das Traíras em 1894 no comando de um Batalhão de Infantaria da Brigada Militar quando escapou de um numeroso assédio da cavalaria federalista formando um quadrado. Comandou, de forma assinalada, a Brigada Militar. Comandou, de 1923 a 27, com sede em Porto Alegre, o 2º Grupo de Regiões (raíz histórica do CMS), com jurisdição sobre São Paulo, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina e RS. Era santanense e fez carreira brilhante de soldado a marechal (Foto: galeria da 3ª RM).

CAPÍTULO 9

A 3ª RM E AS REVOLUÇÕES DE 1922 a 1932 NO RS

O Rio Grande do Sul, área da 3ª RM, foi envolvido pelas revoluções de 1922, 1923, 1924-26, 1930 e 1932, depois de mais de 25 anos de paz. O envolvimento da 3ª RM na de 1922 foi inexpressivo, bem como na de 1923. Cresceu gradativamente no combate à Revolução de 1924-26, muito envolvimento na Revolução de 30 e pouco expressivo, com tropa, para auxiliar o combate à Revolução de 32 em São Paulo, no Vale do Paraíba.

A Revolução de 1922

A Revolução de 1922 estourou no Rio, na madrugada de 4/5 de Jul de 1922 em três focos revolucionários: Vila Militar, Escola Militar do Realengo e Forte de Copacabana.

O pretexto foi a prisão do Mal Hermes Rodrigues da Fonseca, ex-Ministro da Guerra, ex-Presidente da República e Presidente do Clube Militar, por 24 horas em dependência do 3º RI da Praia Vermelha, em condições que feriam sua dignidade, por ter sido preso num Posto de Comando de Batalhão. O Clube Militar que presidia foi fechado por 6 meses.

O fato foi tomado pela oficialidade jovem do Exército como intenção do governo Arthur Bernardes, do qual Pandiá Calógeras era Ministro de Guerra, de afrontar acintosamente os brios do Exército, pelo amesquinhamento de um líder da classe, preso em local destinado a insubordinados.

A Escola Militar foi detida no riacho Piraquara por cerca de 1.000 homens. A Vila Militar foi pouco expressiva. Houve equilíbrio de posições. O foco de resistência foi o Forte de Copacabana, onde se deu o episódio dos "18 do Forte", e no qual foi ferido Eduardo Gomes, hoje patrono da FAB. Comandava o forte o filho do Mal Hermes. Atuaram contra o forte os couraçados Minas e São Paulo, hidroaviões navais e fortalezas da baía da Guanabara.

Em Mato Grosso o Gen Clodoaldo da Fonseca, ex-comandante interino da 3ª RM (16 Mar a 11 Jun 1921) e no comando da área de Mato Grosso, marchou com sua tropa para Três Lagoas, MS. Mas o movimento havia sido sufocado no Rio. Em 13 Jul 1922, convencido da inutilidade da reação, depôs as armas mediante acordo. Ele era primo e amicíssimo de Hermes. Fora o presidente da Comissão na Europa que adquiriu o armamento em 1908, modernizando o Exército, fato documentado por seu filho em: FONSECA, Roberto Piragibe. A ressurreição do Exército através da Reforma de 1908. In: **Dois estudos militares.** Rio: s/ed, 1974.

No RS o presidente Borges de Medeiros condenou a Revolução pelo jornal **A Federação,** conseguindo esfriar os ânimos revolucionários nos quartéis da 3ª Região, em apoio ao seu comandante Gen Div Cipriano da Costa Cardoso, filho de Santana e herói do combate do Arroio das Traíras, em 1893.

A repressão aos oficiais e alunos revoltosos da Escola Militar foi violenta. Ela motivaria outras revoluções até os reprimidos vencerem em 1930. A coletânea **História do Exército Brasileiro** (HEB), v. 3, p. 887-894 aborda-a com detalhes.

No fundo sua motivação prendeu-se à erradicação do Exército, pois segundo a HEB citada:

> O governo "negava ao Exército e a Marinha as atenções e o zelo necessários à manutenção de sua eficiência bélica, compatível com aposição do Brasil entre as demais nações da América do Sul".

Como lição do episódio foi ter aparecido em plena campanha sucessória, entre Arthur Bernardes e Nilo Peçanha, a publicação de carta falsa atribuída ao primeiro, contendo conceitos ofensivos às Forças Armadas e a seus líderes. A carta não foi submetida à Heurística quanto à Autenticidade, Fidedignidade e Integridade. Foi tomada como verdade! E quando concluíram que era falsa e a falsificação confessada por seus autores, ela já havia produzido estragos irreversíveis, cujo maior preço foi pago pela mocidade militar, mais uma vez manipulada por políticos civis e militares, preço que a obra abaixo de autor favorável a Arthur Bernardes aborda: COELHO, Tobias, Gen. **O Exército internamente.** Rio: Ed. Alba, 1928.

Ela relaciona todos os 529 signatários da Moção Frutuoso Mendes, que entregou o caso da "Carta Falsa" ao julgamento da nação. Entre eles,

muitos da área da 3ª RM assinaram, por um louvável movimento de pudonor militar, mas, no fundo, uma manipulação política.

A Revolução de 1923

Em 23 Dez 1922, assumiu as funções de Inspetor das 2ª RM e 3ª RM o Gen Div Cipriano da Costa Ferreira, na sede da Inspetoria de Regiões, em prédio que existia onde, em 1954, era o de nº 138 da rua Sarmento Leite em Porto Alegre.

A Inspetoria de Regiões sediada em Porto alegre, sob a direção do santanense Gen Div Cipriano, mencionado, que acabara de comandar a 3ª RM desde 11 Jun 1921, possuía jurisdição sobre os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Mato Grosso. Essa inspetoria é considerada raiz histórica da Zona Militar Sul (ZMS) e atual Comando Militar do Sul (CMS).

Por ela passariam ilustres chefes entre 1922-23, entre os quais: Pedro Aurélio de Góes Monteiro (1936-37), Newton Cavalcanti (1944-45), João Baptista Mascarenhas de Moraes (1946), José Pessoa, Cézar Obino e Odilio Denys. Em 1927, este QG foi transferido para o Rio. Em 1923 o monumental QG da 3ª RM ganhou um ilustre e majestoso vizinho, o Hotel Majestic, construído de 1916 a 1923 e inaugurado antes da Revolução de 23, com 150 quartos moderníssimos, para a época, e cozinha inaugurada em 1923.

Hoje o Hotel foi transformado na fundação Mário Quintana, ilustre poeta, neto do Cap Dr. Manoel Quintana, médico herói da Retirada da Laguna, cujos restos mortais exumados em Alegrete encontram-se na Praia Vermelha, no Monumento aos Mortos da Laguna. O grande poeta Quintana possuía o seu lado marcial. Fora aluno do Colégio Militar de Porto Alegre durante a construção do Majestic, onde passaria grande parte de seus dias. Ele serviu no Exército, no Rio, durante a Revolução de 30 e, perguntado qual o epitáfio que ele desejaria, respondeu: "Morreu lutando na Batalha de Itororó".

O Majestic foi moradia de muitos oficiais e famílias que serviram no QG da 3ª RM e um dos melhores hotéis do Brasil.

Governou o RS de 1898 a 1922, por cerca de 24 anos, o Dr. Augusto Borges de Medeiros com apoio na Constituição Estadual (Art. 9),

que permitia reeleições e, ao presidente o exercício dos Poderes Executivo e Legislativo.

Nas eleições de Nov 1922, Borges de Medeiros apresentou-se mais uma vez candidato, necessitando 3/4 dos votos para ser reeleito. Para enfrentá-lo, candidatou-se o Dr. Joaquim Francisco de Assis Brasil apoiado, inclusive, pela maioria do Partido Federalista. A marcha deste Partido foi detida em Itararé (1894) com a contribuição de Assis Brasil, seguida da expulsão do Partido do território do Paraná. Isto ao adquirir na Argentina, como Ministro Plenipotenciário de Floriano Peixoto, grande quantidade de fuzis Mannlicher e munição para armar o Corpo de Exército organizado em São Paulo, ao comando do Gen Ewerton Quadros, para barrar o referido avanço federalista em Itararé e, em contra-ofensiva, libertar o Paraná e Santa Catarina, conforme estudamos em: **Contribuição Militar Paulista à Consolidação da República.** (Publicado em 1994 no DO Leitura, RIHGB e RIHGRGS.

O Dr. Assis Brasil foi estudado, entre outros, por:
SILVEIRA, Caio Flávio Prates da. Joaquim Francisco de Assis Brasil. P. Alegre: Montepio da Família Militar, 1985.
REVERBEL, Carlos. **Assis Brasil.** P. Alegre: IEL, DIVERGS, 1990.

Aliás, Reverbel é autor que estuda o Dr. Borges de Medeiros, cujo arquivo se encontra no IHGRGS, em processo de informatização e no artigo: Borges de Medeiros em 1932. In: **Correio do Povo,** Porto Alegre, 19 Mar 1978. O Dr. Borges de Medeiros liderou a Revolução de 1932 no RS.

Procedidas as eleições, sua vitória foi atribuída como fraude. E daí foi um passo para a luta armada, que durou 300 dias. O jovem Dr. Getúlio Vargas presidiu comissão que declarou vitorioso o Dr. Borges de Medeiros.

A 3ª RM conseguiu manter-se neutra, o que não acontecera em 1893-95, por ser envolvida em sua voragem. A luta traz interessantes contribuições ao patrimônio cultural militar do Povo Brasileiro, no Sul.

Destacaram-se entre os governistas José Antônio Flores da Cunha e Osvaldo Aranha. Pelos revolucionários o Gen Zeca Netto, o "Condor dos Tapes" (para os corregilionários) e "Zeca Veado" (para os adversários), por sempre fugir do choque, dentro da estratégia de manter-se em luta a fim de chamar a atenção do Governo Federal para intervir no Estado. Tem-se

também o Gen Honório Lemes, o "Leão do Caverá", e o seu valioso auxiliar João Batista Luzardo.Todas elas vocações militares confirmadas.

Zeca Netto era sobrinho do Gen Antônio Netto, cujos feitos procurou reeditar, inclusive a tomada de Pelotas. Sobrinho igualmente do Ten Cel Hon do Exército Teófilo de Souza Mattos, que comandou o Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional de Canguçu na Guerra do Paraguai (e bisavô materno do autor).

Como sempre, foi impossível à 3ª RM impedir que oficiais e sargentos participassem da Revolução.

Foi esperado que o 6º RC de Alegrete aderisse a ela. Em São Luiz Gonzaga foi preso o comandante da Guarnição, e Honório Lemes entrou na cidade.

Arthur Bernardes decidiu enviar o Ministro da Guerra Gen Setembrino de Carvalho, filho de Uruguaiana, para pacificar o RS, sua terra natal. E foi feliz na missão. Em 14 Dez 1923, em Pedras Altas, na estância do Dr. Assis Brasil, foi assinado o Acordo de Pedras Altas por Assis Brasil, e depois por Borges de Medeiros, em Porto Alegre. Ficou acordado que Borges de Medeiros concluiria seu mandato e ficava proibida a reeleição.

A revolução de 23 foi a Revolução de Cavalheiros, em contraposição à Revolução de Bárbaros, ou da Degola, de 1893, que a crítica condenatória havia desgastado e condenado a um memoricídio.

As tropas em geral respeitaram a vida, a propriedade, a família e a honra dos adversários. As amizades pessoais sobrepujaram as diferenças ideológicas.

O Rio Grande se reencontrou com a Firmeza e a Doçura dos farrapos. A propósito, escrevemos o artigo sobre Flores da Cunha ‘Um santanense, o gaúcho brasileiro símbolo’. In: A Plateia, Santana. 5 Abr 1994, isto ao estudar sua biografia por Ivo Caggiani em Flores da Cunha - pensamento político. P. Alegre: Ed. Polost, 1994.

Comandava a 3ª RM/DE o Gen Eurico Andrade Neves, que esteve fora de Porto Alegre de 16 Out a 7 Nov, acompanhando o Ministro da Guerra em suas gestões de pacificação que resultaram no Armistício de 7 Nov 1923 (desrespeitado pelo Gen Rev Portinho, em Bom Jesus) e na Paz ou Acordo de Pedras Altas.

Uma visão mais completa do assunto será fornecida ao leitor ou pesquisador interessado pelas seguintes obras, entre outras:

CARVALHO, Fernando Setembrino de, Gen. **A pacificação do RGS.** P. Alegre: Globo, 1923, 1ª ed.

CUNHA, José Antônio Flores da, Gen. Hon. Ex. **A Campanha de 1923 - Subsídios para a História.** Rio: L. Valverde, 1943 1ª ed. (Trabalho escrito na prisão da Ilha Grande).

FERREIRA FILHO, Arthur, Gen. **Revolução de 1923.** P. Alegre: Imp. Estado RS, 1973.

LUZARDO, João Batista. **A Revolução no RGS.** Rio: Imp. Nacional, 1924.

MARQUES, Antero. **De Ibirapuitã ao Armistício - Revolução 1923.** P. Alegre: GRAFOSUL, 1985.

NETTO, José Mattos, Gen. Rev. **Memórias do Gen. Zeca Netto.** P. Alegre: Martins Liv., 1983 (Organizada por Sérgio da Costa Franco).

Escrevemos sobre o livro último citado o seguinte artigo:

Zeca Netto - traços de seu perfil militar. In: Revista do Clube Militar. Jan./ Fev. 1984, p. 31 - 33 e também publicado em O Tradição do MTG e no Diário Popular de Pelotas.

Para se ter uma ideia desta revolução deve-se recorrer à pena genial de Érico Veríssimo em **O Tempo e o Vento.**

A guerra à gaúcha ainda predominou nesta Revolução. Muito movimento e poucos choques!

A 3ª RM e a Revolução de 1923

Comandava a 3ª RM/DE o Gen. Div. Eurico de Andrade Neves, natural do Rio Pardo. Sua posição foi de absoluta neutralidade na luta entre governistas e revolucionários. Coube à 3ª RM/DE a proteção da infra estrutura e superestrutura das ferrovias, consideradas território neutro.

As organizações mais envolvidas no sentido de acompanhar a luta foram o 13º RCI, em Rio Pardo, e o 9º BC de Pelotas no acompanhamento das operações do Gen Rev Zeca Netto, e a 2ª DC, em Alegrete, no acompanhamento das lutas entre Flores da Cunha e Osvaldo Aranha versus o Gen Honório Lemes e Batista Luzardo.

Getúlio Vargas comandou um Corpo de Provisórios em São Borja.

General Fernando Setembrino de Carvalho. Filho de Uruguaiana, pacificou a Revolta do Padre Cícero no Ceará em 1910, a Revolta do Contestado em 1912-16 e a Revolução de 1923 no RS, assunto que abordamos na revista 'Província de São Pedro' nº 14, 1949, p. 113, como parte de suas 'Memórias'. Foi chefe do EME, Ministro da Guerra entre 1922 e 26 e líder da profissionalização, deixando depoimentos valiosos para os profissionais do Exército refletirem. O Dicionário Biográfico da FGV (vol. 1, p. 682) o focaliza e o CPDoc/FGV possui o seu arquivo (Foto: História do Exército)

Documentos

A 3ª RM/DE baixou em 4 Mar 1923 instruções aos comandos subordinados visando a prevenir as depredações contínuas que estavam sofrendo as ferrovias, particularmente, na área da 2ª DC, em torno de Alegrete.

As depredações deram origem às seguintes instruções para proteger as ferrovias consideradas território neutro:

> 1 - As guarnições das pontes, estações e via permanente, não devem permitir que integrantes das forças em luta, ou não, danifiquem o material da ferrovia (edifícios, telégrafos, telefone, carros, caixas d'água, linhas, etc.), na medida do possível.
>
> 2 - As tropas da 3ª RM/DE deverão **manter absoluta neutralidade** (o grifo é do autor), nas lutas travadas entre as

facções políticas que se digladiam. Não permitirão de modo algum que sejam molestados os funcionários da ferrovia, quando estejam reparando as linhas ferroviárias que foram cortadas.

3 - As guarnições da 3ª RM/DE das estações, pontes, obras d'arte em geral, deverão garantir o tráfego dos trens de passageiros e carga, evitarão o emprego de armas, só se forem assaltados.

4 - Quando houver combate entre governistas e revolucionários, próximo ou sobre a ferrovia, as tropas da 3ª RM/DE deverão aguardar o resultado do confronto, mantendo absoluta neutralidade. Acolherão os refugiados de qualquer uma das facções que lhes peçam garantias de vida, desarmando-os imediatamente e, garantidos, eles serão remetidos para quartéis da 3ª RM/DE de onde só poder ao sair desarmados para não mais se envolver na luta.

5 - A tropa da 3ª RM/DE deverá respeitar as propriedades e os transeuntes, a pé ou a cavalo, que manifestem disposição pacífica dentro da **zona neutra que é a linha férrea e suas dependências** (o grifo do autor).

6 - As tropas da 3ª RM/DE manterão suas armas descarregadas e nem mesmo carregadas e travadas, e só as carregarão na iminência de luta. Uma vez terminada a luta, o comandante da força revistará a tropa que deverá descarregar suas armas.

7 - Antes de fazer fogo, as tropas da 3ª RM/DE deverão, salvo em caso de ataque surpresa, manter moderação bem evidente. Explicar, mesmo se possível, as funções das tropas da 3ª RM/DE. Dará um tiro para o ar quando se aproxime alguém suspeito de depredar o material ferroviário. Caso não seja atendido, deverá agir com toda energia, fazendo fogo incontinente ao perceber afirme intenção de depredar a ferrovia e suas instalações.

8 - Estas instruções deverão ser observadas por todas as tropas da 3ª RM/DE as quais sejam atribuídas a proteção de um trecho da via férrea.

Na Guerra Civil de 1893-95 a 3ª RM desenvolveu grande esforço para proteger o telégrafo e as ferrovias Rio Grande-Bagé e Porto Alegre-Uruguaiana. Para a sua proteção destinaram enormes contingentes de valor

divisão ou brigada. Elas seriam estratégicas e de vital importância para operações de defesa externa.

Não foi conseguido preservar naquela guerra civil a ponte rodoviária do rio Jacuí, a 40 Km de Cachoeira, iniciada por Caxias e essencial à articulação no RS do norte com o sul, sem ter de enfrentar as travessias do Ibicuí e Jacuí. Isto era essencial para a defesa das fronteiras.

Esta ponte foi inutilizada na Guerra Civil 1893-95, o que abordamos em artigo:

- Caxias e a ponte do passo geral do Jacuí. In: A Defesa Nacional**,** nº 752 Abr./Jun. 1991 p. 146-147.

Para o fiel cumprimento destas normas citadas, o Gen Bda Eduardo Monteiro de Barros, comandante da 2ª DC, em Alegrete, baixou o seguinte documento.

INSTRUÇÕES PARA O SERVIÇO DE GUARDA NOS TRENS DA V.F.R. G.S. PELAS FORÇAS DA ZONA DA FRONTEIRA E ESPECIALMENTE DA 2ª DC - QG EM ALEGRETE

I - Ao Comandante da Guarda de um trem de carga compete:

a) Guardar atentamente o trem resistindo hábil e energicamente contra qualquer ato que embarasse o trafego e os serviços de carga e descarga;

b) Verificar pelos manifestos da V.F.R.G.S. se os carros contêm armas, munições, uniformes, barracas e equipamentos e, neste caso não guarnecer o trem;

c) Impedir que os trens guardados façam qualquer descarga fora das estações;

d) Tratando-se de vagões completos, verificar os lacres ou selos e comunicar às guardas nas estações de destino par a que estas assistam a descarga e aprendam, si houver, o material de guerra indevidamente carregado;

e) Tratando-se de vagões incompletos, caso verifique carregamento ou descarregamento clandestino de material de guerra - tomar o número do carro, comunicar à guarda da estação par a que ela faça a apreensão em caso de descarga, apreender o material no caso de carregamento e sempre dar parte escrita para que se possa apurar o responsável encaminhando-a pêlos trâmites legais;

J) Em caso de acidente, guardar o material e assegurar ao pessoal da Estrada a liberdade de ação necessária para o reestabelecimento da circulação dos trens, só se retirando do local do acidente com o pessoal da Estrada que não tenha necessidade de ficar nesse local;
g) Participar em qualquer estação onde haja força da 3ª RM/3ª DE, de preferência nas mais próximas, qualquer ocorrência que tenha observado na linha, obras d'arte e nos destacamentos que as guarnecem.
II - Aos comandantes da guarda de um trem de passageiros compete excercer as atribuições dos comandantes das guardas dos trens de carga e mais a de - auxiliar o policiamento interno do trem, quando houver qualquer ocorrência capaz de perturbar a marcha do trem ou produzir danos no material rodante, na via permanente ou no pessoal da estrada de Ferro.
III - Às praças das guarda de um trem de passageiros ou de carga compete auxiliar zelosamente o Comandante da guarda para o exato cumprimento das suas atribuições.
IV - Os trens que levarem carros especiais conduzindo forças não serão guarnecidos. (a) Eduardo Monteiro de Barros General de Brigada.

Em 2 Abr 1923 o Ten Cel Estevão Taurino de Resende, comandante do 13º RCI em Rio Pardo, enviou ao comandante da 3ª RM/DE a seguinte comunicação reservada, dando conta de operações do Gen revolucionário Zeca Netto, em Encruzilhada e Canguçu, nas serras do Herval e dos Tapes, cenário das guerrilhas de Rafael Pinto Bandeira em 1774-78, contra o invasor castelhano:

> Após ouvir em Rio Pardo o intendente de Encruzilhada colhi que força do Estado ao mando do Cel Francilizio Meireles do Corpo Provisório de Encruzilhada combateu na Coxilha do Fogo, em Canguçu, com a vanguarda de Zeca Netto, nada podendo colher do resultado do combate. Que Francilizio seguia par a reunir-se força ao comando Cel Juvêncio Lemos. As forças de Netto, segundo informes, acham-se bem montadas. Ocuparam Encruzilhada sem resistência, da qual se retiraram as autoridades locais.

Zeca Netto e Juvêncio Lemos eram filhos de Canguçu e tiveram um duro combate em Canguçu Velho, que estudamos bem como os seus perfis em: **Canguçu reencontro com a História.** P. Alegre: IEL, 1993.

Zeca Netto comandara uma brigada civil integrante da Divisão do Sul que libertou Bagé sob cerco federalista em 8 Jan 1984. Juvêncio Lemos participara como soldado do Cel Bernardino Motta na expedição contra o Joca Tavares em Jul 1892. Depois participou da defesa de Bagé, tendo o seu pulmão atravessado por um tiro de fuzil. A seguir, fez carreira brilhante na Brigada Militar e foi intendente de Bagé.

Em 3 Nov 1923 o comandante do 9° BC em Pelotas (ilegível) passou os telegramas de nºs 492, 493 e 494 depois do Gen Zeca Netto haver conquistado Pelotas por 12 horas em 29 Out 1923 (transcrição):

> - Telegrama 492 - Reservado. Comunica que autoridades policiais têm cometido arbitrariedades prendendo e espancando adversários. Afrontam inclusive reservistas de quem arrebatam e rasgam documentos, dizendo nada valer. Tem vindo ao quartel romaria de pessoas de todas as classes apelando minha autoridade, já tendo asilado várias pessoas.
>
> - Telegrama 493 - Urgente. Acabo reforçar as 22.00 horas a Guarda da Cruz Vermelha ameaçada de assalto por soldados provisórios, como revanche devido ao fracasso sofrido com entrada de revolucionários. Dei ordens terminantes de reação em defesa Hospital da Cruz Vermelha. Entendi-me com autoridades sobre o respeito devido à força federal.
>
> - Telegrama 494 - Urgente. Denuncio o espancamento em 2 Nov., por 4 soldados provisórios, de Joaquim Coimbra, almoxarife da Cia. Construtora, após penetrarem em seu quarto de hotel e lhe roubarem um revolver e 300 mil réis. Registro que pessoalmente procurei Delegado pedindo proceder Corpo de Delito que até as 14 horas de 3 não fora feito, mostrando-se autoridades policiais indiferença caso. Julgava indispensável ordens para dar garantias à população pelotense indefesa enquanto os soldados provisórios permanecerem em Pelotas.

Na área da 2ª DC em Alegrete, as informações são mais numerosas. Em 21 Jun 1923, o comandante da 2ª DC, Gen Eduardo Monteiro de Barros, assim participou o combate da ponte do Ibirapuitã:

> Oficio nº 717 - Reservado de 21 junho 1923. Sr. Comandante da 3ª RM/3ª DE.

Completo agora as informações que vos prestei por telegrama, sobre o combate entre forças em luta neste Estado, havida nesta cidade de Alegrete. O combate realizou-se na orla Leste desta cidade em torno da passagem por ponte sobre o rio Ibirapuita. As forças revolucionárias que a 18 à tarde deixaram esta cidade, ocuparam posição a cavaleiro da ponte. As forçasgovernistas entraram na cidade cerca de 10 horas do dia 19 tomando contato com os elementos mais atrasados da coluna Honório Lemos. Eram aproximadamente 13 horas quando foi iniciado o combate. O fogo durou até as 17 horas, com intensidade variável. Nas primeiras investidas sobre a ponte caíram feridos os chefes governistas Oswaldo Aranha e Guilherme Cunha que faleceu logo depois. (Guilherme era irmão de Flores da Cunha). Entretanto, após renhido fogo, os governistas conseguiram passar a ponte. Cessou então a resistência, iniciando os revolucionários a retirada. A princípio supôs-se ter sido empenhada na luta apenas a retaguarda revolucionária, verificando-se depois ter sido envolvido na luta o próprio grosso de Honório Lemos. A retirada foi feita em desordem, em várias direções, sendo cortadas muitas cercas e que abriram caminhos campo afora. Uma parte, cerca de 100, conseguiu passar o Arroio do Caverá, pela ponte Borges de Medeiros, retirando-se precipitadamente pela estrada de Santana. Outra parte retirou-se por Lageadinho (arroio) em direção a Rosário, sendo perseguida até A. Chaves. Até agora foram contados cerca de 30 mor tos por um o/icial nosso mandado reconhecer o local do combate. Esse oficial viu mais uma sepultura em que se dizia terem sido enterrados 13 revolucionários, perto do arroio Caverá e haverem mais 5 próximo a Lageadinbo. Do lado governista soube-se de 8 mortos, constando mais 5 que não foi possível verificar. O número deferidos é considerável havendo no nosso Hospital 7 revolucionários, e na Cruz Vermelha Alegretense 32 feridos governistas. Não é possível constatar o número deferidos revolucionários porque muitos foram vistos carregados por outros sobre o cavalo e até na garupa. Os governistas apreenderam ainda 10 viaturas, entre as quais oito de munição e bagagem e uma em que se achava o arquivo e uma ambulância. Os revolucionários deixaram em

> poder dos governistas cerca de 800 cavalos, que em tanto as avaliou nosso oficial Foram mais constatados 100 cavalos mortos além de um número considerável de outros inutilizados. Os revolucionários em sua retirada precipitada atravessaram o campo da invernada do 2° G A.C.C., levando por diante toda a cavalhada. Esta foi apreendida pelas forças governistas que está fazendo entrega dos mesmos. Presumo que nem todos os cavalos do grupo poderão ser reconquistados. Saúde e Fraternidade. Edmundo Monteiro de Barros, Gen Bda.

Uma descrição mais recente deste combate é feita pelo tradicionalista Antônio Augusto Fagundes em: **O combate da ponte do Ibirapuitã.** In: **Seis combates e uma invasão.** P. Alegre: Presença, 1987.

Em ofício nº 1045 - Reservado, de 4 Out 1923, o comandante da 2ª DC informou o comandante da 3ª RM/DE:

> Informa choque do 1° BIBM com a retaguarda de Honorio Lemos no passo de Santa Catarina do Ibicuí, junto à Estação de Vacaquá, tendo Honório tomado o rumo N. Do choque resultou um sargento morto e 4 feridos, sendo um grave. Que os revolucionários não conseguiram passar 500 cavalos. Que em 4 Out, o 1° BIBM citado seguiu para Itaqui. As forças de Honório Lemos tem um efetivo de cerca de 300 homens e é versão corrente que elas tem por objetivos as cidades de Itaqui, São Borja e São Luiz. Saúde e Fraternidade. Gen Bda Edmundo Monteiro de Barros.

Em ofício nº 1078 - Reservado de 12 Out 1923 a 2ª DC comunicou à 3ª RM/DE:

> Informo o choque na madrugada de Out 1923 entre 100 homens do 4° Corpo Provisório de Alegrete com 100 revolucionários. As forças do Estado apreenderam 200 cavalos, dos quais l6 ensilhados e mais ou menos 10.000 tiros de fuzis Mauser, Mannlincher e Remington e 12 armas. Segundo o comandante governista morreram 12 no local de combate. Para Alegrete vieram 4 prisioneiros entre eles o desertor da 3ª Cia Adm - Eugênio Saldanha que amanhã seguirá para Porto Alegre. Da munição apreendida 6.000 cartuchos são de Mauzer, fabricados na Fábrica do Realengo, tendo nos culotes DWM -1912 e DWM -1919. Acha-se em Alegrete desde o dia 9 o 2º BI da Brigada Militar.

Aqui cairia por terra a ideia de revolucionários mal armados!

Em 19 Nov 1923, em ofício nº 1161 - Reservado, o comandante da 2ª DC consultou o da 3ª RM/DE para responder o seguinte rádio do comandante do 5º RCL (Uruguaiana), Ten Cel Viegas: *"Seguir hoje trem sem escolta. Peço providência para que este trem seja revistado, devido a boato que ele conduz armamento e munição."*

Vivia-se período de Armistício desde 7 Nov 1923, acertado entre as partes pelo Ministro da Guerra Gen Setembrino de Carvalho.

A revolução de 23 projetou no cenário nacional, e depois até internacional, o governista Osvaldo Aranha, antigo comandante, aluno do Esquadrão de Cavalaria do Colégio Militar do Rio, e o revolucionário Batista Luzardo, médico. No cenário nacional e estadual projetou-se o Gen Hon Flores da Cunha, que iniciou sua carreira como delegado do bairro da Saúde, no Rio onde, no ano seguinte, se fortificaram e resistiram os revoltosos de 1904 da revolta do Quebra Lampião.

Segundo Arthur Ferreira Filho, ao estourar a Revolução e em apoio a ela, organizou-se no Rio uma "Junta Governativa Revolucionária", presidida pelo Gen Antônio Adolfo da Fonseca Menna Barreto, que combatera os federalistas na fronteira do Uruguai e depois na Divisão do Norte em Santa Catarina, e que em 1912 foi Ministro da Guerra do Mal Hermes da Fonseca.

Integrou esta Junta, segundo o autor citado "Alfredo Varela, escritor, ex-castilhista e espírito visceralmente turbulento". Varela fora o chefe do Estado-Maior do Gen Hon Luiz Alves Pereira, comandante da 4ª Brigada Civil que penetrou em Bagé após Joca Tavares haver deposto as armas. Mais tarde, Varela seria alvo de tiros de um filho do então Ten Cel Hermes da Fonseca, por haver acusado seu pai de corrupção no comando da Polícia Militar do DF. No ano seguinte Alfredo Varela esteve ao lado do Gen Silvestre Travassos e do Cel e parlamentar Lauro Sodré no combate com forças do governo após terem revoltado a Escola Militar, movimento ao qual não aderiu o Gen Hermes da Fonseca, que comandava a Escola Prática no Realengo.

Varela, castilhista de quatro costados no início, e defensor da constituição positivista do estado, em 1907 satirizou Germano Hasslocher, ex-federalista que denunciou o massacre do Rio Negro na obra: **Germano**

Hasslocher - última encarnação de Rocambole. P. Alegre: Irmãos Echenique, 1907.

Em 1923 adotou a posição que criticou! Conseguiu furtar-se à responsabilidade histórica junto com seu comandante da 4ª Divisão, quando ambos entraram em Bagé para "quebrar o orgulho de Joca Tavares".

Têm pago a conta que não devem o Gen Bernardo Vasques, comandante, da 3ª RM, e os coronéis Maneco Pedroso e Bernardino Motta, que eram subordinados ao Gen Luiz Alves e a Alfredo Varela, de quem receberam as armas obsoletas Spencer para entrarem em Bagé. História é verdade e justiça!

Um neto e um bisneto do Gen Andrade Neves - Barão do Triunfo, no Comando da 3ª Região Militar

General de Divisão Eurico de Andrade Neves, o neto, comandou a 3ª RM durante as revoluções de 1923, 24/25 e 26 (Fonte: Galeria da 3ª RM).

General de Divisão Francisco Ramos de Andrade Neves, o bisneto, comandou a 3ª RM durante a Revolução de 1923. Em agosto de 1923 assumiu a Chefia do EME (Fonte: Galeria da 3ª RM).

A 3ª RM e a Revolução de 1924-25

Em 5 Jul 1924, dois anos decorridos da Revolução de 5 Jul 1922, estourou a Revolução de 1924 em São Paulo sob a liderança do filho de Dom Pedrito, RS, o Gen Isidoro Dias Lopes, que participara como federalista da invasão de Santa Catarina e Paraná em 1893 e 1894 e que havia comandado uma força no combate de Cerro do Ouro em São Gabriel em 20 Ago 1893, em apoio a Gumersindo Saraiva. Oficial que prestou ao Cel J. B. Magalhães em **Consolidação da República.** Rio: BIBLIEX, 1944, lúcida apreciação sobre a Guerra Civil (1893-95) e seus líderes.

Um dos líderes do movimento era o Cap do Exército Joaquim Távora, inconformado com a capitulação do Gen Clodoaldo da Fonseca, em 1922.

Era a gênese do movimento tenentista contra as oligarquias brasileiras. A Missão Indígena (1919-21) da Escola Militar, criação do riograndense Gen Bento Ribeiro, havia infundido aos seus alunos uma formação militar aprimorada, ao lado de uma visão realista dos problemas brasileiros. A realidade que encontraram na tropa e nas guarnições onde foram prestar serviços era chocante! Daí seus ideais de purificação de costumes.

As motivações da Revolução de 1922 e 1924 foram estudadas por um brasilianista na obra a seguir, que merece ser lida por basear-se em diversas fontes: KEITH, Hermy Hunt. **Soldados salvadores - as revoltas militares brasileiras 1922-24, em perspectiva histórica.** Rio: BIBLIEx, 1989.

Revoltaram-se elementos do Exército e da Força Pública. Do Exército, os capitães Joaquim e Juarez Távora, tenentes Filinto Muller, Eduardo Gomes (sobrevivente dos 18 do Forte) e Orlando Ribeiro. Da PMSP, tenentes João Cabanas, Ari Fonseca Cruz e Miguel Costa, e outros. Em 14 Jul morreu o Cap Joaquim Távora num ataque à unidade da Força Pública. O governo recebeu reforços de toda a ordem para a contra-ofensiva. Os revolucionários, após dominarem por algum tempo a situação, retiraram-se de São Paulo, terminando por estabelecer entre Catanduvas-PR e Guaíra uma linha de defesa onde resistiriam três meses.

A Revolução de 1924-25 na área da 3ª RM/3ª DE

A revolução de 1924-25 envolveu diretamente as seguintes unidades da 3ª RM/DE, que se levantaram: o lº BFv (Santo Ângelo), levantada pelo Cap Eng Luiz Carlos Prestes; o 3º BE (Cachoeira) levantada pelo Cap Eng Fernando Távora; o 2° GAC (Alegrete) foi levantado pelo Ten João Alberto Leris de Barros; O 2º RCI (São Borja) foi levantado pelo Ten Aníbal Benévolo; o 3º RCI (São Luiz Gonzaga) foi levantado pelo Ten João Pedro Gay, e o 5º RCI (Uruguaiana), pelos tenentes Edgar Soares Dutra e Aimberé Cavalcanti, auxiliados pelo Cap Juarez Távora e Ten Siqueira Campos.

Os capitães Luiz Carlos Prestes e Fernando Távora assumiram o comando das unidades revoltadas mediante falsos telegramas da 3ª RM/DE, ordenando-lhes que assumissem os comandos dos lº BFv e 3º BE.

A revolução na área da 3ª RM/DE irrompeu no lº BFv, em Santo Angelo, sob a liderança do Cap Luiz Carlos Prestes, natural de Porto Alegre. Este levante assim ocorreu, segundo **Revoluções no Brasil após a República.** Resende: AMAN,1980:

> Na noite de 28/29 Out. 1924 um grupo de civis prendeu em sua casa o comandante do 1º BFv. Em telegrama falso como se fora do Gen. Eurico Andrade Neves comandante da 3ª RM/3ª DE, era determinado que o Sub. Cmt. passasse o comando ao Cap. Carlos Prestes, o que foi feito, lançando este a seguir um proclamação reafirmando ideais liberais.

E ele levou parte do Batalhão para a Revolução. Unidade que, como 2º BE, tivera destacada participação no combate à Guerra Civil 1893-95, como registramos.

A parte que não aderiu à Revolução ficou ao comando do Cap Machado Lopes, que mais tarde comandaria como Cel o 9º BE da FEB, o III Exército (atual CMS), no episódio da Legalidade em 1961. O Batalhão Ferroviário, afetado pela Revolução, só foi reorganizado em 15 Jul 1925.

Em 16 Mar 1824, o II/8º RI instalou-se em Passo Fundo. Em 6 Fev 1825, o 5º RAM foi autorizado a ocupar o novo quartel em Santa Maria. Em 12 Out 1825, houve compromisso solene de recrutas na 3ª RM/DE.

Para fazer face à Revolução no RS, irrompida em Santo Ângelo, a 3ª RM/DE mobilizou expressivos efetivos, forçando Luiz Carlos Prestes a marchar para o Norte e operar junção com os revolucionários de São Paulo.

Os revoltosos de Uruguaiana uniram-se aos de Alegrete e com apoio de um canhão atacaram os governistas e foram repelidos. E buscaram abrigo no corte do Inhanduí! Os restantes revoltosos de Uruguaiana, reforçados por gente de Honório Lemos, formaram uma coluna.

Uma primeira coluna com cerca de 800 homens de Honório Lemos e 200 do 5º RCI (Uruguaiana) e sob a liderança de Juarez Távora, atuaram sobre Alegrete. A 2ª coluna, com maioria de revolucionários civis, atuou sobre Itaqui ao comando de Siqueira Campos.

O Gen Firmino Borba, comandante da 2ª DC, futuro comandante interino da 3ª RM/DE (31 Mai a 3 Out 1927), reagiu em Alegrete com remanescentes do 2º GAC e com o 2º Corpo Auxiliar da Brigada Militar.

Repeliu de Alegrete a coluna Honório Lemos-Juarez Távora. Foi reforçado por tropas da 3ª RM/DE, ao comando do Cel Estevão Taurino de Resende, com elementos do 9º RCI (Jaguarão), 13º RCI (Rio Pardo), uma Bia Art. e um Dst da Brigada Militar, composto do lº RC, 2° Corpo Auxiliar e Corpo de Patriotas, tudo ao comando do Cel BM Claudino Nunes Pereira.

E os dois destacamentos cerraram sobre Uruguaiana. O do Cel Resende, por rodovia, e o do Cel Claudino, por ferrovia, tendo na vanguarda o Dr. Flores da Cunha, deputado federal recém chegado ao Rio Grande e veterano de 1923.

Flores da Cunha surpreendeu a coluna Juarez Távora - Honório Lemos em 9 Nov 1924, em Guaçu-Boi, e a desorganizou fazendo-a refluir para Uruguaiana e Quaraí, onde a mesma se reorganizou em 12 Nov com 800 homens. João Alberto dirigiu-se para Uruguaiana.

Em 12 Nov Juarez Távora e Honório Lemos atacaram a Coudelaria de Saicã e a submeteram a cerco. Chefiava-a o Cap Pires Coelho. Socorro enviado de Rosário pela Brigada Militar foi batido. Em 14 Nov a Coudelaria, com seus recursos, caiu em mãos revolucionárias.

Prosseguiu Prestes em seu avanço para Cacequi e, em 16 Nov, neste local, cortaram-se as comunicações telegráficas com a fronteira e com a região central do Estado. Em seu percurso apoderaram-se os revolucionários de grande número de cavalos do Posto de Remonta em São Simão. Pressionados, marcharam na direção de São Gabriel, detendo-se em 17 Nov no banhado Inhatium.

Em 20 Nov, no Serro da Conceição, obtiveram vitória sobre forças enviadas em seu encalço de Livramento, tendo antes cortado a ferrovia, próximo da Estação Santa Rita. Depois elas tomaram o rumo da Serra do Caverá. Juarez Távora, com parte da coluna, desligou-se da coluna de Honório Lemos e penetrou no Uruguai por Quaraí. Honório Lemos rumou com sua coluna civil para Rosário. Operou como guerrilheiro até dezembro, fixando alguns efetivos deslocados para perseguí-lo. As zonas de sua guerrilhas foram as regiões Centro Sul e Centro Oeste do Rio Grande. A pressão governista obrigou-o a emigrar para o Uruguai.

Uma coluna de Uruguaiana partiu sobre Itaqui, ao comando do Ten Siqueira Campos. Osvaldo Aranha assumiu o comando da defesa da cidade com o lº GAC, um Corpo Auxiliar da Brigada Militar, e com reforços de Santiago.

Siqueira Campos foi reforçado por tropa enviada por Luiz Carlos Prestes ao comando do Ten Portela, revoltoso do lº BFv, e contigente de São Borja, ao comando do Ten Aníbal Benévolo, que pereceu em ação tentando destravar uma metralhadora. Mais tarde resgatamos sua Fé-de-Ofício no AHEx a pedido do historiador Fernando O'Donnel.

Osvaldo Aranha atacou os tenentes Siqueira Campos e Portela, que ameaçados de envolvimento rumaram em direção à Uruguaiana. Sob pressão de Osvaldo Aranha, no norte, e do Cel Claudino Pereira, no corte do Ibicuí, com suas passagens todas tomadas, os revolucionários dispersaram-se e lançaram-se no rio Uruguai, buscando proteção na ilha argentina de Japeju, onde foram acolhidos e desarmados.

Em 9 Nov, dia da vitória governista em Guaçú-Boi, o 3º BE de Cachoeira aderiu à revolução ao comando do Cap Fernando Távora, usando o ardil de um falso telegrama para que o comando lhe fosse passado. Rumou ele em direção ao histórico Passo de São Lourenço. E, em sua perseguição, coluna do Cel Eng José Armando R. de Paula do 3º BE, com uma tropa da Brigada Militar vinda de Santa Maria e um Corpo Auxiliar em organização em Cachoeira.

Em Barro Vermelho, no Rio Pardo, cenário da vitória farrapa em 1838, o Cap Fernando Távora foi batido após duro combate. Retirou-se por Caçapava - Bagé - Aceguá, para o Uruguai.

Luiz Carlos Prestes dirigiu-se para São Luiz Gonzaga, onde o 3º RCI fora levantado pelo Ten João Pedro Gay, deixando Santo Ângelo ocupada. Esta foi tomada por forças legais vindas de Ijuí e Santa Rosa.

Prestes fortificou-se em São Luiz com cerca de 1.200 homens. Em Santo Ângelo uma força legal manteve contato com ele.

Em São Luiz Gonzaga, em 18 Nov 1924, era o seguinte o dispositivo dos revolucionários liderados por Prestes:

- Na direção de Santiago, região da ponte sobre o rio Piratini, 800 homens dos 2º RCI (São Borja) e lº BFv (Santo Ângelo);
- Na costa do rio Piratini, em ambas as margens, l .500 homens (3º RCI - São Luiz e revolucionários civis);
- Na direção de Ijuí, 500 homens, ocupando passagens do rio Ijuí e o passo do Guerreiro; e
- Na direção de Cruz Alta, 200 homens nas passagens do Ijuizinho, na estrada do Cadeado, e vigiando a direção de Cruz Alta.

Em Dez 1924 o Cap Zubaran ocupou Santiago com 300 homens. Prestes decidiu investir contra Tupanciretã, concentração governista ao comando do Cel Francelino de Vasconcelos, com os seguintes elementos: 7º BC (Porto Alegre), 10º RI (Porto Alegre) e unidades da Brigada Miltiar.

O Cel Francelino, atacado, repeliu os revolucionários que retraíram para São Luiz, com força constituída por elementos do 3º RCI (São Luiz), do 2º RCI (São Borja) e corpos revolucionários de São Borja e São Luiz.

De retorno a São Luiz, Prestes foi convocado pelo Gen Izidoro Dias Lopes, comandante-em-chefe das forças revolucionárias, para marchar para o norte e unir-se à Divisão de São Paulo para a conquista dos objetivos revolucionários. E ele decidiu partir para o Norte. As demais colunas haviam sido batidas e ele estava na emergência de ser batido totalmente pelas forças da 3ª RM/DE, refeitas da surpresa inicial.

Forças da 3ª RM/DE apertaram o cerco dos revolucionários em São Luiz Gonzaga, com destacamentos convergindo sobre São Luiz, nos eixos: Cruz Alta - Santo Ângelo; Tupanciretã - São Luiz; Santiago - São Luiz e São Borja - São Luiz.

A 27 Dez 1924, os revolucionários da Divisão do RS iniciaram a grande marcha na direção Norte, com cerca de 1.500 homens assim distribuídos:

- lº Dst – ao comando do Ten Portela Fagundes (com elementos do lº BFv (Santo Ângelo) e civis;
- 2º Dst – ao comando do Ten João Alberto com elementos do 2º RCI (São Borja) e civis; e
- 3º Dst – ao comando do Ten Siqueira Campos com elementos do 3º RCI (São Luiz Gonzaga).

Em lº Jan 1925, a Divisão do RS atravessou o Ijuí, fortemente guardado. O destacamento Siqueira Campos conseguiu abrir uma brecha pela qual passou toda a Divisão com a retaguarda coberta pelo Ten João Alberto.

Em 3 Jan 1925, o destacamento João Alberto enfrentou durante um dia de combate, na região de Ramada, o Dst governista do Cel Emílio Lúcio Esteves, filho de Taquara e futuro comandante da 3ª RM/DE de 1936-37. A divisão do Rio Grande conseguiu passar e infletir sobre Campos Novos, RS, a qual atingiu em 5 Jan 1925. Ela conseguiu ultrapassar lutando! Em 7 Jan 1925 ela penetrou na Colônia Militar do

Alto Uruguai. Daí, com grandes sacrifícios, atingiu a foz do rio das Antas no rio Uruguai. Morreu em ação na travessia do rio Turvo o Ten Portela, que fora o intendente do lº BFv, dando origem ao nome do município de Ten Portela.

Na travessia dos rios Turvo, Guarita e Antas, a divisão do RS teve de abandonar os cavalos, o que provocou deserções de cerca de 200 homens.

Finalmente, atingiu Barracão, SC. Neste local, abandonaram a coluna elementos do 3º RCI (São Luiz Gonzaga) sob a liderança do Ten João Pedro Gay, descendente do padre do mesmo nome, que testemunhou e escreveu sobre a invasão de São Borja em 1865.

A divisão do RS ficou reduzida a 800 homens, dos quais 500 armados, dispondo de 10 fuzis-metralhadoras e cerca de 10.000 projetis. A esta altura a Revolução deixara a área da 3ª RM/DE.

Prestes, ao atravessar o Alto Uruguai, teve em seu encalço o Dst Claudino Nunes pela margem do Peperi-Guaçu. Em Maria Preta, um Destacamento revolucionário comandado pelo Ten Osvaldo Cordeiro de Farias ofereceu vigorosa resistência. Este oficial era filho de Jaguarão. Mais tarde foi interventor federal do Rio Grande do Sul, 1938-42, e comandaria a Artilharia Divisionária da FEB.

E então forças do RS, área da 3ª RM, perseguiram a Coluna Prestes fora de sua área de jurisdição.

No Paraná o Gen Isidoro Dias Lopes, julgando nada mais se poder fazer no campo militar, asilou-se. Assim, o comando das colunas de São Paulo e a do RS foi para Miguel Costa. Coluna que passou à História com o nome de seu chefe de Estado-Maior, o Cap Eng Luiz Carlos Prestes, ou Coluna Prestes.

Em 16 Fev 1925, o comandante da 3ª RM/DE, Gen Eurico de Andrade Neves, convidou através de emissário o Gen Isidoro para um encontro com o deputado Dr. João Simplício, em local que julgasse conveniente, com vistas a uma possível pacificação.

Isidoro acedeu prontamente, e teve lugar o encontro em Posadas, Argentina, em 2 Mar 1925, dela participando o deputado Batista Luzardo, revolucionário de 1923. O Dr. Simplício havia se entendido previamente com os presidentes do Brasil e do Estado e com o Gen Eurico. Em 4 Mar 1925, o Gen Isidoro e o Dr. Assis Brasil conferenciaram a respeito. Destas

negociações participou o Dr. Flores da Cunha. E com resultado, em 6 Mar 1925, foram armadas por Isidoro e Simplício as bases para uma pacificação, em presença do Dr. Batista Luzardo. Isto é o que se pode concluir da excelente obra de um ilustre filho do RS, que detalhou as operações militares desta revolução em: FALCÃO, Oscar de Barros, Mal. **A Revolução de 5 de julho de 1924 - Operações Militares.** Rio: Imprensa do Exército, 1926. Obra que contém a seguinte dedicatória: *"À memória de todos que tombaram, no cumprimento do dever ou na conquista do ideal, a reverenda do autor."*

Isidoro Dias Lopes, pedritense, filho de um padre e que adotou o nome da família que o criou, foi estudado por:
SPALDING, Walter. **Construtores do Rio Grande.** P. Alegre: Sulina, 1968, v. 1, p. 261-163. Estuda Isidoro igualmente o seguinte autor: LOPES, José Antônio Dias. **Isidoro - um século de seu nascimento.** P. Alegre: Globo, 1965.

Isidoro formou-se pela Escola Militar de Porto Alegre. Era artilheiro mas comandou o 1º RC (atual Dragões de Brasília). Comandou a 2ª RM (São Paulo). O Mal Mascarenhas de Morais tinha grande admiração por sua figura.

E o que realizou a Coluna Prestes assim sintetizou a **História do Exército Brasileiro:**

> A coluna durante 2 anos percorreu 4.000 léguas, atuou em 13 estados. Foi combatida por todos os tipos de adversários: forças regulares, milícias estaduais, jagunços, assaltantes e cangaceiros...Visando seu objetivo político de não depor armas durante o governo de Arthur Bernardes, a coluna adotou o sistema de guerrilhas de significativos resultados, causando preocupações infindáveis e tonteiras às forças encarregadas de combatê-la. Só tomou a decisão de internar-se quando o presidente Washington Luiz tomou posse.

Ela teve na sua cúpula dois oficiais do Exército nascido na área da 3ª RM: Luiz Carlos Prestes (Porto Alegre) e Cordeiro de Farias (Jaguarão).

A tática vigente foi a da guerra à gaúcha, desenvolvida na área do RS desde a luta contra os espanhóis 1767-76, onde se destacou Rafael Pinto Bandeira, como pudemos concluir da análise do livro já citado de Fernando O'Donell.

A Coluna Prestes encerrou sua luta em 3 Fev 1927, ao internar-se na Bolívia, e Siqueira Campos, herói dos 18 do Forte, internou-se no Paraguai.

Na Revolução de 1924-25 destacaram-se no campo militar os jovens Osvaldo Aranha e Flores da Cunha, pelo lado governista. Do lado revolucionário, Luiz Carlos Prestes, Siqueira Campos, Osvaldo Cordeiro de Farias e João Alberto. Em 1930 eles estarão juntos para porem abaixo a República Velha com a Revolução de 1930.

Foi a repressão violenta para com os revolucionários do Exército em 1922 que determinou a Revolução de 1924. Os revolucionários esperavam ser setenciados de acordo com o artigo 107 do Código Penal, mais brando, e o foram pelo artigo 111, segundo Juarez Távora:

> Os oficiais envolvidos em 1922, mantiveram-se afastados pela política, confiantes no veredito imparcial da justiça. Mas o desfecho do processo foi perverso. O Poder Judiciário esquecera o seu dever sagrado e com isso emulava os outros poderes políticos. A decisão judicial de submeter o julgamento dos oficiais acusados aos rigores do artigo 111 do Código Penal deveu-se à pressão exercida pelo presidente Arthur Bernardes.

Exemplo eloquente desta repressão foi a prisão do Ten Odylio Denys, expoente do profissionalismo militar, na Ilha Grande, onde adoeceu grave, recuperando a saúde em Sanatório Militar em Itatiaia.

O Ten Edmundo Macedo Soares de lá conseguiu evadir-se. Foi para a Europa, onde estudou por sua conta o assunto siderurgia. Nos anos 40 ele seria o construtor da Usina Siderúrgica de Volta Redonda, a mãe da industrialização brasileira. E casos de violência contra expoentes jovens do Exército se repetiram.

A Revolução de 1926 e a 3ª RM

Era prevista uma sublevação no RS. Na noite de 13/14 Nov 1926, sargentos tentaram sublevar as guarnições de Bagé e São Gabriel. Em Bagé o movimento foi abafado ao custo da vida do Ten Álvaro Cruz Marques.

Em São Gabriel os revoltosos, após tiroteio com a polícia e civis, os revoltosos retiraram-se na direção de Caçapava.

Em Santa Maria, na madrugada de 16 Nov 1926, os irmãos (ambos do Exército) tenentes Nelson e Alcides Etchegoyen sublevaram o 5º RAM (atual Regimento Mallet). Os tenentes Yguatemy Moreira e Heitor L. Vale sublevaram o 7º RI e prenderam o comandante da 5ª Bda Inf. Os sublevados foram combatidos pelo lº RCBM, que em 16 Nov enfrentou Artilharia e armas automáticas dos revoltosos. Estes, na madrugada de 17 Nov, retiram-se de Santa Maria e não foram perseguidos por falta de recursos.

Destacou-se no combate à revolta o Maj da BM Aníbal Garcia Barão. Faleceu em ação o Delegado de Polícia Cap Mário Waimann Druk, atingido por uma rajada de metralhadora.

Os revolucionários pretendiam ser acolhidos em São Sepé. O comandante da 3ª RM, Gen Eurico de Andrade Neves, determinou a organização de um Destacamento em Cacequi, ao comando do Maj Luiz Carlos Morais, chefe do Sv de Remonta em São Simão, para combater os revoltosos. Destacamento com a seguinte composição:

- do Exército - 80 homens do Serviço de Remonta;
- 6º RCI do Exército (São Gabriel, com 70 homens de confiança);
- Brigada Militar - 4º Esquadrão do lº RCBM; e
- Civis - 620 civis de Alegrete ao comando de Osvaldo Aranha.

Os civis de Alegrete e mais o 4º Esqd da BM foram atraídos pelos irmãos Etchegoyen, entrincheirados na Serra do Seival. E aí teve lugar o combate desigual no qual Osvaldo Aranha foi ferido gravemente com tiro de fuzil no calcanhar, o qual provocou intensa hemorragia. Suas forças foram repelidas com pesadas baixas e bateram em retirada.

Os revolucionários vencedores em Seival incorporam tropas de Zeca Netto e outras e rumam para São Sepé, que ocuparam.

O Gen Eurico Andrade Neves mandou organizar em Cachoeira, ao comando do Ten Cel Emílio Lúcio Esteves, futuro comandante da 3ª RM, um Destacamento assim constituído: lº RCBM (4º Esqd), 15º Corpo Auxiliar e lº Pelotão do Grupo de Metralhadoras Pesadas para atuar contra os revoltosos, em combinação com o Destacamento do Maj Luiz Carlos Moraes.

No dia de Natal de 1926, o Destacamento Lúcio Esteves encurralou os revolucionários nas serras de Santa Bárbara e os derrotou. Morreu em ação o revolucionário João Dias (João Castelhano). Por pressão

dos destacamentos Lúcio Esteves e Moraes, os revolucionários se internaram por Três Vendas, no Uruguai, em 5 Jan 1927.

Em 7 Jan 1926, 40 praças do 7º RI que guarneciam em São Leopoldo o 8º BC haviam se sublevado e tomado o rumo de Montenegro. O comandante da 3ª RM mandou no seu encalço o 3º BIBM. Na fuga, os revoltosos retiraram trilhos da linha. Mas foram alcançados 30 revoltosos e presos, inclusive o seu líder - um civil. Todos foram entregues em São Leopoldo ao Gen Francisco Borja Pará da Silveira. Os civis foram entregues à Casa de Correção. Foi recuperado o seguinte armamento: 259 fuzis Mauser, um mosquetão, um fuzil metralhadora, 1.300 cartuchos Mauser, 113 sabres, e equipamentos, fartamente.

Antes, em 24 Dez 1926, havia fracassado tentativa revolucionária de invadir o Rio Grande por Rivera, Quaraí e Santa Rosa.

Este capítulo, escrito por lideranças da 3ª RM com tropa da Brigada Militar, é abordado com detalhes pelo historiador brigadiano Cel José Luiz Silveira em **O Rio Grande pelo Brasil** (Santa Maria: 1989). Aliás, obra utilíssima para o conhecimento, do ponto de vista da Brigada Militar, das Revoluções de 1823 a 32 no RS. Seu autor é citado em parte do combate de Cerro Alegre, em 20 Set 1932, onde se destacou.

E assim se encerrou mais um período revolucionário em que foram postos na prática ensinamentos recebidos pela Missão Militar Francesa e Missão Indígena da Escola Militar.

Sobre a manifestação tenentista de 1924-25, vitoriosa em 1930, temos a obra recente: PEREGRINO, Umberto, Gen. **Tenentismo em debate.** Rio: IHGB, 1993 (coleção Calmon, n° 12).

Sobre a marcha da Coluna Prestes temos entre outros: SILVA, Hélio. **A grande marcha de 1926.** Rio: Civilização Brasileira, 1971.

Para o leitor e pesquisador interessado em aprofundar-se na participação de revolucionários civis na Revolução de 24/25 no RGS, consultar: O'DONELL, Fernando O. M. **Notícia dos combates do Capão do Mandejú - Estância dos Figueiredo (Revolução de 23 e 24 em São Borja e Itaqui).** P. Alegre: Martins Livreiro, 1984.

E mais, na obra que conta com a sua apresentação: MESQUITA, Pedro S. de O. **Por sertões e coxilhas.** P. Alegre: IEL, 1994.

Diário do Capitão-ajudante do 6º Corpo (Auxiliar) Provisório, que perseguiu a Coluna Prestes no RS, SC e PR: TÁVORA, Juarez. **À guisa de depoimento.** São Paulo: 1927, v. 1; e Rio: 1928. v. 2.

A bibliografia da obra **Soldados Salvadores,** citada, é rica em indicações de obras relacionadas com a Revolução de 1924/25. Não pode ser deixado de lado O Tempo e o Vento, de Érico Veríssimo, para sentir-se o clima da época que ele testemunhou em Cruz Alta.

A 3ª RM entre as revoluções de 1926 e 1930

Ao final da Revolução de 1924/25, foi a seguinte a articulação das unidades da 3ª RM/DE, pela Organização do Exército de 18 Maio 1925:
Infantaria: 7º RI (Santa Maria), 8º RI (Cruz Alta), 9º RI (Rio Grande), 7º BC (Porto Alegre), 8º BC (São Leopoldo) e 9º BC (Pelotas). O 7º RI possuía raízes no 29º BI (Pelotas, criado em 1888). O 8º RI era originário do 2º BI, Fortaleza e o 9º RI era originário do 31º BI, Bagé, da resistência ao cerco federalista. O 7º BC, de Porto alegre e São Leopoldo, eram originários dos 3º BI e 30º BI de Porto Alegre na Guerra Civil de 1893-94. O 9º BC (Pelotas) era originário do 4º BI (São Gabriel) e do 31º BI (Bagé), o mesmo de Carlos Telles;
Cavalaria: lº RCI (Santiago), 2º RCI (São Borja), 3º RCI (São Luiz), 4º RCI (Santo Ângelo), 5º RCI (Uruguaiana), 6º RCI (Alegrete), 7º RCI (Santana), 8º RCI (Quaraí), 9º RCI (São Gabriel), 12º RCI (Bagé), 13º RCI (Lavras), 14º RCI (D. Pedrito) e 3º RCD (Jaguarão);
Artilharia: 1º/3º RAD (Cachoeira), 5º RAM (Santa Maria), 6º RAM (Cruz Alta), lº GAC (Itaqui), 2º GAC (Uruguaiana), 3º GAC (Bagé) e 5º GAC (Santana);
Engenharia: lº FBv (Santo Ângelo) e 3º BE (Cachoeira); e
Comunicações: desde a organização de 1921 o 3º BE (Cachoeira) possuía uma Cia de Transmissões. Em 5 Set 1926 o Pelotão de Transmissões do 3º BE foi organizado

A genealogia das OM são complexas. O leitor e o pesquisador interessados deverão recorrer até 1938 ao livro **O Exército Brasileiro,** citado.

Em 6 Fev 1925, o 5º RAM, atual Grupo Mallet, ocupou o seu quartel em Santa Maria. O lº BFv, em 15 Jul 1925 teve ordem de

reorganização, após afetado pela Revolução de 1924. Em 12 Out 1925 houve cerimonia solene de Compromisso de Recrutas. Em 7 Jun 1926 o futuro presidente Washington Luiz visitou o QG/RM. Em 9 Jul 1926, as bandas do 7º BC (Porto Alegre) e do 8º BC (São Leopoldo) venceram concurso público na categoria. Em 5 Set 1926, o lº RCI se instalou em Santiago. Em 7 Set 1926, a Cavalaria da 3ª RM foi organizada em divisões de Cavalaria.

1ª DC - Santiago: lª Bda (lº RCI, Santiago e 2º RCI, São Borja); 2ª Bda (3º RCI, São Luiz e 4º RCI, Santo Ângelo); e os lº GAC (Itaqui) e 4º GAC (não organizado).

2ª DC - Alegrete: 3ª Bda (5º RCI, Uruguaiana e 6º RI, Alegrete); 4ª Bda (7º RCI, Santana e 8º RCI, Quaraí), o 2º GAC, Uruguaiana, um Pelotão de Transmissões do 3º BE e mais o 5º GAC, em Rosário (não organizado).

3ª DC - São Gabriel: 5ª Bda (9º RCI, São Gabriel e 13º RCI, Lavras); 6ª Bda (12º RCI, Bagé e 14º RCI, Dom Pedrito), o 3º GAC (Bagé), um Pel Transmissões do 3º BE (Cachoeira) e mais o 6º GAC (não organizado).

Foi previsto mais um GAC por DC que não chegou a ser organizado logo, conforme registramos.

De 20 a 30 Jul 1927, o Gen Div Augusto Tasso Fragoso visitou a 3ª RM acompanhado de membros da Missão Militar Francesa. Era o ano do centenário da Batalha do Passo do Rosário, que ele estudara e publicara trabalho em 1922.

Em 12 Jul 1928 visitou a 3ª RM o Ministro da Guerra, Gen Sezefredo Passos, tendo viajado desde o Rio em hidroavião da VARIG, que iniciara a sua saga no ano anterior.

De 22 Jan a 2 Fev 1925 tiveram lugar as manobras da 3ª RM em Saicã e de 12 a 22 Nov 1929 ocorreu o Concurso Hípico Regional em Santa Maria.

Em 13 Fev 1930 foi criada na 3ª RM a 2ª Cia de Estabelecimentos, e foi extinta a 3ª Cia de Administração, que retornou à situação de contigente.

O Histórico da 3ª RM silencia sobre os preparativos da Revolução de 30. Registra visitas contínuas ao interior do Estado por seu comandante, Gen Bda Gil Antônio Dias de Almeida, natural do Sergipe, que comandava a 3ª RM em substituição ao Gen Eurico Andrade Neves desde 18 Maio 1927.

As expressões GAC e RAM significam grupo de Artilharia a Cavalo e Regimento de Artilharia Montada.

Comandantes da 3ª RM na transição decorrente da Revolução de 30

General Gil Antônio Dias de Almeida. Comandou a 3ª RM de 1927 até 3 Out 1930, quando teve o QG, onde residia, atacado pelos revolucionários, tendo se comportado como um verdadeiro soldado. Nada pode fazer para superar circunstâncias históricas insuperáveis quando todo o RS ficou de pé pelo Brasil. O Dicionário Bibliográfico da FGV/CPDoc faz-lhe justiça (vide texto) (Fonte: Galeria da 3ª RM).

Coronel de Infantaria João Carlos (Osório) Toledo Bordini. Comandou a 3ª RM como revolucionário e como titular até 27 Jan 1931, após papel de relevo na vitória da Revolução de 30 em Porto Alegre. Era sobrinho-neto do Gen Osorio. Expert em Geodésia, Armamento e Infantaria. Desenvolveu e teve aprovado o projétil bi-ogival para a Infantaria (vide texto). Na foto, usa a farda de comandante do 9º BC de Pelotas (Fonte: Galeria da 3ª RM).

A 3ª RM na Revolução de 1930

O presidente Washington Luis assumiu a presidência em 15 Nov 1926. Recusou anistiar revolucionários!

Tentou quebrar o eixo da política do café-com-leite, querendo repetir mais uma vez o café (SP) na hora que era a do leite (MG). Os mineiros procuraram apoio dos paraibanos e gaúchos e os obtiveram.

No RS preparava-se uma revolução armada. Os tenentes atuaram em todo o Brasil na conspiração sob a liderança de Getúlio Vargas, Presidente do Rio Grande do Sul, antigo aluno da Escola do Rio Pardo e soldado do 10º RI (então 7° BC), e comandante de um Corpo Provisório em São Borja, em 1923.

Getúlio ofereceu o comando a Luiz Carlos Prestes através de Siqueira Campos. Prestes recusou, sendo escolhido após, em agosto de 1930, o Ten Cel Pedro Aurélio de Góes Monteiro, comandante do 3º RCI (São Luiz Gonzaga).

Prestes, no entanto, lançou um Manifesto Comunista, do qual divergiram de modo radical cerca de 40 oficiais envolvidos nas revoluções de 1922 e 1924 e, entre eles, ligados à História da 3ª RM - Olímpio Falconieri da Cunha, Filinto Muller, Nelson de Mello, Odylio Denys, Jaime de Almeida, etc. conforme menciona: DENYS, Odylio, Mal. **O Ciclo Revolucionário Brasileiro.** Rio: Nova Fronteira, 1980.

Obra que resume sua trajetória com ligações com a 3ª RM e CMS e com a participação expressiva no 7° BC, em 1937, da renúncia de Flores da Cunha.

Juarez Távora foi preso no Rio, em 11 Jan 1930, como conspirador. Em 26 Fev fugiu espetacularmente da fortaleza de Santa Cruz, onde há mais de 95 anos haviam se evadido líderes farrapos, os coronéis Onofre Pires e Corte Real.

A conspiração tenentista prosperou. No Norte, Juarez Távora. Em São Paulo, Siqueira Campos, que morreu em acidente aéreo em viagem de retorno da Argentina, sendo substituído por Ricardo Hall. Em Minas, o Cap Leopoldo Neri da Fonseca.

O assassinato de João Pessoa, na Paraíba, companheiro de Getúlio Vargas na chapa a Presidente da República, complicou o problema para o governo Federal.

Segundo Rosalina C. Lisboa, traduzindo o pensamento dos revolucionários:

> O verdadeiro animador dos revolucionários foi sem dúvida o presidente combatido Washington Luís. A sua atuação reconciliou o irreconciliável e arou o caminho do curso final.

Assim, no RS, aliaram-se para a Revolução antigos "maragatos e pica-paus e chimangos e assisistas na cruzada - O Rio Grande de pé pelo Brasil". Estão na mesma trincheira Borges de Medeiros e Assis Brasil, Mal Isidoro Dias Lopes e João Francisco. Osvaldo Aranha, Flores da Cunha e Batista Luzardo, "a reconciliação do que parecia irreconciliável" e, cremos, o ponto culminante da trajetória política do RS, a antiga "Estalagem do Império".

O Gen Gil, comandante da 3ª RM, captou sinais de rebelião. Planejou concentrar sob seu comando, em Passo Fundo, apreciáveis forças, dominando a ferrovia estratégica de acesso ao restante do Brasil e mantendo em Rio Grande e Porto Alegre expressivos efetivos com apoio naval. Mas não foi apoiado pelo escalão superior, que não acreditou, segundo ele, na possibilidade de revolução.

Em setembro, mobilizou tropas do interior em Caxias e Santa Maria. Trouxe para Porto Alegre o 8º BC (São Leopoldo) e o 9º BC (Pelotas). Este seria um verdadeiro Cavalo de Tróia sob o comando do Cel Bordini. Nessa época, Osvaldo Aranha e o Ten Cel Góes Monteiro estavam com o dispositivo pronto e tiveram que adiá-lo, ao que parece. A articulação revolucionária foi eficiente e preveniu choques sangrentos, como se verá!

A conspiração invadira de forma avassaladora os integrantes da 3ª RM que aderiram maciçamente ou se mostraram simpáticos aos seus objetivos. E por mais que se esforçasse em manter a situação da legalidade, o comandante da 3ª RM manteve-se fiel a sua missão em seu posto, até o fim!

De agosto a outubro a revolução foi reforçada com o apoio do Dr. Borges de Medeiros e do Ten Cel Góes Monteiro. Este, inteligência privilegiada em assuntos de Arte Militar ao qual estaria afeta a parte militar da Revolução como chefe do Estado-Maior.

A 3ª RM e o 3 de Outubro de 1930

Em 3 Out 1930, o Grande Hotel, em Porto Alegre, havia se transformado em QG revolucionário. A única reação esperada seria a do Cmt da 3ª RM, Gen Gil, que precisava ser neutralizada.

A Revolução começou pela ocupação do edifício dos Correios por revolucionários. Há 38 anos passados para a restauração de Júlio de Castilhos, encarregara-se desta medida o então Maj Caetano de Farias, futuro Ministro de Exército ou da Guerra, na época.

O comandante da 3ª RM foi notificado e comunicou este detalhe ao 8º RI (em Passo Fundo) e ao presidente do Estado, Dr. Getúlio Vargas. O Gen Gil recebeu rádios de Bagé, Alegrete e Passo Fundo dando conta de um possível levante. Recebeu comunicações do presidente do Estado de que estava tudo providenciado.

O ataque ao QG da 3ª RM

A primeira ação militar da Revolução foi contra o QG da 3ª RM para prender e meutralizar o seu comandante. Foi escolhido como dia e hora do ataque o dia 3 Out 1930, às 17:25 horas, após o término do expediente a partir do qual o QG disporia de pequena guarda.

Comandaram esta ação Osvaldo Aranha, Flores da Cunha e o Cap BM Agenor Barcelos Feio. Antes, o QG e o Arsenal de Guerra haviam ficado na mira de metralhadoras revolucionárias colocadas em prédios vizinhos.

Inicialmente, 50 homens da Guarda Civil simularam uma passagem de rotina pelo portão do QG. Seguiu-se um grupo revolucionário que, depois de um tiroteio, atacou e dominou as sentinelas. Até hoje o velho QG conserva internamente as marcas dos tiros.

O Gen Gil recusou entregar-se! Getúlio Vargas enviou-lhe carta sobre a inutilidade da resistência. E o Gen Gil colocou como condição que Getúlio declarasse ser o líder da revolução. Finalmente, ele foi preso em seus aposentos junto com o Cel Firmo Freire, seu chefe do EM. No outro dia foi recolhido ao navio Comandante Ripper, onde se encontravam outros oficiais presos.

O sinal do início da Revolução de 1930, que pôs fim à República Velha, foi dado em Porto Alegre, às 1730 de 3 Out com um foguete

lançado no morro Menino Deus. E a sua primeira ação foi a prisão do comandante da 3ª RM, indefeso, após neutralizados possíveis apoios a ele pela conspiração bem urdida e conduzida.

Os 8º BC (vindo de São Leopoldo) e 9º BC (vindo de Pelotas), desde setembro, foram neutralizados por medidas tomadas pelo Cel Toledo Bordini, que não transmitiu a ordem de prontidão do comandante da 3ª RM e conseguiu distrair os oficiais do 8º BC com um almoço no Estande de Tiro. Um esquadrão de cavalaria e a guarda do QG renderam-se, surpreendidos com a falta de percussores das metralhadoras. O 9º BC (Pelotas) estava comprometido, bem como contigentes da Carta Geral.

Reagiu a 2ª Cia de Estabelecimentos, que cedeu face à forte pressão. O 7º BC da Praça do Portão, ao comando do Cel Benedito Marques da Silva Acauan, reagiu vigorosamente até a manhã do dia seguinte. Estava com o efetivo reduzido a 1/3 em razão de 200 deserções, e somente três metralhadoras dispunham dos percussores. A luta em Porto Alegre custou 19 mortos e uma centena de feridos, inclusive a morte do Ten Atho Franco na defesa do 7º BC.

Esta página encerra lições de História Militar aos profissionais das armas. Qualquer um que estivesse na situação do Gen Gil, seguramente cairia na mesma armadilha, face à avassaladora adesão à Revolução de 30, para cujo início o Gen Gil foi o maior obstáculo.

O Depósito de Munição do Menino Deus foi atacado e neutralizado pelo Ten João Alberto. A reação memorável esteve a cargo do 7º BC, que honrou as tradições dos 3º, 30º e 10º BI, de tão gloriosas tradições na segurança de Porto Alegre.

Maiores detalhes desse acontecimento, marco inicial da Revolução de 1930, são abordados entre outros pelas seguintes obras, relatando a atuação do episódio do Gen Gil, Osvaldo Aranha, Flores da Cunha, Góes Monteiros e Leitão de Carvalho, etc.: DICIONÁRIO HISTÓRICO BIOGRÁFICO BRASILEIRO 1930-1983. Rio: Forense, 1984. 4 v. (Realizada por equipe do CPDOC - FGV, sob a coordenação de Israel Beloch e Alzira A. de Abreu).

Este CPDOC-FGV, no centenário da Revolução de 30, estudou-a com profundidade. O Gen Gil, após reformado em 1942, produziu a seguinte obra certamente rica em ensinamentos militares à reflexão:

ALMEIDA, Gil de, Gen. Homens e fatos de uma revolução. Rio: Ed. Calvino Fº, 1943.

A antiga Revista do Globo, ano de 1931, editada pela Liv. Globo, em número especial, documentou, inclusive fotograficamente, o desenvolvimento da Revolução de 30 em Porto Alegre e no interior do Estado. Damos a seguir alguns detalhes como amostragem.

Em Santa Maria o lº RC da Brigada Militar, simulando uma revista de fardamento e armamento, às 15 horas, é municiado, ensarilha armas e é levado para o rancho. O comandante desta unidade escalou dois oficiais para prenderem o Gen Fernando Medeiros, do Exército, que se deslocava do seu QG para os Correios, na Praça Saldanha Marinho. E com auxílio do Delegado de Polícia os oficiais prenderam o general, a 2ª autoridade do Exército no RS, que ficou preso no lº RCBM. O 7° RI solidarizou-se à noite com a Revolução, e seu comandante assumiu o comando da guarnição.

Na manhã seguinte, o 5° RAM e atual Regimento Mallet aderiram à Revolução. A Aviação do Exército, em Santa Maria, aderiu no primeiro momento. Isso é o que conta o Cel BM José Luiz Silveira em **O Rio Grande pelo Brasil.** Santa Maria: 1989.

Em Santana a Revolução, segundo Ivo Caggiani em sua **História de Santana,** v. 2**,** teve início às 17:45 de 3 Out. Foram presos os oficiais do Exército pelos revolucionários. O deputado Francisco Flores da Cunha comandou, no Hotel América (atual Edifício Vivaldino Maciel), a prisão do Cel Euclides de Oliveira Figueiredo (pai do futuro presidente João Figueiredo) ali hospedado e que, como comandante da 2ª DC (Alegrete), ali se encontrava em missão de inspeção militar. Houve reação à prisão. O Ten Newton Maciel dos Santos, AjO do Cel Figueiredo, do 6° RCI (Alegrete), atirou no deputado Chico Flores. Houve um tiroteio em que o Ten Santos saiu gravemente ferido, bem como o cabo Mello, ordenança do Cel Figueiredo. O deputado Chico Flores foi ferido na perna, e morreu o civil Dorotéo Aguirre.

Encontravam-se com o Cel Figueiredo o comandante do 7º RCI (Santana), o comandante do 5° GAC (em organização em Santana) e mais um oficial do 7º RCI. O Cap Ribeiro da Costa defendeu o 7º RCI, sitiado por revolucionários. Uma Bia do 5° GAC fez cinco disparos contra o 7º RCI. Ribeiro da Costa só rendeu-se às 23 horas. Liderou a revolta do 5º

GAC (lª Bia) o Cap Stênio Lima, que se achava asilado no Uruguai. Os oficiais do Exército foram presos na Prefeitura. Cooperou neste movimento o Cel João Francisco Pereira de Souza, veterano de 1893.

Os comandos dos 7º RCI e 5º GAC passaram às mãos dos revolucionários capitães Stênio Lima e Ruy Zubaran, que desfilaram em 4 Out com todas as tropas do Exército da guarnição.

O Cel Euclides Figueiredo era um expoente da classe. Cursara Cavalaria na Alemanha em 1910-12, comandara o Piquete de Cavalaria no Contestado, o Curso de Cavalaria da Missão Indígena da Escola Militar, combatera a Revolução de 1922 na Escola Militar e assessorado o Gen Setembrino de Carvalho na Paz de Pedras Altas, em 1923. Seria um dos líderes militares da Revolução de 1932, em São Paulo.

Em Cruz Alta respondia pelo comando da 3ª Bda de Artilharia, guarnição e comando do 6º RAM o Cel João Baptista Mascarenhas de Moraes. Sob suas ordens estava o 1º/8º RI. A Revolução o colheu em cheio! O articulador do levante foi o Ten Nelson Etchegoyen. Mascarenhas de Moraes foi preso por sargentos em nome da Revolução, bem como todos os oficiais, e ameaçado de ser alvejado se falasse, conforme registrou em suas **Memórias** (Rio: BIBLIEx, 1982, 2v.). Ele foi enviado preso para Porto Alegre, a bordo do navio Comandante Ripper. O futuro, como profissional de escol que sempre foi, lhe reservou o comando vitorioso da Força Expedicionária Brasileira. Estudamo-lo em artigo que publicou nossa conferência no IHGB comemorativa do seu centenário, estando na mesa diretora dos trabalhos os generais Euclides e Diogo Figueiredo, filhos do então Cel Euclides Figueiredo: Mal Mascarenhas de Moraes. Rio: RIHGB. v. 344, Jul. 1985.

Em Passo Fundo, os revolucionários prenderam no quartel do RI que comandava, o Cel Estevão Leitão de Carvalho. Figura já expressiva de profissional, com curso no Exército Alemão, líder dos jovens turcos da **Defesa Nacional** e depois comandante assinalado da 3ª RM na época das memoráveis manobras de Saicã de 1940, onde estava, lado a lado, com o Presidente Getúlio Vargas e Gen Góes Monteiro, líderes da revolução que o prendera. Chefes que lhe confiaram, como profissional militar que era, a chefia da Missão Militar Mista Brasil-EUA na 2ª Guerra Mundial e que depôs sobre o episódio nos valiosos livros:

- Memórias de um soldado legalista. Rio: Imprensa Militar, 1961-4, 3v.

- Na Revolução de 30. Rio: 1933.

Em Santa Maria o quartel do 7° RI foi rendido. Em São Gabriel, segundo Osório Santana Figueiredo, o Ten Cel Leopoldo D'Almada Rodrigues reagiu à bala, com sua escolta, à tentativa do revolucionário João Cavalheiro. Rendido pela evidência dos fatos, o Ten Cel Leopoldo considerou-se prisioneiro e passou o comando ao Maj José Pinto Barreto.
O 9º RCI, que aderiu em 4 Out, marchou para o Paraná em 10 Out. O 6º GAC era comandado pelo Ten Geraldo Dacamino e aderiu de pronto. Como Coronel ele comandaria um grupo na FEB.

A Barreira de Itararé

Em 1894, 36 anos antes da Revolução de 30, o governo de São Paulo estabeleceu fortíssima barreira em Itararé para conter o avanço federalista. O confronto não existiu em razão da vitória sobre a Revolta na Esquadra no Rio, em 12 Mar 1894, com o apoio da Esquadra Legal do Alte. Gonçalves.

Em 1930 forças revolucionárias, sob a liderança civil de Getúlio Vargas e militar do Ten Cel Góes Monteiro temiam idêntica reação. Ela foi facilitada pela vitória revolucionária em Santa Catarina e Paraná.

Em Itararé defrontaram-se 5.600 governistas (3.000 da PMSP, 1.600 do Exército e 1.000 voluntários), apoiados em quatro canhões Krupp e terreno favorável à defesa, contra 7.000 revolucionários apoiados em 18 canhões Krupp mais modernos e de maior alcance.

Neste avanço revolucionário ocorreu a prisão do Gen Cândido Rondon e a morte do Maj Luiz de Araújo Correia Lima, o idealizador e patrono espiritual dos CPOR e NPOR.

A deposição de Washington Luiz em 24 Out 1930, seguida de sua prisão no forte de Copacabana e sua substituição por uma Junta Militar, evitou a Batalha de Itararé, a mãe das batalhas. Ou seja 'A Batalha que não houve'. Fato que deu a ideia ao humorista Aporelli (Aparício Torelli - 1895-1971) auto denominar-se Barão de Itararé, ou seja, o Barão que não era barão.

Rondon descreve a sua prisão em 1930 na obra: VIVEIROS, Esther. **Rondon conta sua vida.** Rio: Coop. Cult. Esperantistas, 1969.

Sendo os generais Leitão de Carvalho e Mascarenhas de Moraes profissionais militares de escol, logo seriam aproveitados e prestigiados pela Revolução de 30. O mesmo se deu com o Mal Rondon.

A extinção da 3ª RM por 15 dias

O Poder Revolucionário extinguiu a 3ª RM de 12 a 27 Out, por 15 dias. Ela foi substituída pelo Departamento do Pessoal de Guerra, em Boletim Diário nº 8, de 12 Out. Departamento sob a chefia do Ten Cel Horácio H.C. de Souza. Em 13 Out foi instituído o Comando da 1ª RM Militar das Forças Nacionais no Rio Grande do Sul, com sede na Secretaria de Interior e Justiça.

A 1ª Região Militar das Forças Nacionais no Rio Grande do Sul passou a ser exercido pelo Dec. 4594 do Presidente do RS, Osvaldo Aranha e pelo Cel João Carlos Toledo Bordini, ex-comandante do 9º BC e com papel saliente na vitória de 3 Out.

O Departamento de Pessoal de Guerra, por seu Boletim Reservado de 27 Out 1930, após conhecida a vitória da Revolução no Rio de janeiro, restabeleceu a 3ª RM sob o comando do Cel Bordini, citado. Assim, a 3ª RM esteve extinta por Ato revolucionário no curso de 15 dias em que durou a marcha da Revolução de Porto Alegre ao Rio.

Foram extintas a 1ª Região Militar das Forças Nacionais e o Departamento Pessoal de Guerra, e restabelecida a 3ª RM, "tendo em vista a paralisação das operações militares e desmobilização das forças em organização". Em 27 Out 1930 a 3ª RM emitiu BI que deu a organização do seu QG:

- Comandante da 3ª RM - Cel Bordini; e
- Chefe EM - Cap Eng. João Valdetaro de Amorim.

Em 27 Jan 1931 assumiu o comando da 3ª RM o Gen Div Francisco Ramos de Andrade Neves. Toda esta transição é documentada em: COSTA E SILVA, Riograndino da, Gen. **Apontamentos para a História da 3ª RM.** P. Alegre: 1971. p. 73-75.

Várias unidades da 3ª RM participaram do avanço revolucionário em direção ao Rio de Janeiro.

A Revolução de 1932

Era esperado, em 1932, um movimento armado liderado pelo Rio Grande do Sul e por São Paulo para derrubar Getúlio Vargas, levado ao poder pela Aliança Liberal. E o chefe desta revolução, constava, seria o agora Gen Hon do Exército e interventor federal do Rio Grande do Sul, José Antônio Flores da Cunha, que se notabilizou no campo militar governista nas revoluções de 1922 a 30.

Ao estourar a Revolução de 1932 em São Paulo, liderada no campo militar pel Gen Reformado Bertoldo Klinger (filho do Rio Grande), como comandante da 2ª Região Militar (São Paulo) revolucionária, Flores da Cunha, instado por Osvaldo Aranha, não aderiu e decidiu continuar a apoiar o Governo Provisório do Brasil.

Os líderes Borges de Medeiros e Raul Pilla dos partidos gaúchos Republicano e Liberal, solidarizaram-se com os revolucionários de São Paulo, Paraná e Mato Grosso. Foi idealizado estabelecer-se um governo revolucionário paralelo do Rio Grande em Santa Maria.

Medidas efetivas tomadas pelo Gen Flores da Cunha impediram a revolta no RS. E ele enviou fortes contingentes da Brigada Militar para combater a revolução, cujo principal foco era São Paulo. A principal frente era a Leste, ou do Vale do Paraíba, ao longo da ferrovia e rodovia ligando São Paulo à capital federal.

No 66° aniversário dessa Revolução proferimos conferência na cidade de Cruzeiro-SP, a convite do Instituto de Estudos Valeparaibanos, a qual foi publicada numa visão nacional, sob o título: A Revolução Paulista de 1932 - Operações Militares. In: A Defesa Nacional**.** Nº 760, Abr./Jun. 1993. Esta palestra contém uma análise das operações nas frentes: Leste ou Vale do Paraíba, chefiada pelo Gen Góes Monteiro, Frente Sul ou Paranaense, Frente Mineira (exclusive o Vale do Paraíba), Frente do Mato Grosso, Frente do Litoral (entre a serra do mar e Atlântico) e a Frente do RS.

A 3ª RM, através de seu comandante, o rio-pardense Gen Div Francisco R. Andrade Neves, manteve-se em posição de defesa do Governo Federal. Enviou forças para combater a revolução na frente Leste ou Vale do Paraíba, com o 9º BC (Pelotas), o 8º RI (Cruz Alta, atual 17º BI

Selva (em Tefé-AM), que combateu na Frente Sul e permaneceu em Santos até 24 Nov.

No campo estratégico, a frente do Rio Grande do Sul atrairá forças expedicionárias do Rio Grande do Sul atuando na frente Sul, integrando o Destacamento de Jacarezinho, comandado pelo Cel João Francisco "a hiena do Cati". Os revolucionários não tiraram proveito de Itararé, que foi evacuada sem luta.

A Frente do Rio Grande do Sul

Os gaúchos Lindolfo Collor, Maurício Cardoso e Batista Luzardo romperam com o Governo Provisório do Brasil e retornaram ao Rio Grande. Foram recebidos festivamente pelo interventor Gen Flores da Cunha. Osvaldo Aranha tentou apaziguar e teria demovido Flores da Cunha de liderar a revolução contra Getúlio Vargas.

E num dia de domingo, muito frio, 14 Ago 1932, conforme o historiador Blau Souza, em Encontro do IHTRGS em Santana, em 1933, o Dr. Borges de Medeiros e seu adversário de 1923, Batista Luzardo, ludibriaram a vigilância policial em Porto Alegre, encontrando-se furtivamente no porto. Ali, embarcando num pequeno barco a motor (gasolina), viajaram até a região de Arroio dos Ratos e dali, de automóvel Ford Modelo A, até Encruzilhada, para se colocarem à frente de um levante armado em solidariedade a São Paulo.

Depois de percorrerem longo trecho, foram alcançados por forças estaduais do Gen Flores da Cunha na estância do Cerro Alegre, em Piratini, construída em 1856 e ainda hoje conservando características daquela época e os vestígios do combate que ali foi travado. Travou-se um combate onde se destacou entre outros o dr. Batista Luzardo, que conseguiu escapar ao cerco.

Este combate travado em Piratini, antiga capital farrapa, no 97° aniversário do início da Revolução Farroupilha, em 20 Set 1835, encerrou um longo, romântico e épico ciclo revolucionário gaúcho. Dali para a frente as coisas se complicaram, com o envolvimento de revolucionários comunistas desejando implantar a Ditadura do Proletariado no Brasil.

O combate do Cerro Alegre, onde o Dr. Borges de Medeiros foi preso, e os antecedentes do combate, foram resgatados pelo Instituto de

História e Tradições do RGS (ITHRGS), em seu encontro anual em Canguçu, em 1989, por seus ilustres integrantes: SILVEIRA, José Luiz, Cel Ref. BM et FIGUEIREDO, Osório Santana. **O combate do Cerro Alegre.** Santa Maria: Pallotti, 1989 (lançado em Encontro do IHTRGS em Canguçu 1989).

Estudam o combate do Cerro Alegre as seguintes obras:

CARNEIRO, Glauco. **Luzardo o último caudilho.** Rio: Nova Fronteira, 1978.

CORREIA, Sílvio Faria. **Serro Alegre:** a revolução riograndense de 32**.** Porto Alegre: Globo, 1933, 94 p .

Houveram outras tentativas de levante em Soledade, Vacaria, Nonoai. Não conseguiram levantar uma coluna em Tupanciretã e Santiago, Lindolfo Collor e Marcial Terra.

Tiveram seus direitos políticos cassados, entre outros: o Dr. Borges de Medeiros, que foi exilado em Pernambuco, terra de seu pai; João Neves da Fontoura; Batista Luzardo; Raul Pilla; Lindolfo Collor e outros que emigraram para o Prata.

A resistência simbólica do Dr. Borges de Medeiros aliviou a frente do Sul ou Paraná de gaúchos enviados para lá.

A paz na Revolução de 1932, celebrada na cidade de Aparecida, foi redigida pelo chefe do Estado-Maior governista, o bageense Cel Pantaleão Pessoa, em termos elevados e fraternos. Chefe discreto de raros méritos profissionais que é abordado em: DICIONÁRIO HISTÓRICO BIOGRÁFICO BRASILEIRO 1930-1983 do CPDOC - FGV. v. 4, p. 2.706-2.708.

Getúlio Vargas, o comandante do Corpo Provisório de São Borja na Revolução de 1923, afirmava-se no poder. A conjuntura econômica difícil enfrentada pelo RS nos anos 10, 20 e 30 do século XX é muito bem apreciada em: PESAVENTO, Sandra Jatahy. História do RGS. P. Alegre: Mercado Aberto, 1985 (Cap. III - República Positivista, p. 63-83, 4ª ed).

A conjuntura política complexa enfrentada pelo RS em 1889-1934 é focalizada por: FERREIRA FILHO, Arthur. História Geral do RGS. P. Alegre: Globo, 1975, 4ª ed.

Documentos da 3ª RM

A seguir, transcrevemos dois telegramas. Um do Cel Rabello, da Frente Mineira pedindo ao Gen Flores o envio de batalhões gaúchos. O segundo é um telegrama do Chefe do EME ao Cmt da 3ª RM, ordenando que enviasse um estoque da 3ª RM de mais de 300 mil tiros para Mato Grosso. O terceiro é um telegrama da 3ª RM ao EME, 25 dias do combate do Cerro Alegre, informando que o armamento comprado na Argentina pelos doutores Raul Pilla e Borges de Medeiros estava sendo aguardados.

General Flores da Cunha - Uberaba-MG 16 Set. 1932 Porto Alegre
142 - Segundo sec. Repito meu número 121 bipontos Circular B do EME. SITUAÇÃO AQUI ÓTIMA PERMITINDO GRANDE ÊXITO DESDE QUE DISPONHA MAIS TROPA (PT) PEÇO ILUSTRE AMIGO VG CASO SEJA POSSÍVEL VG ENVIAR MAXIMA URGÊNCIA EXPRESSAMENTE PARA MEU DESTACAMENTO DOIS OU TREIS DOS SEUS VALOROSOS BATALHÕES (PT) Peço urgente fineza resposta Pt. (a) CeL Manoel Rabello Cmt. Circ. Militar.

Do Chefe do EM.E. Rio a 3ª RM Porto Alegre 24 Set. 1932
VAPOR BAEPENDI LEVA DESTINO MATO GROSSO DUZENTOS MIL TIROS MIL OITOCENTOS NOVENTA E CINDO (PT) ESSA MUNIÇÃO É INSUFICIENTE(PT) DEVEIS EMBARCAR AÍ MESMO VAPOR MAIS TREZENTOS MIL TIROS ML NOVECENTOS E OITO TIRADOS ESTO-QUE REGIÃO OU PEDIDOS EMPRÉSTIMOS INTERVENTOR (PT) PROVIDENCIO AQUI REPOR IMEDIATAMENTE REGIÃO ESSA MUNIÇÃO. General Andrade Neves Chefe EME

Porto Alegre, 23 de Setembro de 1932 URGENTÍSSIMO CHEFE EM EXÉRCITO RIO
nº 311B-PARTE GUARNIÇÃO URUGUAIANA REBELOU-SE VINTE HORAS DIA VINTE DOIS PELO QUESUSTEI MARCHA TERCEIRO R CD UTILIZADO COMBATER REBELDES URUGUAIANA PT TODAS PROVIDÊNCIAS TOMADAS DOMINAR REBELIÃO FAZENDO AGIR TODAS TROPAS FEDERAIS ESTADUAIS. PT. PT. A) GEN FRANCO FERREIRA - Cmt 3ª REGIÃO

15-10-1932 CHEFE ESTADO MAIOREXÉRCITO

nº 368B - INFORMAÇÃO BOA FONTE INFORMA QUE DR BORGES ENCOMENDARA ARMAMENTOS E MUNIÇÃO PARA 300 ARMAS. NEGÓCIO FECHADO PELO DR RAUL PILA NA ARGENTINA VG ARMAMENTO ESTÁ SENDO AGUARDADO PT CONVÉM VIGILÂNCIA NOSSOS AGENTES EMBAIXADAS MONTEVIDÉU E BUENOS AIRES.

Comandantes da 3ª RM de 1924 a 1934

A partir de agora será muito utilizada a seguinte obra, no tocante às informações biográficas nela contidas:
FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS - CPDOC. **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro 1930-1983.** Rio: Forense, 1983.4 v. que assim será referida: **FGV - Dicionário Biográfico Brasileiro, v... p...**

Este dicionário enquadra as biografias no contexto histórico que tiveram lugar, focalizando, entre outros, assuntos de interesse da 3ª RM:

- Guerra do Contestado;
- Revolução de 1922;
- Revolução de 1924-25;
- Conspiração Protógenes (Capitão de Mar-e-Guerra Protógenes Pereira Guimarães);
- Revolução de 1926;
- Revolução de 1930 (com ênfase);
- Revolução de 1932;
- Intentona Comunista de 1935;
- Deposição de Flores da Cunha 1937;
- Estado Novo;
- Defesa Territorial na 2ª Guerra Mundial;
- Força Expedicionária Brasileira; e
- Campanha do Monopólio do Petróleo.

É, portanto, uma fonte complementar valiosa que contém subsídios históricos militares de 1893-1953, ou por 60 anos de História.

1 - Gen Div Eurico de Andrade Neves (1861-1936). Comandou a 3ª RM no período mais crítico de sua História, marcado pelas revoluções de 1925, 1924-25 e 1926, assinaladas por inquietações e levantes de unidades, conforme abordamos no texto. Seu período de comando, de 11 Jan 1923 a

28 Mai 1927, de quatro anos, dois meses e dois dias, foi agitadíssimo! Nasceu em Rio Pardo em 15 Dez 1861. Guardou a lembrança de seu avô, o heróico Gen Andrade Neves - Barão do Triunfo, partir para a guerra e partilhar a dor junto com sua família da perda de seu avô em campanha. Perda que mereceu de Caxias referência consagradora à Cavalaria Brasileira, que evocamos no artigo 'A Cavalaria Brasileira do passado no conceito do Patrono do Exército'. In: Letras em Marcha nº 39, Jan. 1975. O Gen Eurico foi praça de 7 Dez 1893 tendo, como Ten e Cap, combatido a Revolta na Armada no Rio, de 6 Set 1893 a 13 Mar 1894. Todas as promoções por merecimento: Maj. 3 Nov 1904, Ten Cel 5 Ago 1908, Cel 3 Jun 1911. Atingiu o generalato em 12 Jan 1918 e foi Gen Div em 7 Set 1922, no Centenário da Independência. Foi Diretor da Coudelaria de Saicã. Reformou-se em 1926, indo residir no Rio. Faleceu no Grande Hotel, em Porto Alegre em 15 Nov 1936, quando em visita ao RS. Foi embalsamado, velado na Beneficência Portuguesa, e foi-lhe prestada Guarda de Honra por Cia do 7º BC da Praça do Portão. Seguiu para o Rio pela VFRGS em 17 Nov 1936. Seu filho, Carlos de Andrade Neves integrou Comissão de Oficiais do Exército, que combateram na 2ª GM nos Exércitos Aliados. (Fonte principal: jornal Correio do Povo, P. Alegre: 17 Nov 1936, com complemento do autor).

2 - Gen Bda Eduardo Monteiro de Barros (1864 - ?). Comandou interinamente a 3ª RM de 28 Mar a 18 Mai 1927, por cerca de 50 dias. Nasceu em 21 Out 1864. Arma de Engenharia, bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas e curso de Estado-Maior. Combateu a Revolução Federalista no Rio Grande e a Revolta na Armada no Rio, como Tenente. Alferes em 4 Jan 1890, Ten 17 Mar 1890, Cap 14 Dez 1900. Promovido por merecimento a Maj em 5 Ago 1908, a Ten Cel em 18 Set 1913 e Cel em 26 Jun 1918. Atingiu o generalato em 8 Fev 1922. Comandou a 4ª Brigada de Artilharia.

3 - Gen Bda Firmino Antônio Borba (1874 - ?). Nasceu no Rio. Comandou interinamente a 3ª RM de 18 a 31 Mar 1927, por 13 dias. Comandara a 2ª DC e a Zona Oeste em Alegrete de 1924 a 27, onde se destacara no combate às revoluções de 1924-25. Como Ten Cel, chefiou na França, durante a lª Grande Guerra, a subcomissão de Cavalaria da Comissão de Estudos de Operações de Guerra e Aquisição de Material do Exército Brasileiro. Cursou um mês de Cavalaria em Saint Cyr.

Acompanhou as operações de guerra do 15° Regimento de Dragões da França sendo por esta razão condecorado com a Cruz de Guerra e, mais tarde, com a Legião de Honra. Comandou o 5º RCD em Castro. Foi sub-chefe do EME e comandante da lª RM/lª DE em 1930 e, logo após, da 4ª RM/4ª DE e do lº Grupo de Regiões. Todas as promoções a oficial superior por merecimento. Foi instrutor da ECEME. Foi reformado em 1932 e Gen Ex R/1 em 1949. Serviu como Ten no 4º RC, em Dom Pedrito e Bagé. Na última, mais tarde, como assistente chefe EM/3ª Bda, além de ter servido em Uruguaiana e Alegrete.
4 - Gen Bda Gil Antônio Dias de Almeida (1874-1955). Comandou a 3ª RM de 31 Mai 1927 a 3 Out 1930, por cerca de três anos e quatro meses, sendo colhido pela Revolução de 1930, que o prendeu e o substituiu no comando. Nasceu no Engenho do Buré-SE, em 3 Mai 1874. Chegou ao RS em Abr 1893 como sargento do 26º BI de Sergipe, tendo participado do combate à Revolução Federalista. Em 1895, Alf. do 2º BI, tomou parte na ocupação da Zona Colonial do Estado. Cursou a Escola Militar de Porto Alegre, 1896-97, e a Escola Militar da Praia Vermelha em 1902-04, antes de seu fechamento e extinção, em 1905. Serviu várias vezes no Rio Grande do Sul. Como Cel, comandou um regimento da Polícia Militar do Rio. Comandou a Escola Militar de Realengo, 1924-25. Gen Bda em 1926. Em 31 Mar 1927 tomou posse no comando da 3ª RM, de onde foi removido pela Revolução de 3 Out 1930. O Gen Gil foi preso e recolhido ao navio Comandante Ripper. Foi reformado administrativamente em 3 Fev 1931, sendo transferido para a Reserva como Gen Div em 1942. Escreveu o livro **Homens e factos de uma Revolução.** Rio: Calvino Filho Editor, 1936. Faleceu no Rio, em 27 Ago 1955, aos 81 anos. O **FGV-Dicionário Biográfico Histórico.** V. l, p. 77-78 registra as lições que ele deixou no sentido de medidas preventivas de segurança. Comportou-se como um soldado nas difíceis circunstâncias que enfrentou em 3 Out 1930.
5 - Cap Newton Estillac Leal. Assumiu a 3ª RM como revolucionário de 3 a 10 Out 1930, por ste dias. Comandou interinamente mais três vezes e será estudado em seu último comando.
6 - Cel João Carlos Toledo Bordini (1877-1960). Assumiu o comando da 3ª RM como revolucionário e, a seguir, como efetivo, de 9 Out 1930 a 27 Jan 1931, por três meses e 20 dias. Comandou interinamente duas vezes e será estudado em seu último comando.

7 - Gen Div Francisco Ramos de Andrade Neves (1874-1951). Comandou efetivamente a 3ª RM de 27 Jan 1931 a 27 Ago 1932, por cerca de 18 meses. Nasceu em Rio Pardo em 31 Mai 1874. Bisneto do Barão do Triunfo e genro do Mar Setembrino de Carvalho. Comandou Dst do Forte de Copacabana em 1917. Exerceu diversas funções diplomáticas na Europa e na Sociedade das Nações. Dirigiu o Arsenal de Guerra do Rio em 1926-27. Como Gen Bda foi Diretor de Material Bélico, Chefe do EM do Presidente da República de Washington Luiz de 10 Set a 24 Out 1930 e mantido pela Revolução de 30. Comandante da 3ª RM em 1930, como Gen Div. Durante a Revolução de 1932, com o concurso de Flores da Cunha apoiou o Presidente Vargas, controlando a 3ª RM e a Brigada Militar e assim dominando a situação, impedindo uma maior atuação da Frente Única Gaúcha (FUG) a favor da causa paulista. Chefe do EME de 1932 a 34. Ministro e Presidente do STM (1934-45). Faleceu no Rio em 15 Jan 1951 aos 77 anos. Estuda-o o FGV - **Dicionário Biográfico Brasileiro,** v. 3, pp. 2.778-2.779. Não foi encontrada a sua Fé-de-Ofício no AHEx.
8 - Gen Bda José Maria Franco Ferreira (1876-1946). Comandou a 3ª RM de 27 Ago 1932 a 21 Mai 1934, por um ano, oito meses e 24 dias, tendo acompanhado o final da Revolução de 1932 na área da 3ª RM. Havia adquirido larga experiência como chefe do Estado-Maior da 3ª RM, durante as revoluções de 1923, 1924-25 e 1926, ao servir sob as ordens do Gen Eurico de Andrade Neves, neto do Barão do Triunfo. Chefe que o classificou de "brilhante soldado e chefe entre os mais distintos do Exército". Nasceu em Assunção, Paraguai, em 12 Abr 1876, filho de oficial brasileiro em serviço naquele país. Ingressou na Escola da Praia Vermelha aos 17 anos, tendo logo se apresentado para combater a revolta de 1/5 da Armada, como chefe de tubo de torpedo do cruzador Andrade, da Esquadra Legal organizada pelo Mal Floriano e ao comando do Alte. Jerônimo Gonçalves, herói esquecido de nossa História. Combateu o encouraçado Aquidabã, o qual assistiu ser torpedeado em Florianópolis e abandonado por sua guarnição. Integrou guarnição do cruzador 15 de Novembro resgatado da Argentina, após entregue a ela pelo Alte. Custódio de Mello. Prosseguiu seus estudos na Praia Vermelha e depois no Realengo, onde serviu com o Cel Hermes da Fonseca e alternou passagens entre os atuais regimentos Andrade Neves e Dragões de Brasília. Participou das manobras de Santa Cruz da lª RM (atual Mal Hermes da

Fonseca) em 1906 e 1907 ao comando do Mal Hermes. Em 1909 concluiu o curso de Estado-Maior e de Engenharia e bacharelou-se em Ciências Físicas e Matemáticas em escola específica no Realengo e complementar à Escola de Guerra de P. Alegre, que formava aspirantes de Infantaria e Cavalaria. Cursou Cavalaria como Ten no Regimento de Hussardos de Magdeburgo nº 10, em Sthendal, Alemanha, ao comando do Maj von Buttlar e subordinado à 7ª Bda Cav do Gen Barão Buddonbrock, recebendo de ambos excelentes referências. AjO do chefe do EME Mal Bento Manuel Ribeiro Carneiro Monteiro, este neto do Gen Bento Manuel Ribeiro e filho do Mal Vitorino Carneiro Monteiro. Serviu no lº RC (Dragões de Brasília atual) ao comando do Cel Tasso Fragoso. Oficial de Gabinete do Min. Calógeras em 1920. Cmt do 8º RCI, Bagé em 1921. Chefe do EM/3ª RM (1923/27). Cmt do lº RCD (atual Dragões de Brasília) em 1930 como Cel, tendo se destacado no policiamento do Rio em 24 Out 1930, quando a Junta Militar transferiu o governo a Getúlio Vargas. Gen Bda em 1931. Comandou a 2ª DC em Alegrete e logo a seguir a 3ª RM até 1934. Ainda em 1934 comandou a 5ª RM/DE (Curitiba) e a seguir a 4ª RM/DE em Juiz de Fora até 1936. Terminou a carreira em 13 Abr 1940 por haver atingido a idade limite estando no comando do 2° Grupo de Regiões (2ª, 4ª e 9ª RM), no Rio de Janeiro. Faleceu como Gen Div em 13 Abr 1940, aos 72 anos. Foi consultada sua Fé-de-Oficio no AHEx. O Gen Franco Ferreira substituiu na 3ª RM o bisneto do Gen Andrade Neves, o Gen Francisco Ramos de Andrade Neves, após haver sido chefe de EM do neto, o Gen Eurico de Andrade Neves.

Nota Bibliográfica

O período abordado neste capítulo foi coincidente com a influência política no Rio Grande do Dr. Borges de Medeiros que é estudado por: ALMEIDA, João Pio de. **Borges de Medeiros - subsídios para sua vida e obra.** P. Alegre: Globo, 1928 e FONTOURA, João Neves da. **Borges de Medeiros e o seu tempo.** P. Alegre: Globo, 1958.

Auxilia no estudo da 3ª RM a consulta do instrumento de trabalho redigido pelo Ten R/2 de Cavalaria Luiz Carlos Barbosa Lessa - Secretário de Cultura, somente editado no governo de José Augusto Amaral de Souza que governou o RS entre 1979 e 1983: ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Calendário Histórico Cultural.** Porto Alegre: IEL, 1983.

CAPÍTULO 10
A 3ª RM DE 1932 ATÉ A INSTALAÇÃO DA ZMS EM 1953

O presente capítulo aborda a 3ª RM do término da Revolução de 1932 até a transferência, em março de 1953, das responsabilidades militares e políticas que ela vinha exercendo desde 1809, no Rio Grande do Sul, em nome do Exército, à Zona Militar do Sul (ZMS), em Porto Alegre, com responsabilidades militares e políticas sobre a Região Sul (RS, SC e PR).

Este capítulo foi marcado por preocupações de Segurança Interna e Externa, resultantes do confronto externo do Comunismo Internacional com o Nazismo e Fascismo, que se projetavam na Segurança Interna do Brasil nos confrontos entre comunistas e integralistas.

Esses confrontos foram fundamentais para explicar e até justificar o golpe de Estado de 1937, que implantou o Estado Novo sob a liderança de Getúlio Vargas e que perdurou até poucos depois do término da 2ª Guerra Mundial, em 8 Mai 1945 - Dia da Vitória.

Neste período Getúlio Vargas contou com o expressivo concurso do Gen Eurico Gaspar Dutra como Ministro da Guerra, chefe que havia se destacado no combate à Revolução de 32 na Frente Mineira, do Gen Pedro Aurélio de Góes Monteiro, figura chave na vitória militar da Revolução de 30 e no combate à Revolução de 32, e de Osvaldo Aranha, o chefe militar civil no combate às revoluções de 23, 24/25 e 26 e antigo comandante de Esquadrão de Cavalaria do CMRJ, ferido em ação em 1923 e 1926 e articulador, junto com o Gen Góes Monteiro, do plano militar vitorioso da Revolução de 1930.

Este período foi assinalado por uma grande preocupação da 3ª RM com o seu preparo para a Defesa Territorial e contribuição à formação da Força Expedicionária Brasileira (FEB).

O filho de São Gabriel Gen Div João Batista Mascarenhas de Morais comandaria a Defesa Territorial do Nordeste e, em seguida, a FEB. O jaguarense Gen Osvaldo Cordeiro de Farias, ex-revolucionário da Coluna Prestes, comandaria a Artilharia da FEB. O porto-alegrense Gen Francisco de Paula Cidade, grande historiador militar, foi juiz militar na FEB e o ex-revolucionário de 24 e herói de Catanduvas, o santanense Cel

Nelson de Mello comandou o 6º RI - Caçapava/SP e representou o Brasil na rendição em Fornovo, de cerca de 20.000 alemães da 148ª DI alemã.

A organização da 3ª RM em 1934

Infantaria: 7º RI (Santa Maria), 8º RI (Cruz Alta), 9º RI (Rio Grande), 7º BC (Porto Alegre), 8º BC (São Leopoldo), 9º BC (Pelotas). Mais tarde o 8º RI (Santa Cruz), e em Rio Grande o 8º GMAC (Grupo Móvel de Artilharia de Costa).
Cavalaria: lº RCI (Santiago), 2º RCI (São Borja), 3º RCI (São Luiz), 4º RCI (Santo Angelo), 5º RCI (Uruguaiana), 6º RCI (Alegrete), 7º RCI (Santana), 8º RCI (Rosário), 9º RCI (São Gabriel), 12º RCI (Bagé), 13º RCI (Jaguarão), 14º RCI (Dom Pedrito). As 1ª, 2ª e 3ª DC em Santiago, Alegrete e Bagé, respectivamente.
Artilharia: lº GArt (Porto Alegre) e mais tarde, em 15 Abr 1950, instalou-se em Caxias do Sul, lº G/3º RA Dorso (Porto Alegre) e mais tarde iria para São Leopoldo. 5º RAM (Santa Maria), 6º RAM (Cruz Alta), lº GAC (Santiago), 2º GAC (Alegrete) e 3º GAC (Bagé). Estava previsto organizar nas lª, 2ª e 3ª DC os 4º, 5º e 6º GAC.
Engenharia: o lº BFv (desde 15 Fev 1933 em Jaguari), 2º Btl Pontoneiros (Cachoeira), com Cias de Pontoneiros dos 3º e 5º BE (Curitiba).
Comunicações: 3ª Cia Ind de Transmissões (Porto Alegre), com origem na Cia Transmissões do 3º BE.

A Intentona Comunista de 1935

Em 23 Nov 1935 eclodiu a Intentona Comunista em Natal, Recife e no Rio de Janeiro. Em Natal levantou-se o 21° BC e foi dominado à aproximação de forças enviadas de fora.

No dia 24 Nov levantou-se parte do 29º BC em Socorro, Jaboatão-PE. Resistiu bravamente o Cap Frederico Mindelo. Foi uma revolta sangrenta, onde se destacaram os Cap do Exército Malvino Reis e Afonso de Albuquerque Lima na Polícia de Pernambuco.

Em 27 Nov o Cap Agildo Barata levantou parte do 3º RI na Praia Vermelha e foi dominado em reação militar sob o comando pessoal do Gen Eurico Dutra, comandante da 1ª RM. No mesmo dia houve uma

revolta comunista na Escola de Aviação, que foi reprimida pelo Ten Cel Eduardo Gomes, ex-revolucionário dos 18 do Forte em 1922.

Haviam por todo o Brasil elementos comprometidos com a revolta comunista que fascinou alguns militares do Exército. Em nossa infância, em Canguçu, os dois únicos comunistas confessos haviam aderido ao comunismo, doutrinados por seu comandante de companhia no 9º RI em Pelotas. Esta situação provocou grande reação no seio do Exército, que sabia estar infiltrado por comunistas, e, como consequência, passaram a ser tomadas medidas rigorosas de controle ao comunismo que levaram inclusive à decretação do Estado de Guerra.

A Revolução de 30, em que chefes e quartéis do Exército foram isolados e rendidos por forças auxiliares e/ou irregulares, conforme assinalamos, e mais a Revolução de 24/25 e a de 26, com levantes de quartéis do Exército e a Intentona Comunista de 1935, marcaram profundamente a Instituição, que passou a tomar as medidas adequadas para que fatos como os assinalados não se repetissem na forma de surpresas e, em especial, por atos subversivos.

Antes do Estado Novo veio à baila o Plano Cohen, documento surgido no EME que traduziria um Plano de Ação Comunista e que, denunciado, mereceu da imprensa grande destaque e, assim, profunda repercussão na Opinião Pública. Segundo os autores de Marechal **Eurico G. Dutra - Dever da Verdade** (Rio: Nova Fronteira, 1983) obra que trata da Intentona e do Plano Cohen:

> Mais tarde soube-se tratar de um documento apócrifo, falso mesmo e com suspeita de elaboração integralista. Até hoje procura-se dar àquela peça uma importância que não teve, mesmo porque aquela data todas as articulações político-militares já se encontravam adiantadas. Talvez tenha servido em parte para o Governo solicitar ao Congresso a autorização para decretar o Estado de Guerra, medida que com o Plano Cohen ou sem ele teria sido obtida.

Para aprofundar-se na Intentona Comunista, indicamos, entre outras, as seguintes obras:

ARAGÃO, José Campos, Gen. **A Intentona Comunista de 1935.** Rio: BIBLIEx, 1973.

MURICY, Antônio Carlos da Silva, Gen. **A Guerra Revolucionária no Brasil e o episódio de Nov 1935.** Natal: IHGRGN, 1966.

EME. História do Exército Brasileiro. Brasília: EME, 1972, 3v.

Consta que o movimento estourou antes do tempo por uma manobra de Inteligência dos serviços específicos do Brasil, EUA e Alemanha, o que serviu para desarticular o movimento o qual não teve expressão nenhuma na área da 3ª RM.

A Intervenção Federal no RS em 1937

Avizinhavam-se as eleições de 1938. Constava que o Gen Flores da Cunha seria candidato e se oporia ao desejo de Getúlio Vargas de permanecer no poder. Decidida a implantação do Estado Novo, o Gen Hon Flores da Cunha "seria o maior obstáculo militar com apoio em provisórios e na Brigada Militar". Daí as repercussões graves para a 3ª Região Militar e uma possibilidade de repetição de fatos, como os de 1930, humilhantes para chefes do Exército na 3ª Região Militar. E teve lugar um longo e demorado processo à semelhança de um jogo de xadrez, para afastar de modo incruento e numa manobra de Inteligência o Gen Flores da Cunha do Governo do Rio Grande do Sul e, a seguir, implantar um Estado Novo numa conjuntura de Estado de Guerra vigorante.

Este assunto é tratado em detalhes na obra abaixo, já citada, com apoio no arquivo do Mal Eurico Gaspar Dutra, então Ministro da Guerra, e organizado por seus familiares: LEITE, Mauro Renault et NOVELLI JÚNIOR. **Marechal Eurico Gaspar Dutra - O Dever da Verdade.** Rio: Nova Fronteira, 1983.

O livro focaliza em 162 páginas, das p. 115 à 257, as preocupações com o RS e com a 3ª Região Militar, através de uma possível reação armada do Gen Flores da Cunha com apoio em parcelas do Exército, corpos provisórios e da Brigada Militar, do que se aproveitariam os comunistas.

Essas preocupações foram transmitidas ao Ministro Gaspar Dutra pelo Gen Emílio Lúcio Esteves, comandante da 3ª RM, em dois rádios, de 10 Dez 1936, dia seguinte à posse do Ministro Dutra no Ministério da Guerra (op. cit. p. 117).

No primeiro despacho ministerial com o presidente, o Gen Dutra conheceu o plano do presidente Getúlio Vargas de intervir no RS, com

apoio em planos elaborados pelo Gen Góes Monteiro e aprovados pelo presidente.

O Ministro Dutra desaprovou-os e o plano citado foi abandonado. Vigorava no Brasil desde 16 Set 1936 o Estado de Guerra. Assim, ele foi prorrogado por mais 90 dias pelo Dec. 1.259, de 16 Dez 1936. No mesmo dia o Ministro da Guerra baixou a Instrução Pessoal e Secreta nº l ao Gen Góes Monteiro, inspetor do 2º Grupo de Regiões Militares, com jurisdição sobre as 2ª - São Paulo, 3ª - Rio Grande do Sul, 5ª - Paraná e Santa Catarina e 9ª - Mato Grosso.

Esta Instrução Pessoal e Secreta iria provocar a deposição do Gen Hon Flores da Cunha em 17 Out 1937, conforme relata o Gen Odylio Denys, na época Ten Cel saído da 2ª Secção (E2) da 3ª RM ao comando do Gen Daltro Filho e que assumira o comando do 7º BC na Praça do Portão. Chefe que executou o lance final incruento relacionado com a deposição do Gen Hon Flores da Cunha do Governo do RS, em condições cavalheirescas e dignas, conforme a obra a seguir: DENYS, Odylio, Mal. **O Ciclo Revolucionário Brasileiro.** Rio: Nova Fronteira, 1980, p. 49-53.

À certa altura escreveu o Mal Denys, que seria o primeiro a comandar a Zona Militar Sul (ZMS) 16 anos mais tarde, à qual a 3ª RM transferiu em 1953 as responsabilidades militares e políticas do Exército do RS:

> Em 15 Ago 1937 fui desligado da 5ª RM, seguindo para Porto Alegre onde passei a chefiar a 2ª Sec/3ª RM. Neste cargo tive de desenvolver um trabalho importante, relativo a mudar o Governo do Estado visado pelo Presidente da Republica. Aliás o Gen Daltro Filho, desde que foi comandar o Agpt A, em Imbituba-SC depois de comandar a 5ª RM, seguindo depois para a 3ª RM, estava com a missão de preparar a deposição de Flores da Cunha do Governo do Rio Grande do Sul. O Presidente Vargas pensava em instituir o Estado Novo e o Gen honorário Flores da Cunha era um estorvo por não querer aceitá-lo... Com a ida do Gen Daltro Filho para o comando da 3ª RM acentuou-se este trabalho e eu tive a missão clara, como chefe da 2ª Secção de trabalhar neste sentido.

E ele descreve as operações incruentas até o embarque do Gen Hon Flores da Cunha no aeroporto, rumo a Santana.

Eis o teor da citada Instrução Pessoal e Secreta nº 1:

Ministério da Guerra, 16 de dezembro de 1936 - Instrução Pessoal e Secreta n°l - Ao Sr. General Inspetor do 2° Grupo de Regiões Militares

I - Por informações fidedignas recebidas do Rio Grande do Sul, tem o Governo conhecimento de que os preparativos militares clandestinos que se vem realizando, há vários meses, naquele Estado, ainda não cessaram. Além das unidades da Brigada Militar do Estado, um grande número de corpos denominados Provisórios, de formação irregular, tem sido criado em diversas localidades, em geral em torno das nossas guarnições, com especialidade ao longo da via férrea São Paulo-Rio Grande e na Região do Nordeste. Nessas condições, as unidades da 3ª Região Militar, disseminadas por todo Estado, podem, de um momento para outro, vir a ser isoladas e envolvidas peh elementos armados que ali se organizam incessantemente. Além disso, observam-se outros preparativos, parecendo tratar-se de uma articulação geral, particularmente nos Estados do Sul, com pontos de rebelião em várias outras Regiões do País. Diante de tal situação, o Governo, escudado no item 7° do art. 56 da Constituição Federal e em vista de encontrar-se o Pais em Estado de Guerra, resolveu não mais retardar a execução de um certo número de medidas de caráter militar, de modo a poder aparar o golpe que ostensivamente se prepara.

II - Entre outras medidas, em via de execução, resolve dar ao General Inspetor do 2º Grupo de Regiões Militares, além das atribuições normais e regulamentares, os encargos especiais seguintes, em caráter reservado:

a) Inspecionar, a partir da 2ª quinzena do corrente mês, as tropas do Exército das 2ª, 3ª e 6ª Regiões Militares e, eventualmente, as formações de reservas existentes nos territórios dessas Regiões, tendo em vista a coordenação e seu emprego, no sentido de se oporem, eficazmente, ao movimento armado que se articula no Sul do País.

b) para esse fim, como delegado de confiança do Governo, o General Inspetor terá a atribuição, no decorrer dessa inspeção, de regular, com os Comandantes de Regiões e demais autoridades militares e civis, todas as questões de que dependam a preparação dos meios e a previsão das medidas concernentes à tomada dos dispositivos mais compatíveis com a situação, dando de tudo conhecimento imediato ao Governo.

c) o General Inspetor proporá os atos necessários expedidos e publicados pelo Governo, exceto aqueles de caráter secreto, que só serão sabidos pelo Governo (Ministério da Guerra) e pelas autoridades que devam conhecê-los.

III - No caso de deflagração de um movimento armado no Sul do País, o General Inspetor será imediatamente investido do Comando de todas as forças da 3ª e da 5ª Regiões Militares, cujos territórios passarão a constituir a zona de guerra. Como um primeiro escalão de reforço dessas tropas, serão desde logo transportadas para

o Sul as unidades constantes do quadro anexo, pertencentes às 1ª, 2ª e 4ª Regiões Militares, enquanto são preparados outros destas e das demais Regiões.
IV - Providências diversas estão sendo tomadas para o aparelhamento e o acréscimo de efetivos em oficiais e praças, não só de algumas das unidades das 3- e 5-Regiões Militares, como das que estão previstas no referido quadro anexo para o reforço imediato daquelas.
V - Devem ser previstas, de uma maneira progressiva, as medidas de execução dessas providencias, tendo em vista:
1°) A deflagração súbita do movimento e, em consequência, a atitude de assumir pelas guarnições ameaçadas: isto é, resistência local, deslocamentos e dispositivos preparatórios de reunião, nas diferentes Regiões do 2- Grupo.
2°) Realização progressiva de um dispositivo definitivo de espera, até o começo do ano, para uma ação ulterior, caso não se deflagre o movimento, continuando, porém, o estado de tensão e de ameaça.
VI - O Ministério da Guerra providenciara ainda mais:
1°) sobre o emprego eventual da Aviação e reforçamento do material de maior urgência, por aquisição no estrangeiro.
2°) sobre a contribuição de elementos estranhos ao Exército (Marinha, Forças Estaduais etc.).
a) Gen Eurico Gaspar Dutra - Ministro da Guerra. (A.M.D.)
Unidades pertencentes às lª, 2ª e 4ª RM que poderão ser deslocadas para o território da 5ª R.M., à disposição do Inspetor do 2º Grupo de Regiões Militares (Gen. Div. Góes Monteiro).
1ª Região Militar: (Rio de Janeiro)
Batalhão-Escola; Grupo-Escola; Regimento Andrade Neves; Uma Companhia de Transmissões; Uma Companhia de Sapadores; Elementos da lª F.I.R. (Formação de Intend. Reg.); Elementos da lª ES.R. (Formação de Saúde Regional);
2ª Região Militar: (São Paulo) 5° R.I.; 5º B. C; Um Grupo do 4º RAM.; Força Pública Estadual; 4ª Região Militar: (Minas Gerais) 12º RI.; Um Grupo do 8º RAM.; Uma Companhia de Pontoneiros; Força Pública Estadual.

O livro sobre o Mal Dutra citado às p. 137 e 147 publica Resumo Informativo sobre a Organização de Forças Irregulares no RS colhidas em diversas fontes em l, 5, 7 e 21 Jan e 5 e 17 Fev, tudo de 1937.

O Gen Góes Monteiro inspecionou a 3ª RM de 7 a 26 Fev 1937 e telegrafou ao Ministro Dutra:

> Posso adiantar minha impressão final é que os preparativos formação ambiente revolucionário não cessam em torno solução caso presidencial, como em 1930, agora agravado questão social. Penso que nossa preparação militar

em todos os aspectos deve ser rápida e incessante. Gen. Góes.

O Gen Góes Monteiro deixou valiosos subsídios para a História do Brasil espalhados por diversos locais. Destacamos:

- COUTINHO, Lourival. **O general Góes depõe...** Rio: Ed. Coelho Branco, 1955.
- MONTEIRO, P.A. Góes, Gen. Arquivo Pessoal no Arquivo Histórico do Exército (processado pelo Cel R/1 Delcio Gorgot Doubrawa).

O CPDoc/FGV possui alentada documentação sobre ele. Evocamos sua vida e obra no seu Centenário no Arquivo Histórico do Exército e nos seguintes artigos publicados na obra:

CADERNOS DA COMISSÃO DO EXÉRCITO COMEMORATIVA DOS CENTENÁRIOS DA PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA E DA BANDEIRA NACIONAL. Rio: BIBLIEx - SENAI. 1991: Artigos:

BENTO, Cláudio Moreira, Cel. **Centenário do Gen Góes Monteiro.** p. 337-341.

CARVALHO, Luis Paulo Macedo de, Cel. **Repensando o general Góes.** p. 311-350.

Ainda em Jan 1937, o Ministro Dutra expediu as seguintes diretivas à 3ª RM, revelando o temor de se repetir o ocorrido em 1930, em que chefes e unidades do Exército no RS foram surpreendidos, isolados e rendidos por provisórios, Guarda Civil e Brigada Militar, com o apoio em revolucionários do Exército e fatos como os da Intentona Comunista em Natal, Recife e Rio (Praia Vermelha e Vila Militar).

Diretivas à 3ª Região Militar para o caso de perturbação da ordem

Do Ministro da Guerra ao Comandante da 3ª RM:

I - Informações fidedignas asseguram que se projeta perturbar a ordem no território dessa Região e que esse movimento subversivo visa o GOVERNO FEDERAL. Para esse fim, ao mesmo tempo que é trabalhada a opinião pública contra o GOVERNO FEDERAL, são fortalecidos e aumentados os elementos da Força Pública daí e tomadas medidas para concentrá-la em pontos vitais para a movimentação das tropas federais ou para a sua marcha para o NORTE. Tudo nos diz, pelo menos assim parece, que se projeta reeditar o plano de isolar as nossas guarnições militares de modo apoderem ser atacadas cada uma de per si e assim se dominar, por parte, toda força federal que guarnece essa Região. Conseguido esse objetivo inicial e decisivo para as operações posteriores do Estado, será fácil

aumentar o número de suas novas unidades policiais ou "provisórias" e lhes dar maior eficiência bélica, pois disporão os sediciosos dos armamentos e munições pertencentes ao Exército. Só então, e após conseguido esse primeiro objetivo, poderá ser tentado seu avanço para o NORTE, suposto esse movimento apoiado pelas aposições dos demais Estados da Federação.
II - Ao mesmo tempo, os **COMUNISTAS,** continuam por toda parte à espera de qualquer agitação para tentarem novo movimento extremista. Para conseguir seus fins não vacilarão em simular apoio sincero ao movimento acima e, deste modo, poderão aguardar com paciência o movimento oportuno para agirem brusca e violentamente contra a **ORGANIZAÇÃO SOCIAL** da **NAÇÃO.** Iniciada, pois, a perturbação da ordem nesse Estado, as forças de Vosso Comando terão de lutar contra dois inimigos diferentes aparentemente fundidos em um só.
III - É indispensável, pois, que esse Cmdo. esteja em condições de tomar disposições rápidas que furtem as tropas da grave ameaça que pesa sobre elas e que as permitam cooperar com as das demais Regiões na defesa do PAÍS. Como medida preliminar, deve ser prevista a concentração das forças regionais em **CINCO GRUPAMENTOS,** como se vê do anexo:
CACHOEIRA; SANTA MARIA; S.GABRIEL; SAICÃ; PASSO FUNDO; CRUZ ALTA e Q.G. EM SANTA MARIA (da 3ª RM).

Os Batalhões Rodoviários que constroem as estradas de LAJES a PASSO DO SOCORRO e PASSO DO SOCORRO-VACARIA se reunirão em LAJES à disposição do comando da 5ª Região Militar. Em cada um destes pontos será criado um DESTACAMENTO com a missão inicial de manter a ordem na região ocupada e desarmar toda a força estadual que aí apareça.
IV - É intenção do Governo fazer marchar imediatamente, após a declaração da perturbação da ordem aí, fortes elementos de outras Regiões Militares em auxílio da 3ª a fim de, desde o início, localizar neste Estado a desordem. Para melhor êxito das operações previstas será indispensável que as forças sob vosso Cmdo. durem pelo maior tempo possível, não se empenhando a fundo em combate sem todas as probabilidades de sucesso e que mantenham a posse da linha férrea SANTA MARIA-PASSO FUNDO.
V - A posse das regiões SANTA MARIA e CRUZ ALTA-PASSO FUNDO será mantida a todo custo. Os DESTACAMENTOS de CACHOEIRA, SAICÃ e S.GABRIEL se retirarão sobre SANTA MARIA, à medida que lhes forem sendo insustentáveis as posições respectivas. Depois de se realizar o retraimento de alguns desses DESTACAMENTOS, poderá o Cmdo. Regional destacar elementos de suas forças para pontos entre SANTA MARIA e CRUZ ALTA ou reforçar o DESTACAMENTO CRUZ ALTA-PASSO FUNDO.
VI - Para a concentração recomendo que se agrupem as unidades próximas, de modo a não marcharem isoladamente, máxime quando se tratar de longos

deslocamentos por estradas de rodagem. Será, por isso, preferível retardar a saída do 3º R.C.I. de S. BORJA para que com ele possa marchar a lª Cia. A. Cav. de ITAQUI, essas duas unidades se reunirão à de S. LUIZ e assim poderão formar um forte Agrupamento que se deslocará para SANTO ANGELO, onde esperarão as duas unidade aí estacionadas. O Cmdo. da Região melhor conhecedor das necessidades e possibilidades de suas forças estudará com detalhe essa questão, não perdendo o objetivo visado - EVITAR A DESTRUIÇÃO DAS NOSSAS UNIDADES, POR PARTES.

VII - Para a concentração serão usados os meios de transporte mais rápidos e se farão todas as combinações que não prejudiquem a segurança das tropas. E assim que poderão ser deslocados a cavalo os homens para os quais houver animais disponíveis. Os outros e o material irão em caminhões, automóveis, autos de turismo, via férrea, etc. O próprio Grupo de ITAQUI poderá ser transportado em caminhões e automóveis; para isso será feito largo uso das requisições.

VIII - Não há maior interesse em levar-se para a região de CRUZ ALTA -PASSO FUNDO a totalidade dos solípedes necessários aos efetivos da 1ª D. C., que lá se concentrará. O essencial será levar essa grande unidade até CRUZ ALTA o mais rapidamente possível. Lá ela poderá encontrar os animais necessários, reunidos pelo Cmte. daquela Guarnição, por meio de requisição local.

IX - As medidas preparatórias e de previsão para a concentração deverão ser tomadas desde já, discretamente, por esse Cmdo. A execução dos movimentos da tropa, porém, será iniciada mediante ordem especial do MINISTRO DA GUERRA, salvo caso imprevisto de ser esse Cmdo. surpreendido pelos acontecimentos. Neste caso, isto é, desde que seja iminente a abertura das hostilidades contra as nossas tropas, o Cmdo. da Região fica desde já autorizado a executar integralmente todas as medidas previstas nestas DIRETIVAS e as delas decorrentes.

X - Fica o Cmdo. da 3ª Região Militar autorizado a dar inteira execução à organização prevista para as tropas desta Região nos QUADROS DE EFETIVOS DE PAZ para 1936. Entendendo que o essencial será dar nascimento às novas unidades constantes dos referidos QUADROS e facilitar a concentração do anexo a estas Diretivas, o Cmdo. da Região poderá dar SEDES PROVISÓRIAS às unidades a serem criadas e mesmo desmembrar o BATALHÃO MONTADO DE TRANSMISSÕES, de modo a, desde já, colocar junto das D.C. as respectivas Cias. MONTADAS DE TRANSMISSÕES.

XI - O Cmdo. da Região fará a este MINISTÉRIO as sugestões que lhe parecem convenientes para que seja atingido o objetivo a que se refere o item IV.

XII - Este documento ficara sob a guarda pessoal do General Cmt. da 3- Região Militar, única autoridade regional que poderá tomar conhecimento INTEGRAL do seu texto. Para efeito do preparo de sua execução poderá ser dado conhecimento

das PARTES QUE INTERESSAREM a cada caso a número muito limitado de oficiais.
XIII - O desencadeamento dos movimentos previstos no item IX destas DIRETIVAS se fará mediante a seguinte ordem telegráfica do MINISTRO DA GUERRA: AUTORIZO-VOS TRANSFERIR IMEDIATAMENTE QG. REGIÃO PARA SANTA MARIA.
XIV - É necessário desde já providenciar discretamente para que todos os Corpos da Região fiquem abastecidos de munição para combater durante três dias - e pensar, desde já, como transferir para SANTA MARIA, onde deve ser organizado um depósito, o restante das munições e tudo mais como armamento, equipamento e fardamento, que seja possível transferir.
XV - Todas as providências da 2ª parte do item anterior devem ser tomadas tão cedo quanto possível, mas sob a maior reserva.
(Arquivo Ministro Dutra)

O Gen Emílio Lúcio Esteves, no exercício de sua atribuição de executor do Estado de Guerra, objetivando a extinção das tropas irregulares dentro da Brigada Militar, expediu instruções nesse sentido, a 7 de Maio, e delas deu ciência ao Governador, através de ofício a seguir.

3ª RM - QG. em PORTO ALEGRE - Estado-Maior - 7 de maio de 1937.
NOTA
I - É pública e notória a existência no Estado de Forças irregulares criadas sem as exigências legais que se ocultam sob a forma de 'turma de trabalhadores de estradas’. É também sabido que ao lado destas turmas e em outros lugares existe abundante material de guerra constante de armas e munições.
II - O Comando da 3ª Região Militar, como executor da Lei do Estado de Guerra, está obrigado a providenciar com urgência sobre a dissolução daquelas forças irregulares de existência ilegal e arrecadar o material bélico que estiver em poder delas e o disseminado pelo Estado.
III - O armamento e as munições que não estiverem nos Depósitos de Material Bélico do Estado ou em poder das Unidades da Brigada Militar serão apreendidos pela Força Federal e ficarão sob a guarda da mesma até que, mediante prova de pertencerem ao Estado e ordem das autoridades superiores, sejam entregues ao mesmo Estado.
IV - O Comandante da 3ª R.M. está empenhado em ver terminada esta situação irregular no Estado dentro do mais breve prazo e para isto conta com o alto patriotismo das autoridades estaduais, pois agirá com a máxima elevação moral e com a sincera preocupação de preservar a tranquilidade publica. Confere ALCIDES DE MENDONÇA LIMA FILHO - Cel Ch. E.M.R./3

O Governador Flores da Cunha, tão logo tomou conhecimento da Nota, respondeu ao Comandante da Região nos seguintes termos:

Estado do Rio Grande do Sul - Palácio do Governo - Porto Alegre, 7 de maio de 1937. - Nº 238. - Sr. General. Tomando conhedmento da nota que acompanhou o seu ofício nº 84, desta data, cumpre-me declarar a V.Exª.: 1°) que as turmas de trabalhadores de estrada que o Estado mantém continuam entregues aos seus misteres, subordinadas a Secretaria de Obras Públicas; 2°) que o armamento que o Governo do Estado, por medida de precaução - tal como por diversas vezes o fizera, em anos anteriores, para defesa do Governo da República e das instituições - havia depositado em alguns pontos, próximos das referidas turmas, está sendo recolhido ao depósito de material bélico da Brigada Militar e as diversas unidades da mesma corporação, conforme prévios entendimentos entre Governo e o Estado-Maior da 3ª Região Militar. Apresento a V. Exª as expressões de meu elevado apreço. (A) JOSÉ ANTÔNIO FLORES DA CUNHA. Ao Exº. Sr. General Emílio Lúcio Esteves, Comandante da 3ª Região Militar. N/C.

Dando conta de sua atuação como executor do Estado de Guerra, o Comandante da 3ª Região Militar apresentou ao Ministro da Guerra minucioso relatório, que reproduzimos no essencial:
3ª Região Militar - QG. em PORTO ALEGRE - 11 de maio de 1937
ESTADO MAIOR - RELATÓRIO
I - Em consequência de ter passado para este Comando a execução do Estado de Guerra, foram tomadas imediatamente as seguintes medidas:
a) dissolução dos chamados corpos provisórios;
b) censura à Imprensa, Correios e Telégrafos, estações de rádio.

Além disso, por solicitação do Presidente da Assembleia do Estado, que alegava falta de segurança para o funcionamento normal do Legislativo estadual, foi dada a ele a garantia de um oficial superior do E.M.R. no edifício da Assembléia por ocasião das sessões. Este oficial era secundado por outro de tropa e pelo Delegado de Ordem Social e Política, posto à disposição do referido representante deste Comando.
II - A dissolução processava-se da seguinte maneira: mediante assistência dos representantes deste Comando e da Brigada Militar era arrecadado o seu armamento e dispersado o seu pessoal, que devia ser recolhido aos seus postos de origem. Como exigência de execução irriediata imposta por este Comando deveria ser dissolvido o criado nesta Capital e o de PHILIPSON, nas proximidades de SANTA MARIA, pois esses dois pontos eram julgados pelo Comando da Região

de importância capital. No mesmo dia em que esta resolução foi levada ao conhecimento do Governo do Estado, foi ela eocecutada. Cumpre declarar a V. Exª. que este comando julgara suficiente que o armamento dos provisórios dissolvidos fosse recolhido aos depósitos de material bélico ou às unidades da Brigada Militar, pois interpretara a situação como devendo ser entregue ao Estado o armamento que lhe pertencia. Além disso, havia uma outra consideração de grande importância para este Comando. A Brigada Militar é uma corporação tradicionalmente ordeira e que sempre tem estado com a Lei. Contamos entre seus oficiais com muitos amigos sinceros e leais. E de se esperar que no caso de conflito uma boa parte de suas unidades ou de seus oficiais permaneça ao lado o Governo Federal, que é quem estaria com a Lei. Daí procurar evitar que o ato deste Comando fosse explorado pêlos políticos como atentório aos brios daquela Brigada e, assim, por espírito de classe, ficasse unida contra o Exército.

III - Posteriormente a essa decisão e ao início da execução que deveria abranger todas as organizações militares irregulares no menor prazo possível, chegou o rádio de V. Exª. com a ordem do Sr. Presidente da República de ser o armamento arrecadado recolhido às unidades ou depósitos do Exército. Criava-se, assim, uma nova situação que exigia medidas de grande prudência, pois iniciada a execução dessa ordem o Comando da Região teria que agir com muita firmeza e energia indo diretamente ao objetivo sem vacilações. O Governo do Estado foi desde logo notificado pela NOTA e OFÍCIO que vão anexos, por cópia, de que o Comando da Região ia dar ordens para a dissolução dos provisórios e recolher aos depósitos das unidades do Exercito o armamento com eles encontrados. Imediatamente foram tomadas medidas de ordem militar de modo a evitar surpresas com o desenrolar dos acontecimentos. O Governo do Estado respondeu o ofício deste Comando pela maneira como sê na cópia anexa de seu oficio. Chama logo a atenção nesta resposta o fato das Turmas de Trabalhadores aparecerem como dependentes da Secretaria das Obras Públicas e não do Comando da Brigada Militar. Em todo caso, a resposta não deixa prever resistência do Governo Estadual às ordens deste Comando. Aliás, o Governador declarou ao meu Chefe do E.M.R. que as decisões deste Comando serão acatadas.

IV - Depois de meticuloso estudo da situação foram redigidas as ordens que remeto anexas. Estas ordens serão distribuídas amanhã, dia 12, levadas em avião por oficiais do E.M.R. Está prevista a partida destes oficiais pôr Estrada de Ferro, no caso do tempo continuar ruim, não permitindo a vinda de SANTA MARIA do avião já pedido para este fim ao 3° RAv (Canoas). Este Comando espera que ainda no correr desta semana os Cmtes da Zona possam dar início, todos ao mesmo tempo, de medida de tão alta importância para a tranquilidade pública. Somente depois é que se poderá saber com segurança quais as reações a vencer e como foram aceitas as ordens deste Comando, se não pelas altas autoridades do Estado

ao menos pelas subordinadas e, em consequência, como terá que agir este Comando para colocar, de fato, o Estado dentro da Lei.

V - A Mesa da Assembleia não julgou bastante a segurança dada pelo Comandante da Região e pediu providências mais enérgicas. Devo confessar a V. Exª. que me pareceram exagerados os receios manifestados pela mesa da Assembleia, pois nenhum só dos 6 oficiais do E.M.R. (3 oficiais para o serviço interior do edifício e 3 para o serviço externo, em ronda pelas imediações) constatou a presença de grupos que ameaçassem a Assembléia durante os seus trabalhos. Em todo caso, para evitar explorações políticas e que este Comando pudesse parecer imparcial, determinou que o Coronel Chefe do E.M.R. se entendesse diretamente com o Presidente da Assembleia e com ele combinasse o suplemento de garantias a ser fornecido. Assim se deu. O Coronel Mendonça Lima entendeu-se com o Presidente da Assembleia, que se fazia acompanhar de outros dois membros da Mesa, e no dia seguinte foi à Assembleia examinar a situação do edifício e o melhor meio de pôr os deputados a salvo de qualquer agressão. O Coronel se fazia acompanhar de um oficial da 3ª Secção do E.M.R. e do Capitão Comandante da Cia de Guardas que seria a unidade encarregada das medidas de segurança.

VI - Há dias em que se espalham aqui notícias as mais alarmantes e que são facilmente verificadas como falsas. Algumas vem deMontevidéu e Buenos Aires, outras do Rio. E assim que corria a notícia de um forte atrito entre os Ministros da Guerra e da Justiça, da vinda do General Daltro Filho para substituir-me no Comando da Região, do início imediato da ruptura de hostilidades por parte do Governo do Estado, da entrada de grande quantidade de armamento pelas fronteiras, da chegada aqui de dois destróieres que primeiramente eram dados no Rio Grande e depois já nesta Capital. Espalhou-se a notícia da minha prisão e da de meu Chefe de EM. pelas autoridades do Estado etc. Parece que tais notícias são lançadas por quem possa ter interesse em estabelecer confusão e por isso atribuo aos comunistas a origem das mesmas. Em consequência, pedi ao Governo do Estado que a Delegacia da Ordem Social prestasse auxílio a este Comando na repressão às atividades dos extremistas, pois que não dispõe de pessoal nem de órgãos especializados para enfrentar vantajosamente tais atividades. Como medida preventiva vai ser anunciada a repressão ao boato, que tanto alarma a população. O Governo do Estado atendeu prontamente a solicitação feita.

VII - Para melhor poder assegurar a execução da Lei do Estado de Guerra foi mandado para Marcelino Ramos um Pelotão do 8° R.I. (do Btl. de Passo Fundo). Em virtude de informação do Comandante do 3° R.C.I. de que em S. Nicolau se procedia o recrutamento ilegal foi enviado para lá um pelotão daquele Regimento. Não houve confirmação da notícia.

VIII - Convêm que V.Exª. saiba que aos chamados corpos provisórios é dado indeterminado efetivo. Os seus comandantes organizaram as folhas de pagamento

de acordo com o efetivo fixado e não com o existente. Nas folhas são introduzidos nomes falsos para efeito de pagamento pelo Tesouro do Estado. Os Comandantes de corpos (turmas de trabalhadores) se locupletam com o excedente. Daí a 'indústria dos provisórios' sempre ter sido uma das mais rendosas, e não ser o real efetivo propalado como sendo o existente de fato. Todos esses fatos serão constatados mediante as medidas de fiscalização subordinadas diretamente ao Comando da Região e poder ao mesmo constar de deslocamento de tropas que verificarão in locu se de fato as ordens expedidas estão tendo fiel execução.
a) GENERAL EMÍLIO LÚCIO ESTEVES - Cmte. da 3ª R.M.
(Arquivo Marechal Dutra)

Em Julho de 1937, o Ministro da Guerra, Gen Eurico Dutra, visitou o Rio Grande do Sul. De retorno, expediu o seguinte documento ao Gen Lúcio Esteves, comandante da 3ª RM:

Em 19 de julho de 1937 - INSTRUÇÃO PESSOAL E SECRETA Nº 2
Ao Gen. Cmte. da 3ª Região Militar e 3ª D.I.
I - Na inspeção que acabo de realizar aoQ.G. e unidades da 3ªR.M. me foi dado confirmar a impressão, que as informações de diversas fontes já me haviam dado, de que a situação político-militar do Estado do Rio Grande do Sul evoluiu no bom sentido, pois os preparativos para uma possível perturbação da ordem cessaram, pelo menos no momento.
II - Cumpre, todavia, que nos mantenham em guarda e a cavaleiro de qualquer surpresa, contra uma possível retomada das atividades político-militares por parte das autoridades estaduais, por ser evidente:
1º) Que a atual situação política, de calma aparente, é suscetível de mutações bruscas por parte da política partidária estadual, com repercussões mais ou menos sérias nas suas relações e atitudes em face do Governo Federal;
2°) Que embora oficial e aparentemente dissolvidas as forças irregulares,fácil será a sua nova reunião em curto prazo, uma vez que pequenos núcleos dessas forças se mantém disfarçados em trabalhadores, discretamente mantidos em pontos de vital importância;
3°) Que a restituição do material bélico pertencente ao Exército foi efetuada apenas em parte, sob a alegação de que grande parte deste material havia sido extraviada em diferente épocas;
4°) Que dada a situação geográfica do Estado, fácil será a importação clandestina de grandes quantidades de material bélico;
5°) Que, finalmente, há indícios de existirem ainda muitos depósitos ocultos de material bélico, espalhados pelo Estado.

III - Conseqüentemente, determino:
1°) Que o Sr. Gen. Cmte. da 3ª R.M. transmita a este Ministério, com a possível urgência, as informações de diferentes fontes que possa colher sobre:
a) alterações nas disponibilidades em material bélico das forças estaduais;
b) reuniões de forças estaduais efetivas ou irregulares;
c) criação ou extinção de unidades na Bda. Militar;
d) mudança de parada das unidades da Bda. Militar.

Estas informações devem ser acompanhadas do parecer do Cmte. da Região sobre o crédito que devem merecer, para que possam ser controladas com as informações de outras fontes recebidas por este Ministério;
2°) Que sejam dissolvidas, doravante, pelas tropas da Região quaisquer forças irregulares que venham a reunir-se. Esta dissolução deve ser efetuada mediante prévia intimação e, caso não atendida esta, com o emprego da força.
3°) Que se prossiga, por todos os meios, a recuperação do armamento pertencente ao Exército e que se acha espalhado pelo Estado. Com este objetivo, devem ser varejados todos os pontos em que seja constatada a existência de material bélico, salvo no que diz respeito às unidades da Brigada Militar, que devem ser respeitadas.
4°) Que sempre que o Governo do Estado operar deslocamentos de unidades de sua Força Pública para localidades que constituam guarnições da tropa federal ou par a as proximidades destas, o Cmte. da Região realize, também, deslocamentos de unidades do Exército, de maneira a impedir que, em caso algum, as tropas federais fiquem em inferioridade numérica.
5°) Que sejam pelo Cmte. da Região atendidos os pedidos de garantias solicitadas pelas autoridades federais, no exercício das suas funções; em particular para a repressão do contrabando.
IV - O Governo dá muito bem recomendado o fiel cumprimento, por parte do General Cmte. da 3ª R.M., das presentes instruções.
a) Eurico G. Dutra - Gen. Ministro da Guerra.

Nesse mesmo dia 19, o Presidente Getúlio Vargas recebeu o Ministro, que lhe deu conta do que havia observado no Sul, dizendo-lhe que, de um modo geral, encontrara a tropa em boas condições, e que, segundo pôde notar, ela cumpriria as ordens do Governo Federal.

E as questões com o Governo do Estado prosseguem relativamente ao armamento que lhe foi cedido pelo Exército. Sobre o assunto, o Gen Hon Flores da Cunha, governador do Rio Grande do Sul, expediu o seguinte telegrama:

“Estado do Rio Grande do Sul: "TN 85 Porto Alegre 128 - 28 - 1831 - CHR General Eurico Gaspar Dutra - Ministério da Guerra - Rio. Fim desfazer explorações de certa imprensa dessa Capital tenho honra comunicar V. Exª. que foi devolvido à 3ª Região Militar todo o material bélico pertencente ao Exército e recebido pela Brigada Militar do Estado durante o meu Governo. **Governo Federal reclamou material bélico cedido ao Estado desde 1924 até 1932 num total de dezesseis mil carabinas e trezentas armas automáticas. Devolução feita pelo Estado atinge a onze mil trezentas e duas carabinas e todas as armas automáticas recebidas em 1932, correspondente à documentação apresentada pela 3ª Região Militar. Governo do Estado está pronto a restituir ou indenizar todo e qualquer material bélico pertencente à União, mediante documentação que venha a ser apresentada por este Ministério.** Cordiais saudações. - Flores da Cunha”.

Sobre sua visita ao Rio Grande do Sul, o Ministro Dutra registrou, entre outras coisas, o seguinte em seu Diário:

“Dia 9 - Chegada em Porto Alegre. Grandiosa recepção, tendo comparecido o General Flores da Cunha, em cujo carro me levou até o Quartel-General da Região Militar. Apresentação da oficialidade. Palestra com o General Lúcio Esteves, a quem comuniquei a intenção que tinha o Governo de dar-lhe outro Comando, possivelmente o da 4ª Região Militar. Esteves mostrou-se pesaroso com esta notícia, declarando-me tudo ter envidado no Rio Grande em beneficio da causa do Governo Federal e da ordem pública. Às 16 horas fui ao Palácio do Governo agradecer ao General Flores o seu comparecimento ao meu desembarque. Aproveitando esta oportunidade, tratou ela da situação política. Disse que eu ia encontrar o Estado em calma, todo ele preocupado com os interesses econômicos; que os rio-grandenses em geral, desejavam a paz e tranquilidade para poderem trabalhar; que ele (Flores) tudo faria para conservar esse estado de coisas, mas, se fosse necessário, saberia defender a dignidade do Estado. Declarou que tinha dissolvido todos os 'corpos provisórios', mantendo, porém, ainda cerca de 1.800 homens empregados em serviços diversos. Relativamente ao material bélico em poder do Estado, disse que havia dado ordens terminantes neste sentido, apesar de certa oposição encontrada da parte do Cel. Canabarro (Coronel do Exército, Cmte. da Brigada Militar do Rio Grande). À tarde visitei as instalações do 3° Regimento de Aviação, em Canoas”.

O Ministro referiu-se ao Governador como General Flores da Cunha, por ele ser General Honorário do Exército, honraria concedida após a Revolução de 1924/25.

“Dia 10 - Muito cedo fui ao 7° B.C. (Praça do Portão), muito mal aquartelado; a seguir estive na 2ª Cia. de Guardas, que achei em boas condições. Feitas estas visitas, compareci, também, ao Quartel do Esq. Divisionário e ao 3° Grupo de Artilharia de Dorso. Este último, dado que se desencadeie um movimento armado no Rio Grande, corre o risco de ser dominado por um corpo da Brigada Militar, cujo quartel domina inteiramente o Grupo. Visitei, ainda pela manhã, o Colégio Militar e o Hospital Militar. À tarde, fui a São Leopoldo, em visita ao 8º B.C., que achei muito bom. À noite, em trem especial cedido pelo Governador do Estado, embarquei par a Santa Maria, em companhia do Gen. Lúcio Esteves. Compareceu ao meu embarque o Governador Flores”.

No dia 14, em São Gabriel, fez uma visita muito significativa ao 9º Regimento de Cavalaria Independente, onde ele servira como Maj de 1927 a 1928. Em Santa Maria, no Cassino dos Oficiais, pronunciou pequeno discurso alusivo à situação do País e seus reflexos no Exército, sendo de destaque as seguintes palavras:

> Não nos esqueçamos que os efetivos, o material e a instrução são apenas as formas exteriores, objetivas, das forças de um Exército. A grande força propulsora é subjetiva e apóia-se no valor moral, decorrente de uma sã disciplina, de espírito de abnegação e de sacrifício, de patriotismo, enfim, daqueles que formam a estrutura da tropa. Sem essas bases primordiais, qualquer Exército seria um perigoso aglomerado de homens armados, que as paixões dividiriam em bandos, dando como resultado a destruição da força pela força. Impõe-se, portanto, para que um Exército viva com honra e isento do perigo de se deixar aniquilar, uma perfeita coesão que só pode ser obtida nos moldes da mais irrestrita obediência, essa mesma obediência que torna o Exército uma força impessoal, inteiramente submetida aos poderes na Nação. Força a serviço do Governo, não nos cabe apreciar suas decisões, mas apenas cumpri-las, com lealdade e a isenção que nos devem caracterizar. No presente momento nacional, em que se trava uma luta partidária, devemos,

> quando muito, limitarmo-nos ao simples direito do voto, no silêncio de nossas consciências de cidadãos. Escolhido pela Nação o candidato que dever á guiá-la aos seus destinos, prestar-lhe-emos incondicional apoio, como vimos prestando e prestaremos ao atual Governo constituído. Colocado, assim, acima das competições partidárias, o Exército será respeitado e, diante de qualquer ameaça à ordem pública, saberá, unido e forte, repelir, pela força, se for necessário.

O Gen Emílio Lúcio Esteves foi substituído no comando da 3ª RM pelo Gen Daltro Filho. O círculo de fogo em torno do Gen Flores da Cunha apertou-se como num jogo de xadrez. Em 17 Out 1937 ele foi forçado a renunciar, sem ser preso. Ele encerrava a sua carreira militar iniciada em 1923, que, por seu valor, o conduziu à condição de Gen Hon do Exército.

Sobre ele foi escrita a síntese:

CAGGIANI, Ivo. **Flores da Cunha - Pensamento Político.** P. Alegre: Pol. Ost, 1994. Que mereceu de nossa parte o seguinte artigo: Um santanense, o gaúcho símbolo deste século. In: **A Plateia.** Santana, 1994.

O **Dicionário Histórico e Biográfico Brasileiro** da FGV - CPDoc, v. 2 o aborda e lhe faz justiça às p. 1015 - 1025 (Verbete Vilma Keller/Daniel Camarinha).

Dois dias depois, em 19 Out 1937, o Presidente Vargas decretou a intervenção Federal no Estado por um ano, nomeando interventor o Gen Daltro Filho, comandante da 3ª RM. Este faleceu em 20 Jan 1931, em Porto Alegre, sendo substituído pelo filho de Jaguarão Gen Osvaldo Cordeiro de Farias, que alguns anos depois iria comandar a Artilharia Divisionária da FEB, sendo substituído pelo Ten Cel Ernesto Dorneles.

Recordo meu 6º aniversário, marcado pela intervenção no Estado que arrastou na queda meu pai, prefeito eleito em Canguçu, que foi obrigado a passar o governo a quem ele havia vencido nas urnas. Foi um aniversário triste para um menino de 6 anos.

Após a renúncia do Gen Hon Flores da Cunha chegaram a Porto Alegre navios procedentes da Alemanha trazendo armamento importado clandestinamente pelo Governo do Rio Grande do Sul:

- 2 baterias antiaéreas e 15.000 tiros;
- 4 carros de combate blindados c/12 metralhadoras pesadas.

O Cmt da 3ª RM apreendeu esse armamento e instaurou inquérito. Não houve registros de alterações da ordem.

Em 10 Nov 1937 foi decretado o Estado Novo, após afastada a maior ameaça à sua implantação. Este regime durou até 1945, quando houve o retorno da FEB, vitoriosa em sua luta contra o nazi-facismo em defesa da Democracia e da Liberdade Mundial.

Nesse período o Exército teve grande desenvolvimento na administração do Ministro Eurico Gaspar Dutra, dentro da estratégia preconizada pelo Gen Góes Monteiro, principal articulador da derrubada de Getúlio Vargas, seguida de seu exílio em 1945 em São Borja, onde possuía uma estância: *"Não se deve fazer política dentro do Exército e sim a política do Exército"*.

Os trabalhos na 3ª RM retomaram seu ritmo normal. Em 25 Ago 1939 nela foi realizado um Concurso Hípico para os oficiais de todas as regiões militares. Em 25 Fev 1940, teve lugar a lª Olimpíada Militar Regional.

Em 6 Abr 1939 assumiu o comando da RM o Gen Estevão Leitão de Carvalho que, em três anos, exerceu comando marcante até ser enviado para chefiar a Comissão Mista Militar Brasil/EUA, que intermediava a participação das Forças Armadas do Brasil na 2ª Guerra Mundial.

Documentos relacionados com a deposição do General Honorário José Antônio Flores da Cunha - Amostragem

"Documento l - SÃO BORJA - Em 7/10/937 - Nº 3 Reservado - Do Cmt 1ª Bda. C. Ao Snr. Cmt. 1º G.A.Cav.

I - O agente da estação de Itaqui disse ao Snr. Dr. Armando Porto Coelho, funcionário federal dessa cidade, que Neco Costa está convidando gente para auxiliar seu grupo de cerca de 300 homens, nas matas da margem esquerda do Ibicuí 2 Kms. acima ponte, afim de fazer o 1° G.A.Cav. a aderir a causa da desordem.

II - Sinhó Carus chefia gente reunida e de sobreaviso, no 2º Distrito de Alegrete, nas matas que margeiam o Rio Ibicuí.

III - Segue hoje um oficial do 2° R.C.I. para Santiago afim de levar estas informações e outras ao Snr. Cmt. da lª D.C.

IV - Parece de bom aviso tomeis todas as precauções, a fim de evitar qualquer surpresa ao vosso Grupo, que prejudicaria a ação de conjunto da nossa D.C., na

defesa da Ordem, das Instituições e do Governo da República. Ass. Cel Silvestre de Mello Cmt. da lª Bda. Cavalaria".

"**Documento 2** - SÃO BORJA - Em 7/10/937 Nº l - Reservado - Do Cel. Silvestre Ao Sr. Cap. O. Tuyuty
I - Sobre a tropa da Brigada Militar do Estado, que deve chegar hoje a esta cidade, preciso saber:
- N° de soldados
- N- de graduados (sgts. e cabos)
- Nº de oficiais
- Nº de armas automáticas
- Nº de viaturas e automóveis
- Nº de armas e munição (se possível)
II - Tão logo sejam precisadas essas informações, devem chegar ao meu conhecimento. Cel Silvestre - Cmt. da lª Bda. Cavalaria".

"**Documento 3** - SÃO BORJA - Em 7/X/937 - Nº 2 - Reservado - Do Cel. Silvestre Ao Snr. Cel. Cmt. 1ª D.C.
I - O agente da estação de Itaqui disse ao Snr. Dr. Armando Porto Coelho, funcionário federal naquela cidade, que Neco Costa está convidando gente para auxiliar seu grupo de cerca de 300 homens, nas matas da margem esquerda do Ibicut, 2 Kms. acima da ponte, afim de forçar o l- GA. Car. a aderir à causa da desordem.
II - Sinhô Carus chefia gente reunida e de sôbre-aviso, no 2° Distrito de Alegrete, nas matas que margeiam o rio Ibicuí.
III - Vou mandar amanhã, pelo Trem do horário, um oficial do meu Q.G. levar estas informações ao Cmt. do 1° GA. Cav. Peço vossas ordens a respeito.
IV - Pessoa vinda hoje de Santana do Livramento, de auto, a fim de prestar estas informações, da confiança política do Dep. Benjamim Vargas ao mesmo tempo da intimidade de Garibalde Tomazi, sub-chefe de polícia daquela cidade disse que, o Governador do Estado tem preparada já uma revolução a explodir dentro de poucos dias, conforme disseram a dita pessoa, em Livramento partidários da facção do Governador, inclusive um filho deste. O Governador que pretende a deposição do Presidente da Republica, conta com o Est. de S. Paulo, além de outros aliados que estão com ele. A revolução será porém desencadeada desde que não lhe falhem tais aliados. Os processos a serem empregados na deflagração do movimento serão os mais violentos (palavras do filho do Governador, de nome António Flores). Dito movimento, segundo dizem os interessados nele, está sendo cercado de máxima reserva. Afirma a mesma pessoa que existe escondida em Rosário grande cópia de armamento destinada à revolução. Acrescentou ainda a

dita pessoa que o corpo da Bda. Militar, comparada em Bagé retirou-se deixando seu armamento, o qual serviu para organizar um corpo Provisório.
V - Acaba de ser confirmada a existência de armamento em Sto. Izidro (Arg.) destinado a ser entregue a Marcelino Ruas. Cel Silvestre - Cmt. da lª Bda. Cavalaria".

"**Documento 4** - MINISTÉRIO DA GUERRA - QG. em P. Alegre, 12-10-937 - 3ª RM - ESTADO MAIOR - 2ª Sec. - **INSTRUÇÕES PARA A CENSURA** -

A censura será executada em todo território da 3ª Região, sob a direção deste Comando, tendo como seus delegados nas guarnições os respectivos comandantes, os quais designarão os oficiais auxiliares necessários no cumprimento desse serviço. Esse serviço abrangerá a imprensa, correios e telégrafos, Companhia Telefónica, telegrafo da Viação Férrea, estações rádios emissoras, inclusive as de amadores, agências telegráficas, etc. A censura dos jornais será feita pêlos próprios redatores e sob a responsabilidade exclusiva dos mesmos, dentro das normas abaixo fixadas:
1°) Proibição de todo e qualquer ataque às autoridades constituídas federaes, estaduais ou municipaes.
2°) Proibição de qualquer publicação sobre assuntos militares de qualquer natureza, escritos ou transcritos, sem que tenham sido expedidos pelas autoridades militares.
3°) Proibição da publicação de qualquer artigo tendencioso visando o incitamento à perturbação da ordem - revolta ou atos de disciplina nas forças armadas.
4°) Proibição de qualquer publicação visando a propaganda comunista.
5°) Proibição de publicação e propagação de notícias notória e tendenciosamente falsas visando o alarme da população.
6°) Proibição de trânsito pelas vias telegráficas, telejonicas e rádio, etc., de despachos cifrados em correspondência particular. Os bancos e casas comerciais que possuam código para suas transações darão ciência dos mesmos a este comando, ficando na obrigação, porém, de apresentarem ao censor, sempre que este o exigir, o texto claro do despacho. Só serão transmitidos os despachos cifrados após o visto do censor.
7°) Proibição da publicação dos jornaes, boletins, panfletos, etc não registrados organisados intencionalmente com o fim de fugir á censura. Estas publicações serão apreendidas e presos seus distribuidores e responsáveis pela publicação.
8°) Proibição de uso na correspondência postal ou telegráfica de outras línguas que não sejam o português, francês, espanhol, inglês, italiano ou alemão.
9°) Os debates verificados na Assembleia Estadual e Câmaras municipais só poderão ser publicados após o visto dos respectivos presidentes, e os discursos proferidos em comícios, reuniões, etc, ficarão sujeitos à censura comum desde que

não estejam nos moldes da lª norma. No caso do não cumprimento das presentes instruções pela imprensa, estações de rádio, etc, será o transgressor preso e apreendida a edição do jornal; nos casos de reincidência efetuar-se-á a suspensão temporária da publicação do jornal, funcionamento da estação de rádio, etc. Nos casos de infrações pelos Bancos ou casas comerciaes serão cassados os direitos do uso do código. (a) MANOEL CERQUEIRA DALTRO FILHO, General de Divisão, Cmt. da 3ª R.M. - D/Q".

"**Documento 5** - SÃO BORJA - Em 16 -X -37 - Nº 4 - Reservado - Do Cel. Silvestre Ao Sr. Cap. Israel Souto
I - Governador do Estado foi notificado hoje da passagem da Bda. Militar para o Ministério da Guerra. Pediu prazo para responder até amanhã. Espera-se reação por parte dele.
II - Por aqui tudo calmo até agora mas determinei prontidão rigorosa para a Guarnição.
III - A palavra "Pode" será a nossa senha para a sua vinda e realização do que combinamos verbalmente. Cel. Silvestre".

"**Documento 6** - MINISTÉRIO DA GUERRA - Bagé - 3ª Região Militar - 3ª Região de Cavalaria E.M. - Em 19 de outubro de 1937 - Nº 83 - Do cmt. da 3ª D.C. Ao Snr. Cmt. da 3ª R.M. - Assumpto: Instruções baixadas sobre o Estado de Guerra.
I - Annexo vos remetto um exemplar das "Instruções para execução do estado de guerra", baseados em documento idêntico desse comando. Ass. Raymundo Sampaio, Cel. Cmt.".

O anexo é o seguinte:

"MINISTÉRIO DA GUERRA - QG. EM BAGÉ, 18.X.937 – 3ª Região Militar – 3ª Divisão de Cavalaria - **ESTADO MAIOR** - 3ª Secção
INSTRUÇÕES PARA EXECUÇÃO DO ESTADO DE GUERRA
(conservada a grafia original)
I - Por decreto de 4 de Outubro do corrente anno foi transferido para o Comandante da 3ª R.M. a execução do estado de guerra, no Rio Grande do Sul, e, no desempenho dessa função, aquelle comando baixou as instrucçoes sobre as quaes se baseiam as presentes instrucções para execução do estado de guerra na zona de jurisdição desta D.C.
II. - A zona affecta a esta D.C. (6ª zona) compreenderá as seguintes sub-zonas:
Sub-zona nº 1: Municípios - S. GABRIEL, LAVRAS, CAÇAPAVA, sob o Cmdo. do Cmt. da Guarnição de S. Gabriel.

Sub-zona nº 2: Municípios - D. PEDRITO, sob o comando do Cmt. da Guarnição de D. Pedrito.
Sub-zona nº 3: Municípios - BAGÉ, PINHEIRO MACHADO e S. JOÃO DO HERVAL, diretamente sob o comando do Cmt. da D.C.
Sub-zona nº 4: Municípios - JAGUARÃO, ARROIO GRANDE, SANTA VITORIA, sob o cmdo. do Cmt. da Guarnição de Jaguarão.
Sub-zona nº 5: Municípios - PELOTAS, RIO GRANDE, CANGUSSÚ e PIRATINY, sob o cmdo. do Cmt. do 9º RI.
III. - O Comandante do 9º R.I. fica autorizado, se assim julgar conveniente, subdividir a sua sub-zona em dois distritos, dando sciencia a este Commando.
IV. - Aos Commandantes das sub-zonas competirá a fiel execução das presentes instruções, e disporão, para isso, da tropa estacionada na sub-zona de sua jurisdição. O deslocamento, porém, de tropa superior a um pelotão só poderá ser feito com autorização deste Commando, salvo quando as circunstâncias exigirem imperiosamente taes deslocamentos, sem tempo de esperar a autorização acima.
V. - Os Commandantes das sub-zonas estabelecerão a censura prévia na imprensa, estações rádio, correio e telégraphos, tudo de acordo com as instruções annexas”.
VI. - Os Commandantes das sub-zonas não permittirão no interior de seu território:
a) - porte de armas e munição de guerra por indivíduos ou em grupos, que não estejam autorizados, por lei, a usa-las ou possui-las;
b) - depósitos clandestinos de armas ou munições de guerra;
c) - grupos armados de existência illegal (as turmas de trabalhadores de estrada do Estado, quando armados com armamentos de guerra serão considerados **"grupos armados de existência ilegal").**
VII - Os Commandantes de sub-zonas aprehenderão as armas e munições de guerra encontradas em situação illegal e prenderão seus detentores ou guardas, lavrando o competente auto de flagrante delito contra a lei do estado de guerra. Os presos serão enviados ao quartel federal mais próximo do local da prisão e ficarão à disposição do Commando da 3- R.M. para fins legaes. As armas e munições aprebendidas serão recolhidas ao Almoxarifado do Corpo com sede na sub-zona e previamente designados pelo respectivo commandante. Na sub-zona n°3 é designado o 12° R.C.I. Os grupos armados serão aprisionados, desarmados e conduzidos para o quartel federal mais próximo, onde aguardarão ulterior destino, lavrado o competente auto flagrante.
VIII. - O material bellico aprebendido será convenientemente relacionado de modo a poder ser verificado em qualquer tempo.
IX. - Os commandantes de sub-zona reprimirão com energia propaganda e os actos de comunistas, principalmente quando attentarem contra a segurança da

ordem e do regime, devendo deter e encaminhar para Porto Alegre os que forem culpados desses crimes. RAYMUNDO SAMPAIO, Cel Cmt. D/Q".

"Documento 7 - Telegrama de 16 out 1937 de Iraí-RS, passado por Vicente Dutra ao Deputado Viriato Dutra no Hotel Majestic - Porto Alegre.
"REPETEM-SE ESTE MUNICÍPIO, OSTENTAÇÕES FORÇA POR PARTE SITUACIONISMO. DE VÁRIOS PONTOS MUNICÍPIO, CHEGAM MAGOTES CIVIS ARMADOS QUE OCUPAM POSIÇÕES LOGRADOUROS PÚBLICOS. POPULAÇÃO ALARMADA TEMENDO VIOLÊNCIAS E TROPELIAS AGENTES GOVERNO ESTADO. ABRAÇOS-VICENTE DUTRA".

General de Divisão Honorário do Exército José Antônio Flores da Cunha (1880-1959)

Filho de Santana do Livramento, vocação militar nata e uma espécie de Bento Gonçalves na República, é "o gaúcho símbolo deste século" por seu arrojo, coragem, liderança e cavalheirismo, que encarnou as virtudes de Firmeza e Doçura que os farrapos fizeram inscrever no Brasão da República. O Gen Flores da Cunha movimentou a História Militar da 3ª RM por 14 anos, de intendente de Uruguaiana a Governador do Rio Grande e fortíssimo aspirante à Presidência da República. Combateu na liderança de tropas as revoluções de 1923, 1924-26 e de 1932, tendo sido revolucionário de ponta na Revolução de 1930. Como adolescente, assistiu lances da Guerra Civil ou Revolução Federalista, 1893-95, que o marcaram fundo. Após cursar Direito em São Paulo e Rio, aos 23 anos em 1903, foi delegado do bairro da Saúde no Rio. Local perigoso à época, de molde a se tornar o foco da resistência popular que agitou, em Nov 1904, a Revolta do Quebra Lampeão, necessitando até a intervenção de bombardeio naval para eliminar a resistência, usando, inclusive, simulacros de canhões. Herói da vitória da ponte do Ibirapuitã, em Alegrete, em 1923, combateu Honório Lemes, prendendo-o e cercando-o de todo respeito e garantias, além de combater o uso da degola. Liderou o ataque ao QG da 3ª RM em 3 Out 1930, colocando-se à frente das tropas que asseguraram, no Rio, a vitória da Revolução. Foi deposto do Governo do Estado, em 1937, numa manobra incruenta por ele se constituir no maior obstáculo à implementação do Estado Novo, 1937-45, que pretendia preservar o Brasil das consequências dos embates internacionais e

internos do nazi-facismo x comunismo internacional. Seu título de Gen Hon EB lhe foi concedido por sua destacada ação militar no combate a revoltas e levantes tenentistas de 1924-26. O **Dicionário Histórico e Biográfico Brasileiro** da Fundação Getúlio Vargas lhe faz justiça histórica (vide texto).

As manobras da 3ª RM de 1940 em Saicã

Quando havia estourado na Europa a 2ª Guerra Mundial, a 3ª RM realizou em 1940 as suas maiores manobras, que contaram com as presenças do Presidente Getúlio Vargas e dos Generais Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra, Pedro Aurélio Góes Monteiro, chefe do EME, e Estevão Leitão de Carvalho, comandante da 3ª RM, e também do II/8º RI de Passo Fundo.

As manobras da Região em Saicã eram uma tradição que remontava ao ano de 1866, durante a Guerra do Paraguai, conforme registra o Relatório do Ministro da Guerra daquele ano.

Em 1885 e 1886, a 3ª RM realizou exercícios, conforme registram os relatórios dos ministros desses anos.

Em 1892, o comandante da 3ª RM, Gen Bernardo Vasques, reuniu em Saicã toda a tropa federal para exercícios e alheamento da disputa política pelo poder no Rio Grande do Sul então sob a égide do Governicho.

Em Dez 1915, as manobras regionais foram em São Leopoldo, sob a direção do Gen Gabino Besouro, com a participação da Brigada Militar.

Sob a orientação da Missão Militar Francesa, a 3ª RM realizou durante 21 dias, de 20 Mar a 11 Abr 1922, as manobras de Saicã, que foram objeto da publicação: **As manobras de Saicã em 1922.** Rio: Imprensa Militar, 1922.

O diretor da manobra foi o chefe do EME, Gen Div Celestino Alves Bastos, ex-comandante da 3ª RM, assessorado pelo Gen Gamelin, herói da 1ª Guerra Mundial e de toda a Missão Militar Francesa, a qual chefiava. Contou com a presença do Ministro da Guerra, Dr. João Pandiá Calógeras. Houve em Saicã a concentração de uma DI e de uma DC com efetivo de paz, para testar a instrução da tropa e dos quadros.

O Gen Paula Cidade comenta as falhas observadas em seu clássico Síntese de Três Séculos... Ele concluiu:

> As manobras de Saicã de 1922 mostraram o triste estado em que estava o Exercito e a necessidade de trabalhar-

> se muito para sair-se da situação perigosa em que ele se achava em relação aos Exércitos de outras nações mais previdentes, que 20 anos antes, haviam contratado missões estrangeiras para instruir seus exércitos.

Sobre a Missão Militar Francesa (MMF), existem as obras:

MALAN, Alfredo Souto, Gen. A Missão Militar Francesa. Rio: BIBLIEx, 1980.

BASTOS FILHO, Jayme de Araújo. A Missão Militar Francesa no Brasil. Rio: SENAI, 1983.

A História do Exército fez outras considerações a respeito, sobre seus trabalhos e projeções. Estas manobras foram um marco histórico na evolução do Exército. O período revolucionário que se seguiu no RS interrompeu a continuidade das manobras de Saicã.

Elas foram retomadas de 22 Jan a 2 Fev 1929 e interrompidas pelas revoluções de 30 e 32. Em Nov 1933 elas se realizaram em Alegrete, como manobras de quadros.

Em Saicã, elas foram retomadas no início de Mar 1935, ano da Intentona Comunista. Em 1937 elas se realizaram de 15 a 27 Mar e, logo a seguir, teria lugar no mesmo ano a deposição do Gen Hon Flores da Cunha do Governo do Estado.

Nos anos 1938, 1939 e 1940, a Secretaria do Ministério da Guerra produziu esta valiosíssima fonte histórica:

ANAIS DO EXÉRCITO BRASILEIRO ANOS 1938, 1939 E 1940. Rio: Biblioteca Militar, 1938-1940. 3v.

Ela dá uma ideia da aceleração da Reforma Militar. O v.2 registra discursos do comandante da 3ª RM, o Gen Estevão Leitão de Carvalho, inclusive saudando o Gen George Marshall, chefe da Missão Militar Americana, que visitou a 3ª RM em 30 Mar 1939, conforme registramos em artigo. A citada obra relaciona as 21 obras mais importantes realizadas na área da 3ª RM e os trabalhos dos lº BFv e 2° Btl Rv (Vacaria).

O v.3 descreve a viagem do Ministro da Guerra à área da 3ª RM e as Manobras de Saicã de 1940 como "a de mais importância e de maior êxito que ali se têm realizado". Contém reportagem ilustrada às p. 54-61.

Dela participaram as lª, 2ª e 3ª DC e a 3ª DI (Santa Maria), mais o 9º RI (Rio Grande), III/3º RA Misto, 2º Btl de Pontoneiros de Cachoeira do Sul, um Btl de Caçadores e um Esquadrão de Metralhadoras da BM.

No dia 17 Mar houve desfile da tropa com a formatura de três DC, sendo uma delas ao comando do Cel João Baptista Magalhães, escritor e pensador militar fecundo, com alentada obra a respeito.

O Presidente Getúlio Vargas passou em revista a tropa. O chefe da Missão Militar Francesa era o Gen Lavalade e o chefe do EME o Gen Góes Monteiro. Eles fizeram a crítica final.

A manobra foi realizada com os seguintes objetivos, segundo o Diretor da Manobra Gen Leitão de Carvalho, comandante da 3ª RM:

> Em síntese, o que objetiva a Manobra com a concentração de toda a tropa da Região e seu emprego em operações ajustadas à hipóteses de natureza tática; é realizar uma sequência de trabalhos intensivos de combate, prosseguidos sem descontinuidade durante uma semana de vida em campanha, afim de que:
>
> - se exercitem os Comandos das Grandes Unidades Regionais na direção das operações e na conduta superior da tropa;
>
> - atuem, em situações as mais reais possíveis, os estados-maiores em serviços, e se ampliem, assim, o seu tirocínio e experiências funcionais;
>
> - se coroe o adestramento da tropa e se crie nela reflexos definitivos da vida em campanha, através de trabalhos intensivos, marchas e estacionamentos os mais variados; e
>
> - se amplie nos quadros hierárquicos o conhecimento objetivo da campanha riograndense, com suas características e peculiaridades adaptadas aos múltiplos misteres militares.

O ano de 1940 era o quarto ano da administração do Ministro Eurico Gaspar Dutra. Os anais citados, ao evocarem sua administração, registraram as seguintes realizações de sua pasta na área da 3ª RM:

- Construções dos hospitais de Alegrete, Santo Ângelo e o de Porto Alegre;
- Transferência do Arsenal de Guerra para General Câmara, em instalações ampliadas;
- Ampliação das Coudelarias de Saicã e Rincão;
- Criação do 3º G/2º RA Misto (São Leopoldo) do 3º Regimento de Aviação (Canoas) e da 3ª Cia. Independente de Transmissões (São Leopoldo, nossa primeira unidade como oficial);

- Construção das Vilas Militares de Quaraí, Uruguaiana, São Luiz, Dom Pedrito e General Câmara (antiga Margem);
- Criação da Rede Rádio-Telegráfica do Exército na área da 3ª RM;
- Criação da Escola Preparatória de Cadetes de Porto Alegre (1939, no Casarão da Várzea, Parque da Redenção);
- Criação do CPOR-PA;
- Remodelação do Serviço de Subsistência da 3ª RM; e
- Revigoramento do culto das tradições históricas da 3ª RM. Enfim, os Anais do Exército são preciosos instrumentos para a análise histórica daquele tempo.

Algum tempo depois, foi publicado o álbum: MINISTÉRIO DA GUERRA. O Exército no Estado Novo. Rio: MG, 1941. Ele mostra:
- a evolução do Exército de 1937-41, onde a 3ª RM é focalizada;
- o Hospital Militar de Porto Alegre, o maior dos que estavam em construção, entre os de Alegrete, Santo Ângelo, Belém e Salvador. "É um edifício de singular imponência que honra as novas obras de engenharia da 3ª RM";
- detalhes de um desfile da EPPA; e
- sspectos das manobras de Saicã.

A 3ª RM não foi beneficiada diretamente com as obras realizadas no Exército e sim, indiretamente, com a estrutura de apoio à retaguarda: Ensino, Fabricação, Apoio Logístico, etc.

As Manobras de Saicã até então haviam sido, na expressão popular "A mãe de todas as manobras". E ela foi tratada na revista **A Defesa Nacional,** nos seguintes artigos:
- SALLES, José, Cap. Manobras da 3ª RM - O Serviço de Intendência, nº 308, Jan. 1940, p. 105-110.
- POTYGUARA, Moacyr. B. Ten. Observações à margem das manobras de 1940. Nº 380, Jan. 1940, p. 91-93.
- QUADRO DE TRABALHOS DO 4º RCI, nº 312, Mai 1940, p. 454.

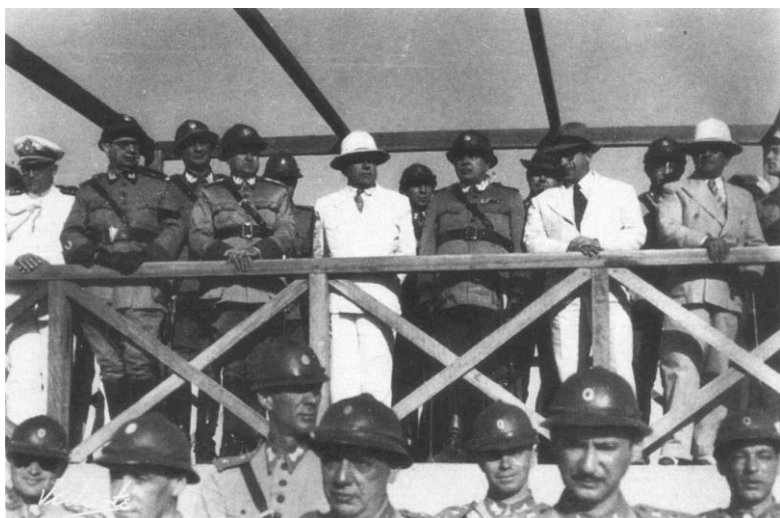
Em 22 Abr 1941 foram instauradas as vilas militares de Quaraí e São Borja. Em 31 Out 1942 o Gen Div Valentim Benício, reorganizador da BIBLIEx, e, com a administração cultural assinalada na Secretaria do Ministério da Guerra, assumiu o comando da 3ª RM.

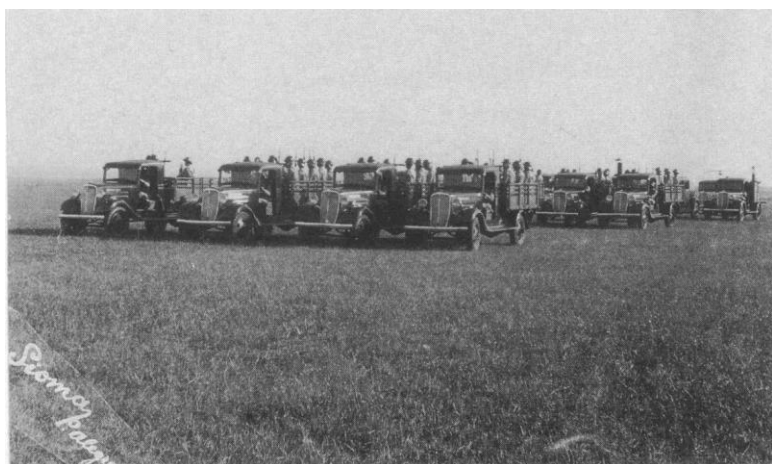
De 20 a 28 Nov 1947 tiveram lugar as Manobras de Águas Claras.

Em Jul 1951 o Mal José Pessoa, comandante da ZMS, inspecionou a 3ª RM, tendo como ajudante de ordens o então Cap Umberto Peregrino, que escreveu a respeito desta inspeção.

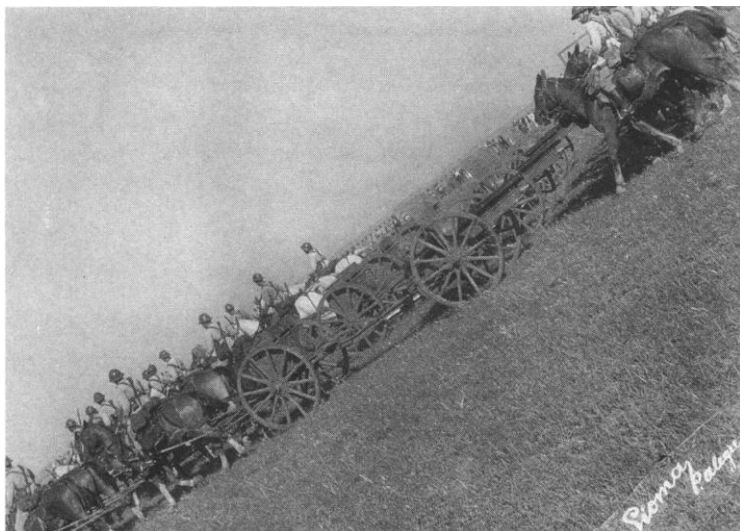
Manobras de Saicã de 1940 - Imagens

Da esquerda para a direita: Gen Div Góes Monteiro, Chefe do EME; Gen Div Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra; e o Gen Div Estevão Leitão de Carvalho, Cmt da 3ª RM, todos defronte à barraca da Direção da manobra. Na Europa, se desenvolvia a 2ª Guerra Mundial. O uniforme era de influência francesa através da MMF no EB, desde 1920.

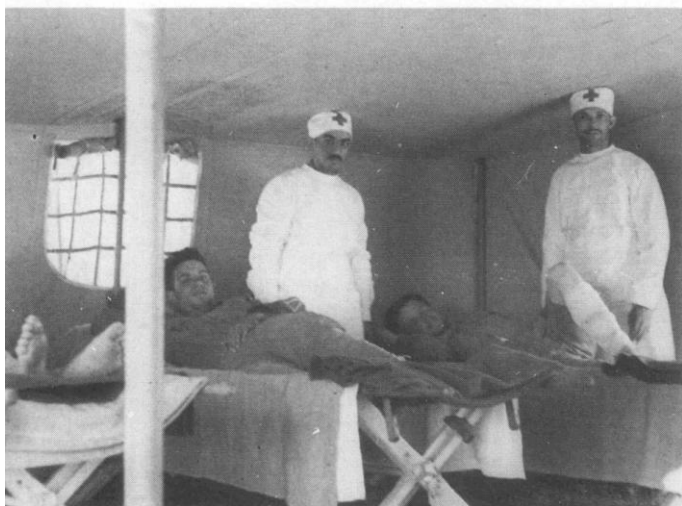
Explicação da manobra ao Pres. da República Dr. Getúlio Vargas, assistida também pelo Chefe da MMF Gen Lavalde que tem, à sua direita o Ministro da Guerra Gen Dutra. O Presidente assistiu à manobra com um traje especial.

Desfile ao final. No palanque, da esquerda para a direita, em 1º plano: um oficial da Marinha, Gen Góes Monteiro, Gen Dutra, Pres. Vargas, Gen Leitão de Carvalho e o Gen Osvaldo Cordeiro de Farias. Este, filho de Jaguarão, interventor federal no RS e que comandou a Artilharia da FEB na Itália.

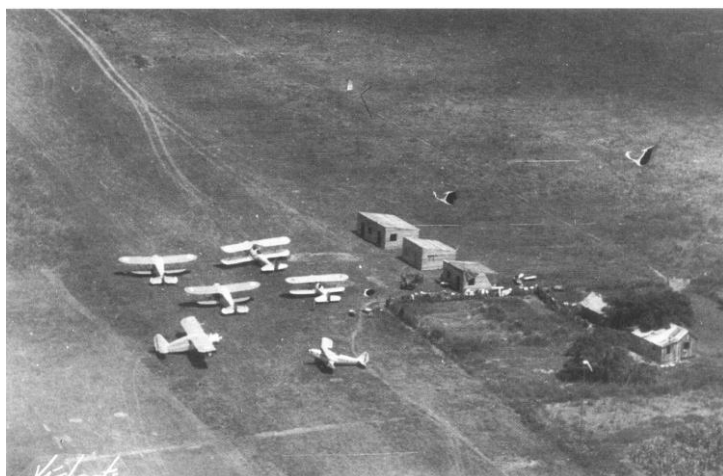
Guarda à Bandeira, motorizada, abrindo o desfile na viatura Chevrolet Tigre.

Aspectos do desfile motorizado, com o uso de viaturas Chevrolet Tigre, usados comercialmente.

Aspectos do uniforme de campanha e equipamento de Infantaria, de influência francesa. As perneiras seriam substiuídas, após o 2ª GM pelo ‘combat boot’, o ‘coturno’.

Aspecto de uma tropa de Cavalaria, com uniforme e equipamento de influência francesa.

Aspectos da tropa de Artilharia, equipada com canhões Krupp 75, usando uniformes e equipamento individual de influência francesa.

Ponte mista do 3º BE, Cachoeira do Sul, com cavaletes e suportes flutuantes da equipagem francesa, tracionada a cavalo.

Aspecto de uma peça Krupp 75, guarnecida por soldados equipados Com máscaras contra gases e usando, como abrigo contra o frio, o Capote. Detalhe, o cantil com o caneco em separado.

Aspectos das Comunicações (acima) e do Serviço de Saúde (abaixo). Reparar as divisas de Cabo e a cobertura do Rádio-operador.

Uma Posição de Metralhadora Hotchkiss, francesa, adquirida pelo EB na década de 1920. Conforme o Gen Leite de Castro: “infelizmente para o Exército”, em carta dele para o Gen Bordini em 14 Set 1935, na condição de Chefe da Comissão Militar Brasileira na Europa.

Detalhe da Aviação do Exército na época, o 3º Regimento de Aviação, Canoas, RS. No ano seguinte o Regimento passou a integrar o Ministério da Aeronáutica (FAB), cujo primeiro ministro foi o gaúcho Joaquim Pedro Salgado Filho.

A 3ª RM e a 2ª Guerra Mundial

Em lº Set 1939, divisões blindadas nazistas em conjunto com a aviação deram início à 2ª Guerra Mundial invadindo a Polônia. Era a “blitzkrieg”.

Em pouco tempo os alemães dominaram toda a Europa e o norte da África, ameaçando assim as Américas.

Em 7 Dez 1941 o Japão atacou de surpresa a Base Naval de Pearl Harbor, no Havaí, e o Japão se aliava à Alemanha de Hitler e à Itália de Mussolini formando o Eixo.

O Brasil, despreparado para o confronto, adotou inicialmente posição pendular entre os Aliados e o Eixo, esperando a oportunidade ideal para definir-se com vantagem estratégica.

Na indefinição, os EUA elaboraram planos alternativos com vistas a interferir no Brasil no Nordeste e no Sul (PR, SC e RS), caso o Brasil se decidisse por aliar-se ao Eixo.

- Invasão do Nordeste, para assegurar a instalação de bases aéreas em Belém e Natal, para formar a grande ponte aérea EUA-BRASIL-AFRICA e, além disso, assegurar o fornecimento de ítens estratégicos, como o cristal de rocha, borracha e balata.

- Invasão do Sul, tendo como um dos objetivos a cidade de Rio Grande, para ajudar a controlar cerca de l milhão de descendentes de alemães moradores da Região Sul, que desde 1939 vinham sendo trabalhados por agentes nazistas, conforme o demonstra, de certa forma, o livro produzido pelo Chefe de Polícia do RS e Cel professor da EPPA: PY, Aurélio da Silva, Cel. **O nazismo no Rio Grande do Sul - Relatório.** P. Alegre: (editora não especificada), v. l, 1940 e v.2, 1941. Relatório apresentado ao interventor Cel Oswaldo Cordeiro de Farias.

Havia ideia dentro do nazismo "de criar no Sul do Brasil uma nova Alemanha, onde encontraremos tudo o que precisamos". O autor acima lançou em 1942: PY, Aurélio da Silva, Cel. **A quinta coluna no Brasil** – P. Alegre: Globo, 1940.

Desenvolveram bem o assunto do plano de invasão americana da Região Sul e da área da 3ª RM pelo porto do Rio Grande: SAN MARTIN, Eduardo. O Nazismo no Brasil. In: jornal **Zero Hora.** Porto Alegre, 13 e

14 Fev 1994, e GLOCK, Clarinha. O Nazismo no Brasil. In: jornal **Zero Hora.** Porto Alegre, 15 Fev. 1994.

Navios mercantes do Brasil foram alvo de torpedeamentos por submarinos nazistas, assunto que detalhamos em artigo: Participação do Brasil na 2ª Guerra Mundial. In: **Revista do IHGB,** Rio, v. 152, Jul./Set. 1991 e em reparata (Volta Redonda, Gazetilha, 1995).

Em consequência, houve uma revolta popular no Rio Grande do Sul, e propriedades alemãs e descendentes foram depredadas e roubadas em "quebra-quebras" registrados pela imprensa da época, onde foram cometidas muitas injustiças e vinganças.

Havia no Brasil uma preocupação sobre o lado que iria tomar a Argentina no conflito, da qual poderia ocorrer um confronto Brasil x Argentina. Esta permaneceu neutra, e o Brasil tomou o partido dos Aliados quando estes se dispuseram a negociar sobre a cessão das bases aéreas de Belém e Natal, com as contrapartidas decorrentes, inclusive a construção da Cia. Siderúrgica Nacional (Volta Redonda).

E assim o Brasil aderiu aos Aliados e declarou guerra ao Eixo em 22 Ago 1942 e teve de se preocupar com a defesa contra uma possível ação do nazismo contra o Brasil, até que a Alemanha foi derrotada em El Alamein, na África do Norte.

E durante a guerra, a Polícia do RS desenvolveu ações contra a 5ª Coluna, expressão dada à Espionagem Nazista, conforme aborda o autor citado de A 5ª Coluna no Brasil.

Sobre planos dos EUA, oficiais brasileiros estagiários naquele país tomaram parte no planejamento de invasão Aliada da Europa, conforme o Gen Aurélio de Lyra Tavares nos informou de haver, na Escola de Estado Maior dos EUA, participado do planejamento da Operação Overlord.

Filhos da 3ª RM na FEB

O Brasil participou do esforço de guerra Aliado contra o Eixo de 22 Ago 1942 a 8 Maio 1945 - Dia da Vitória.

Ao Exército coube defender o território brasileiro, as instalações nele existentes e enviar a Força Expedicionária Brasileira (FEB) para combater no TO do Mediterrâneo, integrando o V Exército dos EUA.

Sobre a participação do Brasil na 2ª Guerra Mundial, produzimos a seguinte pesquisa básica.
- Participação das Forças Armadas e da Marinha do Brasil na II Guerra Mundial - **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,** Rio, v. 152, Jul./Set. 1991, pp. 685-745.

Publicamos síntese, entre outros periódicos, na **Military Review do** Exército dos EUA: Participação do Brasil na 2ª GM, **Military Review.** 3º trim 1993 (Edição brasileira e americana).

O Ministro da Guerra era o Gen Eurico Gaspar Dutra, egresso da Escola de Guerra de Porto Alegre e que servira em São Gabriel no 9º RCI, em 1928-29;
O Chefe do EME era o Gen Pedro Aurélio de Góes Monteiro, que estudara na Escola de Guerra em Porto Alegre, comandara o 3º RCI (São Luiz) e chefiara o EM na Revolução de 1930.

O Chefe da Missão Militar Mista Brasil-EUA foi o Gen Estevão Leitão de Carvalho, rendido e preso em 1930 em Passo Fundo, no comando da II Cia/8º RI, comandante assinalado da 3ª RM e diretor das Manobras de Saicã em 1940.

O Comandante da defesa territorial do Saliente Nordestino, e depois da FEB, foi o futuro Mal João Baptista Mascarenhas de Moraes, ex-aluno da Escola de Rio Pardo e comandante da guarnição de Cruz Alta em 1930, onde foi rendido e preso.

O Comandante da Artilharia Divisionária foi o Gen Osvaldo Cordeiro de Farias, filho de Jaguarão, ex-revolucionário da Coluna Prestes, 1924, chefe da EM da 3ª RM em 1937, e interventor federal do RGS de 1938-42.

O Comandante do 6° RI foi o santanense Cel Nelson de Mello, revolucionário de 1924, herói de Catanduvas e que representou o Brasil na rendição de cerca de 20.000 alemães em Fornovo, na Itália, integrantes da 148ª DI alemã.

Um dos juizes da FEB foi o porto-alegrense Gen Francisco de Paula Cidade, já consagrado como grande historiador e geógrafo militar brasileiro, um dos idealizadores da Revista dos Militares na 3ª RM em 1910.

O E/2 da FEB foi santa-mariense Ten Cel Amaury Kruel.

O Dec 10.490-A, de 25 Set 1942, criou a Zona de Guerra Brasileira. Ela abrangeu todo o litoral do Brasil, o vale do rio São Francisco e, na 3ª RM, a fronteira com o Uruguai e a Argentina. A 3ª RM ficou pertencendo ao TO Meridional, que foi nominal.

Foi instalado em Rio Grande o 8º Grupo de Artilharia Móvel da Costa.

A 3ª RM não contribuiu com nenhuma unidade para a FEB, que foi integrada por muitos filhos do RS, hoje todos lembrados no Museu da FEB de São Gabriel.

O primeiro oficial da FEB entrar em combate foi o cachoeirense Cap Eng Floriano Möeller.

Chefes da FEB oriundos da área da 3ª Região Militar

Após a vitória da FEB o seu comandante Gen João Baptista Mascarenhas de Morais, filho de São Gabriel, condecora em Alexandria, Itália, o seu comandante da Artilharia Divisionária, o Gen Osvaldo Cordeiro de Farias, filho de Jaguarão (Fonte: AHEx).

O santanense Cel Nelson de Mello, Cmt do 6º RI, recebe a rendição da 148ª DI alemã, comandada pelo Gen Otto Fretter Pico em Fornovo, Itália, em 30 Abr 1945, com um efetivo total de cerca de 20.00 alemães (Fonte: AHEx).

Filhos da área da 3ª RM na 2ª Guerra Mundial na Itália

O filho de Cachoeira do Sul Cel Aviador Nero Moura, Cmt do 1º Grupo de Caça, o "Senta a Pua", mostra ao portoalegrense Dr. Joaquim Pedro Salgado Filho, Ministro da Aeronáutica, o aeroporto de Pisa. Nero Moura, como Major, comandou em 1937, em Canoas, o 3º Regimento de Aviação, vinculado à 3ª RM. Ele frequentou o Colégio Militar de Porto Alegre nos anos 20 (Fonte: Museu Aeroespacial, Rio).

À direita, o Cap Eng Floriano Möeller, filho de Cachoeira do Sul, o qual comandou a fração da FEB que se constiutiu na primeira a entrar em combate com os alemães. Na foro, ele comanda a construção da ponte Bailey, de 140 pés, em canal ao oeste de Pisa em Set 1944 (Fonte: AHEx).

Dois ilustres filhos da área da 3ª RM que a comandaram durante a 2ª Guerra Mundial

General Valentim Benício da Silva.

Comandou a 3ª RM entre 1942 e 43. Era filho de Uruguaiana. Foi o reorganizador da Biblioteca do Exército em 1937, obra de grande projeção cultural brasileira (Vide texto).

General de Divisão Salvador César Obino.

Comandou a 3ª RM entre 1944 e 45. Era filho de Bagé. É considerado o fundador da Escola Superior de Guerra. Comandou a ZMS, antecessora do CMS (Vide texto).

Os mortos gaúchos na FEB

Dos combatentes da FEB enviados pelo Rio Grande do Sul, da área da 3ª RM, 21 não retornaram e morreram em ação na Itália. A contribuição em nº de mortos pelos municípios do RS foi a seguinte:
- Cruz Alta: 3 mortos; - Santa Maria: 3 mortos; - Alegrete: 2 mortos; - Uruguaiana: 2 mortos; e - Canguçu 2 mortos.

Tiveram somente um morto os municípios de Carazinho, Getúlio Vargas, Passo Fundo, Porto Alegre, Santa Rosa, São Borja e São Francisco de Assis.

A relação consta do Boletim Especial do Exército de 2 Dez 1946, da Secretaria Geral do Exército. Como houve dúvidas e equívocos, eles foram sanados através da magnífica obra: BARROS, Aluízio, Dr. **Expedicionários sacrificados na Campanha da Itália.** Rio: Bruno Buccini, 1957.

Dentre os equívocos corrigidos, estão os expedicionários Hortêncio Rosa e Izidro Matoso, dados como filhos de Pelotas, por originários do 9º RI, mas em realidade filhos de Canguçu, os quais conhecemos e com eles privamos na nossa infância.

Eles foram alvos, talvez, da lª homenagem prestada no RS a combatentes gaúchos mortos em ação, na Semana da Pátria em 2 Set 1945, que a obra citada registra (p. 183).

Houve equívoco igualmente quanto a Almandio Goering, dado como sendo de Carazinho e, em realidade, natural de Getúlio Vargas.

O número de mortos da área da 3ª RM foi superado pelo Rio de Janeiro, Distrito Federal, Minas Gerais, São Paulo, Santa Catarina (30) e Paraná (28).

O único morto da FEB que continuava na Itália era o soldado Fredolino Chimango, de Passo Fundo, considerado desaparecido desde 16 Abr 1945 e cuja ossada foi encontrada faz pouco, identificada com a ajuda da medalha de N.S. Aparecida que costumava usar.

São estes os heróis gaúchos originários da 3ª RM e imolados em defesa da Democrcia e da Liberdade Mundial.

2º Sgt PEDRO KRINSKI......................................SÃO LUIZ GONZAGA;
3º Sgt RICARDO MARQUES FILHO...........................SANTA MARIA;
Cabo LUIZ GOMES QUEVEDO..................................URUGUAIANA;

Sd CELSO DOS SANTOS..CRUZ ALTA;
Sd DANIEL RODRIGUES DOS SANTOS............................CRUZ ALTA;
Sd VITALFONTOURA...CRUZ ALTA;
Sd IVO ROBACH DE OLIVEIRA...................................SANTA MARIA;
Sd VALDEMAR MARTINS DE ALMEIDA......................SANTA MARIA;
Sd JOÃO SPINARD...ALEGRETE;
Sd PRIM RODRIGUES CANES...ALEGRETE;
Sd HORTENCIO ROSA..CANGUÇU;
Sd ISIDRO MATOSO...CANGUÇU;
Sd JOÃO ALBERTO ALVES...URUGUAIANA;
Sd CLAUDINO PINHEIRO..CARAZINHO;
Sd ALMANDIO GOERING.......................................GETÚLIO VARGAS;
Sd FREDOLINO CHIMANGO...PASSO FUNDO;
Sd ARTHUR LOURENÇO STARCH..............................PORTO ALEGRE;
Sd NORBERTO HENRIQUE WEBER.................................SANTA ROSA;
Sd JOÃO MANCIA ALVES..SÃO BORJA;
Sd JOÃO MOREIRA ALBERTO.......................................TUPANCIRETÃ;
Sd PELÓPIDAS PASSAMANI.....................SÃO FRANCISCO DE ASSIS.

Vemos aí os descendentes de alemães: Krinski, Goering, Starch e Weber, e descendentes de italianos Passamani, e talvez Spinard, todos combatendo o nazi-facismo.

A 3ª RM forneceu 1.888 praças para a formação da FEB, num percentual de 7,64% dos 23.702 que a formaram. Superaram sua contribuição: o Distrito Federal (atualmente município do Rio de Janeiro, com 25,70%; São Paulo, com 16,26%; Minas Gerais, com 12,22% e o Rio de Janeiro, com 8,33%.

A História mais completa da FEB foi escrita pelo gabrielense comandante da FEB: MORAES, J.B. Mascarenhas de, Mal. **A FEB pelo seu comandante.** Rio: EGGCF, 1960.

Filho ilustre do RS, cuja vida e obra tivemos ocasião de evocar no transcurso do seu centenário representando o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em conferência lá pronunciada, e publicada sob o seguinte título, na evocação de seu centenário: Marechal Mascarenhas de Moraes - Significação histórica. In: **Revista do IHGB** v. 344, Jul./Set., 1983. p. 101-109.

Em 20 Set 1990, aniversário da Revolução Farroupilha, o Instituto de História e Tradições do RGS que fundamos e presidimos, e a tradicional Sociedade Sul Rio-Grandense no Rio de Janeiro, presidida pelo Dr. João Kesseler Coelho de Souza, promoveram cerimônia conjunta em homenagem aos filhos do Rio Grande do Sul tombados na Itália em defesa da Democracia e da Liberdade Mundial. Cerimônia realizada no Monumento aos Mortos da 2ª Guerra Mundial.

Assistimos, em homenagem àqueles bravos, a uma missa crioula, em que havia uma cruz onde estavam cruzados um lenço vermelho com um lenço branco, representando ideais políticos na evolução do RS.

Lá estava, entre os portadores raros de lenços brancos, o ex-cabo integrante da FEB Osvaldo Gudole Aranha, filho do chanceler Osvaldo Aranha, um dos maiores riograndenses de todos os tempos.

Repassando na memória as lutas políticas no RS desde 1891, vimos como lideranças políticas gaúchas, em suas trajetórias, mudaram por vezes de posições e até se uniram em 1930, dentro do lema "O Rio Grande de pé pelo Brasil".

Veio-nos então a lembrança, como arremate desta história da 3ª Região Militar, do Rio Grande do Sul ou a História Militar do Povo Gaúcho, este poema dedicado aos sinceros portadores de lenços vermelhos e brancos e descendentes, que foram firmes e doces na luta pela conquista de seus ideais e souberam respeitar, como religião, a vida, a honra, a propriedade e a família dos adversários, ou os ideais de Firmeza e Doçura dos farrapos.

Enfim, homenagem aos portadores de lenços brancos e vermelhos pelos ideais que eles representaram, representam e representarão na História Política do RS. Lenços que devem ser levados ao pescoço com respeito recíproco, e não como venda nos olhos, pelos rancorosos que pararam no tempo e se recusam a enxergar a verdade, instrumento de justiça, na voz da História, e a trilha segura para a caminhada das novas gerações, rumo à construção do futuro do RS.

Eis o poema que mais se ajusta como arremate deste volume, feito pelo inspirado poeta gaúcho Jayme Caetano Braun:

BRANCO OU COLORADO!

I

São dois emblemas, dois guascas,
Um Branco, outro Colorado,
Relíquias, que no passado
Voejaram com altivez,
Levando, mais de uma vez
Da campanha ao litoral
A gauchada
Que de lança e boleadeira
Incendiou serra e fronteira
Atropelando um ideal!

II

Estandartes do Rio Grande
Eternamente rivais,
Que o sangue de nossos pais
Tornou mil vezes sagrados,
Na peleia entreverados
Com denodo e galhardia,
Fortalecendo esta cria
Que foi padrão de coragem,
Abarbarada e selvagem,
Mas cheia de Fidalguia!

III

Um, tem a cor dos brasedos
Dos fogões de acampamento
E quando tremula ao vento,
Nas coxilhas desfraldado,
É o sangue bem colorado
Da raça em efervescência,
Levando na sua essência
Aquele pendão eterno
Que foi tronqueira de cerno
Na formação da querência!

IV

Outro, é branco como a geada
Das alvoradas pampeanas,
E nas dobras soberanas
Revela, quando esvoaça,
Toda a nobreza da raça

Que no voejar se retraia,
Parecendo que relata
Coragem e desassombro
Quando no trono dum ombro
Estendido se desata!

V

Velho Lenço Colorado
Tu carregas no teu pano
Todo o valor haragano
Dos cavaleiros charruas
E acordas quando flutuas
Por essas várzeas assim,
O eco de algum clarim,
Que ressurgindo da campa
Anda volteando no pampa
O guasca que está no fim!

VI

E tu, velho Lenço Branco
Como a alma das chinocas
Tu, que meu sangue provocas
Quando te vejo esvoaçar,
Comigo hei de te levar
Sempre alegre e satisfeito
Atado do mesmo jeito,
Seja na paz ou na guerra
Como emblema desta terra
Batendo sobre o meu peito!

VII

É tradição de gaúcho
Ter amor nestes dois trapos
E ver na trança dos fiapos
Um simbolismo tão santo,
Por isso te adoro tanto
Meu lenço branco ou de cor
E até Deus Nosso Senhor
Que usou bota, espora e mango
Lês garanto que é chimango
Se maragato não for.

A 3ª RM de 1946 a 1953

Após o término da guerra, a 3ª RM foi reestruturada e invadida por novidades bélicas usadas pela FEB na Itália, ligadas à motorização, mecanização, comunicações rádio e novos armamentos (metralhadoras .30 e .50 e canhões 105 e 205, etc.).

A estrutura regional passou por frequentes modificações: o Dec. 16.506, de 1º Set 1944, antes do término da guerra, separou a 3ª DE e a 3ª RM. Foi criado por Dec. 16.509 da mesma data o Comando do lº Grupo de Regiões com a seguinte constituição: No RS - 3ª RM, 3ª Dl e lº Corpo de Cavalaria (abrangendo as 1ª, 2ª e 3ª DC). No PR e SC, a 5ª RM/DI.

A 3ª DI, com sede em Santa Maria, e o lº Corpo de Cavalaria, com sede em Alegrete, foram criados junto com o Comando do 1º Grupo de Regiões.

A 3ª RM ficou reduzida a funções administrativas e de comando territorial no RS e de comando de unidades regionais independentes da 3ª Dl e do lº Corpo de Cavalaria.

A Portaria Ministerial nº 7.654, de 8 Jan 1945, baixou instrução provisória a ser observada pela 3ª RM como orgânica do lº Grupo de Regiões. As DC ficaram desligadas da 3ª RM em 28 Abr 1945,

Pelo Decreto Lei 9.099, de 27 Mar 1945, em consequência da extinção do lº Corpo de Cavalaria pela nova Lei de Organização do Exército, aprovada no decreto citado, toda a tropa de Cavalaria das lª, 2ª e 3ª DC ficaram subordinadas à 3ª RM.

Por Decreto Lei 21.506, de 24 Jul 1946, foi criada a Zona Militar do Sul, em substituição ao Comando do 1° Grupo de Regiões, ficando a 3ª RM e a 5ª RM a ela subordinadas.

Em consequência da nova Lei Orgânica do Exército, o Comando da 3ª RM passou a comandar todas as unidades e grandes unidades no território do RS, cumulativamente com a administração militar e a defesa territorial no estado.

O 1º comandante da Zona Militar Sul (ZMS) foi o Gen Div João Baptista Mascarenhas de Moraes, filho de São Gabriel e já consagrado herói comandante da FEB, que assumiu as funções no 14º andar do atual Palácio Duque de Caxias, no Rio, então sede do Ministério da Guerra.

O QG da ZMS passou a funcionar em Porto Alegre, no antigo QG da 3ª RM, em lº Mar 1953.

Com a chegada em 21 Mar 1953 do Gen Ex Odylio Denys, data em que assumiu o comando da ZMS, a 3ª RM passou a ser subordinada diretamente a esse Grande Comando, transferindo-lhe as responsabilidades militares e políticas do Exército no território do RS, que vinha exercendo desde 1809.

Presidia o país o Dr. Getúlio Vargas, sendo Ministro da Guerra o Gen Div Ciro do Espírito Santo Cardoso, e comandante da 3ª RM o porto-alegrense Gen Coriolano de Andrade. A 3ª RM continuou a exercer o comando sobre todas as unidades do Exército no Rio Grande do Sul.

Pela Organização Básica do Exército, Lei 2.851, de 25 Ago 1956, foi criado o III Exército em substituição a ZMS.

A 3ª RM passou a ser responsável no Rio Grande do Sul pelas seguintes missões:
- Instrução dos órgãos e unidades diretamente subordinadas;
- Preparo e execução do Serviço Militar;
- Preparo e execução da Mobilização;
- Preparo e execução do Apoio Logístico; e
- Preparo e execução do equipamento do território.

Em 1971, pela organização de paz da 3ª RM, competia-lhe no RS:
- Executar o Serviço Militar, preparar e treinar as reservas;
- Preparar e executar a mobilização militar e o equipamento do território;
- Dirigir e controlar os serviços regionais e demais órgãos com sede no RS, para atender as GU, em acordo com o comandante do III Exército;
- Preparar para a guerra as OM das Armas e Serviços que lhe forem atribuídas;
- Diligenciar para a aplicação da Justiça Militar no território do RS.

A 3ª RM passou a ser um grande Comando Territorial para atender as determinações do III Exército.

Nas manobras de 3 a 9 Nov 1967, a 3ª RM testou o SAAEB (Sistema de Apoio Administrativo do Exército Brasileiro) cujos resultados positivos foram registrados no BI Regional nº 109, de 29 Dez 1967 (p. 2027).

E foi assim que ela evoluiu até suas atribuições atuais, abordadas no cap. l do v. l da História da 3ª RM no sub-título Jurisdição e Missão atual.

Para o 3º volume 'História da 3ª RM - 1953 – Atualidade', planeja-se a abordagem dos seguintes assuntos:
- Síntese dos principais eventos de que participou;

- Síntese Histórica das OMDS;
- Biografias sintéticas de seus comandantes no período;
- Publicações de documentos relevantes para a história da doutrina; e
- Evolução de suas missões.

Comandantes da 3ª RM de 1934 a 1953

l - Gen Div João Gomes Ribeiro Filho (1871-1947). Comandou a 3ª RM de 21 Maio a 7 Ago 1934, por cerca de dois meses e 15 dias, em seguida a lª RM, de 1934/35, e foi o Ministro da Guerra de 1935/36, que enfrentou a Intentona Comunista. Nasceu em Maceió em 9 Mar 1871. Como Ten, a bordo do navio Andrada e no comando de cadetes da Escola Militar, integrou a Esquadra Legal do Alte. Jerônimo Gonçalves, que combateu a Revolta na Esquadra (1893-94), tendo se destacado na abordagem do Aquidabã, em Santa Catarina, em 17 Abr 1894. Artilheiro, cursou Engenharia e Ciências Físicas e Matemáticas. Nos anos 20, como Cel e Gen Bda, combateu a Coluna Prestes em diversos pontos do país e ao final, no Ceará. Foi Presidente do Clube Militar em 1928. Foi Comandante da lª RM após 1930. Foi Comandante da lª Bda Inf, Vila Militar (1931-32). Depois, Comandante da 3ª RM. Perdeu um filho homônimo, revolucionário, como aviador em 1932. Ao final da Revolução de 32, foi promovido a Gen Div, tendo comandado em 1933 a 5ª RM em Curitiba. Foi favorável à Lei de Segurança Nacional de 4 Abr 1935. Combateu o comunismo no Exército, expulsando seus integrantes que compareceram ao comício da ANL. Dirigiu pessoalmente o ataque ao levante comunista do 3º RI da Praia Vermelha e ordenou o bombardeio de Artilharia após seu Aj O ser atingido por tiros de metralhadora. Após a Intentona, dirigiu forte campanha de repressão ao Comunismo no Exército, com apoio no Congresso. Foi contra a intervenção no RS para depor Flores da Cunha, pedindo demissão, por ser contra "como soldado, do envolvimento do Exército na disputa pelo poder supremo". Foi para a Reserva em 12 Mar 1937. Reformado em 19 Jan 1840. Faleceu no Rio em 26 Dez 1947. Não foi encontrada sua Fé-de-Ofício no AHEx. Fonte: FGV - Dicionário Biográfico Brasileiro**,** v. 2**,** p. 1488).
2 - Cel João Cândido Pereira de Castro Júnior (1880-19?). Comandou interinamente a 3ª RM de 7 Ago a 12 Set 1934, por cerca de 35 dias.

Nasceu em 13 Mar 1880. Foi Gen Bda da Ativa. Não encontramos sua Fé-de-Ofício no AHEx.

3 - Gen Div Cézar Augusto Parga Rodrigues (1871-1963). Comandou a 3ª RM de 12 Set 1934 a 18 Ago 1936, por cerca de um ano, 11 meses e 16 dias, em fase coincidente com a Intentona Comunista de 1935 e repressão consequente no Exército. Nasceu no Maranhão, em lº Dez 1871. Foi um dos 13 jovens turcos fundadores da Revista **A Defesa Nacional** em 1913. Cursou a Praia Vermelha, 1889-94. Professor de Esgrima, 1899-1906, nas Escolas Militares do Rio. Estagiou no Exército Alemão na arma de Artilharia em 1910-11. Instrutor nas escolas militares de 1913/18. Combateu a Coluna Prestes e comandou o 5º GA Montada em Valença-RJ. Comandou o Setor Leste do Rio, 1926-31. Gen Bda em 1931, comandou a lª Div Art a Cavalo (1ª DAC) no Rio. Diretor do Arsenal de Guerra e comandante da lª Bda Art no Rio, 1932-34. Gen Div, comandou a 3ª RM e depois a 2ª RM/2ª DI, a partir de Jun 1937, em São Paulo, sendo ali o executor do Estado de Guerra, decretado em 1º Out. 1937. Reserva em Dez 1937, por haver atingido idade limite. Presidiu o Clube Militar de 1937/39, construindo o atual edifício-sede na Av. Rio Branco. Possuía o curso de Estado-Maior. Faleceu no Rio em 2 Ago 1963, aos 92 anos.

4 - Gen Bda João Carlos Toledo Bordini. Comandou interinamente, pela 2ª vez, de 18 Ago a 5 Out 1936, por um mês e 17 dias. Será estudado no seu 3º e último comando interino.

5 - Gen Bda Emílio Lúcio Esteves (1882-1943). Comandou efetivamente a 3ª RM de 5 Out 1936 a 4 Ago 1937, por cerca de 10 meses. Nasceu em Taquara, RS, em 23 Dez 1882. Fez o Curso na Escola do Rio Pardo, 1903/05, e na Escola de Guerra, em Porto Alegre, 1906/08, saindo aspirante de Infantaria e Cavalaria. Carta Geral em 1911/12. Exerceu várias funções na Brigada Militar, particularmente como instrutor, por 16 anos, de 1912 a 28, comandando operações com forças da Brigada Militar contra a Coluna Prestes. Cursou a ECEME de 1929/31. Serviu no Departamento de Guerra em 1930. Acompanhou Getúlio Vargas de Ponta Grossa até o Rio na Revolução de 30. Comandante da PMRJ em 1931-32. Gen Bda em 1932. Presidente do Clube Militar de 1934/35. Participou no Rio de reunião que decidiu pela expulsão de comunistas do Exército. Comandante da 3ª RM de 1936/37. Nomeado executor do Estado de Guerra no RS em Abr 1937, desagradou-o a medida de desarmar a Brigada

Militar e de atuar contra Flores da Cunha. Foi substituído na 3ª RM pelo Gen Daltro Filho. Comandante da 4ª RM/4ª DE (1938). Diretor de Engenharia, 1938. Gen Div, comandou a 5ª RM/DE (PR). Inspetor do 2º Grupo de Regiões em Porto Alegre. Foi Comandante do Curso de Alto Comando do Exército. Faleceu em 10 Dez 1943 num desastre de automóvel aos 61 anos. Promovido post mortem a Gen Ex (Fonte: FGV - Dicionário Biográfico Brasileiro. v.2, p 1.206).

6 - Gen Bda João Carlos Toledo Bordini (1877-1960). Foi o seu 3º comando interino, de 4 a 17 Ago 1937, por 13 dias, permanecendo num total como efetivo e de interinidade por cerca de cinco meses e 10 dias. Era sobrinho-neto do General Osorio, patrono da Cavalaria. Nasceu em Pelotas em lº Mar 1877. Cursou as escolas militares de Porto Alegre e Praia Vermelha de 1898 a 1904, tendo participado da Revolta da Vacina Obrigatória, o que lhe valeu longa prisão incomunicável de cerca de nove meses. Aspirante a Oficial em 1906, de Infantaria. Serviu na Carta Geral, em Porto Alegre (atual lª DL), por 11 anos, de 1907/18. Foi Cap Ajudante da Comissão de Limites de SC-PR em 1912. Curso de EM em 1920. Comandante da Escola de Sgt de Infantaria no Rio, 1921-22, onde introduziu o Grupo de Combate, tendo participado ativamente das Manobras de Saicã, 1922. Servindo na Diretoria de Material Bélico, 1923-25, desempenhou relevantes funções na fábrica de Mtr Hotchkiss, tendo viajado com frequência à Europa, inclusive para experimentos de projetil bi-ogival para a Infantaria (B2M, raio 63), projeto de sua lavra aprovado pelo governo. Promovido a Gen em 1930, foi designado comandante do 9º BC de Pelotas, tendo assumido em 28 Jun 1930 e desempenhado importante papel para a vitória da Revolução de 1930 em Porto Alegre. Comandou a 1ª Região Militar Revolucionária em lugar da extinta 3ª RM, restabelecida em 27 Out 1930. Chefiou o EM/3ª RM e o Gabinete do EME, 20 Ago 1932 a 20 Ago 1933. Diretor do Arsenal de Guerra do Rio, 1933. Ao desligar-se do EME, recebeu consagrador elogio que o classifica como oficial de elite. Gen Bda em 3 Ago 1933. Comandante da 3ª DC em Bagé em 1934. Comandante da 6ª DI em Porto Alegre, 1934/37, tendo comandado interinamente a 3ª RM. Diretor de Material Bélico do Exército, 1937/39. Transferido para a Reserva em 14 Abr 1939, por ter atingido o limite de idade para o Serviço Ativo. Aluno militar inquieto e alterado, como oficial deixou atrás de si um rastro de criatividade, competência e

dedicação, conforme o comprova sua Fé-de-Ofício no AHEx. Faleceu em Porto Alegre em 16 Jul 1960 aos 83 anos. Não foi estudado pelo FGV-Dicionário Biográfico Brasileiro sobre a Revolução de 30. O jornal Correio do Povo**,** Porto Alegre, em 20 Jul 1960, publicou seu necrológio. Honrou seu tio avô, o General Osório.

7 - Gen Div Manoel de Cerqueira Daltro Filho (1882-1938). Comandou a 3ª RM de 17 Ago 1937 a 19 Jan 1938, por cerca de cinco meses e dois dias, até falecer no exercício do comando e como Interventor do RGS. Nasceu em Cachoeira, BA, em 2 Nov 1882. Curso Preparatório na Escola Tática de Tiro do Rio Pardo, 1900/01, e Escola da Praia Vermelha, onde saiu alferes no ano da Revolta da Vacina Obrigatória. Cursou, na Escola de Guerra em Porto Alegre, 1906/08, Infantaria e Cavalaria. Curso de Estado-Maior e Engenharia em 1911. Serviu no 4º RI, Curitiba, onde participou da fundação da Universidade do Paraná e da qual foi subsecretário. Como lº Ten foi adjunto do Gen Setembrino de Carvalho no combate à Revolta do Contestado, 1914/15. Em 1919 serviu na 4ª RM, Juiz de Fora. Em 1920, como Cap frequentou o Centro de Aperfeiçoamento da Infantaria em Sables d'Ollonne, França. Comandou a 3ª Cia de Metralhadoras no combate à Revolução de 1932 na Vila Militar e Escola Militar de Realengo. Foi AjO do Presidente Arthur Bernardes como Maj, de 1923/26. Adido militar na França e Bélgica, 1927/29. Coronel, comandou em 1925 o *7*° RI e cursou a EsAO. Combateu a Revolução de 30 na região de Nova Friburgo. Nomeado comandante do 3º RI na Praia Vermelha. Comandou contra a Revolução de 1932 forte destacamento legalista, tendo se destacado no cerco de Cruzeiro-SP, após o que foi promovido a Gen Bda. Entrou em São Paulo no comando das forças legais. Comandante da 2ª RM-SP em 1933, e por curto período, interventor de São Paulo até 21 Ago 1933. Enfrentou incidentes por ser contra a Constituinte. Foi Presidente da Comissão Administrativa do Exército, 1934/35. Comandou a 8ª RM, Belém em 1935. Diretor de Engenharia, 1936. Comandante da 5ª RM por dois meses. Como comandante da 3ª RM, em 1937, após comandar a ocupação do sul de Santa Catarina dentro de uma manobra para depor o governador Flores da Cunha no RS, assumiu a execução do Estado de Guerra no RGS. Comandou todas as medidas que terminaram por afastar o governador do Rio Grande do Sul, obstáculo à decretação do Estado Novo. Em 19 Out 1937 foi investido no cargo de interventor federal no Estado.

Morreu como comandante da 3ª RM e interventor do Rio Grande do Sul em 19 Jan 1938 aos 55 anos. O Gen Daltro Filho é nome da praça central de Vacaria, RS, com busto em bronze. Fonte: FGV - Dicionário Biográfico Brasileiro, v.2, p. 1.042. Não foi encontrada sua Fé-de-Ofício no AHEx.

8 - Gen Bda Boanerges Lopes de Souza (1881-19). Comandou interinamente a 3ª RM de lº Jan a 21 Mar 1938, por cerca de dois meses. Nasceu em Mato Grosso em 23 Jun 1881. Praça de 31 Jan 1898. Combateu como Cap a Revolução de 1924/25 em São Paulo e como Ten Cel, a Revolução de 1932. Era de Infantaria e egresso da Escola Militar da Praia Vermelha, como alferes, em 26 Fev 1904, antes de seu fechamento, seguido de extinção. Comandou a 6ª Bda Infantaria. Todas as promoções a oficial superior foram por merecimento. Não foi encontrada sua Fé-de-Ofïcio no AHEx. Foi juiz na FEB.

9 - Gen Div José Joaquim Andrade (1879-1940). Comandou a 3ª RM de 21 Mar 1938 a 28 Fev 1939, por cerca de 11 meses. Nasceu em Fortaleza, CE em 8 Dez 1879. Cursou a Escola Militar do Ceará, 1896-98, e a do Realengo, 1899-1904. Ten em 1905 do 4º RI (RJ). Combateu a Revolta dos Marinheiros em Nov 1910, no Arsenal da Marinha. Combateu a Revolta do Contestado, servindo no 5º BI em Ponta Grossa-PR, 1912-14. Fez Curso de Estado-Maior (revisão) em 1920 e foi colocado à disposição da MMF, chefiada pelo Gen Gamelin. Combateu em São Paulo a Revolução de 1924. Maj, foi oficial do Gabinete do Ministro Gen Nestor Sezefredo Passos, 1926-30. Em 3 Out 1930, como Ten Cel, comandava o 12º RI em Belo Horizonte, onde apresentou memorável resistência aos revolucionários. Cel em Out 1931. Aderiu à Revolução de 32 no comando da tropa, em Lorena. Foi exilado e anistiado em 1934. Comandou o 2º RI da Vila Militar. Gen Bda em Jul 1935, passou a comandar a lª Bda Inf, da Vila Militar, quando teve destacada ação na repressão à Intentona Comunista, Nov 1935, na Escola de Aviação e lº Regimento de Aviação. Participou da reunião em que foi decidida a expulsão de oficiais envolvidos na Intentona. Comandante da 5ª Bda Inf em Santa Maria-RS, 1936-37. Diretor de Aviação do Exército. Promovido a Gen Div em 1938, veio comandar a 3ª RM. Faleceu no Rio em 9 Mar 1940 aos 61 anos. Foi promovido post mortem, em 1953, a Gen Ex. (Fonte: FGV - Dicionário Biográfico Brasileiro, v. l, p. 139-140. Não foi encontrada sua Fé-de-Ofïcio no AHEx).

10 - Gen Bda João Marcelino Ferreira e Silva (1878-?). Comandou interinamente a 3ª RM de 18 Fev a 6 Abr 135, por cerca de um mês e seis dias.

Nasceu no Rio em 6 Abr 1878. Curso de Engenharia e bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas pela Escola Militar da Praia Vermelha, 1895-1902. Era da Infantaria. Combateu em São Paulo como Cap e Ten Cel as revoluções de 1924/25 e 1932. Gen Bda em 25 Dez 1937. Comandou a 5ª Bda Inf em Santa Maria. Não foi encontrada sua Fé-de-Ofïcio no AHEx.

11 - Gen Div Estevão Leitão de Carvalho (1881-1970). Comandou a 3ª RM, de modo assinalado, de 6 Abr 1939 a 5 Mar 1942, por quase três anos. Nasceu em Penedo-AL em 6 Abr 1881. Cursou a Escola Preparatória e Tática do Realengo e a Militar da Praia Vermelha, 1898-1903. Recusou tomar parte na Revolta da Vacina Obrigatória em 1904. Como Ten em Fev 1908, diplomou-se em Engenharia Militar e Bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas. Cursou Infantaria no Exército Alemão, 1910-12. Foi líder dos Jovens Turcos que fundaram a Revista **A Defesa Nacional** em 1913, com a finalidade de remodelar o Exército. Oficial de Gabinete do Ministro Mal Caetano de Farias, quando foram implantadas reformas idealizadas pelos Jovens Turcos: Serviço Militar Obrigatório; organização do Exército em Divisões; etc. Adido Militar no Chile, 1919-21. Curso de Estado-Maior sob a direção da MMF, 1921-22. Como Maj, de 1923-26, desempenhou na Europa diversas comissões militares diplomáticas na Liga das Nações. Serviu em Passo Fundo de 1926-30, no II/8º RI. Ali o colheu a Revolução de 30. Cel em 11 Set 1930. Convidado a participar da Revolução de 30 como chefe do EM revolucionário, recusou e resistiu até onde foi possível o ataque a seu quartel. Chefe de Gabinete do EME em 1931. Foi preso e reformado em 1932, acusado de ligações com os constitucionalistas de 1932. Regressou ao Exército em 29 Mar 1934. Assumiu o comando da ECEME por quase dois anos. Chefiou delegação brasileira com vistas à paz da Guerra do Chaco, 1935, entre Paraguai e Bolívia. Gen Bda em 28 Nov 1935, participou de reunião que decidiu pela expulsão do Exército dos envolvidos na Intentona Comunista. Comandou a 1ª Bda Inf, Curitiba em 1936. 1º Sub-Chefe do EME em 1937-38. Comandante da 3ª RM, 1939-42, do 1º Grupo de Regiões e comandante dos TO Leste-Nordeste com jurisdição sobre todas as forças entre a Bahia e Pará para colocá-las em Estado de Defesa contra o Eixo. Chefe da Comissão Militar Mista Brasil-EUA, 1942/45, em Washington-EUA. Gen Ex em 26 Mar 1945, reformou-se como Marechal. Teve participação ativa na política do petróleo, 1948-51, em favor do monopólio estatal. Presidente do Clube Militar, 1949-50. Historiador fecundo, foi sócio dos IHGRGS, IGHMB, IHGB e presidente da Comissão da Revista do IHGB por 15 anos. A ele

muito se devem as instalações condignas do IHGB, por gestões bem sucedidas junto ao Presidente Medici. Foi casado com a herdeira do escritor Machado de Assis. Seu rico arquivo pessoal nos foi confiado por descendentes e está sendo processado no AHEx. Foi, no seu tempo, uma das maiores cabeças do Exército. Fonte: FGV - Dicionário Biográfico Brasileiro, v.l, p. 674 e IHGB - Dicionário de Historiadores Brasileiros. De grande interesse profissional é sua obra Memórias de um soldado legalista. Rio: Imprensa Militar, 1961-64 6v., onde ele transmite sua riquíssima experiência militar vivida intensamente. Faleceu no Rio em 29 Nov 1970.
12 - Gen Bda Manoel Alexandrino Ferreira da Cunha (1880 - ?). Nasceu no RS. Comandou interinamente a 3 RM de 5 Mar a 22 Abr 1942, por cerca de um mês e meio. Praça de 3 Abr 1899, cursou a Escola Militar da Praia Vermelha, concluindo seu curso na Escola de Guerra, em Porto Alegre. Oficial de Cavalaria, comandou a 2ª DC. Curso de EM de Aperfeiçoamento e bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas. Não foi encontrada sua Fé-de-Ofício no AHEx.
13 - Gen Div Valentim Benício da Silva (1883-1958). Comandou a 3ª RM de 22 Abr 1942 a 8 Jan 1944, por cerca de 20 meses e meio. Nasceu em Uruguaiana-RS em 12 Fev 1883. Cursos na Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo em 1901-04 e Escola de Guerra de Porto Alegre em 1906-08. Após, concluiu a Escola do Realengo em 1916. De 1918-19, assistente do EME e em 1920 - Adjunto da Escola Militar. Em 1921, adido da Missão Militar do Brasil na França. Adido Militar na Argentina, 1923-27. Comandante do 11º RC em 1928-30, tendo ocupado a Secretaria da Junta Militar que depôs o presidente Washington Luiz. Como Ten Cel comandou a Escola de Equitação (1931) e o Regimento Andrade Neves no Vale do Paraíba no combate à Revolução de 1932. Cel, continuou no comando da Escola de Equitação. Chefe do EM do 2º Grupo de Regiões Militares em 1936. Chefe do Gabinete do Ministro Dutra em 1937. Reorganizou a Biblioteca do Exército em 1937, assumindo a sua presidência e transformando-a em Editora. No levante integralista, em 1938, teve sua casa atacada. Assumiu o comando da lª Bdf Inf da Vila Militar. Foi o organizador e o lº titular da Secretaria Geral do Exército, órgão cultural, na época, de grande projeção nacional e internacional e até hoje sem precedentes. Embaixador no Peru em 1939. Comando da 3ª RM, 1942-44. Gen Div em 1943. Comandou a lª RM, Rio, 1944-45. Encerrou

sua carreira como adido militar nos EUA, passando à reserva como Gen Ex. Faleceu no Rio em 23 Ago 1958, aos 75 anos. Pertenceu, entre outras entidades, como intelectual de raros méritos, à Academia Rio Grandense de Letras, IHGRGS (benemérito) e ao IGHMB (que presidiu). A BIBLIEx publicou em 1959 obra coletiva sobre o Gen Benício. Fonte: FGV-Dicionário Biográfico Brasileiro**,** nº 4, p. 3.175. Foi idealizador dos **Anais do Exército Brasileiro 1938-40,** lamentavelmente interrompidos, e com eles os **Relatórios de Ministros**.

14 - Gen Bda João Silvestre de Mello (1882-?). Comandou interinamente a RM de 8 a 15 Jan 1894, por sete dias. Cursou a Escola de Guerra em Porto Alegre. Aspirante em 1908. Como Cap combateu a Revolução 1924/25 em São Paulo. Comandou a 2ª DC em Alegrete. Não encontrada sua Fé-de-Ofïcio no AHEx. Gen Bda em 25 Ago 1941 e Gen Div em 2 Abr 1945.

15 - Gen Div Salvador Cézar Obino (1886-1979). Comandou a 3ª RM de 15 Jan 1944 a 7 Jan 1846, por cerca de dois anos. Nasceu em Bagé em 12 Fev 1886. Cursou as Escola Tática e de Tiro de Rio Pardo, 1901-04, e a Escola de Guerra em Porto Alegre, 1906-08. Asp Of em 1908. Fez carreira na Artilharia: 1º RA Mont, Rio, 1911; 18º GAMont, Bagé, 1912-15; 2º GA, Porto Alegre, 1920. EsAo em 1921; ECEME em 1922; 2º GAC-Uruguaiana 1923-24 e 5º GAC, Sant'ana, em 1926-27 (unidade que organizou). Diretor do CPOR/PA, 1928. Maj em 1929. Chefe do EM/3ª RM como Maj, Ten Cel e Cel em 1930-35. Comandante da Escola das Armas, 1936-38. Chefe 3ª Sec/EME, 1939. Gen Bda em Jun 1940. Cmt ID/4, Belo Horizonte, MG, 1940-43. Diretor de Ensino do Exército, 1943. Comando da 3ª RM. Chefe do EME, 1946. Missões diplomáticas em 1947-48. Ministro do STM. Presidente do Clube Militar em 1948-50, com marcante ação em prol do monopólio do petróleo, consagrado com a criação da Petrobras. Chefe da Comissão Mista Brasil-EUA. Comandou a ZMS (atual CMS) até Jan 1952, quando foi reformado. É considerado o fundador da Escola Superior de Guerra. Faleceu em Porto Alegre em lº Set 1975 aos 93 anos. Fonte: **Dicionário Biográfico Brasileiro,** v.3, p. 2424.

16 - Gen Bda Newton Estillac Leal. Comandou a 3ª RM interinamente, pela 3ª vez de 29 Abr a 13 Jul 1946, por cerca de dois meses e meio. Será estudado no seu 4º e último comando interino.

17 - Gen Div Amaro Soares Bittencourt (1885-1963). Comandou a 3ª RM de 14 Mar a 29 Abr 1946, por cerca de mês e meio. Nasceu em Taquari-RS em 30 Jun 1885. Aspirante pela Escola de Guerra em Porto Alegre em 2 Jan 1909. Como Cap combateu a Revolução de 1924/25, em São Paulo. Engenheiro Civil e Militar. Legião de Honra da França e Legião Militar dos EUA, onde foi adido militar. Curso de Estado-Maior. Faleceu em Porto Alegre em 12 Abr 1963 aos 78 anos. Não encontrada sua Fé-de-Ofício no AHEx. Era nome do Colégio no interior do lº B Fv, Bento Gonçalves-RS quando lá servimos de 1957-66.
18 - Gen Bda Newton Estillac Leal. Comandou a 3ª RM interinamente pela 3ª vez de 29 Abr a 23 Jul 1946, por cerca de dois meses e meio. Será estudado no seu 4º e último comando interino.
19 - Gen Div Gustavo Cordeiro de Farias (1893-1948). Comandou a 3ª RM de 13 Jul 1946 a 12 Abr 1948, por cerca de 21 meses, tendo falecido no comando. Nasceu em Vassouras-RJ em 2 Fev 1893, filho de um oficial do Exército enviado ao Sul para a pacificação da Revolução Federalista. Nascendo, em Jaguarão, seu irmão Osvaldo, que foi interventor no RS. Cursou a Escola do Realengo, 1911-15. Serviu no Rio de 1916/21. Cap do 11º RAMont, Campo Grande-MS, 1921. EsAO em 1922, sendo preso por envolvimento na Revolução desse ano. Em 1924, aluno da ECEME, preso até 1926 por envolvimento na Conspiração Protógenes, que visava a sublevar a Marinha em apoio à Revolução de 24, em São Paulo, caracterizada pela Revolta do Couraçado São Paulo. Cursou a ECEME, 1927-29, e tomou parte na Revolução de 30. Como Maj comandou o 6º GA Costa no Rio em 1931. Integrou o EM/4ª Dl no combate à Revolução de 32. Comandou a Escola de Artilharia, 1933-34. Oficial de Gabinete do Ministro da Guerra Gen Góes Monteiro. Presidente do Clube 3 de Outubro até o mesmo ser extinto em Abr 1935. Como Cel assumiu a chefia do Gabinete do EME, 1937-39. Chefiou Comissão de Compra de Material Bélico na Alemanha em 1939-40. Gen Bda, comandou a 2ª Bda Inf em Natal, RN e logo a seguir, na mesma cidade, a 14ª DI (1941-42). Diretor do Centro de Instrução Especializada em 1943-45 na antiga Escola do Realengo, onde organizou o atual EGGCF (Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias), atualmente em Brasília. Terminou sua carreira no Comando da 3ª RM, onde faleceu aos 55 anos.

20 - Gen Div Newton Estillac Leal (1893-1955). Comandou a 3ª RM como revolucionário por seis dias, no posto de Cap de 3 a 9 Out 1930. Comandou interinamente a 3ª RM como Gen Bda por três vezes, ou seja, de 7 Jan a 14 Mar 1946, de 29 Abr a 13 Jul 1946 e de 12 Abr a 11 Ago 1948, por cerca de sete meses descontínuos. Nasceu no Rio em 6 Ago 1893, filho do futuro Marechal Francisco Raul Estillac Leal e irmão do Gen Zeno, futuro chefe do EME, 1956-58. Aluno do CMRJ em 1905/11. Cursou a Escola Militar do Realengo, 1912-15. EsAO em 1919. Participação discreta na Revolução de 1922. Participou ativamente da Revolução de 1924/25 em São Paulo, no cerco aos quartéis na PMSP na Estação da Luz. Retirou-se então de São Paulo, resistindo em Catanduvas como artilheiro comissionado. Depois, como Ten Cel, refugiou-se na Argentina e não participou da Coluna Prestes. Invadiu o Rio Grande por Santa Rosa em 24 Dez 1926, sendo repelido. Em 3 Out 1930, junto com o Ten João Alberto, assaltou em Porto Alegre as fortificações da 3ª RM no Morro do Menino Deus, com apoio de elementos do Exército, Brigada e da Guarda Civil, numa luta que durou até às 20 horas! Assumiu o controle da 3ª RM, que logo após seria extinta. Seguiu para o Rio integrando o EM revolucionário, lá chegando na vanguarda. Foi do Gabinete do Ministro Gen José Fernandes Leite de Castro até Abr 1932. Como Maj operou na lª RM contra a Revolução de 1932, no Vale do Paraíba. Ten Cel em Abr 1933, comandou o lº GA Pesada e a seguir o lº GO em São Cristóvão, onde vai encontrar a Intentona Comunista, a qual combateu com o seu GO na revolta do 3º RI na Praia Vermelha. De 1938-39, como Cel, comandou o lº Regimento Misto de Art de Dorso em Campo Grande-MS. Aluno da ECEME em 1940-42. Gen Bda em Abr 1942, comandou a Guarnição de Natal-RN, 1942-43. Comandou a 3ª DI-Santa Maria de 1946-49, prestigiando a tese do monopólio estatal do petróleo, quando assumiu o comando interino da 3ª RM por três vezes. Comandante da 5ª RM/DI no final de 1949. Comandante da ZMS (atual CMS), em sua fase de organização (1950) no Rio de Janeiro. Presidente do Clube Militar em 1950-51, tendo como diretor cultural e da Revista do Clube o Maj Nelson Werneck Sodré. O nº 107 da Revista, contrário à Guerra da Coréia, provocou intensa polêmica que é abordada em FGV - **Dicionário Biográfico Brasileiro.** v.2, p. 1754, na biografia do Gen Estillac. Ministro da Guerra em 1951-52. Comandante da Zona Militar Centro em 1955

(atual CMSE). Inspetor Geral do Exército. Faleceu subitamente em lº Mar 1955 aos 62 anos, deixando atrás de si esteira de polêmicas políticas e ideológicas para um julgamento sereno pela posteridade e, em especial, sobre a projeção de sua presidência do Clube Militar.

21 - Gen Div Francisco Gil Castelo Branco (1886-1956). Comandou a 3ª RM de 11 Ago 1948 a 14 Jan 1949, por cerca de cinco meses. Nasceu no Rio em 19 Set 1886. Cursou a Escola de Guerra em Porto Alegre, 1906, completando curso iniciado na Praia Vermelha, fechada em 1904 e extinta em 1905. Auxiliar de ensino no CMRJ. Curso no Exército Alemão 1909-11, na Cavalaria. Instrutor de Equitação na Escola Militar, 1913-14. Serviu em uma OM de Cavalaria no Rio, 1919-21. Adido Militar no Uruguai, 1922-26. Fez curso na Escola de Cavalaria de Saumur-França, 1926/28. Foi Sub Cmt do Ten Cel Góes Monteiro no 3º RCI em São Luiz Gonzaga-RS, de 1929 a Abr 1930. Cursou a ECEME (1930-31). Comandante do 3º RCI-Porto Alegre, 1932, combatendo a Revolução de 32 e participando da pacificação de Bela Vista (MS). De 1932 a 37 integrou o EME, a 2ª RM e foi Delegado na conferência de Paz do Chaco pelo EME. Comandante do 5° RCI Castro-PR em 1938. Esteve em diversos serviços em São Paulo e em Porto Alegre entre 1939 e 41. Gen Bda em Abr 1942, comandou o Dst Misto de Fernando de Noronha, a chamada Guarnição Sacrifício, encarregado da defesa do Arquipélago contra o Eixo e redução da possibilidade de ação inimiga até 1943. Organizou a 10ª RM, 1943-45. Comandou a ECEME em 1945. Gen Div em Mai 1946, comandou a 9ª RM (MS) e a 7ª RM (PE) até 1948. Comandou a 3ª RM. Ministro do STM em 1949-56. Faleceu no Rio em lº Abr 1956 aos 70 anos. Marechal post mortem em 1958. Fonte: FGV - **Dicionário Biográfico Brasileiro,** v. l, p. 697. Não encontrada sua Fé-de-Ofício no AHEx. Sua atuação em Fernando de Noronha consta da obra ARAGÃO, José Campos de, General. Guardando céus nos trópicos - Ilha de Fernando de Noronha. Rio: BIBLIEx, 1950.

22 - Gen Bda Coriolano de Andrade. Comandou interinamente por 11 dias, de 14 a 25 Jan 1949. Será estudado em seu comando efetivo.

23 - Gen Div Olympio Falconiére da Cunha (1891-1967). Comandou a 3ª RM de 25 Jan 1945 a 17 Set 1952, por três anos, sete meses e 22 dias. Foi o nosso comandante ao integrar o Exército em 1950 e frequentar a EPPA, 1951-52, e o primeiro General que vimos. Nasceu em Itajaí-SC, em

19 Jun 1891. Cursou a Escola Militar do Realengo, 1912-14. Em 1915 combateu no Contestado. Como Ten participou da Revolução de 1922 no Rio, ficando preso três meses na Fortaleza de São João. Implicado na Revolução de 1924/25, exilou-se no Paraguai, 1924-25. Participou da conspiração em Minas Gerais, de que resultou a Revolução de 1930. Anistiado, retornou ao Exército servindo em São Paulo, onde comandou o batalhão Escola da PMSP. No Ceará, 1931-32, exerceu o comando da Polícia Militar. Chefe de Polícia em São Paulo, 1933. ECEME em 1934.18º BC em Campo Grande (2 meses) em 1938. EME e atual CMS em 1939. Cel em 1940 comandou o 7º RI, Santa Maria e o 10º RI-Belo Horizonte-MG até Jul 1943. Já como Gen Bda foi Cmt da ID/4 até Jul 1944. Integrou a FEB na Itália, 1944-45, na chefia dos OND (Órgãos Não Divisionários), com QG em Montecani e responsável, inclusive, pelo Depósito de Pessoal. Comandou o GT-6 e, após a vitória, comandou o GPT Itália até 13 Out 1945. Ao retornar, comandou a ID/1ª DI até Jan 1946 e a ID/4. Foi Diretor do Ensino do Exército. Como Gen Div, comandou a 3ª RM. Diretor do Sv. Militar em 1953-54. Comandou a ZMC (atual CMSE) entre 1955/57. Ministro do STM em 1957-61. Reformado como Marechal. Faleceu no Rio em 11 Ago 1967 aos 76 anos.
24 - Gen Div Coriolano de Andrade (1889 - ?). Comandou efetivamente a 3ª RM de 17 Set 1952 a 16 Jun 1953, por cerca de nove meses, cabendo-lhe transmitir à ZMS as responsabilidades militares e políticas que a 3ª RM exercera sobre o RS em nome do Exército de 1809-1953. Nasceu em Porto Alegre em 16 Ago 1889, cuja Escola de Guerra cursou até 2 Jan 1911. Como Tenente serviu nas OM de Cavalaria de Jaguarão, Bagé, D. Pedrito, Alegrete, Quaraí, São Luiz Gonzaga, São Borja e Uruguaiana. Como Cap serviu nos 3º RCD e 14º RCI em D. Pedrito, 1922-27, onde participou do combate às revoluções de 1924/25 e 1926. Serviu no CMPA em 1930, tendo se solidarizado com a Revolução de 30. Em 1932, como Maj e Ten Cel comissionado da Brigada Militar chefiou o EM do Cel Barão, que atuou na região serrana do Estado. Cursou a ECEME em 1933-35. Em 1937, na deposição de Flores da Cunha, servia no 6º RCI, ao comando do Ten Cel Dilermando de Assis. Comandou o 13º RCI em Jaguarão, em 1940, quando participou das manobras de Saicã. Chefiou a 8ª CR em Porto Alegre, 1940-42, e comandou a EPPA entre 1943-46, tendo em 1939 sido o seu primeiro subcomandante. Como Gen Bda comandou a 2ª DC em

Uruguaiana, 1951-50, e comandou a 6ª DI, Porto Alegre, da qual foi organizador, de 1949 a 52, tendo assumido interinamente, em várias ocasiões, o comando da 3ª RM, até exercê-lo efetivamente. Foi para a Reserva como Marechal. Fonte: Fé-de-Ofïcio no AHEx.
Observação: No próximo volume da História da 3ª RM estão previstas as sínteses biográficas de seus comandantes de 1953 até 1999, cerca de 46 anos.

Comandantes da 3ª RM na transição e na implantação do Estado Novo (1937-45)

General de Brigada Emílio Lúcio Esteves

Filho de Taquara, RS, destacou-se no comando das tropas que combateram a Revolução de 1924/25 e a de 1926 na área da 3ª RM. Foi muito ligado à História da Brigada Militar, a qual serviu por longos anos

General de Divisão Manoel de Cerqueira Daltro Filho

Natural de Cachoeira, Bahia. Foi peça central nas operações incruentas que resultaram na deposição do Governador Flores da Cunha, seguida de intervenção federal no RS e implantação do Estado Novo. Acumulou o comando da 3ª RM e a Interventoria no RS até falecer em 19 de janeiro de 1938.

Dois grandes historiadores militares nascidos na área da 3ª RM

General de Divisão Francisco de Paula Cidade.

Filho de Porto Alegre, foi o idealizador da Revista do Militares, editada sob os auspícios da 3ª RM em 1910/20. Foi um dos fundadores de **A Defesa Nacional**, juiz da FEB e um dos mais fecundos historiadores militares do Brasil. Focalizamos o Gen Paula Cidade na **A Defesa Nacional** nº 709, 1983 e na Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB) em 1991 (Foto: História do EB).

General Emílio Fernandes de Souza Docca.

Filho de São Borja foi, juntamente com Paula Cidade, um dos maiores historiadores militares do Brasil, vocação que despontou quando foi graduado (praça) pela participação na Revolta do Contestado. Estudou-o seu sobrinho, o Cel Mário Calvet Fagundes em **Souza Docca Vida e Obra**. Rio: Ex-libris, 1961, 202 p.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

Sendo esta obra expressivamente referencial, indicamos as seguintes obras para aprofundamentos em estudos sobre a História da 3ª RM em foco:

1 - VILLAS-BOAS, Pedro Leite. **Dicionário Bibliográfico Gaúcho.** P. Alegre: EST, Edigal, 1991. É o mais completo repositório da literatura gaúcha onde focaliza a obra literária de mais de 2.100 autores. Reputo-a como a mais importante obra de preservação da memória literária do Rio Grande do Sul. O próprio verbete sobre o autor dá indicações de outros índices elaborados por este jaguarense.

2 - DONATO, Hernani. **Dicionário das batalhas brasileiras.** São Paulo: IBRASA, 1987. Valioso repositório da memória militar do Brasil.

3 - VERNALHA, Milton Miró. **As revoluções brasileiras.** Curitiba: Studio Filatelico Paranaense, 1993. Focaliza sumariamente as revoluções brasileiras coloniais, imperiais e republicanas.

4 - BARRETO, Abeillard. **Bibliografia Sul-Riograndense.** Rio: INL, 1973 e 1976. 2 v. Indispensável instrumento bio-bibliográfico sobre estrangeiros no Rio Grande do Sul.

5 - SANTOS, Francisco Ruas, Cel. **Coleção Bibliográfica Militar.** Rio: BIBLIEx, 1960. É índice de assuntos e autores de revistas do Exército exceto a **Defesa Nacional** e a **Revista dos Militares** de Porto Alegre.

6 - CIDADE, Francisco de Paula, Gen. **Síntese de três séculos de literatura militar brasileira.** Rio: BIBLIEx, 1959. Obra indispensável para estudo da História da 3ª RM por um porto-alegrense. Faz a crítica de diversas obras.

7 - MARQUES, Alvarino Fontoura. **Evolução das charqueadas rio-grandenses.** P. Alegre: Martins Livreiro, 1990. Análise dos meios de transportes no Rio Grande do Sul, sua evolução histórica e dos caminhos históricos de grande interesse estratégico militar.

8 - FUNBA. **Caderno de Estudo - D. Diogo de Souza.** Bagé: 1979. Homenagem ao patrono da 3ª RM no sesquicentenário de sua morte em Lisboa em 12 Jul 1829. Destaque militar para os trabalhos do Gen Riograndino Costa e Silva sobre o Exército Pacificador e de Venício Stein Campos sobre a "Legião Esquecida" - a Legião de São Paulo que foi então a tropa a serviço da 3ª RM e de fato injustiçada e esquecida.

9 - RIO BRANCO, Barão do. **Efemérides Brasileiras.** Brasília: Senado Federal, 1999. Indispensável instrumento de trabalho sobre a História Militar do Sul e do Brasil em geral..
10 - FONSECA, Roberto Piragibe da. Manoel Deodoro da Fonseca. Rio: **Revista do IHGB,** v. 316,Jul./Set., 1977. Importante perfil de Deodoro da Fonseca feito longe das paixões políticas dos anos 1889-95. Seu autor é descendente de republicanos e maragatos.
11 - ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL. Catálogo de manuscritos sobre o Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: v. 99, p.3-142, com índices de assuntos às p. 129-142 dos 753 documentos e índices onomásticos às p. 119-128. É instrumento de trabalho indispensável.
12 - BENTO, Cláudio Moreira, Cel. Cartografia Histórica do Exército - Rio Grande do Sul. Rio: RIHGB, nº 347, Abr./Jun., 1985. p. 164-169. Relaciona cerca de 170 mapas e plantas militares de interesse da História do RS, hoje na Secr. Geral do EB, Brasília e no AHEx no Rio.
13- FONSECA, Pedro Ari Veríssimo da. **Tropeiros de Mula.** Passo Fundo: Graf. Diário da Manhã, 1985. Importante estudo sobre o tropeirismo de mulas para o centro do Brasil a partir do Rio Grande, com base em depoimentos de tropeiros, fato econômico expressivo na conquista do Rio Grande do Sul, como foi a indústria do charque e ambos só agora resgatados. Interessa à História da 3ª RM.
14 - LOBO VIANA, José Feliciano, Cap. **Guia Militar para 1898.** Rio: Imprensa Nacional, 1897. Dedicado à memória de Ladislau dos Santos Títara. Abrange a legislação baixada durante a Guerra Civil 1893-95 e a Guerra de Canudos. Seu autor diz que ele dispensa a leituras de leis, sinopses e do Diário Oficial**.** É uma espécie de dicionário que focaliza os seguintes assuntos, entre outros:
- Disposições militares expedidas pelo Ministério da Guerra no início da Guerra Civil e Revolta na Armada em 1893;
- Código Penal da Armada e Regulamento Processual Militar;
- Modelo de Inquérito Policial Militar;
- Toques da Corneta (focaliza 203 toques);
- Regulamento de fornecimento de Víveres e Forragens;
- Regulamento dos Batalhões Acadêmicos e uniformes (p. 56);
- Carabinas Mannlicher (p. 67) que foram compradas por São Paulo na Argentina em quantidade de cerca de 7.000 por interveniência do Ministro

Plenipotenciário Assis Brasil, para conter o avanço federalista em Itararé em 1894;
- Regulamento dos Conselhos Econômicos das OM do Exército (p. 107);
- Continências (p. 120). Corpos Patrióticos e Provisórios (p. 128);
- Sujeição dos batalhões Patrióticos à Lei Militar, quando em operações, tendo como Cmt, Fiscal e Ajudante oficiais do Exército;
- Escola de Sargentos (p. 160). Estradas Estratégicas (p. 180);
- Regras para a execução de fuzilamentos e fuzil Mauser 1895;
- Honras fúnebres e militares (p. 227). Salvas (p. 328); e
- Em lº Nov 1895 são consideradas cessadas as operações das forças no
RS que combatiam a Guerra Civil. Existe um exemplar na Secção de Comunicação Social do CMS.
15 - MONTEIRO, Mário Rego, Gen. **Descendência de Dyonisio Rodrigues Mendes,** 1989. O livro traz entre outros subsídios dados biográficos do Mal Hermes da Fonseca (p. 88), Fernando Abbot (p. 92), Cel Jonathas da Costa Rego Monteiro (p. 101), Gen João Borges Fortes (p. 139) e Amir Borges Fortes (p. 172). Os três últimos com relevantes serviços à História da *3ª* RM.
16 - MORAES, Carlos de Souza, Dr. **Feitoria do Linho cânhamo.** P. Alegre: Parlenda, 1994. Aborda parte da História da Real Feitoria do Linho-cânhamo 1783-1824 no Rio Grande do Sul e importante contribuição do Exército ao desenvolvimento do Brasil na área da 3ª RM. Feitoria que funcionou de 1783-88 em terras dos atuais municípios de Canguçu e Pelotas, com última sede em Canguçu Velho e em São Leopoldo, no local Feitoria, que cedeu instalações no início da colonização alemã em São Leopoldo em 1824. Publica carta nossa, às p. 109-110 ao Conselho Estadual de Cultura do RGS, que considerou vitoriosa nossa tese de que a Real Feitoria do Canguçu funcionou no Continente e não na Ilha da Feitoria, o que corrigiu um erro histórico de 171 anos. Este trabalho e mais o nosso, com todas as indicações nele contidas: **Real Feitoria do Linho Cânhamo do Rincão do Canguçu 1783-89 Localização.** Canguçu: Prefeitura Municipal, 1992, permitem levantar a contribuição do Exército ao desenvolvimento do RS neste assunto vital e esquecido da História Econômica do Brasil no Sul. O linho-cânhamo foi vital para a navegação em sua época, como o foi após a descoberta da máquina de vapor o carvão e agora o petróleo. O essencial foi a prova que a Real Feitoria de Canguçu

funcionou no Continente e não na ilha de Feitoria, denominação que tomou após se tornar a sede da Estância da Feitoria que substituiu a Real Feitoria transferida para São Leopoldo atual.
17 - CÉZAR, Guilhermino. **O contrabando no Sul do Brasil.** Caxias do Sul: EST, 1978. Merece leitura no tocante ao ítem contrabando de guerra. Trata-se de um ensaio sociológico sobre o contrabando e sua influência na formação do Rio Grande do Sul, inclusive na militar.
18 - LOBATO FILHO, Gen. **A última noite da Escola Militar da Praia Vermelha.** Rio: BIBLIEX, 1992. Este livro complementa o entendimento da razão da criação da Escola de Guerra em Porto Alegre em substituição a da Praia Vermelha, fechada em 1904 e extinta em 1905. Fechada a Praia Vermelha muitos cadetes foram enviados para o RS e após Bagé e, em seguida distribuídos pelas OM da fronteira, onde conheceram o decreto que os excluiu do Exército. A última turma da Praia Vermelha terminou a Escola de Guerra em 1908 e produziu 14 generais e, entre eles, um presidente: Eurico Gaspar Dutra.

POSFÁCIO

No início do 1º volume abordamos os "Fundamentos das Tradições Militares Gaúchas", com apoio em Oliveira Viana em **Populações Meridionais do Brasil** no qual ele demonstrou o caráter castrense ou militar do processo civilizatório do Rio Grande do Sul, diferente dos demais estados da União.

Resta-nos à guisa de posfácio dar uma amostragem de como as tradições militares gaúchas têm se projetado através dos seus filhos que se constituíram por diversas vezes em lideranças militares providenciais, seja como militares de profissão, seja por contingências do processo histórico.

Na 2ª Guerra Mundial coube ao gabrielense Mal J. B. Mascarenhas de Moraes comandar a defesa territorial no Saliente Nordestino e em seguida a Força Expedicionária Brasileira (FEB), na Itália. Integraram esta força o jaguarense Osvaldo Cordeiro de Farias como general comandante da Artilharia, o santanense Cel Nelson de Mello que, como comandante do 6º BI de Caçapava-SP coube a honra de receber em Fornovo a rendição de uma divisão alemã e ao cachoeirense Cap Floriano Möeller ser o primeiro oficial a entrar em combate com os alemães. Comandou o lº Grupo de Caça "O Senta Pua" na Itália, o cachoeirense Cel Nero Moura. E o porto-

alegrense civil, Salgado Filho, chefiou o Ministério da Aeronáutica nesta guerra.

Na Revolução de 32, os paulistas foram buscar para liderar o seu movimento no campo militar o riograndino Gen Bertoldo Klinger. Foi chefe do Estado-Maior das forças do Exército que combateram este movimento no Vale do Paraíba o bagéense Cel Pantaleão Pessoa que redigiu as condições de paz honrosas para os revolucionários. Na Revolução de 30, em que o "Rio Grande ficou de pé pelo Brasil", ambos destacaram-se no campo militar os líderes civis Getúlio Vargas, Osvaldo Aranha, Flores da Cunha, todos com antecedentes no Exército, exceto Flores da Cunha, e forjados no combate às revoluções de 1923-26 no Rio Grande.

Na Revolução de 24 que estourou em São Paulo coube a liderança militar ao pedritense Gen Isidoro Dias Lopes, secundado pelo santanense Cap Nelson de Mello, herói de Catanduvas. Destacaram-se igualmente o porto-alegrense Cap Luiz Carlos Prestes e o jaguarense Ten Osvaldo Cordeiro de Farias na épica marcha da Coluna Miguel Costa/Prestes. Na Revolução de 1922 o "pivôt" foi o gabrielense Mal Hermes da Fonseca, ex-presidente da República, ex-ministro da Guerra, líder da classe militar e presidente do Clube Militar, cuja prisão humilhante e em local incompatível, detonou o processo revolucionário tenentista que desaguou na vitoriosa Revolução de 30.

Na Revolução de 1922 no RS destacaram-se, como líderes militares natos, o canguçuense Gen Revolucionário Zeca Netto, o cachoeirense Gen Honório Lemes da Silva e o uruguaianense João Baptista Luzardo. Assim como desabrochou o santanense Gen Hon Flores da Cunha, entre outros.

Na Revolta do Contestado em Santa Catarina (1915-17) consagrou-se o uruguaianense Mal Fernando Setembrino de Carvalho que já havia pacificado a Revolução do Padre Cícero no Ceará em 1910. Ele também pacificaria em Pedras Altas a Revolução de 1923, tornando-se assim uma espécie de pacificador do séc. **XX** no Brasil.

Na Revolta dos Marinheiros contra a chibata em 1910 o líder foi o encruzilhadense marinheiro João Cândido Felisberto, chamado o "Almirante Negro".

No processo de independência e integração do Acre ao Brasil, destacou-se o gabrielense, antigo sargento do Regimento Mallet e major federalista José Plácido de Castro. Sua liderança militar foi decisiva para levar os acreanos à vitória militar em duros e disputados lances.

Na Guerra de Canudos (BA) em 1897, o porto-alegrense Mal Carlos Machado Bitencourt teve ação decisiva como Ministro da Guerra na solução do problema logístico, razão de sua consagração como patrono da Intendência do Exército. Brilharam os comandantes porto-alegrenses coronéis Carlos Telles, Thomaz Thompson Flores e Tupi Caldas, o último imortalizado por sua bravura e valor por Euclides da Cunha em **Os Sertões,** que transcendeu as fronteiras do Brasil. Ali revelou-se bravo e temerário o Gen João da Silva Barbosa também porto-alegrense que, como o Ten Cel comandante de unidade de Cavalaria em Nioaque-MS, proclamou a efêmera República Transatlântica de Mato Grosso, episódio da história do Mato Grosso abordado com detalhes por Joaquim Ponce Leal em **O Conflito campo x cidade no Brasil.** (Rio: Rio Arte, 1988).

Na Guerra Civil (1893-95) na Região Sul destacou-se o arroio-grandense Gen Rev Gumersindo Saraiva "O Napoleão dos Pampas", ao liderar a marcha de federalistas "Os Voluntários do Martírio" até a fronteira de São Paulo morrendo em combate no retorno em Carovi. Com ele brilharam as vocações militares natas do gabrielense Jucá Tigre (José Serafim Castilhos), do bagéense (?) Torquato Severo, do passo-fundense Antônio Prestes Guimarães e do porto-alegrense Jaques Ouriques, grande estrategista formado no Exército e autor do bem sucedido plano de conquista do Paraná. Na Barreira de Itararé que conteve o avanço federalista e na contra ofensiva, destacou-se o pelotense Cel José Marinho da Silva, mais tarde comandante da 3ª RM. Na Marinha destacou-se na Revolta de 1/5 da Armada, o riopardense comandante Alexandrino de Alencar que comandara as forças da Marinha no Quartel-General do Exército na deposição do Gabinete Liberal por Deodoro. Ele comandou o encouraçado Aquidabã nesta revolta. Mais tarde seria Ministro da Marinha em três governos. Do lado republicano destacaram-se, entre outros, o canguçuense Gen Hon Hipólito Ribeiro, comandante da Divisão do Oeste, o Gen Hon Rodrigues Lima (são borjense?) na Divisão do Norte e José Gomes Pinheiro Machado, de Cruz Alta.

Nesta guerra civil desabrochou o santanense Cap do Exército Cipriano da Costa Ferreira, vencedor do combate do Arroio das Traíras em 1894, futuro comandante assinalado da 3ª RM, da Brigada Militar e o primeiro comandante, em 1923, do comando que originaria a ZMS, o III Exército e o atual CMS. Na defesa do RS contra o ataque do Alte. Custódio de Mello destacou-se o alegretense Maj do Exército José Carlos Silva, futuro comandante da Brigada Militar por 12 anos e pacificador de Pernambuco no governo do Mal Hermes da Fonseca. Deslustraram as tradições militares gaúchas o hervalense Gen Hon Joca Tavares e o Cel Firmino de Paula, veteranos do Paraguai e ambos filhos de titulares do Império, visconde do Cerro Alegre e barão de Ibicuí. O primeiro responsável moral pelo massacre em Rio Negro, por mercenários uruguaios e argentinos, da Cavalaria Patriota ao comando do piratiniense Cel GN Manoel Pedroso de Oliveira e fuzilamento do alferes do Regimento Mallet de nome Napoleão, por haver protestado pelo massacre de civis que se renderam sob garantia de vida. O segundo, pelo massacre "do Boi Preto" de republicanos, em resposta ao massacre do Rio Negro e por haver este filho da antiga Vila Rica, atual Júlio de Castilhos, desrespeitado o cadáver do Gen Gumersindo Saraiva que após desenterrado foi exposto ao escárnio da soldadesca e arrancada a sua cabeça que até hoje encontra-se em local incerto. Foi a negação das virtudes farrapas de Firmeza e Doçura! Episódios à espera de um Tribunal da História.

No episódio da conspiração e proclamação da República no Rio, em 15 Nov 1889, tiveram papel de relevo os porto-alegrenses Maj Solon Ribeiro, Cel João da Silva Telles, Cap Manoel Joaquim Godolphim, o bagéense Cel João Nepomuceno Medeiros Mallet, o riograndino Cel José Simão de Oliveira e o santanense Cap Antônio Ilha Moreira, como o provam relatos da época.

Na Guerra contra Aguirre em 1865 destacaram-se o riograndino Alte. Tamandaré, atual patrono da Marinha, cujos veneráveis restos mortais repousam em Rio Grande, além do rio pardense Mal João Propício Mena Barreto, entre outros.

Na Guerra do Paraguai consagraram-se o Ten Gen Manoel Marques de Souza III no cerco paraguaio de Uruguaiana. Como major na Revolução Farroupilha fugiu do presídio fluvial e liderou a retomada

imperial de Porto Alegre, além de destacar-se na Batalha de Monte Caseros em 1852. Consagrou-se o tramandaiense Mal Manoel Luiz Osório ao vencer a maior batalha campal das Américas, a de Tuiuti, de 24 de Maio 1866, após fulgurante trajetória guerreira que o consagraria patrono da Cavalaria do Exército. Brilhou igualmente o porto-alegrense Mal João Manoel Mena Barreto, que liderou a reação brasileira na invasão paraguaia do Rio Grande por São Borja, em 10 Jun 1865 e tombou no ataque a Peribebuí e o Cel Antônio Correia da Câmara, herói de Avaí, quando foi promovido a general no intervalo de duas cargas. Atingiria ainda o posto de Mal do Exército e receberia o título de Visconde de Pelotas.

Aqui não pode ser esquecido o riograndino "Marinheiro Símbolo do Brasil" Marcílio Dias, que escreveu página imortal em Riachuelo. Na retirada de Laguna, Mato Grosso, brilharam o porto-alegrense Cap Cantuária e o bagéense João José da Luz, futuros comandantes da 3ª RM e, segundo Taunay, "o bravo e enérgico rio grandense Cap GN Delphino Rodrigues Pereira, conhecido por Pisaflores, nome do pai". Foi brilhante no comando da vanguarda no avanço e na retirada. A todos Taunay consagrou mundialmente em sua obra imortal. A Guerra contra Oribe e Rosas 1851-52 confirmou o valor do riograndino Cel Manoel Marques de Souza III e do Ten Cel Osorio já citados. O primeiro no comando da Divisão Brasileira e o segundo no comando do 2º RC Ligeira na batalha de Monte Caseros.

A Revolução Farroupilha consagrou como generais farrapos Bento Gonçalves, filho de Triunfo, o rio pardense João Antônio da Silveira, David Canabarro, filho de Taquari e Antônio Netto, filho de Rio Grande. Todos destacados lutadores pela soberania e integridade do Brasil no Sul, menos Antônio Netto, o futuro Brig Hon comandante da vanguarda do Gen Osorio até Tuiuti e que pereceu nesta campanha. Não pode ser esquecido o maior guerrilheiro imperial, o Barão de Jacuí - Francisco Pedro Buarque de Abreu, o Chico Pedro, porto-alegrense.

Na Guerra da Cisplatina destacou-se o Cel Bento Gonçalves da Silva, citado, na cobertura da força lançada de Pelotas que operou junção com Barbacena e na batalha do Passo do Rosário, onde comandou a Ala Direita e assegurou proteção à retirada nesta batalha indecisa. Em Passo do Rosário teve seu final glorioso e heróico o Mal José de Abreu, nascido em Maldonado por acidente e guerrilheiro intrépido das guerras contra Artigas

1816-21, que lhe valeram o apodo de "Anjo da Vitória", e que impressionou vivamente o diplomata com alma de soldado, Barão do Rio Branco, cuja biografia deste herói lhe valeu o ingresso muito jovem no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

A independência do Brasil encontrou na liderança militar e política do Rio Grande o riopardense Mal João de Deus Mena Barreto, herói das guerras contra Artigas e o fundador da família Mena Barreto, que legou ao Brasil tantos soldados ilustres. Ele foi o primeiro filho do Rio Grande a governá-lo e comandar suas armas após a independência.

As guerras de 1801, 1811-12 e 1816-21 consagraram o grande fronteiro da Fronteira do Rio Grande, o riograndino Manoel Marques de Souza I, que é consagrado como denominação histórica da 8ª Bda Mtz em Pelotas, com Zona de Ação mais ou menos coincidente com a antiga Fronteira do Rio Grande, a qual ele comandou por cerca de 20 anos. Ele foi o primeiro filho do Rio Grande do Sul a dirigi-lo e a comandar a 3ª RM após desligados do Rio de Janeiro.

As Guerras do Sul (1763-77) revelaram a "primeira espada continentina", o mais tarde legendário Brig Rafael Pinto Bandeira, riograndino nascido junto às muralhas da Fortaleza Jesus Maria José. Foi o primeiro riograndense a dirigir o governo civil e militar do Rio Grande do Sul, ainda dependentes do Rio de Janeiro. Figura que causou viva impressão militar ao Ten Gen Henrique Böhn, discípulo do conde de Lippe, que comandou o Exército do Sul, o qual expulsou definitivamente os espanhóis do Rio Grande do Sul em lº de Abril de 1776, ao reconquistar-se a vila de Rio Grande. Operação em que se destacou como ajudante-de-ordens de Böhn o citado Manoel Marques de Souza I, então tenente dos Dragões do Rio Pardo como Pinto Bandeira, seu primo. Saga que descrevemos em detalhes pela primeira vez na obra **A Guerra de reconquista do Rio Grande do Sul** 1774-76 editada pela BIBLIEx e com apoio nas **Memórias** do Gen Böhn e integração de outros dados disponíveis revelados em Simpósio em 1976, promovido pelo IHGB.

No processo de reprofissionalização militar do Exército, desviado de 1873 a 1898 e que só ganhou força em 1905, passando à História como Reforma Militar (1898-1945), assinalaram-se como ministros da Guerra o porto-alegrense Mal Carlos Machado Bitencourt, o bagéense Mal João Nepomuceno Medeiros Mallet, o porto-alegrense Mal João Thomaz

Cantuária, hoje denominação histórica da 6ª RM na Bahia, por empenhos justos e bem sucedidos do Gen Div João Carlos Rotta, atual comandante da 3ª RM e então comandante daquela Região. O gabrielense Mal Hermes da Fonseca foi o motor principal desta Reforma, de 1904-14. Contribuíram neste esforço os ministros porto-alegrenses Mal Bernardino Bormann, herói da guerra do Paraguai e do combate à Guerra Civil no Paraná em 1894, o uruguaianense Mal Fernando Setembrino de Carvalho e o cruz-altense Gen José Fernandes Leite de Carvalho, herói da artilharia da França na lª Guerra Mundial e que implantou com o Mal José Pessoa muitos dos ideais da Revolução de 30, traduzidos em parte pela Academia Militar das Agulhas Negras em Resende. Não se pode deixar de mencionar o porto-alegrense Mal Bento Manoel Ribeiro Carneiro Monteiro, destacado chefe do Estado-Maior do Exército que criou a Missão Indígena na Escola Militar do Realengo em 1919 e que deu um grande impulso à profissionalização do Exército, que a AMAN consolidou há meio século.

Eis em síntese a projeção das tradições militares gaúchas (1737-1945) que esta História da 3ª Região Militar em três volumes pretendeu focalizar. Tradições militares gaúchas que geraram famílias de soldados valorosos, os Pinto Bandeira, os Marques de Souza, os Menna Barreto, os Câmara, os Bitencourt e os Silva Telles etc.

O autor

ANEXO AO POSFÁCIO

Fontes biográficas que podem ser usadas para trabalhos semelhantes à "História da 3ª Região Militar"

Fontes biográficas coletivas consultadas para a composição de sínteses biográficas dos comandantes da 3ª RM de 1808-1953. As fontes biográficas individuais estão citadas no texto (Osorio, Câmara, Caxias, Deodoro, Porto Alegre, Mallet).

-ALMEIDA, Antônio da Rocha, Gen. **Vultos da Pátria.** Porto Alegre: 1961-66 (mais de uma editora. 4 v).

- ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO. Fés-de-Ofício dos comandantes da 3ª RM na República (1889-97). Rio.

- BARBOSA, Raymundo R., Gen. **História do STM.** Rio: Imprensa Nacional, 1952.

- MENNA BARRETO, João de Deus N., Ten. Cel. **Os Menna Barreto - seis gerações de soldados.** Rio: Laemmert, 1950.
- BENTO, Cláudio Moreira, Cel. **Estrangeiros e descedentes na História Militar do RGS (1635-1870).** P. Alegre: IEL, 1975.
- IDEM. **O Exército Farrapo e os seus chefes.** Rio: BIBLIEx, 1992-93. 2v. (Estuda comandantes da 3ª RM de 1835-45).
- IDEM, Os patronos nas forças Armadas do Brasil, (trabalho inédito ilustrado encomendado em 1990 pela FHE-POUPEX para publicação).
- IDEM. Fortificadores e fortificações do RGS (3ª RM). **Revista de Engenharia no RGS.** Porto Alegre: nº 38 e 39, Set. e Dez. 1977 (ilustrado).
- BLAKE, Augusto Vitorino Alves do Sacramento, Cel. Med. **Dicionário bibliográfico brasileiro.** Rio: 9v. (Esgotado, é consultado o do IHGB).
- FIGUEIREDO, Lima, Cel. **Grandes soldados do Brasil.** Rio: José Olimpio, 1944.
- FONTES, Arivaldo, Cel. **Vultos do Ensino Militar.** Rio: SENAI, 1991.
- FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro.** Rio: Forense Editora, 1984. 4v. (Coordenação Israel Beloch e Alzira Alves de Abreu. Abrange 1930-83).
- LAGO, Laurênio. **Os generais do Exército Brasileiro (1866-89).** Rio: BIBLIEx, 1942.
- IDEM. **Brigadeiros e generais de D. João VI e D. Pedro I no Brasil.** 1808-31. Rio: Imprensa Militar, 1938.
- IDEM, **Relação Nominal generais efetivos do Exército - 1822-1937.** Rio: Imprensa Nacional, 1937.
- NEVES, Décio Vignoli. **Vultos do Rio Grande (cidade e município).** Santa Maria: Ed. Palloti, 1980.
- PILLAR, Olintho, Gen. Div. **Os patronos das Forças Armadas.** Rio: BIBLIEX, 1966.
- PORTO ALEGRE, Aquiles. **Vultos do Rio Grande.** P. Alegre: ERUS, s/d. (Reedição original 1ª ed. e 1926).
- SANTOS, Francisco Ruas, Cel. **Índice da História da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai.** Rio: BIBLIEx, 1950-60. 5v. (Autor: Gen Tasso Fragoso).
- SILVA, Alfredo Pretextato Maciel, Cap. **Generais do Exército Brasileiro - 1822-1889.** Rio: M. Orosco, 1907 v. 1 e BIBLIEx, 1940, v. 2.

- SPALDING, Walter. **Construtores do Rio Grande.** P. Alegre: 1969-74. 3v.

Existe grande dificuldade de se obter publicações sobre biografias de generais brasileiros a partir da República e mesmo relação dos mesmos a partir de 1937. Assim tem-se que se socorrer das Fés-de-ofício dos mesmos no Arquivo Histórico do Exército e na falta destas a obituários de jornais do dia e do local do falecimento. O **Correio do Povo** foi precioso no caso.

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

ACADEMIA
DE
HISTÓRIA
MILITAR TERRESTRE DO BRASIL
História Militar